

**CONTRIBUIÇÕES PARA O PLANEJAMENTO DE ESPAÇOS
ABERTOS JUNTO A EDIFICAÇÕES DE INSTITUIÇÕES
PARA IDOSOS**

Sérgio Luiz Valente Tomasini

Porto Alegre
outubro de 2.002

SÉRGIO LUIZ VALENTE TOMASINI

**CONTRIBUIÇÕES PARA O PLANEJAMENTO DE ESPAÇOS
ABERTOS JUNTO A EDIFICAÇÕES DE INSTITUIÇÕES
PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em
Engenharia na modalidade Acadêmico

Porto Alegre
outubro de 2.002

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente

Contribuições para o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos/ Sérgio Luiz Valente Tomasini. – Local: PPGEC/UFRGS, 2002.

196 p.

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Beatriz Fedrizzi.

CCAA2

SÉRGIO LUIZ VALENTE TOMASINI

**CONTRIBUIÇÕES PARA O PLANEJAMENTO DE ESPAÇOS
ABERTOS JUNTO A EDIFICAÇÕES DE INSTITUIÇÕES
PARA IDOSOS**

Esta dissertação de mestrado foi julgada adequada para a obtenção do título de MESTRE EM ENGENHARIA e aprovada em sua forma final pelo professor orientador e pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, outubro de 2.002

Profa. Beatriz Maria Fedrizzi

Dra. Swedish Univ. of Agricultural Sciences,
SLU/ALNARP, Suécia;
Orientadora

Prof. Francisco P.S.L. Gastal

Coordenador do PPGEC/UFRGS

BANCA EXAMINADORA

Profa. Maria Lúcia Tiellet Nunes (PUC/RS)

Dra. Instit. Psicológico da Univ. Livre de
Berlim, Alemanha

Prof. Miguel Aloysio Sattler (UFRGS)

Ph.D., Univ. of Sheffield/Inglaterra

Profa. Nirce Saffer Medvedovski (UFPeL/RS)

Dra., Fac. de Arquitetura e Urbanismo-
FAUSP/SP

Prof. Luis Carlos Bonin (UFRGS)

M.Sc., PPGEC/UFRGS

Dedico esta pesquisa a Zilda da Silva Valente, minha
querida “Vó Zilda”.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Professora Beatriz Fedrizzi, pela dedicada orientação a esta pesquisa desde seu início. Por todo seu apoio, disponibilidade, compreensão e paciência nos momentos mais difíceis ao desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também pelo seu exemplo profissional, que, sem dúvida, sempre será referência para minha carreira como pesquisador.

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida, sem o auxílio da qual não teria sido possível para mim a dedicação do tempo necessário ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do NORIE Luís Carlos Bonin, Miguel Aloísio Sattler e Carin Maria Schmitt, que acompanharam esta pesquisa principalmente em sua fase inicial. Agradeço pela sua disponibilidade em prestar apoio e orientação ao desenvolvimento desta pesquisa sempre que foi necessário. Agradeço também pelo conhecimento transmitido durante as disciplinas de Desempenho das Edificações, Edificações e Comunidades Sustentáveis, Conforto Ambiental, Princípios Básicos da Elaboração de Trabalhos Científicos e Métodos de Pesquisa, que muito contribuíram para minha compreensão sobre pesquisa a partir de uma visão interdisciplinar e holística.

À enfermeira Gerci Salete Rodrigues, da Equipe de Vigilância em Serviços de Saúde da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, pelo seu inestimável apoio, incentivo e orientação durante a fase de coleta de dados desta pesquisa.

Às então bolsistas e estudantes de arquitetura Nádia Andréia Hilgert e Patrícia Fernanda Voltolini, cujo precioso auxílio permitiu o desenvolvimento dos levantamentos físicos necessários ao desenvolvimento da primeira parte desta pesquisa.

À Professora Jandira Fachel do Núcleo de Assessoria em Estatística da Faculdade de Matemática da UFRGS, pela sua valorosa assessoria na análise dos dados desta pesquisa.

À Fundação de Assistência Social e Cidadania –FASC e ao Conselho Estadual do Idoso, primeiras entidades que me receberam no início da fase de coletas de dados desta pesquisa; obrigado por sua recepção e disponibilidade em auxiliar neste trabalho.

Às instituições para idosos que aceitaram participar da pesquisa, por sua recepção e confiança.

Não poderia deixar de agradecer ainda àquelas pessoas que, embora não participando diretamente desta pesquisa, possibilitaram-me chegar até aqui, com seu apoio, incentivo e carinho.

Professora Cláudia Petry da Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo-UPF, primeira incentivadora de minha vida acadêmica, hoje minha grande amiga e irmã.

Meus pais Roque G. Annes Tomasini e Neusa Maria Valente Tomasini, por toda a força, carinho e auxílio de todo o tipo (inclusive financeiro) para o início e conclusão desta jornada.

E, finalmente, ao meu amor, minha companheira, minha namorada, “metade de minha laranja”, Luciane Campana, a quem não posso encontrar palavras para agradecer, mas que conhece como ninguém meu coração e meus pensamentos para compreender a amplitude de minha gratidão.

RESUMO

TOMASINI, S.L.V. Contribuições para o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre.

O principal objetivo desta pesquisa foi contribuir com a produção de informações destinadas a orientar o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos, através do estudo das necessidades de seus usuários. A busca destas informações partiu da investigação da realidade vigente no município de Porto Alegre-RS, entre as instituições que atendem o público idoso de menor poder aquisitivo. Para isso, foram desenvolvidos dois estudos de campo. Visando obter uma visão geral sobre a situação dos espaços abertos nas instituições, o primeiro estudo consistiu de um levantamento preliminar, onde foram analisadas características físicas de áreas externas existentes em uma amostra de doze instituições distribuídas na zona urbana do município. Os resultados deste estudo revelaram, em alguns casos, áreas externas muito limitadas e, na maioria dos casos, uma qualidade bastante insatisfatória dos espaços abertos disponíveis. O segundo estudo foi um estudo de caso múltiplo envolvendo duas instituições selecionadas dentre aquelas estudadas no levantamento preliminar. Partindo da abordagem utilizada nos estudos da interface comportamento humano e ambiente, referenciados na Psicologia Ambiental, este estudo teve por objetivo investigar as relações entre os espaços abertos das instituições e seus usuários, utilizando, como fontes de evidência, levantamentos físicos, registros de arquivos, entrevistas e observações. Em suma, os resultados deste trabalho revelaram que: a) a presença de espaços abertos é considerada importante pelos idosos e pelos demais personagens das instituições; b) os idosos raramente visitam outros espaços abertos fora da instituição c) a qualidade dos espaços abertos disponíveis contribui positivamente com a satisfação dos idosos em relação à instituição, com a percepção dos idosos sobre a importância dos espaços abertos e com o tempo de permanência dos mesmos nas áreas externas; d) os idosos tendem a perceber o pátio predominantemente como um local de atividade; e) vegetação e infraestrutura para lazer ativo são as principais características associadas ao “pátio ideal” pelos idosos; f) a vegetação é avaliada positivamente pelos idosos, sobretudo, por seu caráter ornamental e produtivo; g) idosos consideram importante a possibilidade de cultivarem plantas no pátio da instituição; h) as características que mais influenciam a utilização do pátio pelos idosos são: acessibilidade e segurança, proximidade das edificações, liberdade de acesso, conforto, presença de elementos de interesse, possibilidade de desenvolvimento de

atividades, e privacidade. Também se verificou que administradores, funcionários e visitantes não percebem o pátio da instituição como um local para seu próprio proveito.

Palavras-chave: planejamento de espaços externos; instituições para idosos; necessidades dos usuários.

ABSTRACT

TOMASINI, S.L.V. Contribuições para o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre.

The main objective of this research was to contribute for the production of information used as guidelines for planning open areas around buildings of institutions for elderly people, considering the necessities of the users. The search for this information started by investigating the actual situation of the institutions that provide services to low income elderly people in the city of Porto Alegre-RS. With this purpose, two field studies were developed in order to obtain a general view of the situation of open areas in the institutions. The first study consisted of a preliminary survey, through which the physical characteristics of the external areas belonging to a sample of 12 institutions located in the urban zone of the city were analyzed. The results of this study showed that, in some cases, there was a lack of available physical space for the implementation of external areas, and, in most cases, those areas lack quality. The second study was a multiple case study, which involved two institutions selected among the ones studied in the preliminary survey. Based on the approach employed in the studies of the relation between human behavior and environment, referred to in the Environmental Psychology, the objective of this study was to investigate the relations between open areas of institutions and their users, using physical analysis, file records, interviews and observation as source of evidence. In short, the results of this study showed that a) elderly people and other people who attend the institutions consider the open areas as an important aspect; b) elderly people seldom visit other open areas outside the institution c) the quality of the open areas available contributes in a positive manner for elderly people's satisfaction regarding the institution, for their perception regarding the importance of the open areas and for their length of stay in the external areas; d) elderly people tend to consider the yard as an appropriate place for the performance of activities; e) elderly people consider vegetation and infra-structure for active leisure activities as the main characteristics associated with the "ideal yard"; f) vegetation is positively evaluated by elderly people, especially, due to its ornamental and productive characteristics; g) the possibility of growing plants in the yard of the institution is consider important; h) the characteristics that most significantly influenced the use of the yard are: easy access and safety, location near the buildings, free access, comfort, presence of interesting elements, possibility of developing activities, and

privacy. The study also revealed that managers, staff members and visitors do not consider the yard of the institution as a place they can enjoy.

Key-words: planning open areas; institutions for elderly people; necessities of the users.

SUMÁRIO

| | |
|---|-------------|
| 1 INTRODUÇÃO | p.1 |
| 2 OS ESPAÇOS ABERTOS EM INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS E O PLANEJAMENTO PARA AS NECESSIDADES DOS USUÁRIOS..... | p.6 |
| 2.1 A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS ABERTOS EM INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS..... | p.6 |
| 2.1.1 A importância para a saúde e bem estar..... | p.8 |
| 2.1.2 As interações entre os espaços abertos e as edificações..... | p.16 |
| 2.2 O PLANEJAMENTO E AS NECESSIDADES DOS USUÁRIOS..... | p.18 |
| 2.2.1 A colaboração da psicologia ambiental..... | p.19 |
| 2.2.2 O usuário idoso..... | p.24 |
| 2.2.2.1. Conseqüências do envelhecimento biológico..... | p.27 |
| 2.2.2.2. O ambiente institucional..... | p.29 |
| 3 METODOLOGIA | p.32 |
| 3.1 PRESSUPOSTOS..... | p.32 |
| 3.2 OBJETIVOS | p.32 |
| 3.3 PROBLEMA DA PESQUISA..... | p.33 |
| 3.4 ESTRUTURA DA PESQUISA..... | p.33 |
| 3.5 DETALHAMENTO DAS FASES DA PESQUISA..... | p.34 |
| 3.5.1 Levantamento preliminar..... | p.34 |
| 3.5.1.1. Amostragem..... | p.34 |
| 3.5.1.2. Levantamentos..... | p.38 |
| 3.5.2 Estudo de caso múltiplo..... | p.39 |

| | |
|---|------|
| 3.5.2.1. Seleção dos casos..... | p.41 |
| 3.5.2.2. Coleta de dados..... | p.43 |
| 3.5.2.2.1. <i>Levantamentos físicos</i> | p.43 |
| 3.5.2.2.2. <i>Registros de arquivos</i> | p.44 |
| 3.5.2.2.3. <i>Entrevistas</i> | p.44 |
| 3.5.2.2.4. <i>Observações</i> | p.48 |
| 3.5.2.3. Sistematização dos dados..... | p.49 |
| 3.5.2.4. Análise dos dados..... | p.50 |

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DO LEVANTAMENTO

| | |
|---|------|
| PRELIMINAR | p.52 |
| 4.1 DISPONIBILIDADE DE ESPAÇOS ABERTOS..... | p.52 |
| 4.2 POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO..... | p.56 |
| 4.3 ACESSIBILIDADE E SEGURANÇA..... | p.62 |
| 4.4 VEGETAÇÃO..... | p.63 |
| 4.5 RESUMO..... | p.66 |

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DO ESTUDO DE CASO

| | |
|---|------|
| MÚLTIPLO | p.68 |
| 5.1 DESCRIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS..... | p.68 |
| 5.1.1 Instituição A..... | p.68 |
| 5.1.1.1 Aspectos gerais..... | p.68 |
| 5.1.1.2 Instalações físicas..... | p.69 |

| | |
|--|-------|
| 5.1.2 Instituição B..... | p.74 |
| 5.1.2.1. Aspectos gerais..... | p.74 |
| 5.1.2.2. Instalações físicas..... | p.76 |
| 5.2. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES..... | p.81 |
| 5.2.1 Satisfação em relação à instituição..... | p.82 |
| 5.2.1.1 Resumo..... | p.90 |
| 5.2.2 Importância atribuída ao pátio..... | p.90 |
| 5.2.2.1 Resumo..... | p.95 |
| 5.2.3 Utilização do pátio..... | p.95 |
| 5.2.3.1 Resumo..... | p.102 |
| 5.2.4 Preferências em relação ao pátio..... | p.103 |
| 5.2.4.1 Resumo..... | p.114 |
| 5.2.5 Locais mais utilizados e menos utilizados..... | p.115 |
| 5.2.5.1 Apresentação e descrição dos locais..... | p.115 |
| 5.2.5.1.1 Instituição A..... | p.115 |
| 5.2.5.1.2 Instituição B..... | p.126 |

| | |
|---|-------|
| 5.2.5.2 Características relacionadas à utilização do pátio e sugestões para o planejamento..... | p.135 |
| 5.2.5.2.1 <i>Acessibilidade e segurança</i> | p.136 |
| 5.2.5.2.2 <i>Proximidade das áreas em relação à edificação</i> | p.140 |
| 5.2.5.2.3 <i>Liberdade de acesso</i> | p.142 |
| 5.2.5.2.4 <i>Limpeza da área</i> | p.143 |
| 5.2.5.2.5 <i>Conforto</i> | p.145 |
| 5.2.5.2.6 <i>Elementos de interesse</i> | p.149 |
| 5.2.5.2.7 <i>Atividades</i> | p.154 |
| 5.2.5.2.8 <i>Privacidade</i> | p.161 |
| 5.2.6 O pátio da instituição considerando outros usuários..... | p.162 |
| 6 CONCLUSÕES | p.167 |
| 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | p.170 |
| 8 APÊNDICES | p.177 |
| Apêndice 1 - Plantas baixas das instituições..... | p.178 |
| Apêndice 2 – Modelos de entrevista..... | p.186 |
| Apêndice 3 - Determinação das categorias de respostas a partir de palavras-chave..... | p.188 |

Apêndice 4 – Orientações para interpretação dos gráficos de Análise

Fatorial de Correspondência (AFC)..... p.193

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-------|
| Tabela 1: Número de entrevistas por instituição e por grupo de respondentes..... | p.33 |
| Tabela 2: Disponibilidade de espaços abertos e localização das instituições estudadas de acordo com as regiões de Porto Alegre..... | p.53 |
| Tabela 3: Frequências para <i>satisfação das idosas em relação à instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.83 |
| Tabela 4: Frequências para <i>aspectos que influenciam a satisfação e/ou insatisfação das idosas em relação à instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.87 |
| Tabela 5: Frequências para <i>aspectos a serem melhorados na instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.89 |
| Tabela 6: Frequências para <i>importância atribuída à presença de pátio na instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.91 |
| Tabela 7: Frequências para <i>aspectos ligados à importância do pátio</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.91 |
| Tabela 8: Frequências para <i>visitas a outros espaços abertos fora da instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.93 |
| Tabela 9: Frequências para <i>locais da instituição mais utilizados pelos idosos durante o dia</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.96 |
| Tabela 10: Frequências para <i>frequência de utilização do pátio (última vez que utilizou o pátio)</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.98 |
| Tabela 11: Frequências para <i>formas de utilização do pátio</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.100 |
| Tabela 12: Frequências para <i>características do pátio ideal para as idosas</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.103 |

| | |
|--|-------|
| Tabela 13: Frequências para <i>avaliação dos entrevistados sobre a vegetação existente no pátio</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.105 |
| Tabela 14: Frequências para <i>importância atribuída à possibilidade de cultivo de plantas</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.108 |
| Tabela 15: Frequências para <i>oportunidade de cultivar plantas na instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.110 |
| Tabela 16: Frequências para <i>áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas</i> em função do grupo de entrevistados na instituição A..... | p.116 |
| Tabela 17: Frequências para <i>áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas</i> em função do grupo de entrevistados na instituição A..... | p.116 |
| Tabela 18: Frequências para <i>áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas</i> em função do grupo de entrevistados na instituição B..... | p.126 |
| Tabela 19: Frequências para <i>áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas</i> em função do grupo de entrevistados na instituição B..... | p.126 |
| Tabela 20: Características das áreas do pátio mais e menos utilizadas pelas idosas para Instituições A e B..... | p.136 |
| Tabela 21: Frequências para <i>utilização do pátio pelos não-idosos</i> em função da instituição..... | p.163 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|------|
| Figura 1: Estimativa da evolução das populações de idosos e jovens em relação à população total no Brasil..... | p.1 |
| Figura 2: Fases da pesquisa e produtos gerados para cada fase..... | p.33 |
| Figura 3: Distribuição das instituições para idosos quanto às mensalidades cobradas e quanto ao porte..... | p.36 |
| Figura 4: Composição da população de estudo quanto ao porte..... | p.37 |
| Figura 5: Distribuição da amostra para diferentes regiões de Porto Alegre..... | p.38 |
| Figura 6: Instituição P4 – pátio utilizado para serviços..... | p.54 |
| Figura 7: Instituição P5 – pátio utilizado para serviços..... | p.54 |
| Figura 8: Instituição P5 - Falta de alternativas de utilização do pátio..... | p.57 |
| Figura 9: Instituição P3 – Terraço utilizado como área de lazer..... | p.57 |
| Figura 10: Instituição P3 – Vista para a rua a partir de garagem utilizada como área de lazer..... | p.57 |
| Figura 11: Instituição E2 – estacionamento situado na frente do lote..... | p.58 |

| | |
|---|------|
| Figura 12: Instituição E2 – área utilizada para secagem de roupas..... | p.58 |
| Figura 13: Instituição E2 – área utilizada para circulação dos funcionários e serviços. | p.58 |
| Figura 14: Instituição E2 – pátio situado entre edificações..... | p.58 |
| Figura 15: Instituição P1 – ausência de pavimentação nos acessos a recantos para contemplação..... | p.60 |
| Figura 16: Instituição G2 – cancha de bocha desativada por “provocar brigas entre o idosos” | p.60 |
| Figura 17: Instituição M3 – calçadas ao redor do prédio permitem caminhadas..... | p.60 |
| Figura 18: Instituição M3 – privacidade em recanto para contemplação..... | p.60 |
| Figura 19: Instituição M3 – espaço de convívio em área externa. | p.61 |
| Figura 20: Instituição M3 – tanques de lavar roupa disponíveis para as senhoras..... | p.61 |
| Figura 21: Instituição G2 – quiosque como espaço de convívio para os idosos..... | p.61 |
| Figura 22: Instituição G2 – lazer esportivo como atrativo para a comunidade local.... | p.61 |
| Figura 23: Instituição M1 – baixa qualidade visual em pátio bastante limitado fisicamente..... | p.62 |
| Figura 24: Instituição P2 – paisagem desagradável e presença de entulho..... | p.62 |
| Figura 25: Instituição G2 – entulho e aspecto de abandono em área do pátio com potencial de utilização..... | p.62 |
| Figura 26: Instituição E1 – entulho e aspecto de abandono em área do pátio com potencial de utilização. | p.62 |
| Figura 27: Instituição E1 – rampa de acesso ao pátio..... | p.63 |
| Figura 28: Instituição G2 – presença de corrimão e de rampa junto ao acesso principal. | p.63 |
| Figura 29: Instituição G1 – rampa com corrimão junto ao acesso principal. | p.63 |
| Figura 30: Instituição P3 – vegetação disponível apenas em vasos. | p.64 |
| Figura 31: Instituição P5 – pequeno jardim localizado em frente à edificação. | p.64 |
| Figura 32: Instituição M2 – vista superior do jardim. A própria vegetação impede o acesso dos idosos ao jardim. | p.65 |
| Figura 33: Instituição G2 – monotonia no entorno imediato das edificações devido à falta de planejamento da vegetação..... | p.65 |
| Figura 34: Instituição M3 – complexidade dos arranjos de vegetação conferem interesse à paisagem..... | p.66 |
| Figura 35: Instituição E1 – vegetação arbórea próxima à edificação proporciona sombra e configura espaços de contemplação e convívio. | p.66 |
| Figura 36: Instituição M3 – utilização de caramanchão para criar recantos sombreados..... | p.66 |

| | |
|--|-------|
| Figura 37: Espaços abertos juntos à Instituição A | p.70 |
| Figura 38: Entrada principal e fachada da edificação principal (Instituição A) | p.70 |
| Figura 39: Recepção utilizada como sala de estar e de televisão..... | p.71 |
| Figura 40: Sala de estar junto ao refeitório..... | p.71 |
| Figura 41: Corrimãos e piso antiderrapante no corredor de acesso aos dormitórios..... | p.72 |
| Figura 42: Vista para o pátio a partir da sala de estar e televisão..... | p.73 |
| Figura 43: Vista a partir de dormitório com frente oeste..... | p.73 |
| Figura 44: Vista a partir de dormitório com frente leste..... | p.73 |
| Figura 45: Espaços abertos juntos à Instituição B..... | p.76 |
| Figura 46: Entrada principal e fachada da edificação principal (Instituição B) | p.77 |
| Figura 47: Sala de recepção e TV (Instituição B) | p.78 |
| Figura 48: Sala de estar e jardim de inverno (Instituição B) | p.78 |
| Figura 49: Escada de acesso aos dormitórios do 2º piso e ao terraço (Instituição B) | p.78 |
| Figura 50: Vista de dormitório com frente oeste para a rua (Instituição B) | p.80 |
| Figura 51: Vista de dormitório com frente leste para os fundos do lote (Instituição B) | p.80 |
| Figura 52: Vista de dormitório com frente norte para o pátio (Instituição B) | p.80 |
| Figura 53: Vista de dormitório com frente norte para o terraço (Instituição B) | p.80 |
| Figura 54: Correspondências para <i>satisfação das idosas em relação à instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.83 |
| Figura 55: Correspondências para <i>aspectos que influenciam a satisfação e/ou insatisfação dos idosos em relação à instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.88 |
| Figura 56: Correspondências para <i>visitas a outros espaços abertos fora da instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.94 |
| Figura 57: Correspondências para <i>locais da instituição mais utilizados pelos idosos durante o dia</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.96 |
| Figura 58: Correspondências para <i>freqüência de utilização do pátio</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.98 |
| Figura 59: Correspondências para <i>formas de utilização do pátio</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.101 |
| Figura 60: Correspondências para <i>importância atribuída à possibilidade de cultivar plantas no pátio</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.109 |
| Figura 61: Correspondências para <i>oportunidade de cultivar plantas na instituição</i> em função da instituição e do grupo de entrevistados..... | p.110 |

| | |
|---|-------|
| Figura 62: Localização das áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas (instituição A). | p.117 |
| Figura 63: Localização das áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas (instituição A)..... | p.118 |
| Figura 64: Área 1A (calçadas ao redor do prédio)..... | p.119 |
| Figura 65: Área 2A (bancos junto à entrada principal da edificação) | p.120 |
| Figura 66: Área 2A (vista para a rua) | p.120 |
| Figura 67: Área 3A (vegetação como barreira visual para promover a privacidade das idosas) | p.121 |
| Figura 68: Área 4A (cadeiras na calçada próximo ao acesso à edificação) | p.122 |
| Figura 69: Área 5A (local onde as idosas costuma sentar ao lado do acesso à cozinha) | p.123 |
| Figura 70: Vista para o galinheiro a partir da área 5A. | p.123 |
| Figura 71: Área 6A..... | p.123 |
| Figura 72: Área 7A (porção ao lado da edificação) | p.124 |
| Figura 73: Área 7A (porção à frente do lote) | p.124 |
| Figura 74: Área 8A (acesso de veículos aos fundos do terreno) | p.124 |
| Figura 75: Área 9A (superfície irregular devido ao preparo do solo) | p.125 |
| Figura 76: Área 9A (acesso à horta bloqueado por funcionário) | p.125 |
| Figura 77: Área 10A..... | p.125 |
| Figura 78: Localização das áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas (instituição B). | p.127 |
| Figura 79: Localização das áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas (instituição B)..... | p.128 |
| Figura 80: Área 1B (banco junto à entrada da edificação) | p.130 |
| Figura 81: Área 2B (tanques e varal no terraço) | p.131 |
| Figura 82: Área 2B (tanque utilizado como floreira) | p.131 |
| Figura 83: Área 3B (bancos sob pergolado)..... | p.132 |
| Figura 84: Área 3B (banheira utilizada como floreira)..... | p.132 |
| Figura 85: Área 3B (mureta de contenção utilizada como bancada para vasos de plantas) | p.132 |
| Figura 86: Área 4B (tanques e varal em área de serviço) | p.133 |
| Figura 87: Área 5B (encosta coberta por vegetação arbórea vista a partir do terraço) | p.134 |
| Figura 88: Área 5B (trilha de acesso) | p.134 |
| Figura 89: Área 6B (corredor de acesso dos funcionários)..... | p.134 |

| | |
|---|-------|
| Figura 90: Área 5B (trilha escoltada por vegetação) | p.134 |
| Figura 91: Pisos do interior e do exterior da edificação no mesmo nível..... | p.138 |
| Figura 92: Dimensões adequadas de degraus para usuários de andadores..... | p.139 |
| Figura 93: Acessibilidade em recantos e áreas de descanso..... | p.140 |
| Figura 94: Áreas para sentar próximas às edificações são utilizadas com maior frequência..... | p.141 |
| Figura 95: Métodos de redução do brilho de superfícies em espaços externos..... | p.147 |
| Figura 96: Dimensões adequadas de bancos para idosos..... | p.149 |
| Figuras 97 e 98: Presença de água e comedouros artificiais como atrativos para pássaros..... | p.153 |
| Figura 99: Canteiros elevados..... | p.158 |
| Figura 100: Canteiros elevados para usuários de cadeiras-de-roda..... | p.159 |
| Figura 101: Canteiros elevados a partir de terraços..... | p.159 |
| Figura 102: Canteiros elevados em diversas alturas de trabalho..... | p.159 |
| Figura 103: Adaptações em ferramentas de hastes longas a partir da utilização de tubos e conexões de PVC..... | p.160 |
| Figura 104: Utilizando-se espuma e fita isolante é possível aumentar o diâmetro do cabo de ferramentas de jardinagem para facilitar seu manejo por idosos com artrite..... | p.160 |
| Figura 105: Confeção de uma alça regulável a partir de uma faixa de lona e um anel retangular de metal para fixar a ferramenta à mão do jardineiro..... | p.160 |
| Figura 106: Utilização de luvas e velcro para compensar a perda de força na mão e a perda de coordenação motora..... | p.161 |
| Figura 107: Bancos afastados das edificações para proporcionar privacidade nos encontros dos residentes com seus familiares..... | p.162 |
| Figura 108: Demarcação de espaço privativo junto a um apartamento..... | p.162 |

LISTA DE ABREVIATURAS

ADI- Área Disponível para os Idosos

AET- Área Externa Total

AFC - Análise Fatorial de Correspondência

APO - Avaliação Pós-Ocupação

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

EVSS - Equipe de Vigilância em Serviços de Saúde

FASC - Fundação de Assistência Social e Cidadania

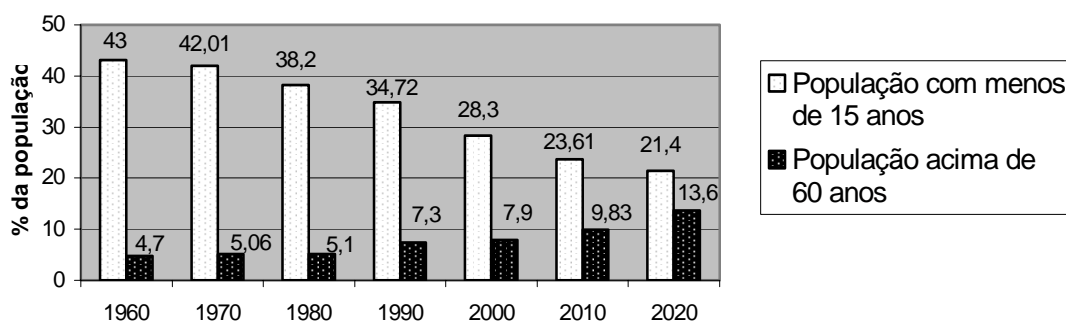
SAI - Serviço de Atendimento ao Idoso

1 INTRODUÇÃO

De acordo com LEHR (1999), a população mundial está ficando cada vez mais velha. A expectativa de vida aumentou vertiginosamente em todos os países europeus, bem como na maior parte dos países do mundo. Paralelamente a este processo, pode-se citar, ainda, uma visível diminuição no índice de natalidade. De maneira geral, estes fatos podem ser explicados, entre outras causas, pela melhoria das condições sócio-econômicas de vida, pelo progresso da medicina moderna e por uma mudança no estilo de vida das pessoas.

O Brasil é um dos países da América Latina que tem experimentado um dos maiores aumentos na proporção de idosos em relação à população total (HEREDIA, 1999). O gráfico da Figura 1 mostra os dados da evolução, em termos percentuais, da população de idosos (indivíduos acima de 60 anos) e da população mais jovem no Brasil (abaixo de 15 anos), de acordo com os Censos Demográficos realizados entre 1960 e 1990 e com projeções realizadas até o ano 2020. Analisando-se este gráfico, pode-se observar claramente o envelhecimento da população brasileira, com a queda gradativa da população formada por indivíduos com menos de 15 anos, acompanhada pelo movimento ascendente da população de idosos.

Figura 1: Estimativa da evolução das populações de idosos e jovens em relação à população total no Brasil



FONTE: Fundação IBGE (apud HEREDIA, 1999)

Dados mais recentes, provenientes do último Censo Demográfico Brasileiro, realizado em 2.000 (FUNDAÇÃO IBGE, 2002), confirmam, ainda, o crescimento superior da população de idosos, em termos proporcionais, quando comparado ao esperado pelas projeções estatísticas acima citadas. Segundo estes dados, a população de idosos no Brasil, em 2.000, já correspondia a 8,5% da população brasileira (cerca de 15.000.000 de pessoas).

Esta marcante alteração na estrutura etária do país vem alertando a sociedade, de forma geral, para os impactos sociais, econômicos e culturais decorrentes deste processo. Como consequência disso, verifica-se, principalmente a partir dos anos 90, uma grande onda de interesse sobre o idoso e sua qualidade de vida, acompanhada pela formação de uma nova imagem social sobre os indivíduos desta faixa da população e sobre o próprio processo de envelhecimento.

A imagem do velho como um segmento etário que necessitava de compaixão e amparo da sociedade, vigente no início do século XX, e que estava profundamente vinculada à imagem das instituições asilares, passa então por uma radical transformação. O termo "velhice" é substituído por "terceira idade" e os "velhos" passam a ser chamados de "idosos". Diferentemente da "velhice", a "terceira idade" é caracterizada por uma fase da vida em que as pessoas aproveitariam intensamente o seu tempo, na busca de realizações pessoais. O lazer, os cuidados com o corpo e a saúde, a ampliação do círculo social e até mesmo o exercício da sexualidade parecem estar presentes nessas novas representações sociais do envelhecimento (GROISMAN, 1999).

Para Groisman (1999), no entanto, ao privilegiar de forma exagerada a imagem dos "heróis do envelhecimento" ou "jovens da terceira idade" a mídia tem sido uma das causas da atual invisibilidade das instituições asilares, visto que os idosos institucionalizados dificilmente se encaixam nas imagens da terceira idade. O autor considera este mecanismo "extremamente perverso", uma vez que, no Brasil, o modelo asilar está longe de ter sido abandonado. Neste sentido, Debert (1997 apud GROISMAN, 1999) chama a atenção para o fato de que "o envelhecimento bem sucedido e inovador não pode fechar espaço para a velhice abandonada e dependente, nem transformá-la em consequência do descuido pessoal". Segundo Groisman (1999), ainda, embora existam muitas instituições que oferecem serviços de qualidade, "a ausência de discussão e regulamentação sobre o assunto no Brasil expõe o campo da institucionalização da velhice a uma situação deplorável, em que

a qualidade do atendimento parece depender unicamente do senso de ética dos proprietários desses estabelecimentos”.

Em um estudo publicado em 1974, a Organização Mundial da Saúde (OMS), já afirmava que, entre os grupos de idosos mais expostos a riscos quanto a sua saúde ou sua situação econômica e social, se encontram em lugar de destaque os idosos residentes em instituições. A este respeito, Bastian (1979) defende que a maior vulnerabilidade do idoso institucionalizado e, em muitos casos, a precariedade das instituições para idosos, chamam a atenção para a conveniência do estudo das condições em que funcionam estes estabelecimentos.

Tendo em vista a necessidade pela busca de soluções que visem proporcionar melhor qualidade de vida à crescente parcela de idosos da população, e, ainda, compartilhando das preocupações dos autores acima citados, os esforços da presente pesquisa são dirigidos justamente às instituições para idosos.

Sabe-se que as condições dos idosos que recorrem ao auxílio destas instituições são freqüentemente precárias; dentre elas, são comuns o abandono da família, limitações físicas e mentais e a falta de recursos econômicos para arcar com os custos do envelhecimento. Sabe-se também que as instituições que recebem estas pessoas, principalmente aquelas que vivem de recursos oriundos do auxílio da comunidade e que acolhem a parcela mais carente desta população, não raramente passam por muitas dificuldades para conseguirem se manter em funcionamento. Estas dificuldades se refletem em vários aspectos do ambiente institucional, dentre eles a qualidade das instalações físicas oferecidas aos residentes. É importante ressaltar, neste sentido, que a situação de confinamento, ou seja, a restrição da liberdade de ir e vir, freqüentemente vigente em instituições para idosos, seja pelas limitações de seus residentes, seja por questões de segurança, confere aos ambientes físicos desses locais uma grande parcela da responsabilidade no que diz respeito à qualidade de vida das pessoas que ali vivem. Portanto, tais ambientes deveriam apresentar características capazes de satisfazer adequadamente as necessidades específicas destas pessoas, contribuindo para a garantia do seu bem-estar, o que se acredita não acontecer na maioria das situações.

Dentre as necessidades dos idosos para com o ambiente físico das instituições, esta pesquisa parte do pressuposto que o acesso a espaços abertos e o contato com a vegetação sejam fundamentais. Várias pesquisas têm sido realizadas sobre este tema, comprovando benefícios tanto de ordem física como de ordem psicológica destes espaços sobre as pessoas de forma geral. Outros trabalhos têm demonstrado a contribuição particular que os espaços abertos e a vegetação podem dar a fim de elevar a qualidade de vida dos idosos em específico. Além disso, os espaços abertos, por suas interações físicas com as edificações das instituições, estão diretamente relacionados às condições de conforto vigentes no interior das mesmas. Por tudo isto, o planejamento adequado destas áreas é de extrema importância para a garantia de uma melhor qualidade de vida nos ambientes institucionais destinados ao público idoso.

Como planejar e o que deve ser considerado no planejamento de espaços abertos para o cenário particular de instituições para idosos? Nesta questão reside, justamente, o problema desta pesquisa.

A busca de respostas para esta pergunta parte do segundo pressuposto da pesquisa em questão: o planejamento deve, em primeiro lugar, ser voltado ao atendimento das necessidades dos usuários. O estudo das necessidades dos usuários, no entanto, por sua própria natureza, é um problema bastante complexo, pois dá margem a considerações que ultrapassam em muito os aspectos físicos do planejamento. Sabe-se, por exemplo, que os idosos, principais usuários destes espaços, constituem um grupo repleto de particularidades advindas do processo de envelhecimento. Sabe-se também que o ambiente institucional possui uma série de peculiaridades que exercem influência sobre o comportamento dos indivíduos e, em última análise, sobre a forma como as pessoas se relacionam com seus cenários físicos. Neste sentido, esta pesquisa procura buscar subsídios na psicologia ambiental, uma área de conhecimento relativamente jovem em termos históricos, que tem se dedicado, desde sua origem, ao estudo das questões que envolvem as relações dos homens com seus cenários físicos.

O principal objetivo da presente pesquisa foi, portanto, contribuir com a produção de informações destinadas a orientar o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos, através do estudo das necessidades de seus usuários. A busca destas informações partiu, além da revisão bibliográfica que dá suporte a esta pesquisa, da investigação da realidade local, vigente no município de Porto Alegre-RS, entre

as instituições que atendem o público idoso de menor poder aquisitivo. Para isso, foram desenvolvidos dois estudos de campo. O primeiro consistiu de um levantamento preliminar, realizado com os objetivos de obter uma espécie de “diagnóstico local” em relação às condições dos espaços abertos das instituições, e, ainda, identificar os casos que comporiam o objeto de pesquisa do estudo de campo seguinte. Através deste levantamento, foram estudadas características físicas de espaços abertos existentes em uma amostra de 12 instituições distribuídas na zona urbana do município. O segundo estudo foi desenvolvido através de um estudo de caso múltiplo envolvendo duas instituições selecionadas dentre aquelas estudadas no levantamento preliminar. Este estudo teve por objetivo investigar as relações entre os espaços abertos das instituições e seus usuários, procurando-se verificar a percepção das pessoas e suas atitudes para com estes espaços. Para isso, tomou-se por base a abordagem utilizada nos estudos da interface comportamento humano/ambiente, referenciados na psicologia ambiental.

Enfim, o relatório desta pesquisa, que será apresentado a seguir, está estruturado da seguinte forma: inicialmente são apresentadas e discutidas informações reunidas através de uma revisão bibliográfica sobre o tema da pesquisa e seus pressupostos; na seqüência, apresenta-se a metodologia utilizada pela pesquisa, bem como são detalhados os métodos e técnicas empregados em cada um dos estudos de campo (levantamento preliminar e estudo de caso múltiplo) que fazem parte da mesma; os dois capítulos seguintes ao capítulo da metodologia dedicam-se a apresentar e discutir os resultados de cada um dos estudos de campo que compõem a pesquisa; e, finalmente, no final do relatório, são apresentadas as conclusões gerais da pesquisa, bem como algumas considerações e recomendações sobre a realização de pesquisas futuras que se dediquem a aprofundar as discussões sobre o tema explorado por este trabalho.

2 OS ESPAÇOS ABERTOS EM INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS E O PLANEJAMENTO PARA AS NECESSIDADES DOS USUÁRIOS

Este capítulo visa, basicamente, apresentar e discutir, através de referências coletadas a partir de bibliografia relacionada ao tema, um pouco do subsídio teórico que suporta esta pesquisa e seus pressupostos.

Conforme colocado anteriormente, esta pesquisa pretende contribuir com informações que auxiliem o planejamento adequado de espaços abertos junto a edificações para idosos. Para se compreender, no entanto, o que é entendido aqui como planejamento adequado destes espaços, é necessário que se aprofunde um pouco mais as discussões sobre a importância da presença dos espaços abertos nas instituições e sobre a necessidade de se planejar estes espaços em função das necessidades de seus usuários.

Em um primeiro momento, portanto, este capítulo procura abordar o papel desenvolvido pelos espaços abertos em instituições para idosos e os benefícios que exercem sobre seus usuários. Na seqüência, discute-se o problema envolvido no planejamento voltado às necessidades dos usuários. Para isso, é dada uma especial ênfase à colaboração da psicologia ambiental para com o planejamento de cenários físicos destinados ao homem, apresentado-se alguns conceitos, métodos e teorias a ela relacionados, relevantes para a presente pesquisa. Por fim, partindo-se da idéia de que os idosos constituem os principais usuários dos espaços abertos das instituições, serão apresentados e discutidos alguns conceitos, características e peculiaridades relacionados aos indivíduos que compõem a terceira idade, e que, em última análise, auxiliam a compor o quadro de necessidades específicas deste grupo.

2.1 A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS ABERTOS EM INSTITUIÇÕES PARA IDOSOS

Cada vez mais, tem-se reconhecido a contribuição da presença de espaços abertos (particularmente, áreas verdes) e do acesso a estes espaços pela população para a garantia de uma maior qualidade de vida em ambientes urbanos. Poucas referências, no

entanto, podem ser encontradas, principalmente junto à literatura científica nacional, sobre como os benefícios destes espaços se fazem sentir pela população mais idosa e em que medida se faz necessário a presença de espaços abertos junto ao cenário particular das instituições para idosos, como uma forma de garantir estes benefícios. Procura-se, aqui, portanto, lançar algumas luzes sobre estas questões através de algumas informações levantadas durante a realização desta pesquisa.

De acordo com Newman et al (1984), os idosos compreendem um dos segmentos de maior imobilidade residencial da população. Observando dados habitacionais relativos à população dos Estados Unidos entre 1979 e 1980, os autores verificaram que a taxa de relocação para idosos locatários de imóveis foi quase três vezes mais baixa do que para locatários não idosos. Proporções semelhantes foram verificadas para proprietários de imóveis, onde se observou que não idosos mudaram de endereço acima de três vezes em relação aos idosos.

Acredita-se que para idosos que optam ou necessitam morar em instituições, esta imobilidade deva ser ainda maior, sendo que, provavelmente estes locais irão constituir suas últimas moradias. Além disso, é importante considerar que, com o avançar da idade, em geral, as pessoas também passam a permanecer um maior período de tempo em casa, o que significa que seus ambientes de moradia passam a exercer um papel cada vez mais importante sobre seu bem-estar.

De acordo com Petterson (apud STONENHAM; THODAY, 1994), os idosos geralmente apresentam um maior vínculo com o ambiente em torno do lugar onde moram. Eles dependem mais de serviços locais e gastam menos tempo longe de seus ambientes mais imediatos do que indivíduos mais jovens.

Indivíduos jovens geralmente têm a oportunidade de experienciar uma grande variedade de ambientes, através do trabalho e da recreação. Embora existam muitos idosos que continuam a gozar de boa saúde e oportunidades de atividades, para muitos outros o avanço da idade leva a uma mobilidade física limitada e à redução do horizonte social, além de uma crescente dependência do ambiente doméstico em relação a fontes de interesses, estímulos visuais e atividades. Para alguns o lar passa a abranger toda a sua vida, oferecendo

oportunidades muito limitadas de contato com o mundo exterior (STONENHAM; THODAY, 1994).

Referindo-se a experiência de países desenvolvidos, Stoneham & Thoday (1994) afirmam que, recentemente, consideráveis avanços têm sido verificados em relação ao *design* de edificações em função das necessidades particulares de idosos. Infelizmente, estas considerações raramente têm ido além das edificações, sendo que os espaços externos têm recebido muito pouca atenção. Para os autores ainda, muito da literatura técnica sobre o desenvolvimento de habitações para este grupo tem tratado a paisagem externa como um “cosmético” para as edificações, ao invés de tratá-la como uma parte do ambiente total da moradia. Este posicionamento, afirmam, tem como consequência a limitação dos horizontes dos residentes às paredes da edificação.

Concordando com os argumentos dos autores, acima citados, defende-se aqui a idéia de que os espaços abertos e as edificações devem ser considerados como elementos integrantes de um mesmo sistema e que, portanto, influenciam-se mutuamente na concepção final do planejamento das instalações físicas de instituições para idosos. A presença de espaços abertos junto às edificações pode trazer para o ambiente institucional uma série de benefícios já conhecidos dos espaços abertos sobre as pessoas, além de benefícios específicos sobre os usuários idosos. A seguir, será discutido como estes benefícios se fazem sentir sobre o bem-estar e saúde dos idosos, tanto diretamente, por aqueles que se encontram no pátio, como indiretamente, por aqueles que se encontram no interior das edificações. Sobre os benefícios indiretos, será discutido, ainda, na seqüência, como os espaços externos se relacionam com as edificações e como podem melhorar o seu desempenho.

2.1.1 A importância para a saúde e bem estar

Os espaços abertos, quando convenientemente tratados, podem conjugar uma série de características importantes para a sensação de bem-estar e mesmo para a saúde humana. A este respeito, diversos estudos têm sido realizados considerando os efeitos dos espaços abertos sobre a saúde e o comportamento das pessoas. Estes efeitos, como será

discutido a seguir, estão associados a uma série de elementos e possibilidades que podem ser encontrados junto aos espaços externos.

Um dos elementos ressaltados por Grahn (1994) é a luz natural. Segundo o autor, a luz natural exerce influência sobre a regulação dos ciclos diários e anuais das pessoas. A luz do dia impede a ação da melatonina, um hormônio que afeta o sono, influencia a menstruação, inibe a ovulação e influencia a regulação de vários outros hormônios (KÜLLER & LISTEN, 1992 apud GRAHN, 1994). A quantidade de luz natural tem notável efeito sobre a incidência de depressões de outono e de primavera (ROSENTHAL et al, 1984 apud GRAHN, 1994). De acordo com Küller & Listen (1992 apud GRAHN, 1994), pessoas que têm pouco contato com a luz do dia, sofrem alterações na regulação do ritmo anual do cortisol. O cortisol afeta o poder de concentração e os contatos com as outras pessoas. Em condições naturais do ambiente, os picos de cortisol ocorrem durante o verão, coincidindo com a maior necessidade das pessoas por contatos sociais, enquanto os menores valores ocorrem durante o inverno, proporcionando às pessoas um maior poder de concentração.

Para Brawley (2001), com o avanço da idade as pessoas experimentam uma diminuição de sua mobilidade, fazendo com que permaneçam mais tempo em ambientes internos às edificações e se exponham menos a ambientes externos e, conseqüentemente, à luz natural do dia. A exposição à luz natural é fundamental para a síntese da vitamina D e, conseqüentemente, para a absorção do cálcio nos ossos. A inadequada exposição à luz natural, por outro lado, resulta no enfraquecimento dos ossos e aumenta o risco de fraturas ocasionadas por eventuais quedas. Quando as pessoas se privam da exposição aos ciclos de luz e escuro que caracterizam o dia, também ocorrem conseqüências negativas sobre seu relógio interno ou biológico, trazendo distúrbios ao sono. Por outro lado, a exposição a altos níveis de luz proporciona a regulação natural deste mecanismo ao sincronizar o ciclo vigília/sono com o ciclo dia/noite. Para a autora, ainda, uma forma barata e energeticamente eficiente de proporcionar a exposição dos residentes a altos níveis de luz, em instituições para idosos, é a através do oferecimento de fácil acesso a áreas externas à edificação.

Concordando com os autores acima citados, um estudo realizado por Küller et al (1990) demonstrou claramente relações positivas de indivíduos da terceira idade com os espaços abertos. Estudando idosos residentes na Suécia e na Turquia, estes pesquisadores constataram que os idosos de ambos países que dedicavam mais horas de suas vidas a

atividades ao ar livre, ou simplesmente a "tomar sol", expondo-se diretamente à luz do dia, tinham melhor qualidade de vida. Estes necessitavam ir menos vezes ao médico, apresentavam melhor saúde, melhores níveis hormonais e melhor qualidade de sono. Os indivíduos pesquisados que passavam mais horas do dia expostos ao ar livre e à luz natural ainda se mantinham mais alertas, mais tranquilos, com melhor senso de orientação e com menor ocorrência de estados de depressão.

Outro aspecto importante que reforça a importância do acesso de idosos a áreas abertas é a possibilidade que estes locais apresentam de oferecer condições para a realização de atividades físicas. De acordo com Berg (1980 apud GRAHN, 1994), com o processo de envelhecimento os músculos começam a enfraquecer, sendo que esta condição é acelerada pela inatividade. A realização de exercícios físicos acelera a regeneração dos ossos e fortalece músculos, cartilagens, ligamentos e tendões. Atividades físicas também aumentam a taxa de metabolismo nas juntas, em particular nos ligamentos, e ajudam a combater a descalcificação da estrutura óssea (IDROTT OCH MOTION I SVERIGE, 1989 apud GRAHN, 1994). Conseqüentemente, a atividade física reduz o risco de vários tipos de fraturas comuns à população de idosos (GRAHN, 1994).

Uma das principais causas de quedas entre idosos é a fraqueza muscular, que está diretamente relacionada à falta de exercícios físicos. A este respeito, Campbell et al (1999 apud RITZEL et al, 2001) realizaram uma pesquisa com o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de exercícios físicos com mulheres acima de 80 anos de idade. Após dois anos de estudos, estes autores verificaram uma taxa significativamente inferior de quedas entre as idosas submetidas a exercícios físicos, quando comparadas ao grupo de controle, que não realizavam este tipo de atividade.

O bem-estar mental também é beneficiado pelo desenvolvimento de atividades físicas. Durante a realização de exercícios, o cérebro, assim como os músculos requerem nutrição. Para arcar com a crescente demanda por nutrientes decorrente deste processo, o corpo esgota mais rapidamente os nutrientes, o que significa que o cérebro recebe um tipo diferente de substância, que além de alimentar o cérebro, também proporciona uma sensação de satisfação e combate outras substâncias que são produzidas pelo corpo em situações de estresse (GRAHN, 1985 apud GRAHN, 1994; BJURÖ; WESTLING, 1973 apud GRAHN, 1994; PAFFENARGES et al, 1986 apud GRAHN, 1994).

A possibilidade de respirar ar fresco também é um fator importante ligado aos espaços abertos, principalmente quando as edificações não dispõem de condições adequadas de ventilação. Além disso, quando associados à presença de vegetação, espaços abertos podem apresentar outros benefícios em relação à qualidade do ar. O ar das grandes cidades, contaminado por compostos químicos produzidos pela queima de combustíveis fósseis por veículos e indústrias e com altas concentrações de poeira e material particulado, pode causar uma série de danos para a saúde (GRAHN, 1994). A vegetação retém em suas folhas parte da poeira que se encontra em suspensão no ar e ainda absorve alguns dos gases poluentes, auxiliando, assim na melhoria da qualidade do ar (GRAHN, 1994; MILANO, 1994). Além disso, a vegetação também auxilia na manutenção da umidade do ar em ambientes muito secos e na redução da temperatura do ar, ambos fatores importantes na determinação da sensação final de bem-estar.

Além dos fatores físicos que envolvem as relações entre a presença da vegetação e o bem-estar das pessoas, benefícios relacionados a fatores psicológicos também foram constatados pela pesquisa científica. A este respeito dois modelos teóricos têm sido desenvolvidos recentemente para tentar explicar a influência da vegetação sobre o homem. Um deles baseia-se na habilidade de concentração das pessoas e outro está baseado em reflexos emocionais do inconsciente humano, adquiridos através dos milhões de anos de evolução da espécie humana (GRAHN, 1994).

A primeira das duas teorias propõe que o ser humano possui dois tipos de atenção: uma atenção direta e uma atenção involuntária. A atenção direta requer grande quantidade de energia e é utilizada para atividades que exigem concentração ou para bloquear impressões indesejáveis do ambiente em que se está inserido (como o barulho do trânsito, placas de propaganda, vistas desagradáveis, etc.). A vida nas cidades exige grande demanda de atenção direta, o que contribui para a exaustão do poder de concentração. Este estado torna as pessoas mais suscetíveis ao cansaço, à irritabilidade, à depressão e à impaciência, além de fazer com que se tornem mais propensas a erros, mais críticas, mais esquecidas, menos cooperativas e mais expostas a riscos desnecessários. A atenção involuntária, por sua vez, não requer energia e dá às pessoas a chance de se recuperarem da energia gasta pela atenção direta. Este último tipo de atenção exige, no entanto, ambientes interessantes. As áreas naturais, por sua vez, contém uma abundância de elementos que fascinam e evocam a

atenção involuntária (KAPLAN & KAPLAN, 1989 apud GRAHN, 1994; GRAHN, 1992 apud GRAHN, 1994).

A segunda teoria defende que o homem, ao longo de milhões de anos, adaptou-se a viver em ambientes naturais. Isto significa que as pessoas estão mais adaptadas para viverem em ambientes que contenham áreas verdes do que em ambientes sem vegetação. Pesquisas revelam que determinados tipos de paisagem natural favoreceram a sobrevivência da espécie humana ao longo de sua evolução e que as referências destes ambientes estão registradas em uma espécie de memória genética ou biológica. Desta forma, quando expostas a condições ambientais similares a estas referências, as pessoas podem gozar de sensações de bem-estar e de respostas restaurativas como restabelecimento da energia física, diminuição das respostas de estresse, redução da agressividade, entre outras. Isto também implica em dizer que mesmo os humanos modernos, em sua recente experiência histórica de vivência em ambientes artificiais como os das cidades, devem estar biologicamente mais preparados para aprender e reter certas respostas positivas à natureza do que às configurações e elementos do ambiente urbano e moderno (ULRICH, 1993).

De acordo com esta última teoria, o simples contato visual com elementos naturais da paisagem pode ter um efeito benéfico sobre as pessoas. Segundo Ulrich (1995), o efeito visual de paisagens naturais é especialmente importante e benéfico em situações nas quais indivíduos submetidos a consideráveis condições de estresse necessitam passar longos períodos em um cenário confinado. Neste tipo de cenário, o contato visual prolongado com a natureza pode ter efeitos positivos sobre os componentes psicológico, fisiológico e comportamental do estresse.

A este respeito, um estudo realizado por Ulrich (1984 apud GRAHN, 1994), mostrou que o *design* de hospitais tem efeito sobre a recuperação de pacientes. Observando pacientes que se recuperavam de cirurgias, verificou que aqueles que dispunham de vistas para um parque a partir de seus quartos conseguiam se recuperar em média um dia antes do que aqueles que não tinham vistas para estes locais. Estes pacientes requeriam, ainda, menos da metade de remédios para a dor e reclamavam menos de dores e irritações do que o grupo de controle, que não tinha vista para a vegetação.

Da mesma forma, Verderber (1986 apud ULRICH, 1995), através da aplicação de questionários com pacientes seriamente atingidos por acidentes ou doenças (e, presumivelmente, estressados), verificou uma grande preferência em relação às janelas do hospital que possuíam vistas para cenários com elementos naturais, como árvores. Estes resultados concordam ainda com estudos em prisões, os quais sugeriram que celas com vistas para cenários naturais, comparadas a celas com vistas para prédios ou paredes, estão associadas com níveis mais elevados de bem-estar dos prisioneiros, indicado pelas menores frequências de sintomas de estresse, tais como dores de cabeça, distúrbios digestivos e menos ocorrência de doenças (MOORE, 1982 apud ULRICH, 1995; WEST apud ULRICH, 1995).

O efeito de paisagens naturais simuladas através de quadros ou painéis também pode exercer efeitos benéficos sobre o comportamento humano. Em uma pesquisa realizada por Heerwagen (1990 apud ULRICH, 1995), sobre a ansiedade de pacientes em uma clínica odontológica, observou-se, através de questionários, que pacientes sentiam-se menos estressados em dias em que um grande mural com a foto de uma paisagem natural estava pendurado na parede da sala de espera, em contraste com os dias em que só podia se visualizar a parede branca. Da mesma forma, medições dos batimentos cardíacos também indicaram que as pessoas ficavam menos estressadas e tensas quando o mural com a paisagem natural estava visível.

Os efeitos da vista para a paisagem natural sobre o bem-estar das pessoas, de forma geral, chamam a atenção para a importância da previsão destas vistas quando do planejamento de edificações para idosos. Para Robson et al (1997), a medida em que as pessoas envelhecem, elas diminuem a sua mobilidade e seu universo passa a ser mais restrito. É importante, portanto, que o design de ambientes para idosos se preocupe em explorar vistas e criar ligações com o mundo exterior. Os idosos necessitam ter uma janela para o mundo: alguns ficarão felizes em poder observar um grupo de árvores e as variações da luz do dia, enquanto outros preferirão observar o tráfego de uma rua ou avenida movimentada. Também Stoneham & Thoday (1994) chamam a atenção para o fato de que visões atrativas e estimulantes devem ser proporcionadas, sobretudo, àqueles idosos que estão quase totalmente confinados ao interior das edificações.

Embora somente a vista para as áreas externas já exerça, por si mesma, uma influência positiva sobre as pessoas, os espaços abertos devem ser acessíveis aos idosos, pois,

certamente, é através de sua presença nestes locais que poderão colher seus maiores benefícios.

Para Stoneham & Thoday (1994), espaços abertos bem projetados podem contribuir para uma melhor qualidade de vida dos idosos ao aumentar as oportunidades de atividades e interesses, ampliando os horizontes sociais e reduzindo sentimentos de isolamento para com o mundo exterior. Sentar-se em um banco ao ar livre ou caminhar através dos espaços externos pode proporcionar o contato com plantas e uma oportunidade para coletar materiais para *hobbies* como o preparo de arranjo de flores ou o preparo de alimentos. O jardim pode também ser importante ao proporcionar locais adicionais de privacidade em relação à casa. Isto define um território pessoal e proporciona interesse e motivos para aguardar com satisfação o passar do tempo e pode ser ainda um válido recurso para fugir do mundo interior organizado. Por outro lado, um *design* pobre dos espaços abertos pode agravar e intensificar problemas de isolamento, solidão, perda de capacidade e redução da imagem pessoal.

Também Brawley (2001) chama a atenção para o fato de que ambientes monótonos estimulam reações adversas como ansiedade, medo e angústia. De acordo com a autora, a disponibilidade de espaços externos representa para os idosos a possibilidade de se deslocarem para um ambiente diferente durante o dia. Além disso, espaços externos como jardins representam uma grande fonte de estímulos, auxiliando a evitar a monotonia.

Atividades que envolvem o contato com as plantas e com o solo também são outras possibilidades oferecidas pelo acesso a espaços abertos que parecem exercer um efeito terapêutico sobre as pessoas. Kaplan (1973 apud FEDRIZZI, 1998), demonstrou através de suas pesquisas que as atividades de jardinagem e horticultura produzem uma grande satisfação e tranquilidade no ser humano. Observaram, ainda, que o ser humano demonstra grande prazer em cultivar seu próprio alimento, em dividir a colheita com outras pessoas, em trocar informações sobre o assunto e observar o crescimento das plantas. A grande satisfação dessas atividades estaria ligada ao solo, ao verde, às flores e hortaliças, às árvores e ao local. Identificou, também, que pessoas que perdem o controle das suas vidas, quando se dedicam a essas atividades, de alguma forma, em maior ou menor grau, recuperam o controle.

Sobre os efeitos terapêuticos do jardim e das atividades que envolvem o cultivo de plantas, têm-se observado, principalmente na Europa e Estados Unidos, o crescimento e consolidação de uma nova área de conhecimento aplicado: a terapia horticultural. De acordo com Flagler (2002), a terapia horticultural, na verdade, não é um novo conceito, estando sua origem relacionada ao antigo Egito, onde, durante séculos, a jardinagem e o cultivo de plantas eram prescritos para pessoas que sofriam de algum mal ou limitação. Para Epstein (1998), a premissa básica do *design* de paisagens terapêuticas e da terapia horticultural é que as pessoas se relacionam com as plantas. Segundo o autor, jardins terapêuticos são desenhados para crianças, para aqueles com deficiências físicas permanentes ou temporárias, para pacientes com doença de Alzheimer, para idosos, para aqueles com doenças terminais e suas famílias e para presidiários. Eles podem ser pequenos ou grandes, completamente acessíveis ou somente acessíveis para a visão, e para utilização diurna e noturna. Eles podem ainda ser tão variados quanto a cultura das pessoas e seu valor reside nas associações positivas entre as pessoas e as plantas.

Kaplan (1994) afirma que idosos portadores da doença de Alzheimer podem ter comportamentos de agitação e agressão reduzidos quando envolvidos em um programa de terapia horticultural. Para o autor os benefícios da hortiterapia sobre os pacientes se devem, além dos efeitos da exposição à luz natural e da realização de uma atividade física, à socialização decorrente das atividades de cultivo e à estimulação dos sentidos (visão, tato, olfato, gustação e audição) associada ao contato com plantas e outros elementos do jardim (como, por exemplo, o som da água corrente, ou a presença de pássaros). Através do estímulo dos sentidos, ainda, os elementos do jardim podem evocar sensações de prazer associadas à memória passada (como por exemplo, através do perfume de uma flor, da degustação de algum fruto favorito, do toque sobre o pêlo de um animal, e da sensação de mergulhar a mão sob a água).

Os espaços abertos também podem constituir um local que permita a criação de animais de estimação e o contato dos idosos com os mesmos. Diversos benefícios do contato com animais para pessoas de idade já foram relatados pela pesquisa científica. Para Hart (2002), por exemplo, os benefícios do contato com animais de estimação sobre a saúde dos idosos estão ligados a vários fatores. Em primeiro lugar, os animais possuem efeitos de socialização no comportamento dos idosos, especialmente se eles não possuem filhos ou alguma atividade que os mantenham em contato com a sociedade. Outro benefício é que os

animais domésticos podem conferir um papel ou uma identidade individual a alguns idosos. Isto é particularmente importante para aquelas pessoas cuja vida tenha sempre girado em torno do trabalho, do cônjuge ou da família e que vieram a perder estas funções na idade avançada. A companhia dos animais também auxilia a reduzir o estresse em pessoas idosas, especialmente quando este é decorrente da perda de pessoas muito importantes como o cônjuge, por exemplo. Por último, ainda, os animais de estimação podem constituir um estímulo à participação dos idosos em atividades.

Os benefícios do contato com animais de estimação, de acordo com Siegel (1990), podem se refletir, em última análise, sobre a saúde dos idosos. Em seu trabalho, após acompanhar durante 1 ano a utilização de serviços médicos de 983 matrículas de idosos no serviço público de saúde dos Estados Unidos, a autora constatou que os idosos que possuíam animais de estimação recorriam muito menos aos médicos do que aqueles que não possuíam.

2.1.2 As interações entre os espaços abertos e as edificações

Além dos aspectos relacionados com os benefícios diretos que os espaços abertos podem exercer sobre o bem-estar das pessoas, estas áreas podem estabelecer interações positivas com as edificações disponíveis no ambiente das instituições asilares. Estas interações refletem-se, em última análise, na sensação de conforto dentro das edificações.

A sensação de conforto não depende apenas de fatores físicos relacionados aos ambientes em que as pessoas estão inseridas, mas também a fatores de ordem psicológica relacionados aos mesmos. A este respeito, conforme discutido anteriormente, a simples vista a partir do interior das edificações para pátios adequadamente tratados com vegetação, pode ser ressaltado aqui como uma interação benéfica do pátio para com a edificação.

Sob o ponto de vista do conforto físico no interior das edificações, as interações positivas com os espaços abertos estão relacionadas, principalmente, aos benefícios térmicos da presença de vegetação nestes locais.

Segundo Cantuaria (1995), a cuidadosa disposição da vegetação no entorno de edificações tem sido reconhecida há muito tempo como uma forma de melhorar as condições térmicas das habitações. A vegetação influencia o ganho de calor pelas edificações através de processos que envolvem a interceptação dos raios solares (sombreamento), proteção contra infiltrações de ar e a criação de microclimas resfriados ao redor das edificações.

De acordo com Rivero (1986), em climas quentes, os vegetais se convertem em excelentes condicionadores térmicos. Ao receberem os raios solares, as folhas, como qualquer corpo, absorvem refletem e transmitem a energia incidente. A absorção de energia lumínica incidente sobre as folhas é bastante alta (cerca de 90 %), sendo que apenas uma pequena parte é refletida e uma parte quase insignificante transmitida devido à transparência das folhas. Da energia absorvida, uma parte considerável se transforma em energia química potencial por meio do processo de fotossíntese e outra, em calor latente, ao evaporar-se a água eliminada pela folha durante um processo denominado de evapotranspiração.

Por este motivo, o comportamento térmico dos elementos vegetais em relação à incidência dos raios solares é muito superior ao dos elementos inertes como superfícies pavimentadas, por exemplo. Estudos comprovam inclusive que uma superfície revestida com grama exposta ao sol apresenta temperaturas inferiores àquelas apresentadas por superfícies revestidas com materiais inertes (como um passeio revestido com pedra, por exemplo) à sombra (RIVERO, 1986).

Isto explica a conveniência de se ter, em climas quentes, gramados nos solos exteriores à edificação em vez de materiais de construção correntes. Sua menor temperatura faz com que a massa de ar próxima ao edifício e que, de modo geral, é a que ingressa no espaço interior mediante a ventilação, tenha melhores condições térmicas. A massa de ar próxima ao edifício, ainda, por possuir menor temperatura, emite menos energia radiante para as paredes. Deve-se somar a isso, também, o fato de que as folhas possuem um baixo coeficiente de reflexão, refletindo para as paredes uma parcela bem menor da energia luminosa incidente do que o faria uma superfície pavimentada (RIVERO, 1986).

Elementos vegetais também atuam como obstáculos que alteram os fluxos de ar próximo às edificações (RIVERO, 1986; MILANO, 1994). Assim, a colocação de barreiras vegetais, tais como árvores ou arbustos agrupados em cercas-vivas, pode melhorar

ou prejudicar as condições de ventilação das edificações, dependendo de como estão dispostas em relação a estas últimas e em relação às direções de incidência dos ventos para cada situação. Da mesma forma, elementos vegetais convenientemente agrupados podem servir de barreira de proteção contra a incidência de ventos fortes sobre as edificações (RIVERO, 1986; MILANO, 1994).

Sattler (1987) chama a atenção, ainda, para a questão econômica dos benefícios térmicos da vegetação. Segundo o autor, a utilização de vegetação pode ser uma importante alternativa no sentido de se diminuir os ganhos térmicos das edificações e, desta forma, reduzir o consumo de energia para o resfriamento do ar interno durante os períodos quentes do ano.

Enfim, estes argumentos reforçam ainda mais a afirmativa anterior de que os espaços abertos não podem ser negligenciados no planejamento de instituições para idosos. Ao contrário, é importante se ter em mente que estes espaços estão profundamente interligados com as edificações, devendo, assim, serem considerados, juntamente com estas últimas, elementos de uma mesma unidade funcional.

2.2 O PLANEJAMENTO E AS NECESSIDADES DOS USUÁRIOS

Conhecida e fundamentada a importância dos espaços abertos em instituições para idosos, resta explorar o segundo pressuposto desta pesquisa: que o planejamento adequado destes espaços deve partir do estudo das necessidades de seus usuários.

Neste sentido, é interessante ressaltar que o planejamento em função das necessidades dos usuários vem ganhando grande destaque no cenário da construção civil através da abordagem conhecida como Desempenho das Edificações. Esta abordagem, que hoje é o centro das discussões sobre tecnologia da construção à nível internacional, significa, em primeiro lugar e acima de tudo, trabalhar pensando antes em fins do que em meios. Isto é,

(...) preocupa-se com o que se exige de uma edificação ou produto e não em prescrever em como este será construído. Isto não significa que os meios - tipo particular de construção, produtos ou materiais - não sejam considerados; eles são, mas estritamente no sentido de que estes meios irão atingir os fins. Esta abordagem

implica ainda em dizer que a função ou fim de um determinado produto é satisfazer as exigências ou necessidades de seus usuários (CONSEIL INTERNATIONAL DU BÂTIMENT, 1982).

O atendimento das necessidades do usuário, preconizado pela abordagem de desempenho, no entanto, é um objetivo bastante amplo, aparentemente sem limites, dada a subjetividade do termo "necessidades do usuário". Uma das maiores colaborações no sentido de procurar identificar estas necessidades tem sido dada pela psicologia ambiental. Enquanto área de conhecimento dedicada ao estudo das interfaces ambiente/comportamento humano, a psicologia ambiental apresenta o referencial teórico necessário à compreensão de uma série de relações entre as pessoas e seus espaços físicos. O entendimento destas relações, por sua vez, é extremamente importante para o maior desempenho de ambientes construídos para o homem, à medida que incorpora necessidades de cunho psicológico em relação a estes ambientes e que, normalmente, não são consideradas no processo de planejamento.

As próximas páginas serão dedicadas, portanto, à apresentação de algumas informações básicas sobre a Psicologia Ambiental que, certamente, poderão auxiliar o leitor a compreender como esta área de conhecimento pode colaborar com o planejamento dos espaços físicos destinados ao homem e, última em análise, com o maior desempenho destes espaços. Considerando-se ainda o contexto da presente pesquisa, na seqüência, procura-se apresentar algumas informações relacionadas à terceira idade e aos indivíduos que a compõem. Estas informações são importantes para a compreensão de necessidades específicas deste grupo e, por conseqüência, podem colaborar com o planejamento mais adequado de espaços abertos em instituições para idosos, principal preocupação desta pesquisa.

2.2.1 A colaboração da psicologia ambiental

De acordo com Gifford (1997), psicologia ambiental é o estudo das relações entre as pessoas e seus cenários físicos. Ela envolve a pesquisa e a prática dirigidas à produção de edificações mais humanas e o melhoramento de nosso relacionamento com o ambiente natural.

De acordo com Günther & Rozenstraten (1992) uma das características da psicologia ambiental é a interdisciplinaridade.

Por suas características particulares, a psicologia ambiental mantém uma interface com outros profissionais que por suas vez estudam “o mundo real” dos seus respectivos pontos de vista. Estudar a inter-relação entre o ambiente e as pessoas exige um trabalho colaborativo com especialistas de diversas áreas de conhecimento (GÜNTHER & ROZENSTRATEN,1992).

Entre as disciplinas que colaboram com a psicologia ambiental pode-se citar, dentre outras: psicologia, medicina, geografia, sociologia, antropologia, engenharia, arquitetura, paisagismo, biologia e direito (GÜNTHER & ROZENSTRATEN,1992; MELO, 1991; BONNES; SECCHIAROLI, 1995; MACHADO, 1998).

Segundo Gifford (1997), a psicologia ambiental também é uma área de múltiplos paradigmas. Isto significa que diferentes pesquisadores podem empregar não somente diferentes métodos, mas também técnicas completamente diferentes baseadas em diferentes filosofias de ciência. Métodos de pesquisa variam não apenas em seus procedimentos, mas também em função das várias crenças e valores dos pesquisadores que os utilizam. Paradigmas não necessitam ser conflitantes; eles podem representar alternativas, visões complementares da área, ou visões do mesmo fenômeno em diferentes níveis de análise.

Quanto aos métodos empregados na pesquisa em psicologia ambiental, Gifford (1997) coloca que os pesquisadores podem se valer tanto de técnicas padrão em ciência social, a exemplo de observação e descrição natural, entrevistas, *rating scales* (escalas de avaliação), experimentos em laboratório e filmagens, como também de outros métodos exclusivos da Psicologia Ambiental, como estudos de espaço pessoal, mapas cognitivos e movimentos através das edificações.

Os psicólogos ambientais reconhecem a necessidade de alcançar dois objetivos relacionados: entender as relações entre as pessoas e o ambiente e utilizar este conhecimento para ajudar a resolver uma ampla variedade de problemas. Alguns se sentem mais à vontade para trabalhar com princípios, enquanto outros dedicam-se à aplicação prática destes princípios. Psicólogos ambientais práticos são motivados pela convicção de que podem

ajudar a criar edificações mais humanas ou melhorar a forma como as pessoas interagem com a natureza (GIFFORD, 1997).

A psicologia ambiental é estudada em três níveis de análise. No nível mais básico estão os estudos de processos fundamentais como percepção, cognição, e personalidade, e como estes processos filtram e estruturam a experiência de cada indivíduo em relação ao ambiente. No nível seguinte, vem o estudo do manejo social dos espaços pelas pessoas, onde são desenvolvidos conceitos como: distância interpessoal (ou espaço pessoal), territorialidade, superlotação e privacidade. Em um terceiro nível, os psicólogos ambientais se concentram sobre os aspectos físicos de cenários de comportamentos comuns da vida diária, como o trabalho, o aprendizado, a vida diária no lar ou junto à comunidade e a relação das pessoas com a natureza (GIFFORD, 1997).

Os estudos sobre percepção ambiental, situados no nível mais básico de análise da psicologia ambiental, dão ênfase ao entendimento de como os indivíduos respondem ao complexo de cenas diárias às quais estão expostos. A pesquisa em percepção ambiental diferencia-se da pesquisa tradicional da percepção, uma vez que esta última dedica-se à investigação de estímulos simplificados em ambientes controlados de laboratórios. Os psicólogos ambientais se concentram sobre a complexidade de estímulos do ambiente e procuram, sempre que possível realizar seus estudos a partir da apresentação de cenários reais para as pessoas. Algumas vezes, no entanto, estas cenas necessitam ser simuladas, como, por exemplo, quando o objetivo da pesquisa é entender as reações a uma edificação que ainda não foi construída. A percepção ambiental não é a mesma para todos: diferenças pessoais e culturais estão associadas a diferentes percepções sobre uma mesma cena (GIFFORD, 1997).

Também situados no primeiro nível de análise da psicologia ambiental, encontram-se os estudos sobre cognição ambiental. Estes estudos concentram-se na forma como as pessoas captam, armazenam, organizam e recordam de informações sobre localizações, distâncias e disposições de edificações, ruas e espaços abertos. Eles incluem a cognição espacial, isto é, os processos mentais que ajudam as pessoas a se orientarem em relação a estimativas de distâncias, reconhecimento de trajetos, confecção e leitura de mapas, e consciência sobre a localização relativa no espaço de diferentes lugares. A cognição espacial inclui ainda o conceito de mapas cognitivos, que são imagens pictóricas e semânticas presentes na mente das pessoas sobre como os lugares estão arrançados. Entre as técnicas

utilizadas em estudos de cognição ambiental pode-se citar: *sketch maps* (mapas mentais), modelos de construção ou manipulação, estimativas de distâncias e observação naturalística (GIFFORD, 1997). Sobre as técnicas utilizadas em cognição ambiental, Souza (1998) salienta que:

No que se refere ao enfoque de pesquisa tradicional que vem sendo realizada nas áreas do urbanismo, geografia e psicologia ambiental, a metodologia tem girado em torno da técnica de *sketch maps*, que consiste em pedir aos indivíduos entrevistados para que façam representações gráficas, fruto de sua memória espacial relativamente ao ambiente de estudo

No segundo nível de análise têm-se os estudos sobre espaço pessoal, territorialidade, privacidade e superlotação. De acordo com Melo (1991), estes tópicos têm uma relevância particular para o planejamento ambiental na medida em que a configuração do espaço físico pode facilitar ou inibir as interações sociais (MELO, 1991).

O espaço pessoal é definido como um espaço imaginário ao redor do indivíduo, necessário para manter sua privacidade e seu apropriado nível de intimidade (ALTMAN, 1975 apud MELO, 1991). Pode-se distinguir quatro zonas de distância interpessoal mantidas entre os indivíduos, as quais podem ser denominadas: de intimidade, pessoal, social e pública. A distância interpessoal mantida entre indivíduos comunica o tipo de relacionamento que se busca nesta interação (HALL, 1966 apud MELO, 1991). Em virtude de ser o espaço pessoal muito dinâmico - porque varia de acordo com os papéis do sujeito, regras sociais, status, etc., observáveis em cada situação - torna-se muito difícil traduzi-lo em princípios de *design* (MELO, 1991).

A territorialidade é a necessidade do indivíduo de ter o seu espaço e manter o controle sobre ele. A necessidade de territorialidade é tão forte que pode ser observada através de aparatos físicos, tais como: um simples jarro ou um quadro colocado no hall de entrada de um apartamento, ou mediante a presença de um vaso de planta, ou mesmo na cor diferenciada da pintura de uma casa da COHAB, onde as casas são construídas em série sem nenhuma variação (MELO, 1991).

“Territorialidade e espaço pessoal são mecanismos utilizados para atingir a privacidade e a situação de superlotação é a condição na qual os objetivos da privacidade não são atingidos ou são atingidos a um alto custo” (ALTMAN, 1875 apud MELO, 1991).

Ao discorrer sobre as aplicações práticas da psicologia ambiental, Gifford (1997, pág. 381) refere-se à pesquisa em *design* social, um processo que envolve o estudo de como os cenários físicos podem melhor servir aos desejos e necessidades das pessoas. Robert Sommer (apud GIFFORD, 1997), pioneiro neste tipo de estudo, caracterizou o *design* social como:

Design social significa trabalhar com as pessoas ao invés de trabalhar para elas; envolver as pessoas no planejamento e manejo dos espaços nos quais estão inseridas; educá-las para utilizar o ambiente de forma sensata e criativa para atingir um balanço harmonioso entre ambiente social, físico e natural; desenvolver uma consciência de beleza e um senso de responsabilidade para com o ambiente do planeta e para com outras criaturas vivas; gerar, compilar e tornar disponíveis informações sobre os efeitos de atividades humanas sobre o ambiente físico e natural, incluindo os efeitos do ambiente construído sobre seres humanos. *Designers* sociais não podem atingir estes objetivos sozinhos e sim com a participação de estruturas de organizações maiores, que incluem as pessoas para quem o projeto está sendo desenvolvido”.

O processo de *design* social está focado sobre duas importantes etapas: programação e avaliação pós-ocupação. A programação ainda consiste de três fases: estudo das necessidades dos usuários, envolvimento dos usuários nas possibilidades de *design*, e tradução de suas necessidades em orientações de *design* (que constituirão os objetivos que o atual *design* deverá atingir) (GIFFORD 1997).

A primeira fase da programação envolve o discernimento das necessidades dos usuários através de levantamentos e entrevistas, observações de seus comportamentos e estudo de traços físicos deixados pelas pessoas. A segunda fase envolve a participação direta do usuário no processo de *design*. Inclui a motivação, o acionamento e a educação dos usuários. A terceira fase envolve o estabelecimento de diretrizes específicas para o *design* da edificação. Transformar estas diretrizes em planos e em realidade é o trabalho de arquitetos e construtores (GIFFORD 1997).

Após a construção e a ocupação da edificação, o psicólogo ambiental retorna para monitorar o comportamento do usuário e as possíveis alterações que estes possam ter realizado na nova edificação. A avaliação pós-ocupação então será realizada a fim examinar a eficácia da programação e do *design*, usando, para isso, uma série de ferramentas ligadas às ciências sociais. A avaliação pós-ocupação é a investigação, ou exame da eficácia de ambientes ocupados para com seus usuários. Este tipo de avaliação difere da avaliação baseada apenas na leitura do *design* e na visão estética do arquiteto. Em contraste, na avaliação pós-ocupação, as edificações são julgadas com base nas impressões e comportamento do usuário no ambiente avaliado (GIFFORD 1997).

A avaliação pós-ocupação (APO) é reconhecida e valorizada como um dos métodos eficazes para conhecer, diagnosticar e elaborar diretrizes para produção e consumo de ambientes construídos, determinando os reparos e ajustes mais adequados ao objeto avaliado e a otimização de soluções futuras de projeto, construção e manutenção para edificações semelhantes (REIS e LAY, 1995).

Os estudos de avaliação pós-ocupação (APO) envolvem dois tipos de levantamentos: levantamento de campo e levantamento de arquivo. Embora os dados obtidos através do levantamento de arquivos não sejam geralmente coletados *in loco*, como é uma das características principais de APOs, as informações oriundas deste tipo de levantamento são relevantes para determinar o ponto de partida da avaliação e do próprio levantamento de campo. Os métodos utilizados para levantamento de campo podem ser resumidos em quatro principais: observações, entrevistas, questionários e levantamentos físicos (medições) (REIS e LAY, 1995).

2.2.2 O usuário idoso

Uma vez que se deseja compreender as necessidades dos idosos, enquanto principais usuários dos espaços abertos das instituições, é necessário que, em primeiro lugar, se discuta os próprios conceitos de velhice e envelhecimento.

De acordo com Cupertino (1996), a Constituição Federal do Brasil delimita cronologicamente a velhice a partir da idade de 65 anos. A Constituição prevê que o idoso

deve ser cuidado por seus filhos maiores e que os programas de amparo e este devem ser prioritariamente desenvolvidos em sua própria residência. A aposentadoria deve ocorrer aos 65 anos para homens e 60 anos para mulheres, ou em função de 35 anos de serviço para homens e 30 para mulheres. De modo geral, a Constituição prevê que o idoso deve ser amparado pela sociedade, pela família e pelo Estado, tendo garantida a participação na comunidade, a defesa da dignidade e o bem-estar assim como a garantia de direito à vida. Acima de 65 anos, os cidadãos têm ainda o direito a transporte coletivo e urbano gratuito (CUPERTINO, 1996).

No entanto, a definição cronológica apontada pela legislação somente pode ser entendida como um referencial. Como afirma Ferreira (1995), “o envelhecimento é um processo multifacetado e que não se manifesta indiferenciadamente nos sujeitos, pois não existe um processo simultâneo de envelhecimento de todas as partes do corpo”.

Para Duarte (1999), “o envelhecimento é um fato biológico, social e psicológico. Qualquer consideração que não se assente simultaneamente sobre estes três pilares, corre o risco de deformação e de dar lugar a crenças condenadas a uma rápida substituição”.

Embora o declínio biológico do corpo em função do avanço da idade seja um fato geneticamente inquestionável, e ainda que este processo possa muitas vezes trazer mudanças físicas desagradáveis, é um equívoco a associação imediata entre envelhecimento e doença (CUPERTINO, 1996; VASCONCELLOS, 1996; FORETTE, 1998; DUARTE, 1999).

De acordo com Aragó (1995 apud DUARTE, 1999) é pouco correto acentuar unilateralmente o processo biológico no envelhecimento, pois:

- a) o ritmo do envelhecimento biológico é muito diverso segundo os indivíduos, pessoas de idade avançada gozam às vezes de melhor saúde que outras em plena idade madura ou inclusive jovens; b) o declive biológico é real e em certa medida irreversível, mas não existe momento algum em que o crescimento psicológico do indivíduo deve cessar. O desenvolvimento psicológico pode conservar uma real independência com respeito à irreversibilidade relativa do processo biológico; c) já em 1970, De Vries advertia contra o perigo de uma interpretação simplista e unidirecional a julgar a existência de uma mútua influência entre fatores fisiológicos e comportamentais.

De acordo com Aragó (1995 apud DUARTE, 1999), a idade social considera os indivíduos como membros de grupos aos quais pertencem, por isso se costuma medi-la pela capacidade funcional em contribuir no trabalho.

A idade social designa papéis sociais que se pode, se deve, se pretende e se deseja que venham a desempenhar na sociedade. Determinados papéis sociais podem entrar em conflito com aspectos arbitrários da idade cronológica. O conflito entre as idades social, psicológica e cronológica constitui uma forma de dissonância. Certas variáveis sociais evoluem com a idade, mas sem seguir necessariamente a idade cronológica. A variável independência/dependência é um exemplo deste aspecto (MISHARA; RIEDEL, 1995 apud DUARTE, 1999).

Do ponto de vista psicológico, ainda Duarte (1999) coloca que “no processo de envelhecimento a avaliação do futuro modifica-se, já que as expectativas de vida são curtas e o futuro adquire um peso que antes não tinha, o que repercute na organização da conduta”. Ainda de acordo com a autora, as mudanças psicológicas advindas do envelhecimento podem dividir-se em dois grupos: a) os cognitivos, ou seja, aqueles que afetam a maneira de pensar assim como as capacidades e b) os que concernem à afetividade e à personalidade.

Uma vez compreendido que o envelhecimento não é um processo definido apenas pela idade cronológica, mas sim que também deve ser considerado sob diversos outros aspectos, pretende-se discutir, ainda, duas questões bastante pertinentes para o problema desta pesquisa: as conseqüências do envelhecimento biológico; e a influência do ambiente institucional sobre o idoso.

Considerando-se a diversidade de pessoas que recorrem aos serviços de instituições para idosos, é natural que se considere que muitas delas podem sofrer de certas limitações físicas decorrentes do processo de envelhecimento biológico. O conhecimento destas limitações, portanto, é extremamente importante para o trabalho de *design* de instalações físicas de instituições desta natureza, a fim de que se possa proporcionar o suporte físico necessário à melhor utilização destes ambientes, preservando ao máximo as capacidades dos idosos e incentivando a sua independência. Neste sentido é interessante citar, ainda, as palavras de LEHR (1999):

(...) com a diminuição do preparo físico, o meio ambiente passa a determinar o comportamento dos indivíduos. O meio ambiente físico pode contribuir para a

dependência e restrição do espaço de vida ou pode ser favorável e adaptável, estimulando atividades e aumentando as competências existentes assim como os recursos pessoais.

O ambiente institucional, por sua vez, constitui um universo bastante diferente daquele experimentado pelos idosos enquanto morando em suas próprias casas ou em companhia dos filhos. Ali passarão a conviver diariamente com diversas pessoas com as quais não possuíam nenhum vínculo até então. Terão que se adaptar a novas regras e a um novo ambiente físico, que muitas vezes, é bastante impessoal e sobre qual possuem pouco controle ou poder de decisão. Estes aspectos, somados a muitos outros, que freqüentemente fazem parte da vida em um ambiente institucional, exercem influência sobre o idoso, seu comportamento e, conseqüentemente, sobre a maneira como utilizam as instalações físicas das instituições.

2.2.2.1. Conseqüências do envelhecimento biológico

De acordo com Steven-Long (1979 apud CUPERTINO, 1996), à medida que as pessoas envelhecem, uma série de transformações biológicas começam a ocorrer deixando traços visivelmente perceptíveis na aparência física: a pele perde elasticidade causando o seu enrugamento; o enrijecimento dos tendões, a calcificação dos ligamentos e o achatamento do disco vertebral provocam a inclinação do corpo.

A estrutura e a composição das células musculares alteram-se, levando a um conseqüente decréscimo no funcionamento motor. O coração, sendo um músculo, é um dos órgãos afetados pelo avanço da idade. O pulmão é expandido, acompanhado da conseqüente redução e perda da elasticidade dos alvéolos e bronquíolos, sendo freqüentes os efisemas entre os idosos. Os rins tendem a falhar no seu trabalho de eliminar os resíduos produzidos pelo corpo, constituindo o motivo de grande número de mortes entre idosos. A mobilidade estomacal e o suco gástrico são reduzidos com o passar dos anos, implicando uma sobrecarga intestinal que, conjugada a uma dieta mal elaborada, contribui para a ocorrência da constipação, uma queixa freqüente entre os idosos. O sistema nervoso é alterado em função da redução do peso do cérebro e do número de células. Mudanças no metabolismo e na química, bem como um declínio no fluxo sanguíneo estão relacionados com a perda de células, o que remete a um imediato prejuízo do

funcionamento cognitivo e motor. Quanto às sensações e percepções, apresentam-se com o passar da idade, mudanças na visão (perda da acuidade e da cor na visão), na audição (déficits na audição que segrega ainda mais o idoso socialmente), na gustação e olfação (estão presentes as dificuldades em identificar corretamente objetos pelo cheiro ou gosto) (STEVENS-LONG, 1979 apud CUPERTINO, 1996).

Muitas das alterações físicas pelas quais os idosos passam em função do avanço da idade trazem dificuldades para eles desenvolverem atividades para as quais não tinham maiores problemas quando gozavam do vigor físico da juventude.

Um dos problemas mais comuns e mais restritivos experienciados pelos idosos é a redução da mobilidade. Os idosos freqüentemente caminham lenta e cautelosamente, sendo que alguns podem arrastar os pés. Muitos têm dificuldade em lidar com variações de nível ou em percorrer grandes distâncias. Quedas são muito perigosas podendo provocar fraturas que levam muito tempo para cicatrizar e que podem levar a outros problemas adicionais (STONEHAM & THODAY, 1994).

O avanço da idade traz freqüentemente uma gradual perda de agilidade, especialmente na capacidade de abaixar-se e esticar o corpo para desenvolver tarefas no nível do solo ou acima da altura da cabeça (STONEHAM & THODAY, 1994). Artrites também são muito comuns em pessoas da terceira idade. Este mal pode causar uma dolorosa degeneração das juntas e sérias restrições à mobilidade. Pessoas com artrite ou com outras limitações de destreza têm dificuldades para operarem controles e interruptores, segurarem maçanetas de portas e utilizarem ferramentas (AMERICAN ASSOCIATION OF RETIRED PERSONS, 1997).

A ocorrência de cegueira entre pessoas de idade avançada é bem mais elevada do que em outros grupos. Acima de 85 anos de idade, uma a cada 20 pessoas são cegas. As mudanças na visão se aceleram após os 50 anos e alcançam maior severidade após os 65 anos. Isto pode trazer maiores dificuldades para as pessoas visualizarem os objetos claramente. O cristalino do olho torna-se opaco e amarelado, afetando sua habilidade para diferenciar mais precisamente a relação entre as cores, especialmente entre a faixa azul-verde do espectro das cores. Isto traz problemas para pessoas de idade ajustarem o foco da visão a partir de um objeto nas mãos para outro localizado mais distante. Isto também dificulta a elas ajustarem o foco quando se movem de áreas mais iluminadas para áreas menos iluminadas e vice-versa.

Durante estes intervalos, elas podem ficar incapacitadas de visualizarem obstáculos como degraus ou móveis por exemplo (AMERICAN ASSOCIATION OF RETIRED PERSONS, 1997).

A perda de audição é uma deficiência muito comum entre os idosos. Eles comumente apresentam perdas na capacidade condutiva do som no interior do ouvido ou perdas no nervo sensitivo. A habilidade de ouvir, especialmente as altas frequências, declina gradualmente. Isto interfere na habilidade de ouvir uma conversa normal, e pessoas com perda de audição podem ser consideradas desatentas e isoladas da participação social (AMERICAN ASSOCIATION OF RETIRED PERSONS, 1997).

Segundo Kenshalo (1977 apud KALISH, 1981 apud CUPERTINO, 1996), a sensibilidade na palma da mão e na sola do pé diminui com o passar do tempo, enquanto nas outras partes do corpo parece inalterada. A sensibilidade nos dedos também diminui com o avançar da idade (THORNBURRY; MISTRETTA, 1980 apud KALISH, 1981 apud CUPERTINO, 1996). Verificam-se, ainda, alterações no sistema vestibular, tornando mais freqüente a ocorrência de tonturas e vertigens (CUPERTINO, 1996).

O desempenho psicomotor é afetado diretamente pelo decréscimo das capacidades sensitivas. O tempo de reação aumenta (considerando a quantidade de estimulação recebida e o tempo de processamento destas sensações, que seria aumentado), dificultando o desempenho de tarefas importantes da vida diária. Também contribuem para isto, as alterações e prejuízos no sistema nervoso central. Sendo assim, à medida que a tarefa vai se tornando mais complexa, o tempo de reação se prolonga, como, por exemplo, na atividade de dirigir e praticar esportes (BOTWICK, 1978 apud STEVENS-LONG, 1979 apud CUPERTINO, 1996).

2.2.2.2. O ambiente institucional

De acordo com Stevens-Long (1979 apud CUPERTINO, 1996), instituições para idosos apresentam três características distintas que se combinam de diferentes maneiras: a segregação (isolamento físico e uma política segregadora), tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora) e um grau acentuado de controle (limitação do grau de autonomia permitido).

A institucionalização implica um processo de adaptação a um novo ambiente, em que existem regras e normas a serem cumpridas, além da limitação física implícita (CUPERTINO, 1996).

Segundo Gomes (1983 apud CUPERTINO, 1996), a entrada do idoso na instituição pode constituir um trauma, e pode resultar em maiores sentimentos de infelicidade, dificuldades de adaptação e maiores dificuldades de comunicação com os outros, fatores que aceleram ainda mais o processo patológico do envelhecimento. Em uma pesquisa comparativa envolvendo idosos residentes em instituições e idosos não institucionalizados, este autor verificou ainda que estes primeiros se queixavam mais de solidão, apesar de que a maioria entre eles possuía a família residindo próximo à instituição.

“O fato de que o idoso não pode trazer suas mobílias e seus objetos pessoais, por não serem aceitos no ingresso à instituição, provoca uma diminuição na força e energia dos residentes no conseqüente enfrentamento com a vida diária” (CUPERTINO, 1996). Segundo Kalish (1981 apud CUPERTINO, 1996), esta inflexibilidade do arranjo do ambiente intensificaria o senso de desamparo e impotência dos residentes. Ou seja, a impossibilidade de demarcar e personalizar o território mais imediato do idoso, diminui o seu controle sobre a sua privacidade e identidade, assim como estes perdem o domínio do espaço.

Desta forma, ambientes específicos para idosos deveriam ter a preocupação de ser propiciadores de suporte em um período de adaptação, oferecendo um local que facilite o processo de melhora da saúde, orientação, controle, autonomia e personalização (CUPERTINO, 1996). Ambientes frios e desumanizadores acentuam o declínio na funcionalidade dos idosos, enquanto ambientes que favorecem o equilíbrio e adaptação, levam à estabilização do residente e até a sua melhora (CARP, 1987 apud CUPERTINO, 1996).

Para Ouslander (1990 apud CUPERTINO, 1996), ainda, instituições para idosos devem providenciar, entre outras coisas, um ambiente seguro e suportivo a idosos com déficits, manter o alto nível de funcionamento independente e preservar a autonomia individual.

A este respeito, é interessante observar os resultados da pesquisa realizada por Imamoglu & Kiliç (1999), envolvendo o estudo de instituições de baixa e alta qualidade na

Turquia. Para diferenciar instituições de alta qualidade de instituições de baixa qualidade, os autores basearam-se em critérios ligados a características físicas dos ambientes que proporcionam independência, autonomia e privacidade aos residentes. Os resultados desta pesquisa demonstraram que em instituições de maior qualidade os idosos apresentavam maior satisfação em relação à instituição, maior satisfação de vida e maior controle pessoal, além de um maior relocação voluntária (ou seja, um maior número de idosos afirmou ter escolhido viver na instituição por sua própria vontade).

3 METODOLOGIA

O presente capítulo dedica-se à apresentação e à descrição da metodologia utilizada pela pesquisa. Serão apresentados, inicialmente, os pressupostos, os objetivos, o problema e a estrutura da pesquisa. Na seqüência, serão descritas de forma detalhada as metodologias empregadas no desenvolvimento dos dois estudos de campo que compõem a pesquisa (levantamento preliminar e estudo de caso múltiplo).

3.1 PRESSUPOSTOS

A presente pesquisa está embasada nos seguintes pressupostos:

- A presença de espaços abertos é fundamental em instituições para idosos.
- O planejamento dos espaços abertos em instituições para idosos deve ser voltado ao atendimento das necessidades específicas de seus usuários.

3.2 OBJETIVOS

O principal objetivo do desenvolvimento desta pesquisa foi:

- Contribuir com a produção de informações destinadas a orientar o planejamento de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos, através do estudo das necessidades de seus usuários.

Como objetivo secundário, procurou-se ainda o seguinte:

- Obter um diagnóstico da situação dos espaços abertos junto às instituições para idosos que atendem a parcela mais carente dos idosos em Porto Alegre.

3.3 PROBLEMA DA PESQUISA

O problema da pesquisa pode ser resumido na seguinte questão:

- Como planejar e o que deve ser considerado no planejamento de espaços abertos para o cenário particular de instituições para idosos?

3.4 ESTRUTURA DA PESQUISA

A pesquisa está estruturada em três fases distintas: coleta de dados, análise de dados e apresentação dos resultados. A fase de coleta de dados é ainda composta por três etapas: pesquisa bibliográfica, levantamento preliminar e estudo de caso múltiplo. O fluxograma de desenvolvimento da pesquisa, bem como os produtos gerados em cada fase estão representados junto à Figura 2.

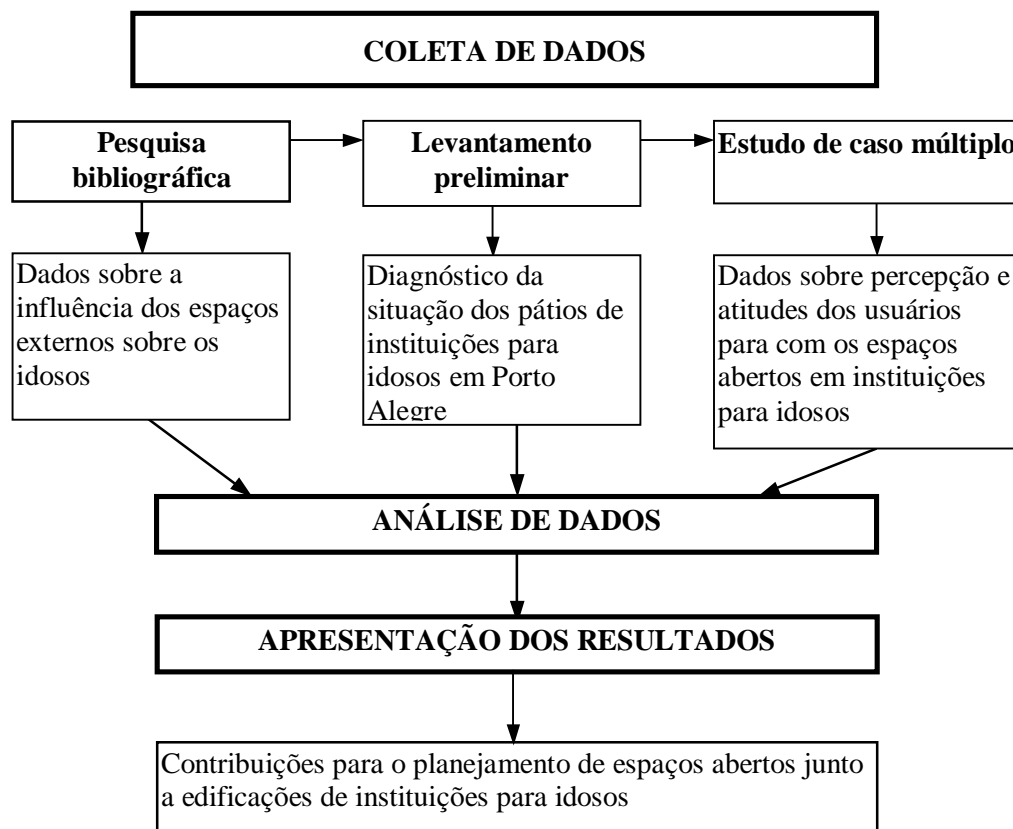


Figura 2: Fases da pesquisa e produtos gerados para cada fase

3.5 DETALHAMENTO DAS FASES DA PESQUISA

A seguir serão detalhados os métodos e procedimentos utilizados no desenvolvimento do levantamento preliminar e estudo de caso múltiplo que integram a pesquisa.

3.5.1 Levantamento preliminar

O levantamento preliminar desenvolvido como parte integrante desta pesquisa teve por objetivo diagnosticar a situação vigente nas instituições destinadas ao atendimento da parcela mais carente da população de idosos em Porto Alegre no que diz respeito à disponibilidade e à qualidade dos espaços abertos existentes junto às mesmas. Este estudo foi desenvolvido a partir da observação de características físicas dos espaços existentes em uma amostra previamente definida, registradas através de levantamento físico e fotográfico.

Além disso, o levantamento preliminar também teve o propósito de identificar as instituições que constituiriam os casos a serem estudados pelo estudo de caso múltiplo a ser desenvolvido na seqüência da pesquisa.

A metodologia utilizada na definição da amostra estudada e na realização dos levantamentos, bem como as discussões dos resultados deste trabalho, são apresentadas a seguir.

3.5.1.1. Amostragem

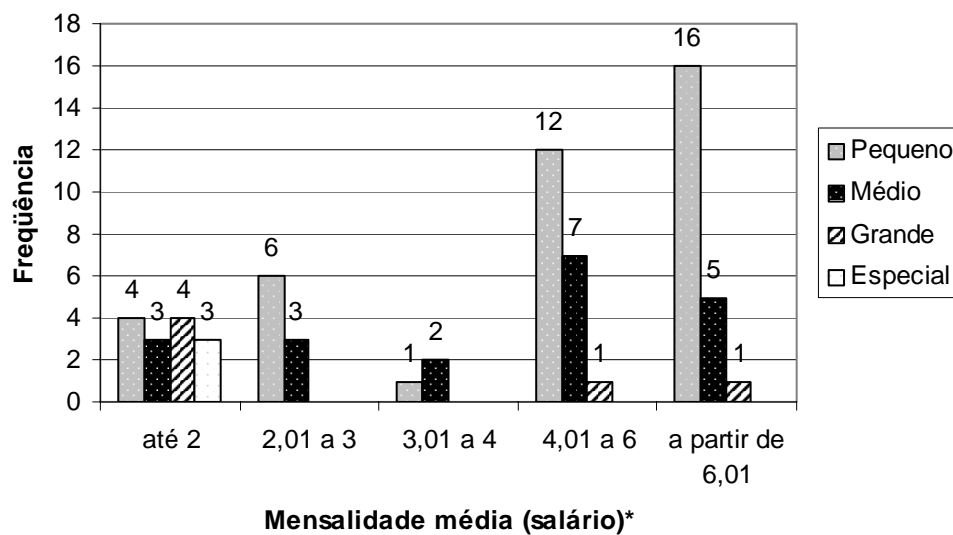
O processo de definição da amostra estudada partiu dos resultados do trabalho de Mello et al (2.000), que listou as instituições para idosos em atividade em Porto Alegre e levantou diversas informações a respeito das mesmas, conforme já mencionado anteriormente.

Tendo em vista que o projeto original da presente pesquisa visava focar a parcela mais carente das instituições para idosos, e lembrando que todas as instituições de Porto Alegre cobram algum valor de mensalidade de seus residentes, o primeiro critério utilizado para a definição da amostra foi o valor cobrado como mensalidade pelas instituições. Uma vez que no levantamento realizado por Mello et al (2.000) nem todas as instituições listadas forneceram dados relativos aos valores cobrados como mensalidade, a amostragem foi feita a partir da população total de 72 instituições que forneceram estas informações (dentre um total de 101 instituições listadas).

É importante ressaltar que o projeto original da pesquisa previa inicialmente a inclusão na amostra apenas das instituições de caráter filantrópico. No entanto, as informações fornecidas pelo trabalho de Mello et al (2.000) demonstraram que grande parte das instituições que se identificam como filantrópicas cobram valores de mensalidades bastante elevados. Estas informações foram confirmadas por técnicos da Equipe de Vigilância em Serviços de Saúde (EVSS) da Secretaria Municipal da Saúde, que recomendaram não utilizar o caráter filantrópico como um parâmetro de carência das instituições, visto que muitos destes títulos haviam sido conferidos no passado e em condições não muito claras. Decidiu-se, portanto, estabelecer um valor limite de mensalidade cobrada pelas instituições como critério para a composição da amostra.

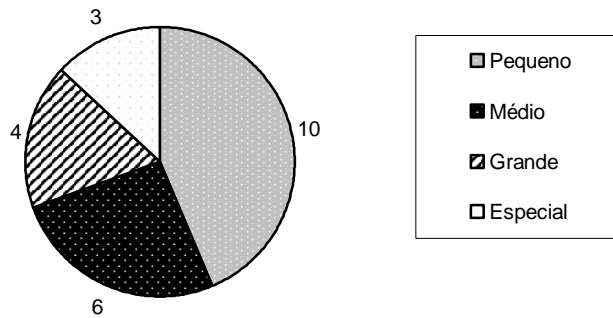
Para a determinação deste valor limite, cruzou-se as informações disponíveis relativas aos valores das mensalidades cobradas com um segundo critério considerado importante para a composição da amostra: o porte das instituições em função do número de leitos disponíveis. O porte das instituições foi considerado a fim de verificar a existência de possíveis variações no tamanho dos espaços abertos em função do número de leitos disponíveis em cada instituição. A classificação das instituições quanto ao porte seguiu o modelo proposto pelo Conselho Regional de Enfermagem (2000), que classifica as instituições em: pequeno porte (até 20 leitos), médio porte (de 21 a 40 leitos), grande porte (de 41 a 60 leitos) e porte especial (acima de 60 leitos).

O resultado do cruzamento das informações relativas ao porte das instituições com as informações relativas ao valor de mensalidades cobradas permitiu a distribuição das instituições conforme demonstrado na Figura 3. Pode-se observar aí uma distribuição mais homogênea das instituições quanto ao porte no intervalo de cobranças de mensalidades até 2 salários mínimos. Observa-se, ainda, que, a partir do valor de mensalidade de 3 salários mínimos, há uma queda brusca no número de instituições compreendidas no intervalo de 3 a 4 salários seguida de um rápido crescimento das instituições compreendidas no intervalo de cobranças de mensalidade seguinte. O intervalo compreendido entre 3 a 4 salários pode ser claramente visualizado como um divisor das instituições quanto ao valor de mensalidade média cobrada. Tal constatação, associada à intenção inicial de trabalhar com a parcela mais carente do público idoso institucionalizado e à busca por uma amostra mais homogênea para o desenvolvimento da pesquisa, levou à decisão de trabalhar com a faixa de instituições compreendida nos dois primeiros intervalos de valores de mensalidades cobradas, ou seja, estipulando-se um valor médio máximo de cobrança de 3 salários mínimos (com base no mês de março de 2.001). Desta forma, chegou-se a uma população de estudo de 23 instituições (Figura 4) assim composta: 10 instituições de pequeno porte, 6 de médio porte, 4 de grande porte e 3 de porte especial.



*com base no salário mínimo de março de 2.001 (R\$ 150,00)

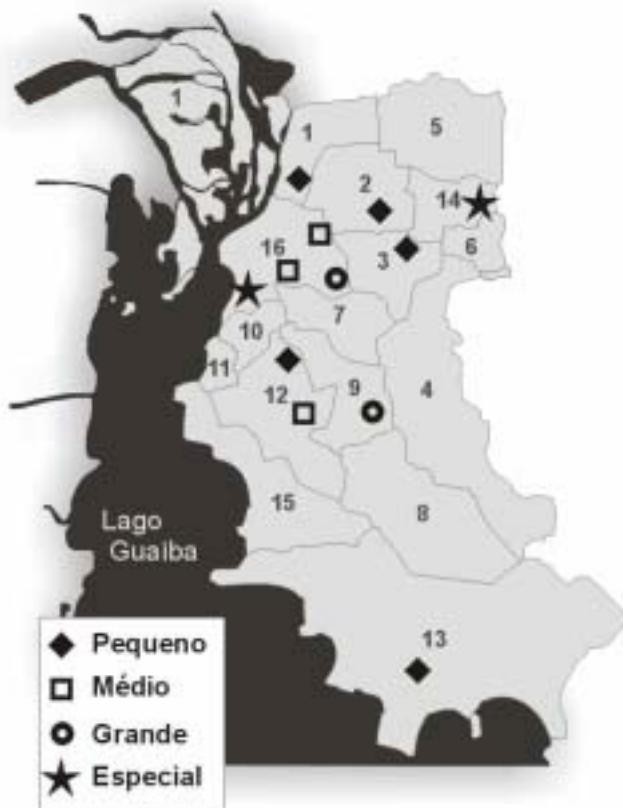
Figura 3: Distribuição das instituições para idosos quanto às mensalidades cobradas e quanto ao porte



Instituições que cobram até 3 salários mínimos de

Figura 4: Composição da população de estudo quanto ao porte

A amostragem foi feita a partir de 50% desta população, resultando numa amostra composta por 12 instituições assim distribuída: 5 instituições de pequeno porte, 3 de médio porte, 2 de grande porte e 2 de porte especial. A definição das instituições participantes da amostra a partir desta população de estudo, no entanto, não foi realizada por simples sorteio e sim com base em um terceiro critério: a localização da instituição. Este critério foi utilizado a fim de se obter maior representatividade da amostra em relação às variáveis do espaço urbano. Desta forma, para compor a amostra procurou-se selecionar instituições distribuídas em diferentes regiões do Município, tomando-se por base o zoneamento orçamentário de Porto Alegre. A distribuição final das instituições selecionadas em relação às diferentes regiões orçamentárias de Porto Alegre pode ser visualizada no mapa apresentado na Figura 5.



*Regiões de Porto Alegre:

- 1-Humaitá/Navegantes/Ilhas;
- 2-Noroeste;
- 3-Leste;
- 4-Lomba do Pinheiro;
- 5-Norte;
- 6-Nordeste;
- 7-Partenon;
- 8- Restinga;
- 9-Glória;
- 10-Cruzeiro;
- 11-Cristal;
- 12- Centro Sul;
- 13- Extremo Sul;
- 14-Eixo Baltazar;
- 15-Sul;
- 16- Centro.

Figura 5: Distribuição da amostra para diferentes regiões de Porto Alegre*

3.5.1.2. Levantamentos

O estudo incluiu a realização de levantamento físico e fotográfico dos espaços abertos (ou pátios) para cada uma das instituições componentes da amostra. O levantamento físico foi desenvolvido a fim de se obter o registro gráfico das áreas estudadas em planta baixa e incluiu a realização de medições para o levantamento das seguintes informações: delimitações da área, orientação solar do terreno, localização e delimitações das edificações, localização de caminhos e caracterização dos revestimentos de pisos das áreas externas, localização e caracterização de equipamentos e elementos arquitetônicos (bancos, floreiras, pergolados, etc.), localização e caracterização da vegetação existente quanto ao porte e quanto ao uso, entre outros. O levantamento fotográfico foi realizado com a intenção de apoiar o registro das características visuais das áreas em estudo para facilitar o trabalho de análise dos dados.

Estes levantamentos foram feitos nos respectivos locais, após contato prévio com as administrações das instituições através de telefone, carta e /ou visita de apresentação. A grande maioria das instituições componentes da amostra original aceitou participar da pesquisa sem maiores restrições. Apenas duas instituições de pequeno porte tiveram que ser substituídas por outras de perfil semelhante, sendo que uma delas não aceitou participar da pesquisa e a outra havia mudado de endereço e telefone recentemente, sem fornecer sua nova localização para as autoridades municipais competentes, o que impediu as tentativas de contato com a mesma.

3.5.2 Estudo de caso múltiplo

No levantamento preliminar, realizado durante a fase anterior da presente pesquisa, desejava-se investigar as condições vigentes nos espaços abertos existentes junto às instituições que atendem o público idoso de menor poder aquisitivo em Porto Alegre. As informações geradas por esta etapa foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, já que não se dispunha de nenhum estudo anterior semelhante que pudesse servir como referência para a mesma. Os resultados deste levantamento, no entanto, não permitem o entendimento mais profundo das possíveis relações existentes entre os idosos institucionalizados e os cenários físicos nos quais estão inseridos, considerado fundamental para os propósitos desta pesquisa.

Se por um lado não seria possível atingir o nível de discernimento necessário a este propósito tomando por base somente os dados coletados durante o referido levantamento (que se concentrou sobre aspectos físicos gerais dos espaços abertos), por outro, o estudo detalhado de todas as instituições levantadas seria inviável, uma vez que um trabalho destas proporções seria totalmente incompatível com os recursos e com o tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa. Tendo em vista estas considerações, optou-se pela utilização do método de estudo de caso múltiplo, considerado, por suas características, bastante adequado ao nível de complexidade envolvido no estudo das relações pessoas-ambiente.

De acordo com Yin (1994), o estudo de casos é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida real, onde as

fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidência são usadas.

Algumas das vantagens do estudo de caso são (GIL, 1991 apud YIN,1994):

- *estímulo a novas descobertas*: em virtude da flexibilidade do planejamento do estudo de caso, o pesquisador se mantém atento a novas descobertas ao longo do processo. É freqüente o pesquisador dispor de um plano inicial e, ao longo da pesquisa, ter seu interesse despertado por outros aspectos que não havia previsto. E, muitas vezes, o estudo destes aspectos torna-se mais relevante para a solução do problema do que os considerado inicialmente. Daí porque o estudo de caso ser altamente recomendado para a realização de estudos exploratórios.
- *A ênfase na totalidade*. No estudo de caso, o pesquisador volta-se para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo. Desta forma supera-se um problema muito comum, sobretudo nos levantamentos em que a análise individual da pessoa desaparece em favor da análise de *traços*.
- *A simplicidade dos procedimentos*. Os procedimentos de coleta e análise adotados no estudo de caso, quando comparados com os exigidos por outros tipos de delineamento, são bastante simples. Da mesma forma, os relatórios dos estudos de caso caracterizam-se pela utilização de uma linguagem e de uma forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa.

Uma das desvantagens do estudo de casos, no entanto, é a dificuldade de generalização dos dados obtidos. Pode ocorrer que a unidade escolhida para investigação seja bastante anormal em relação às muitas de sua espécie. Naturalmente, os resultados da pesquisa tornar-se-ão bastante equivocados (GIL, 1991 apud YIN,1994).

O estudo de casos que será apresentado a seguir teve, portanto, a intenção de fazer um mergulho na realidade de duas instituições para idosos, selecionadas a partir da população estudada no levantamento preliminar anteriormente referido. A partir deste trabalho,

procurou-se estudar, através da utilização de múltiplas fontes de evidência, as relações entre os espaços disponíveis e a maneira como eles são percebidos e utilizados, principalmente pelos idosos, seus principais usuários. Contudo, reconhece-se, desde já, a limitação dos resultados que serão apresentados na seqüência no que diz respeito a sua generalização para outras instituições. Como ficou evidente durante o desenvolvimento do levantamento preliminar, as instituições para idosos em Porto Alegre são bastante heterogêneas, sendo que cada uma constitui um universo repleto de particularidades (instalações físicas disponíveis, políticas administrativas, estado físico e mental dos idosos, situação sócio-econômica dos idosos, situação legal junto aos órgãos fiscalizadores, etc.). Acredita-se, no entanto, que estes resultados possam lançar algumas luzes sobre este tema ainda pouco explorado, bem como servir de inspiração e estímulo para a realização de pesquisas futuras que visem aprofundar a discussão sobre o mesmo.

3.5.2.1. Seleção dos casos

Os casos estudados foram selecionados dentre o universo de instituições visitadas durante a fase de levantamento preliminar com base nas informações levantadas pelo mesmo.

O projeto original da pesquisa previa a inclusão no estudo de caso múltiplo de três perfis de instituições quanto ao tamanho do pátio: com pátios muito pequenos ou inexistentes, com pátios pequenos ou limitados em termos de possibilidades de uso e com pátios grandes ou com maiores possibilidades de uso. Durante o levantamento, foram estudadas instituições de diferentes portes quanto ao número de leitos e localizadas em diferentes regiões da cidade a fim de se verificar a ocorrência de pátios de diferentes tamanhos. De fato, os resultados deste trabalho revelaram a ocorrência dos três perfis de pátios previstos originalmente, embora as condições encontradas tenham sido bastante variadas e não necessariamente vinculadas ao porte das instituições, como será discutido no capítulo 4 deste relatório.

No entanto, uma nova variável não prevista foi detectada durante o levantamento, modificando significativamente a direção da fase de estudo de caso múltiplo e, conseqüentemente, dos critérios de seleção dos casos a serem estudados pela mesma.

Observaram-se, nas instituições visitadas, altos índices de ocorrência de problemas mentais entre os idosos. Embora não se tenha levantado dados específicos sobre estes problemas durante as visitas e mesmo não sendo especialista na área, percebeu-se que estes problemas tinham diversas origens, em alguns casos, inclusive, não advindas do processo de envelhecimento. Uma vez que o objetivo do emprego de estudo de caso múltiplo na pesquisa era investigar as relações entre os usuários e os espaços abertos das instituições e que isto envolveria necessariamente estudos de percepção, concluiu-se que: a inclusão de instituições com perfis vinculados a ocorrência elevada de idosos com problemas mentais no estudo de casos exigiria o entendimento das necessidades específicas desta parcela importante de usuários. Porém, o estudo destas necessidades exigiria do pesquisador um aprofundamento sobre as patologias mentais típicas do envelhecimento, além do acompanhamento de um profissional especializado na área e da aplicação de métodos específicos de investigação da percepção de indivíduos com a percepção alterada. Embora as instituições que apresentam este perfil pareçam ser bastante representativas da realidade existente hoje em Porto Alegre, sua inclusão no estudo de caso múltiplo, foi, portanto, considerada inviável para esta pesquisa tendo em vista as limitações impostas pelo cronograma da mesma.

A presença significativa de idosos com problemas mentais em instituições asilares também foi evidenciada no trabalho de Cupertino (1996). Durante a realização de estudos de avaliação pós-ocupação (APO) em uma amostra de 6 instituições localizadas no Distrito Federal, de um total de 475 idosos institucionalizados, apenas 76 foram declarados capazes por seus cuidadores de responder coerentemente às entrevistas que faziam parte do estudo da pesquisadora.

Desta forma, no presente estudo, o perfil das instituições quanto ao estado de sanidade mental dos idosos foi considerado prioritário para a seleção dos casos a serem estudados. Partindo-se deste critério, foi possível a seleção de duas instituições dentre a amostra avaliada pelo levantamento preliminar. Tratam-se de instituições que trabalham apenas com idosos do sexo feminino e se identificam como “lar para senhoras”. Para ambas, um dos critérios básicos para admissão de novos moradores é ser independente, ou seja, ser auto-suficiente em relação à higiene pessoal, alimentação e cuidados com objetos pessoais, não sendo, portanto, admitidas senhoras com graves problemas mentais. Além disso, como será melhor discutido

mais adiante, as duas instituições possuem objetivos e formas de administração bastante semelhantes.

Diferenças bastante marcantes entre as duas instituições podem ser observadas, no entanto, em relação aos espaços externos oferecidos aos idosos. Uma das instituições, que será chamada de “A” durante a fase de estudo de caso múltiplo, é uma instituição de médio porte, com 22 leitos disponíveis, localizada em bairro distante do centro e que apresenta amplos espaços abertos, com muitas possibilidades de uso. A outra instituição, que será chamada de “B”, é uma instituição de grande porte, com 42 leitos disponíveis, localizada em região central da cidade e que apresenta espaços abertos bem mais limitados em termos de dimensões e em termos de possibilidades de uso. Esta diferença é particularmente interessante para o estudo aqui proposto, uma vez que se deseja estudar, entre outros aspectos, as relações dos usuários com diferentes condições de espaços abertos.

3.5.2.2. Coleta de dados

A coleta de dados do estudo de caso múltiplo se baseou nas seguintes fontes de evidência: levantamentos físicos das áreas, consultas a registros de arquivos das instituições, entrevistas e observações.

3.5.2.2.1. *Levantamentos físicos*

Uma vez que as instituições participantes do estudo de caso múltiplo fizeram parte do levantamento preliminar descrito anteriormente, os levantamentos físicos das áreas (medições) já se encontravam praticamente concluídos, sendo apenas complementados com algumas informações que demonstraram ser relevantes durante o desenvolvimento do estudo. Também já havia sido realizado anteriormente o registro fotográfico dos espaços abertos das instituições estudadas. Posteriormente, durante o desenvolvimento do estudo de casos propriamente dito, realizou-se o registro fotográfico de outros aspectos que ainda não haviam sido registrados e que

demonstraram ser relevantes para a pesquisa tais como: características gerais das edificações, vistas para o exterior a partir do interior das edificações e partes do pátio mais e menos utilizadas pelos idosos (reveladas através da aplicação de entrevistas e observações).

3.5.2.2.2. Registros de arquivos

Para o levantamento de informações relativas ao histórico das instituições e aspectos administrativos e organizacionais, foram consultados documentos de arquivo e realizadas entrevistas com os administradores das instituições, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas.

3.5.2.2.3. Entrevistas

Foram aplicadas entrevistas com diferentes tipos de usuários potenciais dos espaços abertos destas instituições: idosas (já que ambas instituições trabalham apenas com mulheres), administradores, funcionários e visitantes (incluindo tanto familiares dos idosos como visitantes sem vínculo familiar).

Cabe salientar que optou-se pela utilização de entrevistas de respostas abertas ao invés da aplicação de questionários fechados, em função do caráter exploratório da pesquisa. Ou seja, tendo em vista a ausência de trabalhos anteriores que pudessem servir como diretriz no sentido de identificar possíveis categorias de respostas para um questionário fechado, a entrevista com respostas abertas foi considerada mais adequada. Trabalhando com questões abertas, a entrevista permite que os próprios entrevistados forneçam as alternativas de respostas e indiquem o que realmente é importante para ser pesquisado, evitando que pesquisador procure “adivinhar” quais seriam as respostas.

Foram utilizados dois modelos de entrevistas: um para as idosas e outro para os demais personagens das instituições (Apêndice 2). O modelo de entrevista utilizado para as idosas continha 11 perguntas relacionadas à: importância atribuída à presença dos espaços

abertos nas instituições; utilização do pátio pelas idosas; preferências e aspirações em relação ao pátio. O modelo utilizado para os demais personagens continha as mesmas 11 perguntas, porém não dirigidas diretamente aos entrevistados e sim à investigação sobre a sua percepção em relação às idosas. Ou seja, as perguntas durante as entrevistas eram feitas de maneira a compreender qual a importância que administradores, funcionários e visitantes atribuem à presença dos espaços abertos nas instituições para as idosas, como eles observavam a utilização destes espaços pelas idosas, e o que eles consideram importante em um pátio para idosas. A este modelo de entrevista foram acrescentadas mais duas perguntas (totalizando uma entrevista de 13 perguntas) destinadas, aí sim, a estudar estes personagens na posição de usuários. Embora se tenha utilizado o mesmo modelo de entrevista para administradores, funcionários e visitantes, a identificação do grupo a que pertencem foi mantida a fim de auxiliar as discussões dos resultados obtidos.

Antes de serem realizadas as entrevistas junto às instituições participantes do estudo de caso múltiplo, os modelos de entrevistas foram submetidos a um teste piloto. Desta forma, estes modelos foram aplicados, em um primeiro momento, a uma terceira instituição não participante do estudo, a fim de verificar a sua eficiência para o propósito da pesquisa e realizar os ajustes necessários antes de sua aplicação definitiva (a instituição à qual foi aplicada a entrevista piloto, também foi escolhida dentre aquelas visitadas durante o desenvolvimento do levantamento preliminar).

É interessante ressaltar que, durante a aplicação da entrevista piloto, observou-se que as respostas dos entrevistados, principalmente do grupo dos idosos, eram bastante influenciadas pelo clima. Assim, observou-se que dias nublados, muito frios ou chuvosos interferiam negativamente na percepção dos idosos sobre o pátio. Ou seja, pelo fato de fazerem pouco uso do pátio nestas condições, quando entrevistados em dias “ruins”, os idosos desviavam suas respostas para outros aspectos da vida da instituição, como se o pátio não fizesse parte do seu cotidiano. Um exemplo desta situação, verificada em um trecho de uma entrevista realizada em um dia frio chuvoso, deixa bem clara a influência do clima nas respostas dos idosos. Após ser questionado sobre a importância de se dispor de um pátio na instituição, um dos idosos

entrevistados falou sobre as áreas de lazer disponíveis no interior da edificação. Após o entrevistador insistir, repetindo a mesma pergunta, o idoso respondeu:

”Ah...nem pensei nisso aí (o pátio). Porque tem esse pátio, mas nós quase nem usamos agora...tem os bancos, mas aí se usa mais no tempo do calor mesmo, então pega uma sombra, a gente senta num banco daqueles...Agora já está criando até mato em volta dos bancos”.

A fim de evitar variações nas respostas em função da influência do clima, decidiu-se, portanto, realizar as sessões de entrevistas nas instituições participantes do estudo de caso múltiplo somente nos meses de primavera e apenas em dias “bons”, ou seja, dias de sol numa seqüência de, pelo menos, dois dias sem chuva. Este procedimento, embora tenha se demonstrado eficiente para o propósito da pesquisa, impediu a realização de um número maior de entrevistas, uma vez que o período previsto pelo cronograma da pesquisa para aplicação das entrevistas (setembro, outubro e novembro de 2001) foi marcado por chuvas abundantes.

O número de entrevistas a ser realizado em cada instituição foi determinado principalmente em função da disponibilidade de tempo do pesquisador em relação ao cronograma da pesquisa. A fim de se obter uma amostra significativa de entrevistados em relação ao universo de pesquisa, no entanto, alguns cuidados foram tomados. Desta forma, para a instituição A, estipulou-se como número de idosas a serem entrevistadas o correspondente a 50% do número de residentes, ou seja, 11 pessoas. Para a instituição B, que apresenta um número de leitos bem superior, não sendo possível entrevistar 50% das residentes em função do tempo disponível, determinou-se que seria entrevistado, no mínimo, número de idosas equivalente à instituição A. Para ambas instituições ficou estipulado ainda que seriam entrevistados seus respectivos administradores e, para os grupos compostos por funcionários e visitantes, o máximo número de pessoas possível.

O número final de entrevistados para cada instituição e para cada grupo pode ser visualizado na Tabela 1. Não houve dificuldades em se encontrar respondentes do grupo das idosas dispostas a participar da pesquisa, alcançado-se sem dificuldades o número de entrevistas necessário. Também não se encontrou dificuldade nas entrevistas com os administradores ou

funcionários, porém o número de visitantes entrevistados ficou aquém do esperado. Ao longo da pesquisa, observou-se que as visitas mais comuns em ambas instituições eram de pessoas sem vínculo familiar com as residentes e que prestavam algum trabalho voluntário. Visitas de familiares eram mais raras e, na maioria das vezes, muito rápidas, sendo que as pessoas normalmente não dispunham de tempo para responder a entrevista. De acordo com os administradores das instituições, o contato com a família ocorre mais comumente fora da instituição. Este contato ocorre, por exemplo, quando os filhos ou irmãos buscam as idosas na instituição para passarem um final de semana ou o período de férias junto à família.

Tabela 1: Número de entrevistas por instituição e por grupo de respondentes

| Instituição | Idosas | Administradores | Funcionários | Visitantes | Total |
|--------------------|---------------|------------------------|---------------------|-------------------|--------------|
| A | 11 | 1 | 3 | 5 | 20 |
| B | 12 | 1 | 5 | 6 | 24 |
| Total | 23 | 2 | 8 | 11 | 44 |

A média de idade das idosas entrevistadas foi de 81,6 para a instituição A e 77,5 para a instituição B. Já para os informantes do grupo da classe dos não idosos (administradores, funcionários e visitantes), as médias de idade foram de 42 para a instituição A e 45,7 para a instituição B.

Os primeiros entrevistados de cada instituição foram os seus respectivos administradores. Os demais personagens foram entrevistados posteriormente, sem seguir uma ordem pré-estabelecida por grupo de respondentes. As entrevistas simplesmente eram realizadas de acordo com a disponibilidade das pessoas em responder a entrevista nas ocasiões das visitas realizadas pelo pesquisador.

Dentro do grupo das idosas, foram entrevistadas apenas aquelas senhoras que se encontravam em pleno domínio de suas faculdades mentais. Assim, a seleção das idosas a serem entrevistadas foi realizada da seguinte forma: as primeiras duas ou três idosas a serem entrevistadas em cada instituição foram indicadas pelas diretorias das instituições;

posteriormente, as próprias idosas indicavam o nome da próxima idosa a ser entrevistada. Concluídas as entrevistas, conferiu-se com as diretorias das instituições os nomes das idosas entrevistadas a fim de verificar se, de fato, elas estavam aptas a responder coerentemente a entrevista, evitando-se assim possíveis distorções nas respostas.

Em ambas instituições, as entrevistas eram aplicadas em salas cedidas pela administração, onde era possível realizar as entrevistas individualmente, sem a interferência da entrada ou saída de outras pessoas, procurando-se deixar os entrevistados absolutamente à vontade para responder as perguntas. A aplicação das entrevistas era realizada após a apresentação do pesquisador e uma breve explanação dos objetivos da entrevista. A fim de evitar distorções nas respostas dos entrevistados, o pesquisador se limitou a explicar que as entrevistas faziam parte de uma pesquisa com instituições para idosos e que os resultados seriam utilizados para sugerir melhorias em instituições desta natureza. Os entrevistados eram ainda informados que as entrevistas não seriam identificadas pelo nome do entrevistado, mantendo-se o sigilo de todas as declarações realizadas durante as mesmas. As sessões de entrevistas tinham duração de 15 a 30 minutos, sendo todas gravadas em fita micro-cassete mediante a autorização prévia dos entrevistados. Durante as entrevistas, também foram utilizadas pelo pesquisador as plantas baixas dos pátios das instituições, onde os entrevistados eram solicitados a apontarem os locais do pátio mais utilizados e menos utilizados pelas idosas. Embora as plantas baixas estivessem em escala adequada para permitir a sua visualização, algumas idosas tiveram dificuldades em utilizá-las para responder a solicitação do pesquisador. Estas idosas preferiram descrever verbalmente estes locais, o que não consistiu em problema para o pesquisador, que pôde identificá-los facilmente através destas informações.

3.5.2.2.4. Observações

Em ambas instituições estudadas, foram realizadas observações de traços e observações comportamentais.

As observações de traços consistiram na identificação de traços físicos que pudessem auxiliar no esclarecimento de questões relacionadas à utilização do pátio pelas idosas. Este tipo de observação foi realizado por ocasião do levantamento físico e fotográfico da área, sendo ocasionalmente complementado durante os períodos de visita às instituições para aplicação das entrevistas.

As observações comportamentais foram realizadas informalmente durante todo o período de desenvolvimento da pesquisa junto às instituições. Ou seja, em todas as ocasiões em que as visitas foram realizadas, o pesquisador aproveitou o tempo de permanência nas instituições para observar a utilização do pátio pelas idosas (desde os primeiros contatos com os administradores, passando pelos levantamentos físicos das áreas até a aplicação das entrevistas). Com o passar do tempo, tanto as idosas como as equipes de funcionários, passaram a se familiarizar com a presença do pesquisador, o que facilitou o desenvolvimento das observações de seus hábitos para com os espaços abertos. O pesquisador pôde passar a percorrer as instituições mais livremente, sem despertar tanto a atenção das pessoas. Esta familiaridade algumas vezes permitiu a realização de algumas observações realmente participantes, uma vez que o pesquisador foi convidado pelas próprias idosas a sentar no pátio para conversar ou a percorrer o pátio e observar as plantas cultivadas por algumas senhoras. As observações geralmente eram registradas em bloco de anotações, ou, quando não era possível fazê-lo no mesmo momento, eram registradas posteriormente de forma direta no computador.

3.5.2.3. Sistematização dos dados

Para facilitar o processo de análise, os dados coletados através das entrevistas foram submetidos a um processo de sistematização.

Inicialmente, as gravações das entrevistas com os diferentes personagens das instituições foram transcritas e impressas. Após, para cada entrevista, foram identificadas as palavras-chaves que melhor respondiam cada uma das perguntas. Para cada nova palavra-chave retirada das transcrições das entrevistas era criada uma nova matriz ou grade de respostas onde

era registrado todo respondente cuja resposta estava associada a esta palavra-chave. Este procedimento resultou na relação de um total de 288 palavras-chaves. A fim de permitir a análise estatística dos resultados, estas palavras-chave foram ainda agrupadas, de acordo com a similaridade entre as mesmas, em grandes categorias de respostas (Apêndice 3). A determinação da similaridade entre palavras-chave para formar uma categoria de respostas foi feita através da dedução do próprio pesquisador, baseando-se nas informações coletadas pela pesquisa bibliográfica e nas observações realizadas durante a pesquisa.

Para fins de análise, os respondentes foram divididos em dois grandes grupos: idosas (composto pelas idosas residentes nas instituições) e não idosos (composto por administradores, funcionários e visitantes). Cabe salientar que as respostas relativas aos três sub-grupos que compõem o segundo grande grupo, devido ao pequeno número de entrevistados, foram reunidas para permitir a análise estatística dos dados.

3.5.2.4. Análise dos dados

Dada a natureza qualitativa da pesquisa de estudo de caso múltiplo aqui desenvolvida, a análise é desenvolvida a partir da discussão que os temas e os dados suscitam (conforme procedimento recomendado para análise de dados qualitativos por VICTORA et al, 2000). Esta discussão é desenvolvida a partir do cruzamento dos dados das diferentes fontes de evidência utilizadas (registros de arquivos, levantamentos físicos, entrevistas e observações), procurando-se sempre ter em vista a totalidade de fatores envolvidos na análise do problema. A análise do estudo é feita, sobretudo, a partir da percepção do pesquisador sobre as conexões existentes entre os dados coletados e entre estes e o referencial teórico da pesquisa (representado pela revisão bibliográfica). Embora a presente pesquisa não se trate de um estudo etnográfico¹, o método de análise aqui utilizado apresenta algumas semelhanças em relação ao método utilizado

¹ “O método etnográfico de pesquisa é um conjunto de concepções e procedimentos utilizados tradicionalmente pela Antropologia para fins de conhecimento científico da realidade social. Para tanto, torna-se fundamental se entender *o ponto de vista do nativo*, procurando o significado das práticas pesquisadas para os participantes. A abordagem etnográfica toma como base a idéia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados tomando-se como referência o contexto social onde eles atuam. Partindo do princípio de que as regras do

por este tipo de estudo, a medida em que procura enfatizar a totalidade de fatores envolvido no problema, procurando analisá-lo a partir de seu contexto real.

Como suporte à análise dos dados das entrevistas, foram utilizados os seguintes recursos: apresentação de citações de trechos de entrevistas, frequências brutas e percentuais de respostas e gráficos obtidos através da aplicação do método estatístico denominado Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

A opção pelo método de Análise Fatorial de Correspondência (AFC), bem como a aplicação do mesmo aos dados coletados através das entrevistas, teve a orientação e a participação do Núcleo de Assessoria Estatística da Faculdade de Matemática da UFRGS. Para se proceder à análise, utilizou-se o software SPSS versão 8.0.

A AFC é uma técnica estatística que permite medir e visualizar, de modo gráfico, o grau de associação entre um conjunto de variáveis qualitativas para uma determinada população. Esta técnica busca uma medida que nos indica se há tendências para determinadas associações. O gráfico gerado pela técnica de AFC não indica uma relação de causa e efeito. É uma técnica adequada para explorar graficamente tabelas de contingência, levando o investigador a perceber associações possíveis e interpretá-las (LEAL et al, 1995; LEAL & FACHEL, 2000). É uma técnica exploratória, mais destinada a gerar hipóteses do que a testá-las. Foi delineada para dados categóricos, que costumam ser organizados em tabelas de contingência. O método visa analisar a associação entre duas ou mais variáveis categóricas e permite visualizar mais facilmente a relação entre cada linha e cada coluna (JACQUES, 1991).

comportamento humano não estão explícitas, o trabalho do pesquisador deve ser o de examinar minuciosamente os diversos aspectos da vida dos diferentes grupos sociais” (VÍCTORA et al, 2000).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DO LEVANTAMENTO PRELIMINAR

As discussões aqui apresentadas baseiam-se nas plantas baixas das áreas, obtidas através dos levantamentos físicos anteriormente mencionados, bem como em fotografias e outras informações coletadas nos locais estudados. As plantas baixas das áreas indicam a configuração básica dos espaços existentes e são apresentadas junto aos anexos deste relatório (Apêndice 1), caso o leitor sinta necessidade de consultá-las para uma melhor compreensão das discussões que serão apresentadas a seguir. Características dos espaços que forem referidas no texto serão, no entanto, ilustradas junto ao mesmo através de fotografias.

A fim de facilitar a discussão dos resultados deste estudo, os mesmos serão apresentados de acordo com os seguintes aspectos analisados durante o trabalho: disponibilidade de espaços abertos, possibilidades de utilização, acessibilidade e segurança, e vegetação.

4.1 DISPONIBILIDADE DE ESPAÇOS ABERTOS

Na Tabela 2 pode-se visualizar a disponibilidade de espaços abertos para cada uma das instituições componentes da amostra.

Observa-se uma grande variação nas áreas externas totais (AET) entre instituições do mesmo porte. Pode-se verificar, ainda, que as variações de área encontradas são muito mais influenciadas pela localização do que pelo número de leitos da instituição. Desta forma, com exceção das instituições de porte especial (E), para todos demais portes estudados, verifica-se que as maiores áreas disponíveis ocorrem nas regiões mais distantes do centro, enquanto o inverso ocorre para as instituições localizadas em áreas próximas ao centro da cidade. Já, ao analisar-se a relação entre as áreas externas totais e o número de leitos disponível (AET/nº de leitos), observa-se variações muito mais marcantes entre instituições do mesmo porte do que entre portes diferentes. Este resultado contraria as expectativas mantidas no início do desenvolvimento da pesquisa, segundo as quais se esperava encontrar uma relação diretamente proporcional entre áreas externas e número de leitos disponíveis.

Tabela 2: Disponibilidade de espaços abertos e localização das instituições estudadas de acordo com as regiões de Porto Alegre

| Porte | Instituição | Nº leitos | AET (m ²) | AET(m2) /nº de leitos | ADI (m ²) | ADI(m ²) / nº de leitos | Região* |
|----------|-------------|-----------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------------------------------------|---------|
| P | P1 | 15 | 3.470 | 231,3 | 2.974,2 | 198,28 | R2 |
| | P2 | 09 | 324 | 36,0 | 273,4 | 30,4 | R13 |
| | P3 | 15 | 44,4 | 3,0 | 21,0 | 1,4 | R1 |
| | P4 | 20 | 215,8 | 10,9 | 13,7 | 0,7 | R3 |
| | P5 | 13 | 90,8 | 7,0 | 9,9 | 0,8 | R12 |
| M | M1 | 24 | 103 | 4,3 | 51,3 | 2,1 | R16 |
| | M2 | 23 | 211 | 9,2 | 106 | 4,6 | R16 |
| | M3 | 22 | 5.463,4 | 248,34 | 3.510,2 | 159,5 | R12 |
| G | G1 | 42 | 891 | 21,2 | 230,1 | 5,5 | R16 |
| | G2 | 57 | 12.611,6 | 221,3 | 9.237,7 | 162 | R9 |
| E | E1 | 160 | 9.136 | 57,1 | 3.477,9 | 21,7 | R16 |
| | E2 | 83 | 4.658 | 56,12 | 1.122,3 | 13,5 | R14 |

P- pequeno porte; M – médio porte; G – grande porte e E – porte especial

AET- Área Externa Total; ADI- Área Disponível para os Idosos

*** Ver identificação e localização das regiões junto à Figura 5.**

Para todas as instituições estudadas, verificou-se uma relação AET/nº de leitos maior do que 1 m²/leito. Chama-se atenção para este fato devido a única menção feita pela portaria nº 810 do Ministério da Saúde em relação a presença de áreas externas em instituições para idosos. Apenas lembrando o que já foi comentado anteriormente, de acordo com esta portaria, toda instituição deve contar com uma área mínima de 1m² de espaço destinado à recreação e lazer, “inclusive de localização externa”, por leito instalado. Embora este valor seja extremamente reduzido, tratando-se de áreas externas, se a exigência do mesmo for aplicada apenas ao valor bruto das áreas externas disponíveis nas instituições estudadas, todas elas estariam adequadas à legislação.

É importante ressaltar, no entanto, que nem todas as áreas externas existentes nas instituições estão disponíveis para os idosos. Junto à Tabela 2, ainda, pode-se observar, para cada instituição, as áreas potencialmente disponíveis para os idosos (ADI). Para calcular estas áreas, foram subtraídos das áreas externas das instituições todos os espaços utilizados para circulação, para o desenvolvimento de serviços ou ainda inacessíveis para os idosos (como áreas excessivamente íngremes).

Os casos mais críticos em termos de áreas externas disponíveis para os idosos foram observados junto a três instituições de pequeno porte (P3, P4 e P5). Estas três instituições apresentam perfil bastante semelhante: todas são edificações unifamiliares, adaptadas para o atual uso; tratam-se de imóveis alugados e são administradas por proprietários particulares. De acordo com informações fornecidas por técnicos da Equipe de Vigilância em Serviços de Saúde (EVSS) da Secretaria Municipal da Saúde, este é o perfil mais comum entre as instituições de pequeno porte atualmente em funcionamento em Porto Alegre, onde estão as condições mais inadequadas em termos de instalações físicas. O maior problema verificado nas instituições com este perfil, em relação à disponibilidade de áreas externas por número de leito, foi a utilização compartilhada do pátio com o desenvolvimento de serviços, principalmente a secagem de roupas de cama. A demanda por espaços para este tipo de serviço é bastante comum em instituições desta natureza, tornando indisponível para os idosos a maior parte dos espaços externos às edificações quando a área total dos mesmos é muito limitada. Em duas destas instituições (P4 e P5), o uso compartilhado do pátio com o desenvolvimento deste tipo de serviço indisponibiliza quase completamente os espaços externos para os idosos em dias de sol (Figuras 6 e 7). Dimensões mais adequadas foram encontradas nas instituições de pequeno porte P1 e P2. Cabe salientar, no entanto, que a instituição P1, que apresentou a maior relação de áreas externas disponíveis para os idosos por número de leitos ($198 \text{ m}^2/\text{leito}$), trata-se de um caso atípico. Esta área pertence a uma instituição religiosa e foi originalmente destinada à construção de instalações para uma instituição de grande porte, sendo que a edificação utilizada pelos idosos atualmente tem caráter provisório. A instituição P2 também apresenta características peculiares, uma vez que está localizada em região limítrofe com o meio rural, está localizada em imóvel próprio e é administrada pela família dos proprietários que moram nos fundos do lote.



Figura 6: Instituição P4 – pátio utilizado para serviços



Figura 7: Instituição P5 – pátio utilizado para serviços

A constatação da ocorrência de situações mais críticas junto a instituições de pequeno porte, em relação à disponibilidade de áreas externas para os idosos, vem somar-se aos resultados da pesquisa realizada por Bastian (1979). Ainda no final da década de 70, esta pesquisadora procurou investigar possíveis relações entre a capacidade física de instituições para idosos (em número de leitos) e os recursos existentes para assistência aos seus residentes, através do estudo de uma amostra de estabelecimentos localizados em Porto Alegre. Bastian verificou, com este estudo, uma correlação positiva entre número de leitos e recursos disponíveis, ou seja, as instituições com maior capacidade física eram aquelas que dispunham de recursos mais completos para seus residentes, incluindo condições superiores de instalações e equipamentos, planta física e programação.

Embora as piores condições tenham sido encontradas entre as instituições de pequeno porte, também foi verificada a baixa disponibilidade de áreas externas para os idosos em instituições de médio porte (M1 e M2) e de grande porte (G1). Nas instituições M1 e M2, verificam-se problemas semelhante àqueles citados para as instituições de pequeno porte mencionadas anteriormente, ou seja, devido à demasiada limitação das áreas externas totais, os varais para a secagem de roupas acabam deixando pouca área disponível para os idosos. Já na instituição G1, a maior perda de área disponível ocorre em função do relevo da área, que, por ser demasiadamente íngreme, impede o acesso dos idosos.

Três instituições apresentaram disponibilidade de área bastante elevada (P1, M3 e G2), quando comparadas às demais instituições. Todas, no entanto, tratam-se de casos bastante particulares. A instituição P1, conforme já comentado anteriormente, trata-se de um caso atípico dentre as instituições de pequeno porte, uma vez que o atual terreno onde se encontra foi adquirido para a construção de uma instituição de grande porte. A instituição M3, também administrada por uma entidade religiosa, embora situada atualmente em uma região consideravelmente urbanizada, constitui uma pequena chácara, uma vez que, na época em foi adquirido o terreno onde se encontra, a região era de densidade urbana muito baixa. Por fim, a instituição G2, que apresentou a maior área externa total (AET) de todo o levantamento (mais de 12.000 m²), está inserida em uma grande área pertencente a uma instituição religiosa, circundada por campos, florestas nativas e florestas de reflorestamento, embora esteja situada na zona urbana.

As áreas disponíveis para os idosos (ADI), calculadas por este levantamento apenas procuram identificar as áreas que apresentam um potencial para serem utilizadas pelos idosos. Como será discutido a seguir, no entanto, estas áreas nem sempre apresentam características adequadas que possibilitam, efetivamente, sua utilização pelos idosos.

4.2 POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO

De forma geral, o levantamento revelou condições bastante precárias dos espaços abertos disponíveis junto às instituições estudadas, quanto às possibilidades de utilização dos mesmos pelos idosos. Confirmando o que foi previsto pelo projeto da pesquisa, embora algumas soluções positivas tenham sido encontradas em algumas instituições, nenhum dos espaços estudados parece ter sido executado a partir de um planejamento prévio, muito menos a partir de uma estudo específico para as necessidades dos idosos. Em função disso, diversos problemas puderam ser verificados, através do presente trabalho, quanto às questões funcionais e quanto ao aspecto visual dos espaços abertos existentes nas instituições.

As piores situações, neste sentido, ocorrem novamente nas instituições de pequeno porte. Devido à demasiada limitação das áreas externas disponíveis na maior parte das instituições deste porte, conforme já referido anteriormente, os espaços externos oferecem muito pouca ou nenhuma possibilidade de utilização pelos idosos. Nas instituições P4 e P5, por exemplo, os espaços abertos são quase que totalmente utilizados para a secagem de roupas em dias de sol, restando aos idosos apenas locais para sentarem às margens das áreas ocupadas por varais ou sob áreas cobertas (Figura 8). Na instituição P3, a única área externa disponível para os idosos constitui-se de um pequeno terraço localizado no segundo pavimento da edificação (Figura 9). O local, além de ser pouco atrativo para os idosos, uma vez que está localizado aos fundos da edificação, é de difícil acesso, pois, para chegar até o mesmo, os idosos devem subir uma longa escadaria que separa os dois pavimentos. Esta condição resulta na não utilização desta área pelos idosos, que acabam utilizando, como área de lazer, a garagem da edificação, de fácil acesso para eles e de onde podem enxergar o movimento da rua em frente à instituição (Figura 10).



Figura 8: Instituição P5 - Falta de alternativas de utilização do pátio



Figura 9: Instituição P3 – Terraço utilizado como área de lazer



Figura 10: Instituição P3 – Vista para a rua a partir de garagem utilizada como área de lazer.

Aspectos como a priorização de serviços em detrimento das funções de lazer, a falta de infra-estrutura de apoio ao lazer e a baixa qualidade estética das áreas externas, enquanto fatores que reduzem as possibilidades de utilização dos espaços abertos pelos idosos, foram identificados mesmo nas instituições que apresentaram grandes áreas externas.

Sobre a priorização de serviços na utilização dos espaços abertos é bastante interessante observar as características e a maneira como estão organizadas as áreas externas existentes junto à instituição E2. Apesar da vasta área externa disponível, os espaços abertos desta instituição parecem estar organizados quase em sua totalidade para as necessidades dos funcionários e visitantes e não de seus principais usuários: os idosos. Desta forma, uma grande parcela da área, localizada na parte da frente das edificações, é destinada para o estacionamento de veículos (Figura 11). Outra grande parcela da área (situada à direita do terreno) é inacessível para os idosos devido a um declive bastante acentuado que a separa do

acesso às edificações onde os idosos permanecem, sendo, portanto, utilizada apenas pelos funcionários para a secagem de roupas (Figura 12). Uma terceira área potencial, ainda, é utilizada pelos funcionários para deslocamento entre os diferentes blocos da edificação e para o acesso de veículos que abastecem o refeitório (Figura13). As únicas áreas destinadas, aparentemente, ao uso dos idosos são dois pátios situados entre os blocos que compõem a edificação principal (Figura14). Estes pátios, no entanto, são atravessados por caminhos lineares que ligam os blocos à área utilizada para deslocamento e serviços dos funcionários descrita anteriormente. O resultado desta configuração parece ser a utilização predominante destes pátios pelos funcionários ao invés dos idosos, para o deslocamento relacionado a serviços.



Figura 11: Instituição E2 – estacionamento situado na frente do lote



Figura 12: Instituição E2 – área utilizada para secagem de roupas



Figura 13: Instituição E2 – área utilizada para circulação dos funcionários e serviços



Figura 14: Instituição E2 – pátio situado entre edificações

O caso da instituição E1, acima relatado, resume uma condição observada na grande maioria das instituições estudadas, independentemente do porte: os ambientes externos, de forma geral, parecem receber um tratamento predominantemente voltado às necessidades das pessoas que aí trabalham a fim de facilitar o desenvolvimento de seus serviços. Ou seja, entre os casos estudados, mesmo em instituições com grande

disponibilidade de área, ficou evidente a falta de planejamento e/ou adaptações dos espaços abertos em função das necessidades dos idosos, com exceção de alguns cuidados relacionados à acessibilidade e à segurança que serão discutidos posteriormente.

Esta observação concorda perfeitamente com o que foi relatado por Sommer (1973). Ao estudar uma enfermaria para senhoras idosas no Canadá, o autor constatou que o ambiente da instituição era organizado para satisfazer as necessidades dos funcionários e familiares, enquanto as pacientes eram simplesmente “organizadas pelo ambiente”. Avaliando as instalações da instituição, por exemplo, ele verificou que a repartição destinada a servir como sala de estar para as idosas era utilizada como um corredor de serviços para os funcionários. Desta forma, a disposição das cadeiras das idosas era definida pelos funcionários, que as colocavam em fileiras junto às paredes, a fim de facilitar a limpeza do local, a passagem de carrinhos de refeições e a observação das idosas.

Quanto à infra-estrutura de apoio ao lazer, este estudo também revelou, de forma geral, condições insatisfatórias junto aos espaços externos das instituições. Neste sentido, a falta de bancos nas áreas externas e a falta de locais que tenham sido configurados para servirem como áreas de estar ao ar livre demonstraram ser alguns dos fatores que prejudicam o desenvolvimento do lazer passivo nos pátios. O que se pôde verificar, na maior parte dos casos, foi a disponibilidade de poucos recantos, servidos, muitas vezes, por bancos inadequados aos idosos. Em muitos casos, ainda, quando existem estes recantos, o acesso aos mesmos não é pavimentado, dificultando sua utilização, principalmente se o solo estiver úmido (Figura 15). A infra-estrutura de apoio ao lazer ativo também não é contemplada nas instituições, de forma geral. Na maior parte das instituições onde há maior disponibilidade de áreas externas, não há locais próprios para a realização de caminhadas, devidamente pavimentados que estimulem os idosos a se exercitarem. Também não foi observada a presença de qualquer outro tipo de estrutura que possibilite a realização de jogos (como mesas) ou outras atividades recreativas ao ar livre, com exceção da instituição G2, onde existe uma cancha de bocha no pátio, próximo à ala masculina (Figura 16). É interessante observar, porém, que a cancha de bocha está presente nesta instituição, mas não está disponível para os idosos. Como declarou um funcionário da instituição, em uma conversa informal durante a visita, esta cancha foi desativada “pois os velhinhos brigavam demais durante os jogos”.



Figura 15: Instituição P1 – ausência de pavimentação nos acessos a recantos para contemplação.



Figura 16: Instituição G2 – cancha de bocha desativada por “provocar brigas entre o idosos”.

Embora o levantamento tenha revelado condições insatisfatórias dos espaços abertos, de forma geral, quanto à infra-estrutura de apoio ao lazer, por outro lado, alguns exemplos positivos puderam ser verificados. Na instituição M3, por exemplo, a presença de uma calçada que contorna todo o perímetro da edificação principal, permite a realização de caminhadas pelas idosas como uma forma de atividade física (Figura 17). Nesta mesma instituição, verifica-se a presença de vários recantos ajardinados, onde se encontram tanto bancos isolados, que proporcionam privacidade (Figuras 18), como bancos dispostos em grupos, que configuram áreas de convívio (Figuras 19). Também na instituição M3 e, ainda, na instituição G1, pode-se encontrar tanques de lavar roupa destinados exclusivamente às idosas, que embora, disponham de serviços de lavanderia na casa, gostam de lavar parte de suas roupas como uma forma de atividade (Figura 20). No pátio da instituição G2, foi construído um quiosque que é utilizado como um local de convívio pelos idosos (Figura 21). Nesta mesma instituição, existe, ainda, um campo de futebol e cancha de vôlei disponível para a comunidade local (Figura 22). Embora estas estruturas não sejam diretamente voltadas para os idosos, são benéficas no sentido de atrair a comunidade para o convívio junto ao ambiente institucional, permitindo o contato dos idosos com o mundo externo à instituição.



Figura 17: Instituição M3 – calçadas ao redor do prédio permitem caminhadas.



Figura 18: Instituição M3 – privacidade em recanto para contemplação



Figura 19: Instituição M3 – espaço de convívio em área externa.



Figura 20: Instituição M3 – tanques de lavar roupa disponíveis para as senhoras.



Figura 21: Instituição G2 – quiosque como espaço de convívio para os idosos.



Figura 22: Instituição G2 – lazer esportivo como atrativo para a comunidade local

Outro fator que prejudica a utilização do pátio pelos idosos (particularmente sua utilização passiva), e que foi constatado na maior parte das instituições visitadas, é a baixa qualidade visual das áreas externas. Mais uma vez aqui, pode-se ressaltar a situação bastante negativa das instituições com baixa disponibilidade de áreas externas. Na maioria destas instituições, quando as roupas secando no varal não estão tomando todas as áreas externas, a paisagem do pátio é extremamente pobre em elementos visuais (Figura 23). Algumas situações bastante críticas também foram constatadas em algumas instituições com maior disponibilidade de área. Na instituição P2, por exemplo, o pátio, em toda a sua extensão, apresenta uma paisagem bastante desinteressante para os idosos: o solo apresenta-se totalmente descoberto; a vegetação arbórea e arbustiva existente é bastante esparsa e extremamente mal conservada; há a presença de lixo e o acúmulo de entulho em parte da área (Figura 24). A presença de entulho e o aspecto de abandono podem ser verificados, ainda, em partes do pátio de várias outras instituições. É o caso das instituições G2 e E1 que, embora dediquem certo cuidado à manutenção de algumas áreas externas, mantêm abandonadas outras áreas potencialmente interessantes para os idosos (Figuras 25 e 26).



Figura 23: Instituição M1 – baixa qualidade visual em pátio bastante limitado fisicamente.



Figura 24: Instituição P2 – paisagem desagradável e presença de entulho.



Figura 25: Instituição G2 – entulho e aspecto de abandono em área do pátio com potencial de utilização.



Figura 26: Instituição E1 – entulho e aspecto de abandono em área do pátio com potencial de utilização.

4.3 ACESSIBILIDADE E SEGURANÇA

Ao contrário do que se previa no início da pesquisa, a maioria das instituições apresentou soluções que demonstraram preocupação com as questões de acessibilidade e segurança. Esta preocupação talvez se justifique pelo trabalho intensivo que a Secretaria Municipal da Saúde vem exercendo sobre estas instituições através da exigência do cumprimento das disposições da Portaria número 810 do Ministério da Saúde. Este documento, como já foi mencionado anteriormente, faz uma série de exigências no sentido de que as instalações das instituições atendam padrões mínimos de segurança e acessibilidade.

No entanto, observa-se que a preocupação com estas questões está concentrada sobre os aspectos físicos das edificações, mesmo porque a portaria citada anteriormente se refere somente às características destas e não dos espaços abertos. Desta forma, embora se observem cuidados com os acessos aos espaços externos através da presença de rampas, corrimãos e pisos antiderrapantes (Figuras 27, 28 e 29), não existe uma preocupação com a

acessibilidade e a segurança especificamente ao longo dos espaços abertos. A presença de caminhos com adequada pavimentação que permita o deslocamento de cadeira de rodas e com a presença de corrimão para idosos que necessitam de apoio para caminhar não foram verificados em nenhum dos pátios estudados. Esta situação certamente inibe a utilização do pátio por idosos que apresentam maiores dificuldades de locomoção.



Figura 27: Instituição E1 – rampa de acesso ao pátio



Figura 28: Instituição G2 – presença de corrimão e de rampa junto ao acesso principal.



Figura 29: Instituição G1 – rampa com corrimão junto ao acesso principal.

4.4 VEGETAÇÃO

Um dos aspectos discutidos no capítulo 2, em relação aos espaços abertos de instituições para idosos, foi a importância da presença de vegetação nestes espaços, tanto por seus benefícios diretos sobre o bem estar dos idosos, como em função de seus benefícios indiretos, através das interações das áreas externas com o interior da edificação.

Em algumas instituições visitadas durante o levantamento, a presença de vegetação é quase insignificante devido à excessiva limitação dos espaços abertos disponíveis; entre a maioria, porém, ela se faz presente de forma significativa. Verificou-se, entretanto, que, de forma geral, a vegetação existente junto aos espaços abertos estudados não parece seguir um planejamento paisagístico, o que a torna pouco atrativa visualmente e pouco funcional no sentido de configurar áreas de descanso e contemplação, bem como no sentido de melhorar as condições de conforto térmico das edificações.

As instituições P3, P5 e M1 foram as instituições que apresentaram as piores situações em relação à presença de vegetação nos espaços externos. Na instituição P3, onde o único espaço aberto para os idosos é um terraço localizado no segundo pavimento, a única vegetação disponível é garantida por alguns vasos contendo folhagens ornamentais (Figura 30). O caso desta instituição é bastante negativo neste sentido, tendo em vista que os idosos não dispõem de nenhuma outra vista para a vegetação a partir do interior da edificação. Na instituição P5, a única vegetação disponível junto às áreas externas está situada na parte da frente da edificação (Figura 31), a qual, normalmente, não é acessada pelos idosos. Enfim, na instituição M1, a presença de vegetação no pátio se dá apenas através de uma pequena área gramada, às margens da qual encontram-se alguns poucos exemplares de espécies herbáceas (ver Figura 23, pág. 62).



Figura 30: Instituição P3 – vegetação disponível apenas em vasos.



Figura 31: Instituição P5 – pequeno jardim localizado em frente à edificação.

Em outras instituições, ao contrário, embora a vegetação se faça bastante presente, a ausência de planejamento traz uma série de prejuízos para o aproveitamento dos benefícios desta vegetação pelos idosos. Dois exemplos interessantes, neste sentido podem ser encontrados nas instituições M2 e G2. Na instituição M2, embora o jardim disponível em

frente à edificação apresente uma grande variedade de espécies, os idosos têm pouco acesso a esta vegetação. As antigas trilhas que percorriam este jardim eram tão estreitas e desprovidas de pavimentação que hoje estão praticamente cobertas pela vegetação, impedindo o deslocamento dos idosos pelo jardim e o acesso às áreas sombreadas (Figura 32). Na instituição G2, por outro lado, a despeito da paisagem do entorno ser formada por campos e florestas, o entorno mais imediato das edificações é bastante árido visualmente (Figura 33). A vegetação arbórea existente está quase sempre disposta junto aos limites do terreno, resultando na ausência de recantos sombreados para os idosos mais próximos da edificação. Além disso, a falta de planejamento dos espaços externos impede o maior aproveitamento dos benefícios térmicos da vegetação em relação à edificação.



Figura 32: Instituição M2 – vista superior do jardim. A própria vegetação impede o acesso dos idosos ao jardim.



Figura 33: Instituição G2 – monotonia no entorno imediato das edificações devido à falta de planejamento da vegetação.

Alguns exemplos positivos, porém podem ser encontrados em algumas instituições em relação à utilização da vegetação. Nas instituições M3 e E1, por exemplo, verifica-se algumas áreas externas bastante interessantes em termos de complexidade dos arranjos de vegetação existentes que, além de conferirem um aspecto visual mais agradável, configuram espaços de contemplação e convívio (Figuras 34 e 35). Principalmente na instituição M3, ainda, a vegetação é empregada para proporcionar sombra em recantos para os idosos, tanto através de agrupamentos de árvores como através de estruturas como pergolados e caramanchões (Figura 36). Também nesta instituição existe uma grande preocupação com a produção de alimentos no pátio da instituição. Através de hortas, pequenas áreas de lavoura e um pomar de frutíferas domésticas, produz-se parte do alimento consumido pelas idosas, reduzindo os custos de manutenção da instituição.



Figura 34: Instituição M3 – complexidade dos arranjos de vegetação conferem interesse à paisagem.



Figura 35: Instituição E1 – vegetação arbórea próxima à edificação proporciona sombra e configura espaços de contemplação e convívio.



Figura 36: Instituição M3 – utilização de caramanchão para criar recantos sombreados.

4.5 RESUMO

- O estudo revelou variações bastante marcantes para disponibilidade de áreas externas entre as instituições estudadas. Estas variações são mais influenciadas pela localização da instituição do que pelo seu número de leitos.
- As situações mais críticas em termos de disponibilidade de áreas externas foram encontradas entre as instituições de pequeno porte, embora áreas bastante limitadas também tenham sido encontradas em instituições de médio e grande porte.
- A situação das instituições com menor disponibilidade de áreas externas é agravada pela indisponibilização de grande parte destas áreas em função de sua ocupação para o desenvolvimento de serviços.

- Em instituições que apresentaram áreas externas demasiadamente limitadas observou-se, ainda, pouca ou nenhuma possibilidade de utilização de uso do pátio pelos idosos e a presença muito pouco significativa de vegetação.
- De forma geral, foi observada a falta de planejamento das áreas externas existentes nas instituições estudadas. Em decorrência disso, foram constatados vários prejuízos para o aproveitamento do pátio pelos idosos, entre eles: a priorização do desenvolvimento de serviços na ordenação dos espaços externos; a falta de infraestrutura de apoio ao lazer; a baixa qualidade estética das áreas externas; a falta de cuidados com acessibilidade e segurança ao longo do pátio; e o mau emprego da vegetação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DO ESTUDO DE CASO MÚLTIPLO

Os resultados referentes ao estudo de caso múltiplo que compõe esta pesquisa serão apresentados da seguinte forma: inicialmente será feita uma breve descrição de cada uma das instituições estudadas, a fim de proporcionar ao leitor informações gerais sobre seus funcionamentos, bem como sobre as principais características que marcam seus cenários físicos. Tais informações, conforme relatado anteriormente, estão baseadas em dados coletados nos locais de estudo através de levantamento físico, consulta a arquivos de registro e entrevista com os administradores das instituições. Posteriormente, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos através das entrevistas aplicadas aos diferentes personagens das instituições, juntamente com os resultados das observações realizadas sobre a utilização dos espaços abertos por esses personagens.

5.1 DESCRIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESTUDADAS

5.1.1 Instituição A

5.1.1.1 Aspectos gerais

A instituição A trata-se de uma instituição de médio porte (identificada como M3 no levantamento preliminar), localizada na zona sul de Porto Alegre. Vinculada a uma tradicional instituição religiosa, foi criada em 1956 com a finalidade de abrigar senhoras idosas carentes. Funcionando inicialmente em uma casa doada pela municipalidade no Bairro Partenon, somente em meados dos anos 70, através de uma campanha promovida pelo Lions Clube, foi possível adquirir o terreno no Bairro Cavahada, dando-se início em seguida à construção da edificação que hoje abriga a instituição.

Contando com um total de 22 leitos disponíveis, a casa é bastante procurada pela comunidade, sendo que durante o período de desenvolvimento da pesquisa, todas as vagas estiveram preenchidas, enquanto era mantida constantemente uma lista de espera. A instituição se auto denomina um lar de idosas, uma vez que trabalha apenas com mulheres a partir de 65 anos e que sejam independentes para desenvolver seus cuidados com a higiene

peçoal e alimentaço. Além de atender a estes requisitos, para serem admitidas na casa, as idosas necessitam ainda não ter problemas graves de saúde, ter facilidade de locomoção e submeter-se a um exame médico feito por um profissional credenciado pela instituição. Embora a instituição esteja vinculada a uma instituição religiosa, não há restrições religiosas para o ingresso das idosas. Todas as moradoras da casa pagam uma taxa mensal que varia de acordo com os quartos que ocupam, que podem ser individuais (que apresentam maiores valores) ou coletivos para duas pessoas.

A administração da instituição é exercida por um Conselho Diretor, composto por 8 senhoras voluntárias vinculadas à comunidade religiosa. O Conselho é renovado a cada quatro anos através de eleição onde concorrem nomes de senhoras apresentados pela comunidade ao concílio da instituição religiosa à qual a casa está vinculada. A casa conta com o trabalho permanente de quatro funcionários: uma diretora, uma cozinheira e duas pessoas para serviços gerais. A instituição recebe ainda apoio de voluntários que desenvolvem uma série de atividade com as idosas. A maior parte dos voluntários é composta por estagiários do IPA (Instituto Porto Alegre) dos cursos de fisioterapia, fonoaudiologia e nutrição.

5.1.1.2 Instalações físicas

Na Figura 37, pode-se observar a posição das instalações físicas em relação ao terreno bem como a distribuição dos principais elementos que compõem as áreas externas. A instituição A está localizada em terreno de aproximadamente 6.300 m², sendo que, destes, aproximadamente 5.500 m² são de área verde. A edificação principal está localizada em posição central na parte mais alta e mais plana do terreno que pode ser considerada com um divisor de águas. Desta forma, o terreno apresenta leve inclinação a partir da edificação para frente do lote e para os fundos do lote, onde a divisa com o terreno vizinho se dá através de um pequeno arroio.

A edificação principal, cuja fachada pode ser observada junto à Figura 38, conta com 770m² de área construída em um único piso dividido em três alas principais: a)dormitórios e banheiros; b)escritório e sala de reuniões; c) cozinha, refeitório e sala de estar. Além da edificação principal, o terreno abriga ainda, aos fundos, uma casa de 60 m² onde reside o funcionário responsável pela manutenção das áreas externas da instituição.

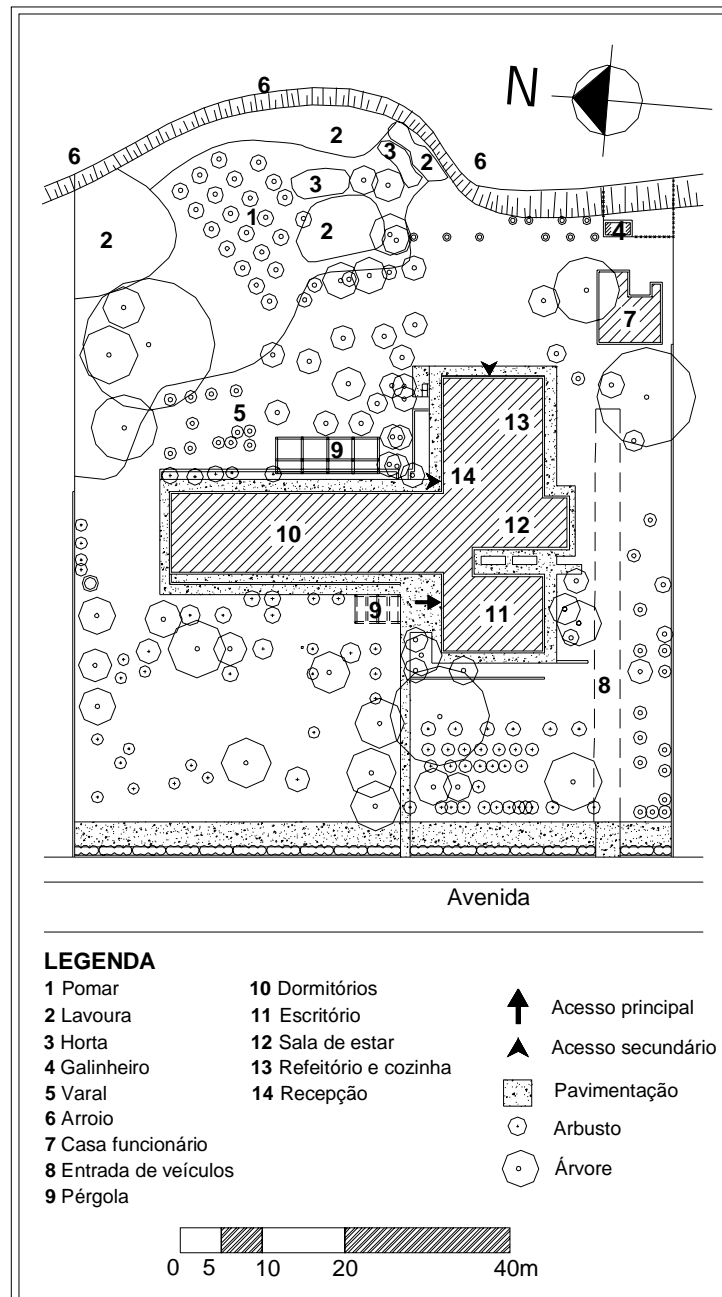


Figura 37: Espaços abertos juntos à Instituição A



Figura 38: Entrada principal e fachada da edificação principal (Instituição A)

A edificação principal apresenta duas repartições internas destinadas à utilização comum pelas idosas. A primeira delas está localizada junto à recepção da instituição. Trata-se de um corredor que foi adaptado para servir como uma sala de estar (Figura 39). Aí estão dispostos frente a frente sofás e cadeiras onde muitas idosas permanecem sentadas observando a movimentação das pessoas na casa. Também podem ser observados alguns quadros na parede, um mural com fotografias de eventos realizados na casa, alguns vasos de plantas e uma televisão, completando a atmosfera “caseira” que caracteriza o local. A segunda repartição se trata da sala de estar “oficial” da casa que é conjugada ao refeitório (Figura 40). Neste local, além das mesas do refeitório, estão dispostas poltronas, sofás e cadeiras de balanço. Além disso, as paredes apresentam alguns quadros e várias folhagens podem ser visualizadas, tanto penduradas no forro como dispostas em vasos nos cantos da repartição. Também este local é caracterizado por uma atmosfera familiar e aconchegante.



Figura 39: Recepção utilizada como sala de estar e de televisão



Figura 40: Sala de estar junto ao refeitório

A edificação principal apresenta ainda uma série de preocupações com a acessibilidade e segurança. Toda a área construída está distribuída em apenas um piso, não havendo desníveis separados por degraus em todo o interior da edificação e nem deste para o exterior. Tanto os acessos do exterior para o interior da edificação como todos os acessos às principais divisões internas da edificação são guardados por portas de dimensões adequadas que permitem a eventual passagem de cadeiras-de-rodas; os corredores de acesso aos dormitórios e ao refeitório e sala de estar apresentam piso emborrachado anti-derrapante, sendo que o primeiro ainda apresenta corrimão em toda a sua extensão (Figura 41).

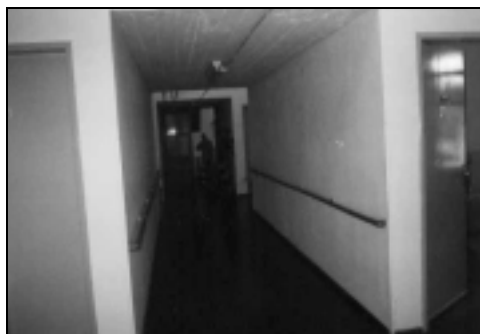


Figura 41: Corrimãos e piso antiderrapante no corredor de acesso aos dormitórios

A comunicação da edificação com os espaços externos se dá por meio de três acessos (Figura 37). O primeiro deles, localizado na frente da edificação, se trata do acesso principal. Por aí se dá todo o acesso de visitantes e a maior movimentação de entrada e saída dos funcionários e das idosas que saem para passear fora da instituição. O segundo liga a parte dos fundos do corredor principal (onde está localizada a sala de estar e televisão) aos fundos do terreno. Também fazendo ligação com os fundos do terreno, há um terceiro acesso junto à cozinha da instituição.

É importante destacar, ainda, nesta descrição da instituição, as vistas para os espaços externos a partir do interior da edificação, já que elas não foram objeto de estudo das entrevistas e observações e, portanto, não serão abordadas na discussão de seus resultados. A possibilidade de visualizar as áreas externas através de janelas constitui uma importante forma de utilização passiva do pátio, especialmente para aquelas pessoas que, devido a pouca mobilidade ou mesmo a características de temperamento, permanecem mais tempo dentro de casa (ver discussão a este respeito no capítulo 2). Na instituição A, a comunicação visual com os espaços externos é razoavelmente boa a partir das áreas de uso comum da edificação, especialmente no corredor utilizado como sala de estar e televisão (Figura 42). Nos dormitórios com frente para o lado oeste (frente do lote), as janelas apresentam tamanho e transparência que permitem uma comunicação visual com o exterior da edificação (Figura 43). Já para os dormitórios com frente leste (fundos dos lote) esta comunicação não é boa, uma vez que as janelas são fechadas com vidro que não permite a visualização dos espaços externos (Figura 44).



Figura 42: Vista para o pátio a partir da sala de estar e televisão



Figura 43: Vista a partir de dormitório com frente oeste

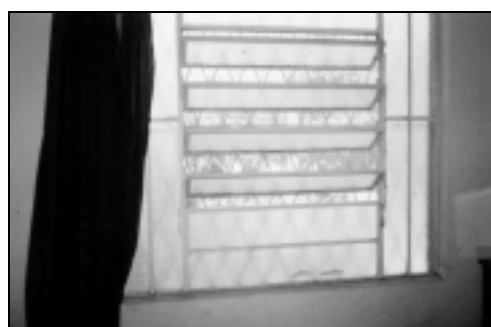


Figura 44: Vista a partir de dormitório com frente leste

Os espaços externos são marcados por vegetação abundante principalmente de porte arbóreo. A vegetação arbórea existente, por seu porte e por sua localização exerce um sombreamento bastante significativo sobre a edificação principal, especialmente no início da manhã e no final da tarde, uma vez que os principais agrupamentos de árvores estão localizados nas porções leste e oeste do terreno. Observando-se novamente a Figura 37 (pág.70), verifica-se que este sombreamento é bastante benéfico no verão, conferindo temperaturas agradáveis no interior das edificações. Porém, no inverno, os espaços internos, especialmente os dormitórios, devem receber muito pouca insolação, o que é agravado principalmente pela orientação da edificação, que não permite a penetração dos raios solares da orientação norte.

Na frente do terreno, pode-se observar a presença de árvores de maior porte, pertencentes tanto a espécies exóticas como nativas, predominantemente empregadas com a finalidade de sombra e ornamentação. As espécies de maior ocorrência nessa área são: pinheiro americano (*Pinus elliotii*), Jacarandá (*Jacaranda mimosaeifolia*), guapuruvú (*Schizolobium parahyba*), extremosa (*Lagerstroemia indica*) e ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*). Também se pode observar a presença de alguns arbustos floríferos tais como

azaléia (*Rhododendrum x simsii*) e jasmim-amarelo (*Jasminum mesnyi*) e de herbáceas empregadas como bordaduras de caminhos e canteiros ou como ornamentação de canteiros pelo seu efeito de floração. Toda a área é revestida com gramado.

O fundo do terreno, ao contrário, é marcado predominantemente pela presença de espécies produtivas. No espaço mais próximo à edificação, pode-se observar a presença de diversas espécies arbóreas frutíferas nativas e exóticas dispostas mescladas entre si formando uma espécie de bosque próximo à área onde se localizam os tanques para a lavagem de roupas. Nesta área, ainda encontra-se um pergolado coberto por parreiras, bem como diversas espécies ornamentais, principalmente floríferas, tanto de porte arbustivo como herbáceo. A parte localizada mais ao fundo do terreno, próximo à divisa, é mais caracterizada com uma área de produção. Ali se encontram um pomar de frutíferas domésticas dispostas em alinhamento (predominantemente citrus), uma pequena horta e diversas áreas de lavoura.

5.1.2 Instituição B

5.1.2.1. Aspectos gerais

A instituição B se trata de uma instituição de grande porte (identificada como G1 no levantamento preliminar), localizada em um bairro próximo ao centro de Porto Alegre. Também vinculada a uma entidade religiosa, a instituição teve início através de um grupo de senhoras que em meados da década de 20 se reunia com a finalidade de estudar e praticar a doutrina de sua religião. Uma vez que esse grupo se ocupava também com obras sociais, despertou-se uma preocupação particular com a situação de senhoras idosas e viúvas que na época não tinham nenhum seguro social. Essa preocupação foi o ponto de partida para a ação que, em 1940, culminou com a fundação de uma instituição destinada a proporcionar abrigo a essas senhoras. A instituição funcionou inicialmente em um chalé de madeira em terreno doado por um casal de membros da comunidade religiosa, onde foram abrigadas 10 senhoras carentes. Apenas mais tarde, foi construído um edifício de alvenaria de dois andares que passou a constituir as instalações físicas utilizadas até os dias de hoje.

Da mesma forma que a instituição anteriormente apresentada, esta instituição também se auto denomina um lar de idosas, apresentando exigências semelhantes para a admissão de novas senhoras na casa: idade a partir de 65 anos, não padecer de transtornos mentais graves ou enfermidades que requeiram tratamento especializado e ser auto suficiente para desenvolver sua higiene pessoal e cuidados com seus pertences. Também não há restrições quanto à religião das idosas e todas devem contribuir com uma taxa mensal para a manutenção da casa, que varia de acordo com as possibilidades econômicas das senhoras e com o tipo de quarto (que também pode ser individual ou coletivo, sendo que para este último são cobrados os menores valores). De acordo com a administração, o valor pago pelas senhoras não é suficiente para cobrir todos os gastos da casa. Para cobrir essa diferença, a instituição conta com um quadro de contribuintes da comunidade que contribuem com um valor mínimo todos os meses além da realização de chás beneficentes onde são vendidos trabalhos manuais feitos pelas senhoras.

Também a administração da casa se dá de forma semelhante à instituição anterior, sendo que a mesma é feita por um grupo de senhoras da comunidade religiosa renovado periodicamente através de eleições. Ao contrário da instituição A, no entanto, o cargo de diretora nesta instituição também é exercido por uma voluntária e não por funcionário, sendo essa pessoa indicada pelo Conselho Diretor. A casa conta com o trabalho de nove funcionários: 4 enfermeiras (as enfermeiras trabalham em dias intercalados, havendo, para cada dia, uma enfermeira para o turno diurno e outra para o noturno), 2 cozinheiras, 1 auxiliar de cozinha, 1 faxineira e 1 auxiliar de serviços gerais. Além disso, a instituição recebe o apoio da ONG Parceiros Voluntários que contribui com o desenvolvimento de diversas atividades com as idosas. Dentre essas atividades, destacam-se as sessões de música (onde as senhoras participam cantando) e o jogo de bingo, sendo essa última uma das atividades preferidas pelas idosas.

Desde que disponham de condições de saúde adequadas, as idosas possuem bastante liberdade para sair da instituição e realizar passeios por conta própria, devendo apenas respeitar o horário de retorno, fixado às 18 horas. Além disso, muitas idosas realizam passeios com os familiares, principalmente nos finais de semana.

5.1.2.2. Instalações físicas

Na Figura 45, pode-se observar a posição das edificações em relação ao terreno bem como a distribuição dos principais elementos que compõem as áreas externas. A instituição B está localizada em terreno próprio, com aproximadamente 1.800 m², sendo que, destes, aproximadamente 900 m² são de áreas verdes. A edificação principal, cuja fachada pode ser observada na Figura 46, está localizada na parte mais plana do terreno, estendendo-se desde a frente do lote até o final do mesmo. É construída em alvenaria e possui aproximadamente 1800 m² de área construída, divididos em dois pavimentos.

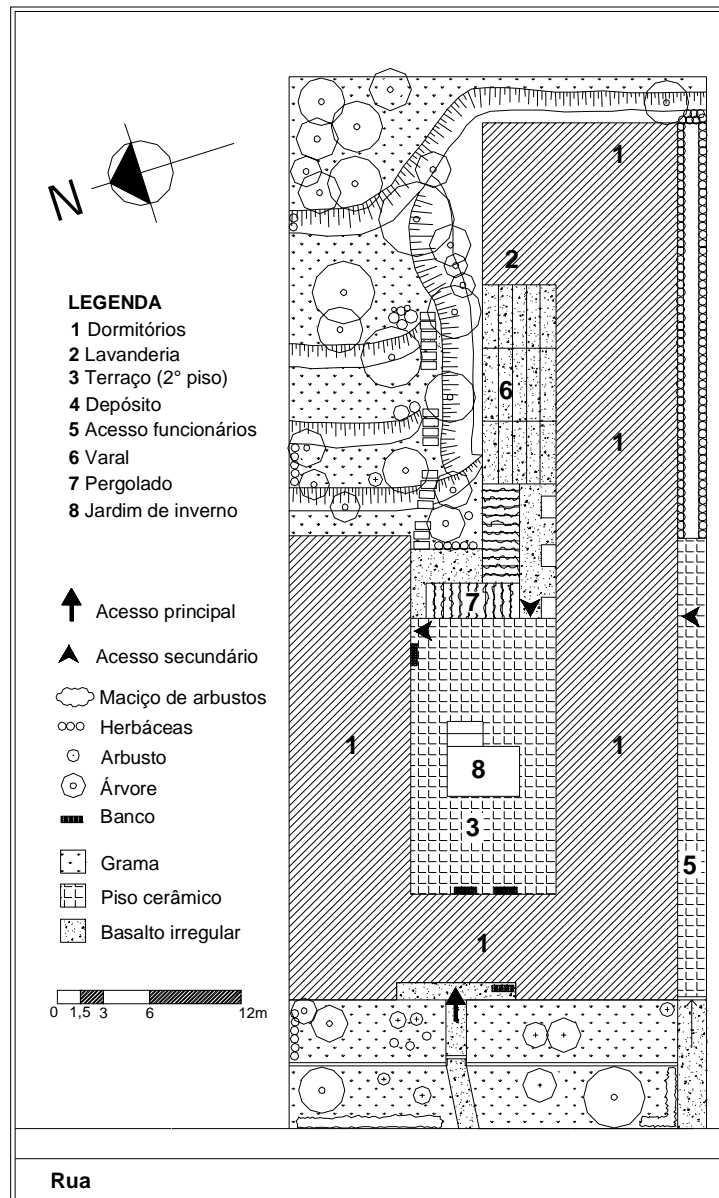


Figura 45: Espaços abertos juntos à Instituição B



Figura 46: Entrada principal e fachada da edificação principal (Instituição B)

Embora apresentando dois pavimentos, a divisão funcional do ambiente interno é bastante semelhante àquela encontrada nas instalações da instituição A. No andar térreo da edificação, encontram-se as seguintes repartições: sala de recepção, escritório, sala de culto, sala de estar, refeitório, cozinha, lavanderia, dormitórios e banheiros. No andar superior, somente dormitórios, banheiros e um terraço utilizado pelas senhoras principalmente para lavagem e secagem de roupas.

As repartições internas destinadas ao uso coletivo são representadas por: sala de recepção, sala de estar e refeitório (todos localizados no primeiro pavimento da edificação).

A sala de recepção (Figura 47), localizada junto à entrada principal da casa, é, na verdade, uma segunda sala de estar para as idosas. Ali estão localizados alguns sofás e poltronas, uma televisão e um telefone. Também se pode encontrar nesta repartição um balcão que serve como expositor de objetos de artesanato (panos-de-prato, bordados, etc.) produzidos pelas idosas e colocados à venda para a comunidade. Esta repartição é muito importante na vida de muitas idosas, pois representa um ponto de contato com o mundo exterior, o que faz com que seja bastante utilizada pelas mesmas. Dali se pode observar o movimento da rua (já que tem janelas voltadas para a mesma) e controlar o fluxo de entradas e saídas de pessoas na casa. As idosas que gostam de ficar neste local chegaram a organizar uma escala semanal para as responsabilidades de cuidar da portaria da instituição e atender as ligações telefônicas externas.

A sala de estar e o refeitório são divididos apenas por um jardim de inverno (Figura 48). A sala de estar é mobiliada por algumas poltronas, sofás e cadeiras de balanço.

Apresenta ainda uma televisão, alguns armários antigos e alguns quadros nas paredes. Esta repartição não possui janelas para o exterior, sendo que a iluminação natural é garantida apenas pela presença do jardim de inverno, o que a mantém um tanto escura durante o dia (quando as luzes normalmente permanecem apagadas). Do outro lado do jardim de inverno encontra-se o refeitório, onde são servidas as refeições e onde é realizado semanalmente o jogo de “bingo” pelas senhoras com o auxílio de voluntários da comunidade.



Figura 47: Sala de recepção e TV (Instituição B)



Figura 48: Sala de estar e jardim de inverno (Instituição B)

Quanto à acessibilidade no interior da edificação, observa-se algumas restrições às idosas com maiores problemas de mobilidade. A maior restrição é o acesso ao andar superior, que se dá através de escadas, o que limita a ocupação dos dormitórios aí localizados apenas às senhoras sem dificuldades de locomoção (Figura 49).

Todos os acessos ao exterior da edificação no pavimento inferior são acessíveis para as idosas, não apresentando degraus. Apenas o acesso ao terraço é mais complicado para as idosas com dificuldades de locomoção, tendo em vista que está localizado no segundo piso.



Figura 49: Escada de acesso aos dormitórios do 2º piso e ao terraço (Instituição B)

A comunicação visual entre as áreas de uso comum (sala de recepção, sala de estar e refeitório) e os espaços externos à edificação não é satisfatória. As janelas da sala de recepção embora apresentem tamanhos que permitem uma boa iluminação natural do recinto e embora estejam voltadas para a rua, não permitem a visualização do exterior, a menos que as janelas estejam abertas, devido ao tipo de vidro usado no fechamento das mesmas. A sala de estar não apresenta janelas e o refeitório apresenta apenas janelas do tipo basculante que também não permitem a visualização dos espaços externos (a ausência de vistas para o exterior só é amenizada pela presença do jardim de inverno anteriormente mencionado).

Quanto às vistas para o exterior da edificação a partir dos dormitórios das idosas, estas variam de acordo com a orientação dos mesmos. Os dormitórios que apresentam orientação leste correspondem àqueles localizados no pavimento superior, voltados para a rua (Figura 50). Embora parte das janelas sejam freqüentemente bloqueadas pela presença de roupeiros devido às dimensões limitadas do quarto, a visualização da rua é possível uma vez que o vidro das aberturas apresenta transparência adequada. Os dormitórios com orientação oeste constituem uma pequena ala localizada nos fundos do terreno, com a frente voltada para um talude que delimita o final do lote (Figura 51). São pouco iluminados devido à sombra do talude (cuja altura ultrapassa o segundo piso da edificação), porém apresentam vista para a vegetação que reveste o talude. Os dormitórios com orientação norte são representados por aqueles localizados no primeiro e segundo pavimento, com frente para o pátio dos fundos da instituição (Figura 52) e por aqueles localizados no segundo pavimento, com frente para o terraço (Figura 53). Em todas estas situações, as janelas permitem uma boa visualização das áreas externas, porém os dormitórios com frente para o terraço não apresentam vista para a vegetação, além de terem sua privacidade prejudicada (visto que o terraço é bastante utilizado pelas senhoras para a lavagem e secagem de roupas). Os dormitórios com orientação sul estão localizados no segundo pavimento e possuem frente para o terraço (portanto, apresentam vista semelhante à citada anteriormente para os dormitórios com orientação norte e frente para o terraço).



Figura 50: Vista de dormitório com frente oeste para a rua (Instituição B).



Figura 51: Vista de dormitório com frente leste para os fundos do lote (Instituição B).



Figura 52: Vista de dormitório com frente norte para o pátio (Instituição B).



Figura 53: Vista de dormitório com frente norte para o terraço (Instituição B).

Também junto à Figura 45 (pág. 76), podem ser observadas as localizações dos espaços abertos da instituição, os quais são basicamente divididos em duas porções: em frente à edificação e aos fundos da mesma. A primeira corresponde ao espaço referente ao recuo da edificação, composto, basicamente, por um pequeno jardim onde predominam espécies arbustivas e herbáceas. A segunda porção, relativa aos fundos, apresenta uma área bem maior e bem mais diversificada em termos de vegetação, onde se pode encontrar além de espécies herbáceas e arbustivas, também espécies de porte arbóreo (incluindo algumas frutíferas domésticas e algumas frutíferas nativas). A maior parte desta área, no entanto, onde estão localizadas as árvores, está localizada em terreno bastante íngreme. Além dessas duas porções principais, pode-se ainda observar mais duas áreas externas na instituição. Uma delas diz respeito ao terraço localizado no segundo piso, o qual é totalmente pavimentado. A outra diz respeito a um longo corredor externo lateral localizado do lado sul da edificação o qual é pavimentado em sua maior parte, apresentando apenas vegetação arbustiva e herbácea na parte restante.

5.2. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES

A seguir são apresentados e discutidos os resultados referentes aos dados coletados através da aplicação de entrevistas e através da realização de observações em ambas instituições participantes do estudo de caso múltiplo. As discussões destes resultados são feitas de forma dinâmica e holística, procurando-se sempre que possível, relacionar e/ou confrontar os dados coletados por estes métodos com outras fontes de evidência utilizadas pela pesquisa (como levantamentos físicos e informações pessoais) a fim de enriquecer as discussões.

Conforme a metodologia já descrita anteriormente, as respostas das entrevistas foram agrupadas em grandes categorias de respostas a fim de facilitar a análise dos dados. Cabe ressaltar, no entanto, que, por tratarem-se de entrevistas abertas, informações muito ricas foram obtidas justamente a partir das muitas nuances e particularidades das respostas de cada um dos entrevistados. As discussões sobre os resultados das entrevistas, portanto, não ficarão limitadas às grandes categorias de respostas encontradas, utilizando-se, sempre que se julgar relevante, transcrições de trechos de relatos individuais dos entrevistados que revelem aspectos particularmente interessantes sobre a vida das instituições.

É importante lembrar que os resultados das entrevistas se referem a dois grupos de informantes: idosas (residentes nas instituições estudadas) e não idosas (administradores, funcionários e visitantes). Os informantes do grupo das idosas constituem o foco principal desta pesquisa e, portanto, foram entrevistados na posição de usuários dos espaços abertos das instituições. Os informantes do grupo dos não idosas foram entrevistados na posição de observadores, ou seja, suas respostas, para todas as análises que se seguem, sempre dizem respeito à sua percepção e à sua observação em relação às idosas. Os resultados das questões onde estes personagens são entrevistados na posição de usuários dos espaços abertos serão apresentados e discutidos posteriormente em uma seção à parte deste relatório.

A fim de facilitar a discussão dos resultados deste estudo, os mesmos serão apresentados de acordo com as questões de investigação a que estão relacionados. São elas: *satisfação em relação à instituição; importância atribuída ao pátio; utilização do pátio,*

preferências em relação ao pátio; locais mais utilizados e menos utilizados; e o pátio da instituição considerando outros usuários. Cada uma destas questões reúne dados obtidos de diferentes partes do roteiro de entrevista aplicado aos entrevistados. Portanto, a seqüência de apresentação dos resultados a seguir não coincide com a seqüência dos temas abordado nos modelos de entrevistas como eles foram aplicados (Apêndice 2). Ao final da apresentação e discussão dos resultados de cada uma das questões investigadas, será apresentado ainda um resumo das principais conclusões observadas para cada questão.

Por fim, os resultados das entrevistas são apresentados através de tabelas de freqüências brutas e percentuais de respostas e de gráficos obtidos através da aplicação do método estatístico denominado Análise Fatorial de Correspondência (AFC), já citado anteriormente junto ao capítulo de descrição da metodologia utilizada por esta pesquisa. Os gráficos de AFC servem de apoio às discussões dos resultados, uma vez que mostram de modo gráfico associações encontradas entre determinadas categorias de respostas e determinados grupos de respondentes. O leitor não habituado com este método de análise poderá encontrar auxílio junto aos apêndices desta pesquisa (Apêndice 4), onde constam instruções adequadas para se proceder na correta interpretação dos gráficos. Cabe salientar ainda que somente serão apresentados gráficos de AFC para aquelas questões cuja aplicação do método tenha resultado em gráficos onde associações e/ou tendências de associações entre as variáveis grupos de entrevistados e categorias de respostas possam ser claramente visualizadas. Portanto, deve ficar claro para o leitor que, para as questões onde somente são apresentadas as tabelas de freqüência de respostas, o método de AFC não revelou associações ou tendências a associações facilmente visualizadas na forma gráfica.

5.2.1 Satisfação em relação à instituição

As entrevistas revelaram, em geral, para ambas instituições, um alto nível de *satisfação das idosas em relação à instituição* como um todo. Na Tabela 3, são apresentados as freqüências brutas e os percentuais para diferentes categorias de respostas em relação ao tipo de grupo de entrevistados (I- idosas; NI- não idosos). Pode-se observar que 100% dos idosos entrevistados para a instituição A e 83,3% para a instituição B afirmaram gostar de morar na instituição.

A Figura 54 mostra os resultados da aplicação da Análise Fatorial de Correspondência (AFC) às respostas relacionadas com a satisfação das idosas com as instituições. Os resultados demonstram que existe uma associação bastante significativa entre as idosas da instituição A com respostas positivas. Embora não tão significativa quanto para a instituição A, também se verificou para as idosas da instituição B uma tendência à associação com respostas positivas. Já para o grupo dos não idosos de ambas instituições, verificaram-se associações significativas com respostas intermediárias (“uns gostam, outros não”). Observa-se ainda que, embora raras, as respostas negativas, relacionadas à não satisfação com a instituição, apresentam maior tendência à associação com os respondentes da instituição B de uma forma geral.

Tabela 3: Frequências para *satisfação das idosas em relação à instituição* em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Você gosta de morar aqui? (Você acha que as idosas gostam de morar aqui?) | | | | | | | | |
|--|---------------|------------|----------|------------|---------------|------------|-----------|------------|
| Respostas | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Gosta | 11 | 100 | 5 | 55,5 | 10 | 83,3 | 5 | 41,7 |
| uns gostam, outros não | 0 | 0 | 4 | 44,5 | 0 | 0 | 5 | 41,7 |
| não gosta | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 16,7 | 2 | 16,6 |
| TOTAL | 11 | 100 | 9 | 100 | 12 | 100 | 12 | 100 |

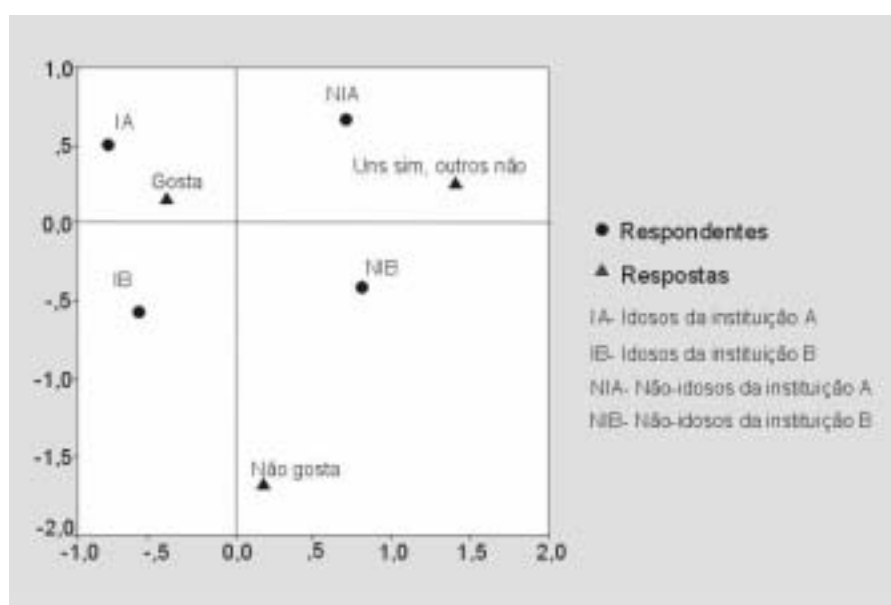


Figura 54: Correspondências para *satisfação das idosas em relação à instituição* em função da instituição e do grupo de entrevistados

Embora a observação do ambiente institucional para ambas as instituições (A e B) tenha demonstrado uma série de características positivas destas em relação à maioria das demais instituições visitadas durante o levantamento preliminar, os elevados índices de satisfação verificados das idosas para com as instituições podem ser questionados. Ao contrário do que mostram as respostas das idosas, diversos entrevistados do grupo dos não idosos, para ambas as instituições, relataram observar que a satisfação com a instituição não é unanimidade entre as idosas. De acordo com estes informantes, normalmente, as idosas que vieram para a instituição por necessidade ou contra a sua vontade têm opiniões negativas sobre a instituição, enquanto aquelas que escolheram morar na instituição têm opiniões positivas.

A diferença entre as respostas dos idosos e as respostas dos informantes do grupo das não idosas parece ser decorrente de um comportamento mais passivo das idosas e de uma espécie de “gratidão incondicional” destas para com a instituição. De fato, observou-se, tanto durante a aplicação das entrevistas nas instituições participantes do estudo quanto na aplicação da entrevista piloto, um certo desconforto dos respondentes do grupo das idosas quando solicitados a avaliar aspectos diretamente relacionados à instituição ou a sugerir melhorias nas condições atuais. Os trechos de algumas entrevistas abaixo transcritos demonstram como a maioria dos entrevistados reagia a este tipo de questionamento, alegando plena satisfação com a instituição e procurando encerrar prontamente as discussões a respeito deste assunto.

“Eu não acho que tem alguma coisa para melhorar (na instituição), porque já acho tudo bom”. (Sra. F., instituição A)

“Eu estou contente, estou satisfeita. Me dou com todo mundo, todos são meus amigos... então é isso aí, está bom. O que mais a gente vai querer?” (Sra. V., instituição A)

“Ah, não sei como deveria ser... porque ele (este lugar) já é bom... tudo né. Eu nem saberia porque ele já é bom”. (Sra. D, instituição B)

“Não sei. Porque a coisa aqui é bem completa assim sabe... a gente tem tudo aqui, tem enfermeira até. Médicos também vêm em casa se a gente precisa. Eu acho que melhor é impossível”. (Sra. I., instituição B)

Para Goffman (1996), o comportamento passivo de indivíduos institucionalizados é comum em instituições que denomina de “totais”. De acordo com o autor, toda a instituição ou estabelecimento social conquista parte do tempo e interesse de seus participantes e lhes dá algo de seu mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de “fechamento”. Algumas instituições, no entanto, são muito mais “fechadas” do que as demais. O caráter de “fechamento” destas instituições, as quais denomina de “instituições totais”, é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo. Outro preceito básico de uma instituição total é a substituição das regras do indivíduo pelas regras da instituição. Embora as instituições para idosos não possam ser enquadradas entre as instituições totais típicas descritas pelo autor (como presídios e hospitais psiquiátricos), elas podem se assemelhar em certa medida às mesmas nestes dois aspectos. Isto ocorre em maior ou menor grau dependendo da natureza da instituição, mas o resultado é freqüentemente nocivo para a preservação da individualidade e da autodeterminação dos indivíduos do grupo dos internados².

Sommer (1973), ao discutir as relações ambiente-comportamento em uma instituição para idosos no Canadá, refere-se à ocorrência de um fenômeno que chamou de “santificação institucional”. Segundo o autor, este fenômeno ocorre sempre que as pessoas passam longos períodos de tempo num ambiente, fazendo com que aquilo que parecia estranho ou desagradável inicialmente, com o tempo, passe a ser visto como fixo e natural. Embora seus efeitos sejam mais perniciosos para indivíduos doentes, inválidos ou passivos, a “santificação institucional” não é um fenômeno verificado apenas entre o grupo dos indivíduos institucionalizados, ocorrendo também entre indivíduos que trabalham na instituição.

Por outro lado, resultados encontrados por Lawton (1978 apud GOLANT, 1984) sugerem que este tipo de percepção sobre o ambiente de moradia não ocorre somente entre idosos que se encontram institucionalizados. Através de diversos estudos sobre experiências ambientais de idosos não institucionalizados, o autor observou que os relatos dos

² GOFFMAN (1996) coloca que nas instituições totais existe uma divisão básica entre um grande grupo controlado, que pode ser denominado como o grupo dos internados e uma pequena equipe de supervisão. Geralmente, os internados vivem na instituição e têm contato restrito com o mundo existente fora de suas paredes; a equipe dirigente muitas vezes trabalha num sistema de oito horas por dia e está integrada ao mundo externo. O autor coloca ainda que, normalmente, os participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados, por sua vez, tendem a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados.

idosos em relação ao ambiente físico de suas habitações geralmente eram mais favoráveis do que se esperaria pela análise objetiva da real situação destes locais.

Estas discussões são bastante relevantes para os resultados apresentados pela presente pesquisa, uma vez que procuram explicar possíveis distorções nas respostas obtidas através das sessões de entrevistas. Conforme será apresentado na seqüência das discussões, tanto a postura passiva dos idosos quanto a postura muitas vezes defensiva dos administradores e funcionários das instituições se refletirá ainda em outras questões abordadas pela entrevista, especialmente naquelas que exigem um posicionamento dos entrevistados sobre algum aspecto da instituição.

Na Tabela 4, são apresentados os *aspectos que influenciam a satisfação das idosos com a instituição* de acordo com os entrevistados, bem como as freqüências de respostas observadas para cada um dos mesmos. Observa-se, em geral, uma maior freqüência de respostas do grupo dos idosos para a categoria “facilidades e serviços”³. Para os entrevistados do grupo dos não idosos, no entanto, a satisfação dos idosos com a instituição parece receber influência de um equilíbrio entre os aspectos “facilidades e serviços”, “pessoas” e “ambiente físico”, sendo que uma menor influência parece ser exercida pelo aspecto “atividades”.

Resultados semelhantes neste sentido foram encontrados por IMAMOGLU & KILIÇ (1999) em um estudo realizado com residentes de instituições de baixa qualidade e alta qualidade para idosos na Turquia. Ao aplicarem entrevistas sobre a importância atribuída pelos residentes aos diferentes aspectos da instituição, estes autores constataram que, em geral, a maioria dos respondentes considerou importante o aspecto “facilidades e serviços” (78%), seguido de “pessoas” (42%), “ambiente físico” (21%) e “atividades de lazer” (17%). Este estudo revelou ainda que os idosos de instituições de alta qualidade atribuem um maior grau de importância ao ambiente físico do que as instituições de baixa qualidade⁴.

³ A predominância de respostas do grupo dos idosos relacionadas a este aspecto da instituição, também foi verificada durante a aplicação da entrevista piloto.

⁴ Para diferenciar instituições de alta qualidade e baixa qualidade, os autores se basearam em critérios relacionados às instalações físicas das instituições, tais como: a presença de elevadores para facilitar a mobilidade dos idosos, a presença de banheiros individuais por apartamento e a presença de campanhas de emergência ou telefones nos apartamentos (IMAMOGLU & KILIÇ, 1999).

Tabela 4: Frequências para aspectos que influenciam a satisfação e/ou insatisfação das idosas em relação à instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Por que você gosta (ou não) de morar aqui? | | | | | | | | |
|--|---------------|------|----|------|---------------|------|----|------|
| [Por que você acha que as idosas gostam (ou não) de morar aqui?] | | | | | | | | |
| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Respostas positivas (satisfação) | | | | | | | | |
| ambiente físico | 7 | 63,6 | 6 | 66,7 | 2 | 16,7 | 7 | 58,3 |
| facilidades e serviços | 9 | 81,8 | 6 | 66,7 | 10 | 83,3 | 8 | 66,7 |
| atividades | 3 | 27,3 | 3 | 33,3 | 4 | 33,3 | 3 | 25 |
| pessoas | 5 | 45,4 | 6 | 66,7 | 5 | 41,7 | 9 | 75 |
| Respostas negativas (insatisfação) | | | | | | | | |
| falta de casa/família | 0 | 0 | 4 | 44,4 | 1 | 8,3 | 6 | 50 |
| dificuldade de adaptação à instituição/ relacionamento | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 8,3 | 1 | 8,3 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

Na presente pesquisa, pode-se observar que as idosas da instituição A apresentam frequência bastante superior para a categoria *ambiente físico* quando comparadas às idosas da instituição B. Observa-se também no gráfico gerado pela AFC, junto à Figura 55, uma tendência de associação entre a satisfação com o *ambiente físico* e os respondentes da instituição A. Conforme anteriormente relatado, ambas instituições apresentam características muito semelhantes em vários aspectos, inclusive em relação à qualidade das instalações físicas no que diz respeito às edificações. A diferença mais marcante entre as duas instituições quanto ao ambiente físico, sem dúvida, reside nos espaços abertos disponíveis em cada uma delas. Esta tendência, portanto, provavelmente, esteja vinculada à superioridade dos espaços abertos disponíveis na instituição A, tanto em função da disponibilidade de área quanto pela configuração destes espaços (vide Figuras 37 e 45, págs.70 e 76). Esta conclusão é apoiada pela análise do conteúdo geral das entrevistas, onde a grande maioria dos entrevistados da instituição A, relaciona a satisfação com o ambiente físico aos espaços abertos disponíveis e não às edificações. Para as entrevistas realizadas junto à instituição B, ao contrário, os entrevistados que apontaram o ambiente físico como um dos aspectos que contribui para a satisfação com a instituição, se referiram predominantemente às qualidades da edificação.

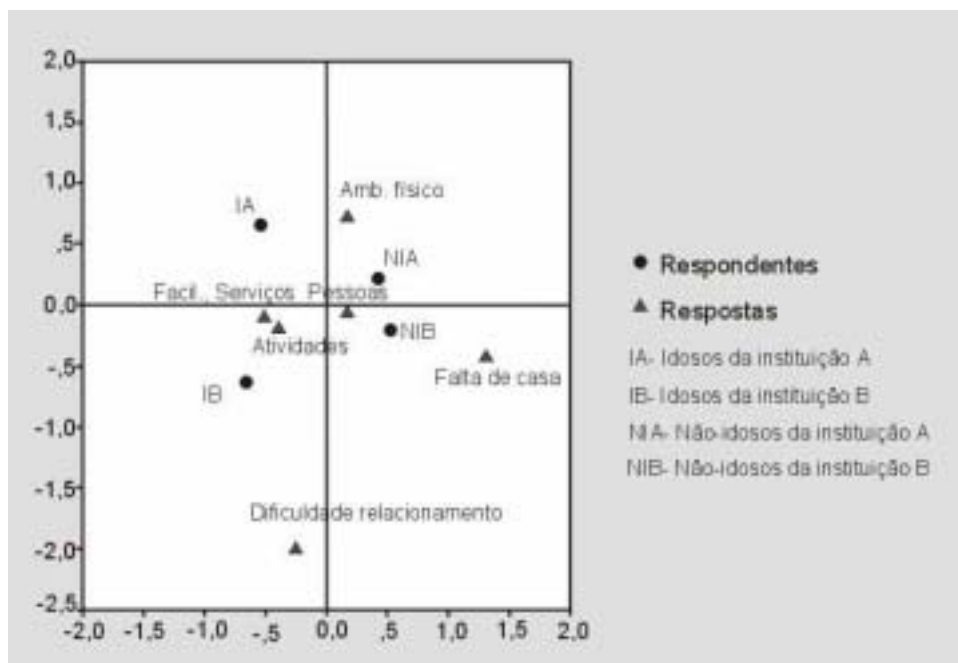


Figura 55: Correspondências para aspectos que influenciam a satisfação e/ou insatisfação dos idosos em relação à instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

Foram apontados como causas para insatisfação dos idosos com a instituição os aspectos “falta de casa/família” e “dificuldade de adaptação/relacionamento”. Para os entrevistados de ambas instituições, verificam-se maiores frequências de respostas para o primeiro destes aspectos (Tabela 4). Observa-se ainda que a categoria de respostas “falta de casa/família” apresentou maior associação com os respondentes do grupo dos não idosos quando comparado ao grupo dos idosos.

A falta da família e a sensação de abandono, experimentados pelos idosos institucionalizados, têm sido problemas freqüentemente abordados tanto pela mídia (em reportagens especiais veiculadas através da televisão, jornais e revistas) como também pela literatura especializada e/ou científica. De acordo com informações fornecidas pelos técnicos da Secretaria Municipal da Saúde, muitos idosos de fato sofrem de abandono ao serem encaminhados para instituições asilares (informação verbal). Esta situação se deve a diversas causas, dentre elas: falta de parentes residentes na mesma cidade, perda dos cônjuges, dificuldades de relacionamento com os filhos, falta de tempo dos familiares para realizarem visitas à instituição. Em muitos casos ainda, os familiares se sentem deprimidos pelas condições de seus idosos e passam a reduzir progressivamente o número de visitas (principalmente quando os idosos se encontram bastante debilitados física ou psicologicamente).

Solicitados a sugerirem mudanças que pudessem aumentar a sua satisfação em relação à instituição, a maioria dos entrevistados do grupo das idosas, para ambas instituições, apresentou respostas negativas (Tabela 5). Ou seja, a maioria das idosas declarou estar plenamente satisfeita com a instituição, não achando necessário nenhuma mudança nas condições atuais. Estes resultados podem ser explicados em parte pela postura passiva das idosas em relação à instituição já discutida anteriormente.

Tabela 5: Frequências para aspectos a serem melhorados na instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Como deveria ser este lugar para que você gostasse mais de morar aqui? (Como você acha que deveria ser este lugar para que as idosas gostassem mais de morar aqui?) | | | | | | | | |
|--|---------------|------|----|------|---------------|------|----|------|
| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| ambiente físico | 1 | 9,1 | 0 | 0 | 1 | 8,3 | 2 | 16,7 |
| facilidades e serviços | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 8,3 |
| atividades | 0 | 0 | 2 | 22,2 | 1 | 8,3 | 3 | 25 |
| peças | 1 | 9,1 | 1 | 11,1 | 2 | 16,7 | 1 | 8,3 |
| está bom assim | 8 | 72,7 | 6 | 66,7 | 7 | 58,3 | 5 | 41,7 |
| não sei | 1 | 9,1 | 0 | 0 | 1 | 8,3 | 2 | 16,7 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

Também para o grupo dos não idosos, de forma geral, constatou-se altas frequências de respostas negativas em relação a possíveis melhorias na instituição. Durante a aplicação das entrevistas com este grupo, pode-se observar uma certa perplexidade por parte dos entrevistados em relação a esta questão. Expressões como “melhorar o quê aqui dentro?”, “elas já tem tudo o que precisam aqui dentro”, “melhor do que já é não é possível”, foram bastante comuns nas respostas deste grupo de forma geral, mas principalmente por parte dos funcionários. Esta postura, já havia sido relatada por técnicos da Secretaria Municipal da Saúde, responsáveis pela fiscalização de instituições desta natureza em Porto Alegre, em visita realizada anteriormente como parte desta pesquisa. Segundo estes informantes, existe uma espécie de “senso comum”, entre pessoas que trabalham em instituições para idosos, de que o trabalho ali desenvolvido consiste de uma “missão”, muitas vezes até mesmo “divina”. Esta postura, em certa medida, coloca a instituição acima de toda e qualquer crítica. Embora as instituições aqui estudadas realmente apresentem uma série de características positivas

conforme comentado anteriormente, acredita-se que este tipo de postura possa ter exercido alguma influência sobre as respostas dos entrevistados.

5.2.1.1 Resumo

- Os dados obtidos pelas entrevistas revelaram, de forma geral, uma alta satisfação das idosas em relação à instituição, o que pode ser questionado mediante a postura passiva adotada pelas idosas em relação à instituição.
- Os aspectos que mais influenciam a satisfação das idosas, em geral, foram: *facilidades e serviços e pessoas*.
- *Falta da família* foi apontado como a principal causa de insatisfação das idosas em relação à instituição.
- Os resultados sugerem uma influência positiva da qualidade dos espaços externos sobre a satisfação das idosas em relação ao *ambiente físico* da instituição.
- De forma geral, tanto idosos como não idosos demonstraram resistência em apontarem melhorias a serem realizadas na instituição.

5.2.2 Importância atribuída ao pátio

Como pode ser observado na Tabela 6, 100 % dos entrevistados de ambos os grupos da instituição A afirmaram achar importante a presença de pátio na instituição. Para a instituição B, apenas 16,7% das idosas responderam não achar tão importante dispor de um pátio na instituição, enquanto a totalidade do grupo dos não idosos acha importante.

A importância do pátio, segundo os entrevistados está associada a diversos fatores (Tabela 7). De maneira geral, as idosas da instituição A, em relação às da instituição B, apresentaram maiores frequências para a maioria das categorias de respostas encontradas. Isto significa que as idosas da instituição A, em geral, apontaram um maior número de aspectos que justificam a importância do pátio segundo seu ponto de vista (cabe lembrar que as perguntas utilizadas nas entrevistas eram abertas, sendo que os entrevistados podiam fornecer várias respostas para a mesma pergunta).

Tabela 6: Frequências para *importância atribuída à presença de pátio na instituição* em função da instituição e do grupo de entrevistados

Para você é importante ter pátio (ou áreas externas) aqui na instituição?
[Você acha que é importante ter pátio (ou áreas externas) na instituição para as idosas que moram aqui?]

| Respostas | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
|----------------------|---------------|------------|----------|------------|---------------|------------|-----------|------------|
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| sim, é importante | 11 | 100 | 9 | 100 | 10 | 83,3 | 12 | 100 |
| não é tão importante | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 16,7 | 0 | 0 |
| TOTAL | 11 | 100 | 9 | 100 | 12 | 100 | 12 | 100 |

Tabela 7: Frequências para *aspectos ligados à importância do pátio* em função da instituição e do grupo de entrevistados

Por que você acha importante ter pátio na instituição?
(Por que você acha importante ter pátio na instituição para as idosas?)

| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
|-------------------------------|---------------|------|----|------|---------------|------|----|------|
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| saúde/exercícios físicos | 6 | 54,5 | 8 | 88,9 | 4 | 33,3 | 6 | 50 |
| atividades/convívio | 4 | 36,4 | 3 | 33,3 | 5 | 41,7 | 8 | 66,7 |
| contato com a natureza | 7 | 63,6 | 2 | 22,2 | 2 | 16,7 | 6 | 50 |
| alimentação | 4 | 36,4 | 0 | 0 | 1 | 8,3 | 0 | 0 |
| clima/conforto | 2 | 18,2 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| contemplação/beleza | 3 | 27,3 | 4 | 44,4 | 1 | 8,3 | 3 | 25 |
| sensação de liberdade/ espaço | 5 | 45,4 | 4 | 44,4 | 2 | 16,7 | 3 | 25 |
| segurança | 0 | 0 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| não sabe | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 25 | 0 | 0 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

Tendo em vista a marcante diferença entre os espaços abertos disponíveis para as duas instituições, estes resultados sugerem que a superioridade dos espaços abertos disponíveis na instituição A influencia positivamente a percepção das idosas sobre a importância do pátio, enquanto o inverso pode ser dito para a instituição B. Ou seja, as características dos ambientes externos encontrados na primeira instituição favorecem uma percepção mais ampla sobre a importância do pátio na vida da instituição. Nesta instituição, observam-se amplos espaços com abundante vegetação arbórea, diversos recantos

sombreados, grande variedade de plantas ornamentais, presença de animais domésticos, e avifauna atraída pelas árvores frutíferas, o que compõem uma atmosfera bastante agradável que se assemelha muito a um “sítio” (termo utilizado por vários entrevistados para qualificar o pátio). A presença de uma horta e de um pomar de onde provém parte da alimentação consumida na instituição também favorece a percepção do pátio como um local de produção de alimentos.

Embora, de forma geral, tenham sido verificadas maiores frequências de respostas para os respondentes da instituição A, é interessante observar que as frequências de respostas para a categoria “atividade/convívio” foram superiores para os respondentes da instituição B (tanto idosos como não idosos). Este fato talvez esteja relacionado com a limitação física do pátio nesta última instituição. Em função desta limitação, o pátio aí existente não oferece uma maior diversidade de oportunidades de uso pelas idosas. Como será discutido mais adiante, em geral, o pátio não é visto pelas idosas como um local de permanência e sim como um local para desenvolver alguma tarefa. Com efeito, a análise do conteúdo dos relatos dos entrevistados e as observações realizadas no local demonstraram que o pátio é utilizado pelas idosas predominantemente para a lavagem e secagem de roupas, para o cultivo de plantas ornamentais e medicinais e para as idosas “se movimentarem”.

Também é interessante observar a menção feita à categoria de respostas “segurança” por alguns entrevistados dos grupos dos não idosos de ambas instituições. Em seus relatos, estes entrevistados ressaltaram a importância do pátio como um local que proporciona *segurança*, ou seja, a presença de um pátio na instituição é importante ao proporcionar às idosas os benefícios dos espaços abertos em um local seguro, sem que estas necessitem sair da instituição. O medo de atropelamento parece ser o maior receio de administradores e funcionários quanto aos passeios das idosas fora da instituição. O caminhar mais lento, os problemas de visão e as perdas de reflexos, bastante comuns em pessoas de idade mais avançada, podem, de fato, tornar a travessia de uma rua uma tarefa bastante complicada para essas pessoas. A fim de que sejam criadas condições suficientes para encorajar os idosos a manterem uma vida tão independente e integrada à sociedade quanto lhes for possível, os planejadores urbanos e o poder público devem refletir sobre alternativas que visem aumentar a segurança no entorno das instituições asilares. Medidas como, a presença de faixas de segurança, sinalização adequada, maior tempo dos semáforos para travessia de pedestres e policiamento permanente, seriam bastante apropriadas neste sentido.

De fato, a visita a espaços abertos fora da instituição não é um hábito comum para a maioria das idosas de ambas instituições. Como pode ser verificado na Tabela 8, quando questionadas sobre o costume de visitar espaços abertos fora da instituição (tal como praças, parques, sítios, etc.), a grande maioria das idosas respondeu que não ou apenas raramente o fazem. Junto à Figura 56, pode-se observar que respostas negativas apresentaram maior associação com as idosas de ambas instituições. Observa-se ainda que as idosas da instituição B apresentaram maior tendência a respostas positivas do que as da outra instituição. Esta tendência de associação pode ser explicada pela presença de uma praça próxima à instituição B, a qual, de acordo com as entrevistas, é utilizada por algumas idosas que gozam de maior mobilidade física e que costumam passear com frequência pelo bairro. Já a instituição A não dispõe de áreas verdes públicas próximas, o que certamente representa uma maior barreira à utilização de espaços desta natureza pelas idosas que aí residem. Quanto ao grupo dos não idosos, os informantes da instituição A demonstraram maior desinformação a este respeito do que os da instituição B, que apresentaram, por sua vez, maior associação com respostas intermediárias (que também pode ser explicado pela presença da praça próxima a esta instituição).

Tabela 8: Frequências para visitas a outros espaços abertos fora da instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Respostas | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
|----------------------------------|---------------|------------|----------|------------|---------------|------------|-----------|------------|
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Sim | 1 | 9,2 | 0 | 0 | 2 | 16,7 | 0 | 0 |
| de vez em quando, algumas vão | 5 | 45,4 | 3 | 33,3 | 4 | 33,3 | 8 | 66,6 |
| Não | 5 | 45,4 | 0 | 0 | 6 | 50 | 2 | 16,7 |
| não sei | 0 | 0 | 6 | 66,7 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| TOTAL | 11 | 100 | 9 | 100 | 12 | 100 | 12 | 100 |

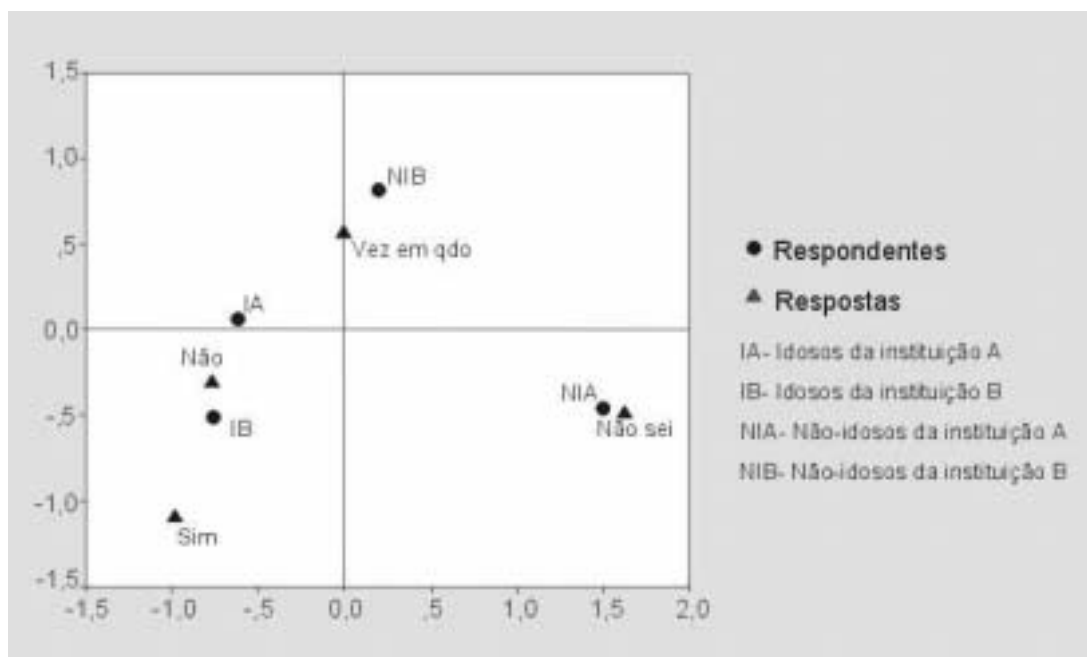


Figura 56: Correspondências para visitas a outros espaços abertos fora da instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

Estes resultados reforçam a importância da presença de espaços abertos em instituições para idosos. De acordo com os relatos dos entrevistados, normalmente, as idosas que costumam visitar espaços abertos fora da instituição são aquelas que mantêm um vínculo maior com o mundo exterior. Algumas idosas mantêm uma vida relativamente dinâmica e independente dentro dos limites que a vida em uma instituição possibilita: vão ao mercado, pegam ônibus para ir ao centro ou visitar a família, vão à igreja, etc. Outras são mais dependentes da família para realizarem atividades fora da instituição. Para as idosas deste segundo grupo, as visitas a áreas verdes ou outros espaços abertos, normalmente, só se tornam possíveis quando familiares ou amigos vêm até a instituição buscá-las (geralmente, de carro). Embora seja extremamente importante e saudável para as idosas manter laços com o mundo exterior, este não é um benefício acessível a todas. De acordo com os relatos das entrevistas, é comum encontrar idosas que não possuem família ou amigos na mesma cidade, ou simplesmente não mantêm contato com a família, seja por motivos de abandono ou rompimento de relações. Estas idosas vivem praticamente somente aquilo que a vida institucional lhes proporciona. Passeios coletivos (como visita a parques, *shopping centers*, CTGs) foram relatados por entrevistados (idosos e não idosos) de ambas instituições, porém, conforme relato dos administradores das instituições, estes passeios são raros e, normalmente, contam com a participação e o interesse de poucas idosas.

Estas observações concordam ainda com Brawley (2001) e Stoneham & Thoday (1994), segundo os quais, com o avançar da idade muitas pessoas experimentam uma diminuição da mobilidade física, que as restringe a uma maior permanência no ambiente doméstico e um menor contato com o mundo exterior. Neste sentido, o entorno da instituição é extremamente importante e a proximidade em relação a facilidades e serviços é fundamental, uma vez que estimula a independência dos idosos e representa uma fonte de estímulo para que os idosos permaneçam em atividade e em contato com o mundo exterior (DUENWALD, 1999 E STONEHAM; THODAY,1994).

5.2.2.1 Resumo

- A grande maioria dos entrevistados, para ambos os grupos e ambas as instituições, acha importante a presença de espaços abertos junto à instituição.
- Os resultados sugerem uma influência positiva da qualidade dos espaços externos sobre a percepção dos entrevistados a cerca dos benefícios destas áreas.
- A utilização de outros espaços abertos fora da instituição (como praças e parques) pelas idosas é influenciada pela proximidade destas áreas em relação à instituição. De modo geral, no entanto, as idosas utilizam pouco estes espaços, o que reforça a importância dos espaços abertos junto à instituição.

5.2.3 Utilização do pátio

A fim de determinar a proporção de uso dos espaços externos em relação à utilização de espaços internos das edificações, solicitou-se aos entrevistados que indicassem quais os locais da instituição mais utilizados (pelas idosas) durante o dia. Diferenças bastante marcantes foram verificadas entre as respostas dos entrevistados das diferentes instituições. A Tabela 9 mostra que tanto as idosas como os não idosos da instituição A indicaram áreas externas da instituição como os locais mais utilizados na mesma proporção que os ambientes internos. Ao contrário, para a instituição B, as frequências de respostas envolvendo espaços internos foram visivelmente superiores àquelas relacionadas aos espaços externos.

Tabela 9: Frequências para locais da instituição mais utilizados pelos idosos durante o dia em função da instituição e do grupo de entrevistados

Quais os locais aqui na instituição que você costuma utilizar mais durante o dia?
(Quais os locais aqui na instituição que as idosas costumam utilizar mais durante o dia)?

| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
|--------------------|---------------|------|----|------|---------------|-----|----|------|
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Ambientes internos | 7 | 63,6 | 7 | 77,8 | 12 | 100 | 11 | 91,7 |
| Áreas externas | 7 | 63,6 | 7 | 77,8 | 1 | 8,3 | 2 | 16,7 |
| Não sei | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 8,3 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

A Figura 57 mostra as associações encontradas para esta questão. Observa-se maior tendência à associação entre os respondentes da instituição A e as respostas relacionadas aos ambientes externos. Os respondentes da instituição B, ao contrário, apresentam maior tendência à associação com as respostas envolvendo os ambientes internos.

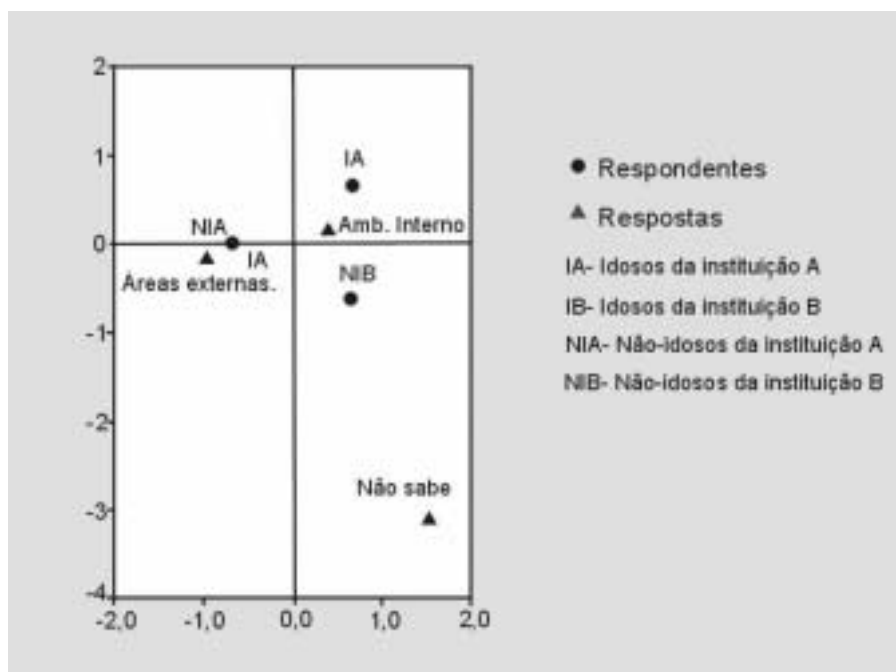


Figura 57: Correspondências para locais da instituição mais utilizados pelos idosos durante o dia em função da instituição e do grupo de entrevistados

Este resultado é particularmente importante para a presente pesquisa e pode sugerir uma série de discussões. Conforme relatado anteriormente, as instalações físicas das

duas instituições, no que diz respeito às edificações, são bastante semelhantes, porém diferenças marcantes entre os espaços abertos disponíveis em cada uma delas podem ser verificadas. Como pode ser observado nas Figuras 37 (pág.70) e 45, (pág.76), a instituição A apresenta espaços bastante superiores à instituição B, tanto à nível de área disponível para os idosos como à nível de complexidade e possibilidades de uso destes espaços. As diferenças entre os ambientes externos de ambas as instituições juntamente com os resultados obtidos através das entrevistas, sugerem, portanto, a ocorrência de uma influência positiva de maiores áreas, com maiores possibilidades de uso sobre o tempo de permanência das idosas no pátio. É importante ressaltar que, em ambas instituições, de acordo com o relato de seus administradores, existe uma política de incentivo ao uso do pátio, principalmente em função de preocupações com a saúde das idosas (o uso do pátio é incentivado a fim de que as idosas se exercitem, tomem sol e respirem “ar fresco”). A política administrativa em relação ao uso do pátio, provavelmente, neste caso, exerce uma influência menor sobre a diferença entre o tempo de permanência no pátio para as idosas das duas instituições.

A Tabela 10 mostra os dados relativos às frequências de respostas para a pergunta “Qual foi a última vez que você usou o pátio (que você viu os idosos utilizando o pátio)?”. Esta questão teve como objetivo verificar a percepção dos entrevistados sobre a *frequência de utilização do pátio* pelas idosas. Verifica-se que todos os grupos de entrevistados apresentaram altas frequências de respostas para a categoria *hoje*. Este resultado sugere que, em ambas as instituições estudadas, as idosas costumam utilizar o pátio com bastante frequência.

Embora as frequências de respostas sugiram a alta frequência de utilização do pátio para as duas instituições, o gráfico gerado pela AFC (Figura 58) revelou uma maior tendência à associação entre as idosas da instituição A e a resposta *hoje*. As idosas da instituição B, por outro lado, apresentaram maior tendência à associação com a resposta *ontem*. Isto indica que existe uma tendência a uma menor frequência de utilização do pátio pelas idosas da instituição B, o que é reforçado pela observação dos informantes do grupo dos não idosos desta instituição, que apresentaram maior associação com a resposta *semana passada*.

Tabela 10: Frequências para *frequência de utilização do pátio (última vez que utilizou o pátio)* em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Quando foi a última vez que você usou o pátio? (Quando foi a última vez que você observou as idosas utilizando o pátio?) | | | | | | | | |
|---|---------------|------------|----------|------------|---------------|------------|-----------|------------|
| Respostas | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Hoje | 10 | 90,9 | 6 | 66,7 | 9 | 75 | 6 | 50 |
| Ontem, ante ontem | 1 | 9,1 | 1 | 11,1 | 3 | 25 | 1 | 8,3 |
| Semana passada | 0 | 0 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| Não sei, não lembro | 0 | 0 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 3 | 25 |
| TOTAL | 11 | 100 | 9 | 100 | 12 | 100 | 12 | 100 |

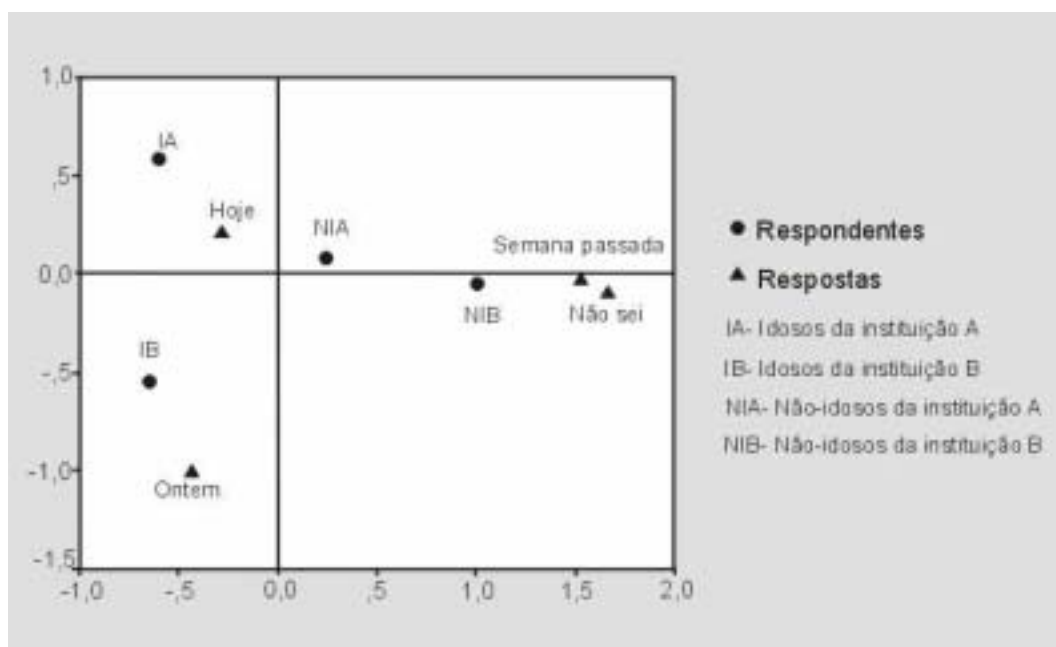


Figura 58: Correspondências para *frequência de utilização do pátio* em função da instituição e do grupo de entrevistados

Estes resultados apresentam informações bastante importantes para a pesquisa, especialmente quando comparados aos resultados anteriormente apresentados para *locais da instituição mais utilizados pelas idosas*. Comparando-se estes resultados, por exemplo, é possível observar que, para a instituição B, embora as idosas utilizem o pátio com bastante frequência, elas permanecem a maior parte do tempo dentro de casa. Já para a instituição A, o pátio, além de ser um local bastante utilizado, também constitui um local de permanência das idosas. Isto sugere, portanto, que a superioridade do pátio (em termos de área e possibilidades

de utilização), para os casos estudados, parece exercer maior influência sobre o tempo de permanência no pátio do que sobre a frequência de sua utilização pelas idosas.

A análise mais aprofundada das fontes de evidência utilizadas pela pesquisa torna mais fácil o entendimento destas relações. Recorrendo-se ao conteúdo dos relatos das entrevistas, pode-se encontrar algumas colocações bastante esclarecedoras a este respeito. Segundo o relato de uma funcionária da instituição B, por exemplo, as idosas realmente utilizam bastante o pátio, no entanto, elas não permanecem muito tempo aí. O trecho deste relato abaixo transcrito deixa bem clara essa idéia:

“...Todos os dias elas vão ali (no pátio) ...elas gostam muito de jogar comida para os passarinhos... Então todos os dias elas estão no pátio, mas não ficam ali por muito tempo. Então elas vêm, jogam farelo de pão, mexem, olham as flores, falam “Ah que lindo!”, e vão para dentro. Não são de ficar ali paradas não.” (Sra. A., funcionária da Instituição B)

Esta informação pôde ser confirmada pelas observações realizadas pelo pesquisador durante os períodos de visita a esta instituição (B). Nestes períodos, era comum observar-se a presença de senhoras nas áreas externas, mas apenas por curtos intervalos de tempo como relatou a funcionária. Observou-se senhoras que vinham molhar os vasilhinhos de plantas, algumas recolhendo suas roupas no varal, outras colhendo ervas medicinais ou simplesmente debruçadas sobre o terraço observando as árvores do fundo do lote. Em todas estas oportunidades, no entanto, as idosas não ficavam no pátio mais do que alguns minutos, retornando ao interior da edificação logo em seguida. A análise física da área, por outro lado, revela que o pátio desta instituição não oferece condições para que as idosas permaneçam mais tempo “fora de casa”. Não há bancos suficientes, nem adequados para as idosas e não há a presença de recantos onde as idosas possam encontrar privacidade e sossego. Situação inversa àquela encontrada na instituição A, onde as condições físicas auxiliam e incentivam esta permanência. Neste caso, pôde-se verificar, através dos períodos de observação, que as idosas passavam horas sob a sombra das árvores lendo, fazendo tricô, brincando com gatinhos ou reunidas em duas ou três pessoas conversando e cuidando o movimento de entrada e saída de pessoas da instituição.

As frequências de respostas relativas às *formas de utilização do pátio* pelas idosas podem ser observadas na Tabela 11. Observa-se entre as idosas de ambas instituições

uma grande predominância de respostas referentes à utilização ativa do pátio, principalmente para a realização de *exercícios físicos* e desenvolvimento de *afazeres domésticos*. Por outro lado, para os entrevistados do grupo dos não idosos de ambas instituições, a utilização passiva do pátio pelas idosas é tão comum quanto à utilização ativa.

Tabela 11: Frequências para formas de utilização do pátio em função da instituição e do grupo de entrevistados

| O que você fez lá nesta ocasião (última vez que usou o pátio)? | | | | | | | | |
|--|---------------|-------------|----------|-------------|---------------|-------------|----------|-------------|
| O que eles estavam fazendo lá nesta ocasião (última vez que você observou as idosas usando o pátio?) | | | | | | | | |
| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Utilização ativa | 11 | 100 | 8 | 88,9 | 11 | 91,7 | 9 | 75 |
| Exercícios físicos | 6 | 54,5 | 4 | 44,4 | 4 | 33,3 | 1 | 8,3 |
| Atividades relacionadas à natureza | 1 | 9,1 | 5 | 55,6 | 3 | 25 | 6 | 50 |
| Afazeres domésticos | 6 | 54,5 | 2 | 22,2 | 6 | 50 | 6 | 50 |
| Socialização/convívio | 1 | 9,1 | 5 | 55,7 | 0 | 0 | 5 | 41,7 |
| Utilização passiva | 2 | 18,2 | 8 | 88,9 | 2 | 16,7 | 8 | 66,7 |
| Contemplação de elementos naturais | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 8,3 | 1 | 8,3 |
| Observação de pessoas em atividade | 0 | 0 | 2 | 22,2 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| Tomar sol, tomar ar | 1 | 9,1 | 2 | 22,2 | 0 | 0 | 5 | 41,7 |
| Sentar | 1 | 9,1 | 8 | 88,9 | 1 | 8,3 | 6 | 50 |
| Não sei | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 8,3 | 3 | 25 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

As associações encontradas para *formas de utilização do pátio* podem ser visualizadas na Figura 59. Dentre as formas de utilização ativa do pátio, uma associação bastante significativa entre as idosas da instituição A com a categoria de respostas “exercícios físicos” foi verificada. Como será melhor discutido mais adiante, diversas idosas desta instituição relataram fazer caminhadas todos os dias utilizando as calçadas ao redor do prédio. Além da preocupação das idosas em se movimentarem, como elas próprias relataram, o incentivo para estas caminhadas também pode ser atribuído ao trabalho de um médico que atua como voluntário junto à instituição, cuja opinião parece ser bastante respeitada pelas idosas. Ainda é importante ressaltar a influência da infra-estrutura física presente na

instituição que permite e incentiva o desenvolvimento deste tipo de atividade. Embora a calçada onde as idosas realizam suas caminhadas não tenha sido planejada para esta utilização específica, ela representa um percurso acessível e seguro (sem a presença de desníveis ou pisos escorregadios) para as idosas, ao longo do qual se pode contar com uma visão bastante ampla dos espaços abertos e da vegetação, o que torna a caminhada bastante agradável.

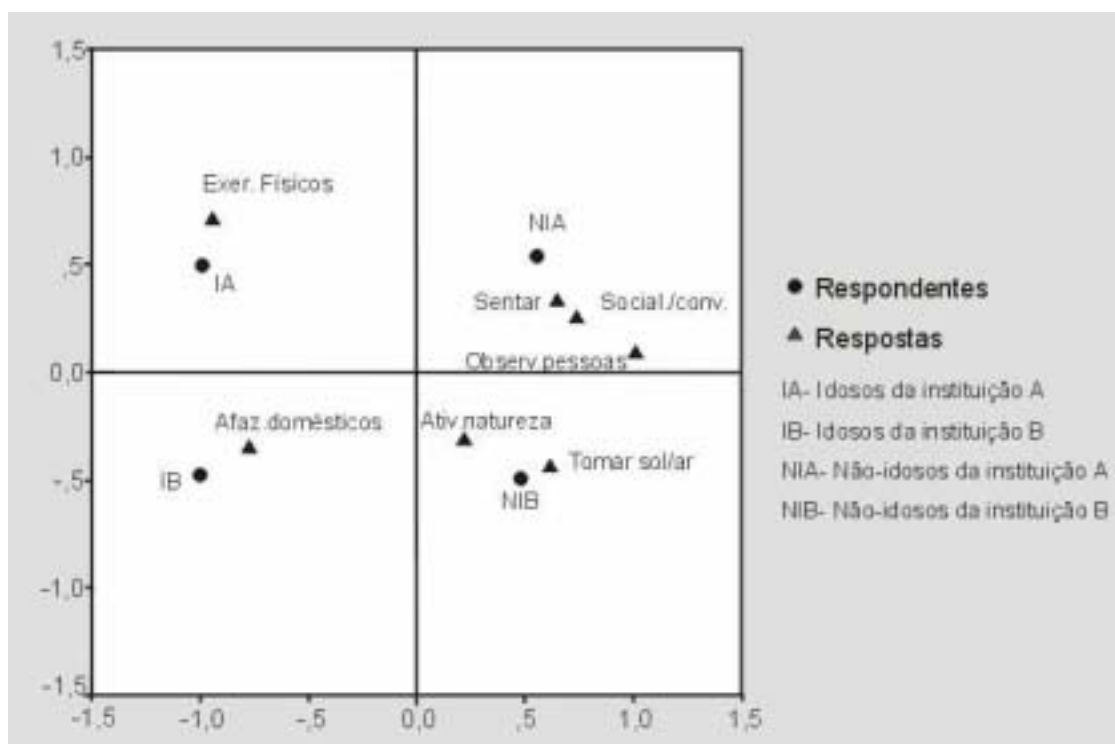


Figura 59: Correspondências para formas de utilização do pátio em função da instituição e do grupo de entrevistados

Já a instituição B apresentou uma maior tendência à associação com a categoria de respostas “afazeres domésticos”. Esta categoria está relacionada principalmente ao trabalho de lavagem de roupas pelas idosas na instituição. A maior associação desta categoria com as respondentes da instituição B talvez possa ser explicada pela maior limitação do pátio desta instituição em termos de possibilidades de utilização. Sem dúvida, a maior motivação para deixar o ambiente interno da edificação e visitar o pátio, para a maioria das idosas entrevistadas desta instituição, é a “necessidade” de lavar as roupas e estender no varal. Em algumas entrevistas, inclusive, idosas que afirmaram não considerar o pátio tão importante para si, admitem usá-lo com bastante frequência, pois “sempre tem uma roupinha ou outra para lavar”. Mesmo sabendo que a instituição dispõe de serviço de lavanderia, a maioria das idosas prefere lavar por conta própria parte de suas roupas nos tanques localizados nas áreas

externas. Este hábito também foi verificado na instituição A e parece estar relacionado com a necessidade das idosas de permanecerem ativas e “responsáveis por algo” (conforme palavras empregadas no relato de um dos funcionários entrevistados), uma vez que, provavelmente, a grande maioria das idosas residentes nas instituições tenha exercido atividades de dona de casa por muitos anos de suas vidas.

Embora respostas ligadas à utilização ativa do pátio também sejam muito freqüentes para o grupo dos não idosos, a AFC revelou tendências a associações dos respondentes deste grupo com formas de utilização passiva do pátio. Para os respondentes da instituição A, verificou-se forte tendência à associação com a categoria de respostas “sentar”, enquanto para os respondentes da instituição B, uma maior correspondência foi identificada com as categorias “tomar sol/ar”. Estas tendências sugerem que, normalmente, não idosos tendem a valorizar mais a utilização passiva do pátio do que as próprias idosas, que por sua vez tendem a perceber o pátio como um local de atividade. Apesar da percepção das idosas, as observações realizadas nas instituições permitem concluir que, quando dispõem das condições adequadas no pátio, as idosas de fato utilizam o pátio tanto de forma ativa quanto passiva. Isto fica mais evidente na instituição A, onde as condições mais adequadas do pátio fazem com que as idosas o utilizem intensivamente para a simples contemplação.

5.2.3.1 Resumo

- De forma geral, para ambas instituições, o pátio é bastante utilizado pelas idosas em termos de freqüência de uso.
- A qualidade do pátio influencia, sobretudo, o tempo de permanência das idosas no pátio.
- A utilização do pátio segundo a percepção das idosas se dá, predominantemente, de forma ativa. Já para os não idosos, as residentes utilizam o pátio de forma ativa e passiva em proporções semelhantes. Dentre as atividades desenvolvidas no pátio mais citadas estão: atividades domésticas, exercícios físicos e cultivo de plantas.

5.2.4 Preferências em relação ao pátio

Durante as entrevistas, os entrevistados foram solicitados a descrever como deveria ser o pátio mais adequado para as idosas na instituição, através da sugestão de *características do pátio ideal*. Os resultados desta questão podem ser observados na Tabela 12. Observa-se na que o grupo dos idosos apresentou dificuldades em responder esta questão, confirmando mais uma vez sua postura passiva perante seu ambiente. Esta postura foi verificada especialmente na instituição A, onde 36,4 % dos respondentes não manifestaram opinião sobre esta questão ou simplesmente fizeram uso da mesma resposta utilizada em questões anteriores que envolviam a possibilidade de mudança das condições atuais (respostas como “Tudo aqui já é bom” e “Não tem que mudar nada”, foram as mais comuns neste sentido).

Tabela 12: Frequências para *características do pátio ideal para as idosas* em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Como seria o pátio ideal para você? (Como você acha que deveria ser o pátio ideal para as idosas?) | | | | | | | | |
|---|---------------|------|----|------|---------------|------|----|------|
| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Acessibilidade e segurança | 1 | 9,1 | 4 | 44,4 | 2 | 16,7 | 6 | 50 |
| Infra-estrutura para lazer ativo | 3 | 27,3 | 3 | 33,3 | 4 | 33,3 | 5 | 41,7 |
| Infra-estrutura para lazer passivo | 1 | 9,1 | 4 | 44,4 | 1 | 8,3 | 6 | 50 |
| Espaço | 0 | 0 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| Limpeza e organização | 4 | 36,4 | 2 | 22,2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Conforto ambiental | 1 | 9,1 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 4 | 33,3 |
| Vegetação | 5 | 45,4 | 5 | 55,5 | 5 | 41,7 | 7 | 58,3 |
| Privacidade | 1 | 9,1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Não sei | 4 | 36,4 | 1 | 11,1 | 2 | 16,7 | 0 | 0 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

A categoria de resposta mais frequente nas entrevistas para ambos os grupos de ambas instituições foi *vegetação*. Também bastante frequente para todos os grupos de entrevistados foi a categoria *infra-estrutura para lazer ativo*. Cabe salientar, que esta última categoria de respostas também engloba as respostas relacionadas ao desejo da presença de

locais destinados ao plantio de hortaliças ou plantas ornamentais pelas idosas, que indiretamente também está relacionado à categoria *vegetação*, embora só seja contabilizado na primeira destas categorias. Esta observação é particularmente importante, uma vez que, somadas todas as respostas que se referem diretamente ou indiretamente à vegetação, a maioria dos entrevistados de ambas as categorias relacionam o pátio com a presença de elementos vegetais.

A considerável importância atribuída à vegetação concorda com os resultados da pesquisa realizada por Küller et al (1990) com idosos residentes em instituições na Suécia e na Turquia. Através de um estudo, estes pesquisadores verificaram que os idosos suecos, em geral, estão satisfeitos com a quantidade de vegetação em seus ambientes externos, o que pode ser explicado pelo excelente nível dos ambientes externos na Suécia. Na Turquia, no entanto, a falta de vegetação faz com que as pessoas passem menos tempo nos ambientes externos.

Observa-se na mesma tabela (Tabela 12), consideráveis frequências de respostas dos idosos da instituição A para a categoria *limpeza e organização*, quando comparados aos idosos da instituição B, que não relacionaram suas respostas a esta categoria. O considerável grau de importância atribuído pelas idosas da instituição A a esta categoria de resposta provavelmente esteja relacionado ao trabalho exercido pelo funcionário que cuida do jardim da instituição, o qual foi muitas vezes mencionado pelas senhoras durante as entrevistas. Este funcionário é responsável por serviços gerais em toda a casa, no entanto, a maior parte do seu tempo e de sua atenção é dedicada à manutenção dos espaços abertos da instituição, como ele próprio relatou durante a entrevista com ele realizada. De fato, observou-se, durante todo o desenvolvimento da pesquisa junto a esta instituição, o pátio sempre limpo e organizado (com a grama sempre bem cortada, cercas-viva podadas, canteiros de flores anuais e horta renovados periodicamente, etc.), o que é bastante admirável tendo em vista que todo o trabalho é desenvolvido por uma só pessoa.

É interessante observar ainda que, comparado ao grupo dos idosos, o grupo dos não-idosos apresentou altas frequências para as categorias de respostas *acessibilidade e segurança* e *infra-estrutura para lazer passivo*, confirmando a maior preocupação deste grupo com a segurança das idosas e a maior valorização da utilização passiva do pátio pelas idosas, ambas posturas já mencionadas na discussão de questões anteriores.

Os resultados referentes à *avaliação dos entrevistados sobre a vegetação existente no pátio* da instituição são apresentados junto à Tabela 13, onde podem ser observadas as categorias de resposta encontradas para esta questão, divididas em aspectos positivos e aspectos negativos associados à vegetação..

Tabela13: Freqüências para *avaliação dos entrevistados sobre a vegetação existente no pátio em função da instituição e do grupo de entrevistados*

O que você acha das plantas que tem aqui no pátio?
(Qual sua opinião sobre as plantas que tem no pátio da instituição em relação às idosas?)

| Respostas* | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
|---|---------------|------|----|------|---------------|------|----|------|
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Respostas positivas (satisfação) | | | | | | | | |
| Bem cuidadas, boa manutenção | 7 | 63,6 | 2 | 22,2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Fonte de alimentos | 7 | 63,6 | 4 | 44,4 | 6 | 50 | 2 | 16,7 |
| Fonte de medicinais | 0 | 0 | 1 | 11,1 | 4 | 33,3 | 4 | 33,3 |
| Ornamento, beleza | 9 | 81,8 | 6 | 66,7 | 10 | 83,3 | 2 | 16,7 |
| Sombra | 2 | 18,2 | 4 | 44,4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Variedade | 1 | 9,1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Forma de atividade | 1 | 9,1 | 1 | 11,1 | 4 | 33,3 | 5 | 41,7 |
| Respostas negativas (insatisfação, indiferença) | | | | | | | | |
| Falta de manutenção | 3 | 27,3 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Falta de ornamentação | 1 | 9,1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| Falta de planejamento | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 8,3 |
| Não sei | 0 | 0 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 3 | 25 |

* a soma das freqüências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

De forma geral, para as idosas, as maiores freqüências observadas foram para as categorias de respostas que avaliam positivamente a vegetação existente, relacionando-a, principalmente, aos aspectos *ornamento/beleza* e *fonte de alimento*. De acordo com o relato da maioria das idosas de ambas as instituições, a vegetação é ressaltada por seu aspecto ornamental principalmente devido à presença de flores. A vegetação como *fonte de alimentos*, por sua vez, aparece nos relatos vinculada principalmente à presença de árvores frutíferas, sendo que, para a instituição A, muitas vezes também é citada a presença da horta (lembrando que a instituição B não possui espaço destinado à horta).

Na mesma tabela (Tabela 13), pode-se observar uma alta frequência para a categoria de respostas *bem cuidadas* para as idosas da instituição A. A análise do conteúdo dos relatos das idosas na íntegra permite concluir que a alta frequência de respostas para este grupo em relação a esta categoria está relacionada mais uma vez ao trabalho de manutenção dos espaços abertos desenvolvido pelo funcionário desta instituição. Neste sentido, os relatos que se referiam aos cuidados com a vegetação, normalmente, eram acompanhados de elogios ao funcionário. Também para os respondentes da instituição A, verificam-se frequências visivelmente superiores para a categoria *sombra*, o que pode ser explicado pela configuração do pátio desta instituição, onde a abundância de espaço físico possibilita a presença de árvores de grande porte que permitem o sombreamento tanto de recantos utilizados pelas idosas quanto do entorno das edificações.

Ainda em relação às respostas que avaliam positivamente as vegetações existentes nos pátios das instituições, também chamam a atenção as altas frequências de respostas para as categorias *forma de atividade* e *medicinais*, verificadas para os respondentes da instituição B de forma geral (idosos e não idosos), quando comparados aos respondentes da instituição A. A ocorrência de maiores frequências de respostas para os respondentes da instituição B em relação a estas duas categorias provavelmente esteja relacionada com a política da administração em relação ao cultivo de plantas no pátio pelas idosas. Conforme comentado anteriormente, ao contrário da instituição A, o cultivo de plantas pelas senhoras é bastante comum nesta instituição, o que é percebido positivamente pelos funcionários da instituição e pelos visitantes. Isto explica porque muitos entrevistados manifestaram sua satisfação em relação à vegetação existente por esta representar uma *forma de atividade* para as idosas. Também bastante ressaltado pelos entrevistados desta instituição, como um aspecto positivo da vegetação existente, foi a presença de plantas medicinais no pátio. Para os entrevistados a presença de plantas medicinais no pátio também está relacionada à atividade de cultivo, já que as mesmas são plantadas e mantidas pelas idosas. Mas, além disso, as plantas medicinais desempenham uma função particular no pátio, constituindo em uma fonte de interesse à parte para as idosas no sentido de estimulá-las a visitarem os espaços abertos. Uma das funcionárias entrevistadas, que trabalha como enfermeira junto à instituição, chegou a se referir ao pátio como uma espécie de “farmácia” para as idosas. As observações realizadas nesta instituição confirmaram a importância da presença de plantas medicinais no dia-a-dia das senhoras. Durante as visitas à instituição, observou-se, em diversas

oportunidades, senhoras no pátio coletando algumas folhas “para fazer chá”, ou senhoras comentando entre si sobre a eficiência deste ou daquele chá para determinado mal.

Quanto às avaliações negativas sobre a vegetação existente, é curioso observar a ocorrência de uma considerável parcela dos idosos da instituição A que manifestou insatisfação com a vegetação existente devido à *falta de manutenção*. A curiosidade deste fato reside na alta frequência de respostas para a categoria *bem cuidadas*, também verificada entre as idosas da instituição A, o que gera uma aparente contradição entre as respostas das idosas desta instituição. No entanto, analisando-se os relatos das entrevistas na íntegra, pode-se verificar que a insatisfação em relação à manutenção da vegetação diz respeito a uma observação isolada das idosas sobre algumas árvores frutíferas do pomar que estariam “muito velhas”, necessitando ser substituídas por mudas novas. A manutenção dos demais elementos vegetais do pátio, no entanto, é percebida positivamente pelas mesmas idosas. Esta percepção negativa das idosas em relação às frutíferas que supostamente estariam “velhas” pode estar relacionada à baixa produtividade das árvores, mas também pode ter um caráter simbólico. Na verdade, observou-se que o fato das árvores estarem “velhas” parece incomodar mais as idosas do que a sua produção de frutos. Esta postura, portanto, talvez seja decorrente da associação destas árvores com o processo de envelhecimento em si mesmo e a conseqüente perda de vitalidade a ele relacionada. As frutíferas “velhas”, neste caso, poderiam estar simbolizando a própria “velhice” na paisagem e conseqüentemente despertando percepções negativas entre as idosas ao relacionarem as condições das árvores às suas próprias condições. Tendo em vista estas observações, a renovação e os cuidados com a manutenção dos elementos que compõem os espaços abertos parecem ser fatores importantes a serem considerados sobre a satisfação das idosas para com os espaços abertos e a conseqüente adoção de medidas que possam vir a incrementar esta satisfação.

Sobre as respostas que avaliam negativamente a vegetação outro aspecto interessante pôde ser observado. Embora apresentando baixas frequências de respostas, as categorias *falta de ornamentação* e *falta de planejamento* foram citadas por alguns respondentes do grupo dos não idosos da instituição B. Embora estas frequências digam respeito à avaliação de um pequeno número de entrevistados, a ocorrência de respostas para estas categorias podem estar relacionadas à pouca atratividade e à baixa qualidade visual dos espaços abertos desta instituição. A opinião dos não-idosos, no entanto, diverge totalmente da opinião das idosas a este respeito, uma vez que estas últimas avaliam o aspecto ornamental

como a principal causa de satisfação em relação à vegetação existente. Observou-se que, para as idosas, a relação com a vegetação é muito mais íntima e também muito mais pontual do que para os demais entrevistados, o que talvez explique a diferença tão marcante entre a percepção de ambos grupos sobre o seu caráter ornamental. Ou seja, enquanto os demais entrevistados avaliam a beleza da vegetação tendo em vista o conjunto, as idosas parecem avaliar este mesmo item a partir de uma planta em particular, de um único vasinho que contém uma flor de sua preferência ou de algumas plantas do pátio cuja responsabilidade pela manutenção é sua.

A revisão de literatura realizada para esta pesquisa revelou uma série de benefícios da realização de atividades de cultivo de plantas por idosos (ver capítulo 2). Tendo em vista estas considerações, esta pesquisa procurou investigar, através das entrevistas, qual a importância atribuída pelos diversos personagens das instituições estudadas a esta atividade e qual a postura das administrações em relação à mesma. Os resultados desta investigação podem ser observados junto às Tabelas 14 e 15 e junto às Figuras 60 e 61.

A Tabela 14 e a Figura 60 mostram, respectivamente, as frequências de respostas e as associações encontradas para *importância atribuída à possibilidade de cultivo de plantas* pelas idosas. Observa-se que, na instituição A, um percentual maior de idosas acha importante poder cultivar plantas na instituição quando comparadas à instituição B. Já para o grupo dos não idosos as posições se invertem, sendo que na instituição B a maior parte dos entrevistados atribui importância a esta forma de atividade e na instituição A apenas menos da metade dos entrevistados .

Tabela 14: Frequências para *importância atribuída à possibilidade de cultivo de plantas* em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Para você é importante poder cultivar ou cuidar de plantas? (Você acha que para as idosas é importante poder cultivar ou cuidar de plantas?) | | | | | | | | |
|--|----------------------|------------|-----------|------------|----------------------|------------|-----------|------------|
| Respostas | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Sim | 9 | 81,8 | 4 | 44,5 | 6 | 50 | 9 | 75 |
| Depende da pessoa | 0 | 0 | 2 | 22,2 | 0 | 0 | 3 | 25 |
| Não | 2 | 18,2 | 3 | 33,3 | 6 | 50 | 0 | 0 |
| TOTAL | 11 | 100 | 9 | 100 | 12 | 100 | 12 | 100 |

A AFC (Figura 60) confirma estas mesmas tendências. Para o grupo das idosas, pode-se verificar uma associação significativa entre os entrevistados da instituição B e respostas negativas. Por outro lado, para a instituição A verifica-se uma tendência à associação com respostas positivas. Já para o grupo dos não idosos de ambas instituições, verifica-se uma maior tendência a associações com respostas intermediárias (*depende da pessoa*).

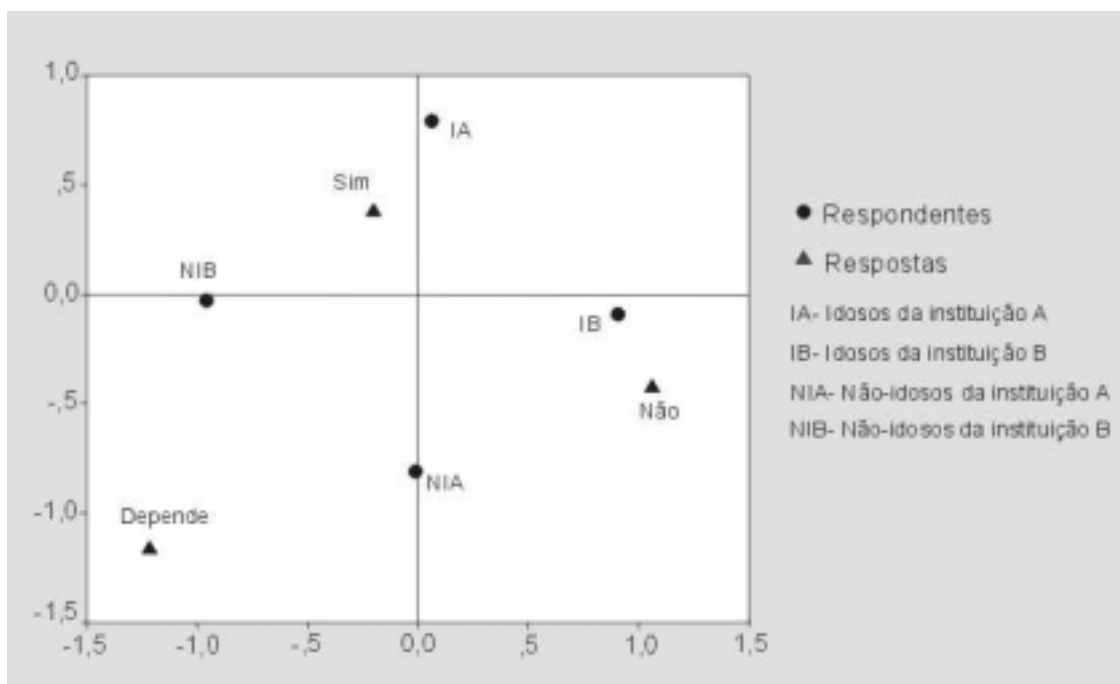


Figura 60: Correspondências para importância atribuída à possibilidade de cultivar plantas no pátio em função da instituição e do grupo de entrevistados

Quando questionados sobre a *oportunidade de cultivar plantas na instituição*, no entanto, os entrevistados revelam diferentes posturas entre as instituições quanto ao incentivo ao desenvolvimento desta atividade pelas idosas. A Tabela 15, mostra que a grande maioria dos entrevistados da instituição B, de forma geral, afirmou que o cultivo de plantas é oportunizado às idosas nesta instituição. Já para a instituição A, a maioria das idosas disse não ter oportunidade de desenvolver este tipo de atividade, o que contradiz as respostas da maioria dos não idosos desta instituição.

Tabela 15: Frequências para oportunidade de cultivar plantas na instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

| Você tem oportunidade de fazer isso aqui (cultivar plantas)? | | | | | | | | |
|--|---------------|------------|----------|------------|---------------|------------|-----------|------------|
| [Elas têm oportunidade de fazer isso aqui (cultivar plantas)?] | | | | | | | | |
| Respostas | Instituição A | | | | Instituição B | | | |
| | I | | NI | | I | | NI | |
| | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Sim | 5 | 45,5 | 5 | 55,6 | 12 | 100 | 10 | 83,3 |
| Não | 6 | 54,5 | 1 | 11,1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Não sei | 0 | 0 | 3 | 33,3 | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| TOTAL | 11 | 100 | 9 | 100 | 12 | 100 | 12 | 100 |

De acordo com o gráfico gerado pela AFC para esta questão, as idosas da instituição A apresentam associação com respostas negativas, enquanto as idosas da instituição B apresentam associação com respostas positivas (Figura 61). Já para os não idosos, verifica-se uma tendência a associação entre os respondentes da instituição B e respostas positivas, bem como uma associação entre os respondentes da instituição A e respostas que indicam desconhecimento a este respeito (principalmente os visitantes entrevistados não souberam responder esta questão).

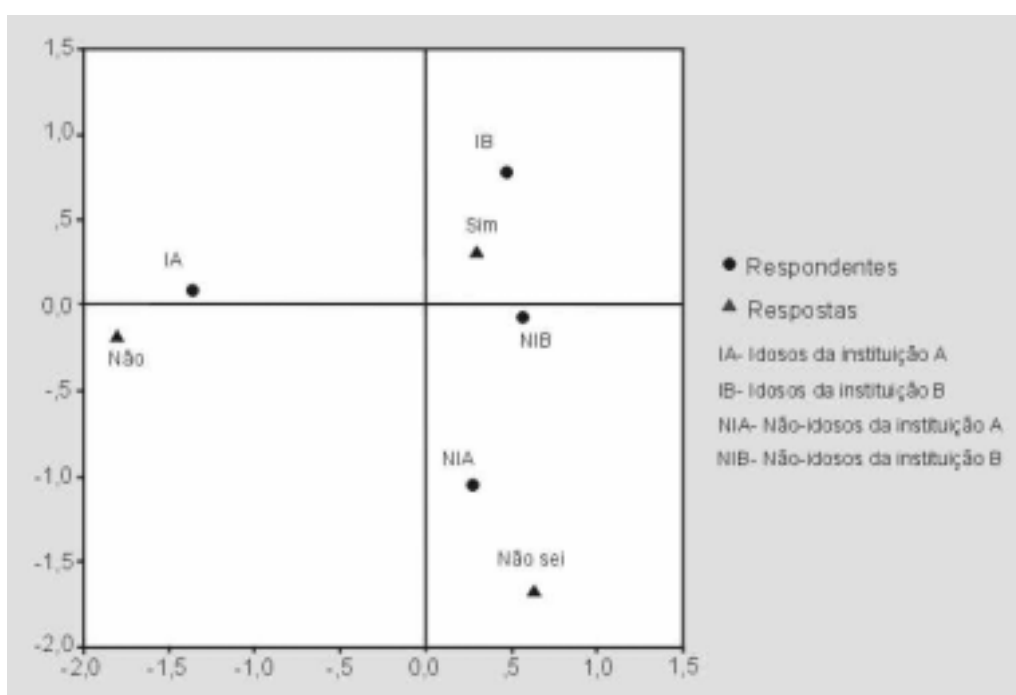


Figura 61: Correspondências para oportunidade de cultivar plantas na instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados

É interessante observar as diferenças entre os resultados das Figuras 60 e 61. Embora as idosas da instituição A tenham apresentado maior associação com respostas positivas para *importância atribuída à oportunidade de cultivo*, em um segundo momento, elas também apresentam maior associação com respostas negativas para *oportunidade de cultivo no pátio da instituição*. Esta diferença provavelmente esteja vinculada às políticas administrativas das instituições em relação ao uso do pátio. Ainda que, de uma forma geral, ambas administrações incentivem o uso do pátio como já foi comentado anteriormente, existe uma diferença bastante evidente entre as duas no que diz respeito ao incentivo ao cultivo de plantas pelas idosas. Embora, as administrações das duas instituições tenham afirmado inicialmente que não apresentavam restrições à utilização do pátio pelas idosas para o cultivo de plantas, ao longo dos trabalhos de aplicação das entrevistas e da realização de observações, constatou-se diferentes posições entre as instituições perante esta forma de atividade.

Na instituição A, toda a manutenção do pátio é responsabilidade do funcionário encarregado de serviços gerais na instituição, conforme já foi comentado anteriormente. Observou-se que, mesmo não havendo uma posição oficial da administração da instituição no sentido de inibir o cultivo de plantas pelas idosas, parece haver uma espécie de “acordo silencioso” entre esta e as idosas de que o pátio é para ser usado, mas não “mexido”. Nas entrevistas, tanto a administradora da instituição como os funcionários argumentaram que as idosas “não têm persistência” para este tipo de atividade ou, então, que “elas podem se machucar” com tarefas como essa. Grande parte das idosas, por sua vez, aceita que “o funcionário já cuida muito bem do pátio”, mas, por outro lado, gostaria de cultivar alguma coisa se tivesse oportunidade. Parece haver uma “indignação silenciosa” por parte das idosas a este respeito, o que pode explicar a alta frequência de respostas positivas por parte das mesmas para *importância atribuída à oportunidade de cultivo* e a baixa frequência para *oportunidade de cultivo no pátio da instituição*. Ou seja, talvez, se houvesse maior liberdade e incentivo ao desenvolvimento deste tipo de atividade na instituição, a frequência de idosas que afirmam que gostariam de ter esta oportunidade não seria tão alta (já que a afinidade com o cultivo de plantas não é uma unanimidade entre as pessoas).

O cultivo de plantas no pátio da instituição A parece ser um caso típico de *territorialidade*⁵. Durante a realização da entrevista com o funcionário responsável pela

⁵ Algumas considerações sobre a *territorialidade* como objeto de estudo da Psicologia Ambiental são feitas no capítulo 2 deste relatório.

manutenção do pátio e através de diversas conversas informais, algumas informações interessantes foram levantadas no sentido de tentar explicar o que ocorre nesta instituição. Ocorre que este funcionário mora em uma casa nos fundos da instituição. De origem do meio rural, sempre trabalhou com atividades relacionadas à lavoura e à criação de animais. Separado, veio morar na cidade, onde conseguiu emprego e moradia na instituição aqui tratada. Sua vinda parece ter significado uma grande mudança na vida da instituição. Tanto as residentes, como funcionários e visitantes têm grande carinho por ele e admiração pelo trabalho que desenvolve. Durante todas as oportunidades de visita à instituição, era comum vê-lo em plena atividade, cortando a grama, trabalhando na horta ou plantando “mais uma árvore”. Trata o pátio com toda a dedicação, como se fosse o pátio da sua própria casa. E, de fato, o é. Tamanha dedicação delimita o pátio como o território deste funcionário. É ele quem determina o que deve ser feito, quando deve ser feito e, de uma forma nem sempre explícita, *quem* pode fazê-lo. Desta forma, percebe-se que as idosas se sentem inibidas em relação ao desenvolvimento desta atividade na instituição, como se elas estivessem invadindo um espaço que não é seu. Os relatos de algumas residentes da instituição, como os abaixo transcritos, transmitem exatamente esta sensação.

“Não, nós não mexemos (com plantas), só ele (o funcionário) que mexe. Se eu pudesse mexer eu gostaria, mas isso se fosse na minha casa. Aqui esse serviço compete a ele né, e ele não gosta muito que a gente mexa...mas ele é maravilhoso”. (Senhora C., Instituição A).

“Não, não se pode mexer, é só ele. Nem apanhar flores também, só ele. Se pedir para ele, ele dá. Agora... a gente não pode pegar assim um maço de flores e levar para o quarto sem pedir”. (Senhora O., Instituição A).

“Mesmo não mexo porque o menino daqui cuida muito. Tem pessoas que vão lá e arrancam e eu fico tão zangada com aquilo... se fosse comigo eu já falava”. (Senhora M., Instituição A).

Na instituição B, ao contrário, a manutenção do pátio é responsabilidade das idosas. De acordo com o relato do funcionário responsável pelos serviços gerais na instituição, há uma orientação clara da administração no sentido de se desenvolver um sentido de responsabilidade e autoridade das idosas sobre o pátio. De fato, observou-se que todo o

trabalho relacionado ao cultivo de plantas é desenvolvido pelas idosas (com exceção de atividades mais “pesadas”, como corte de grama, podas e limpeza da área mais íngreme do terreno, que é feito pelo funcionário). Também foi possível observar no cultivo de plantas nesta instituição, a disputa por território (territorialidade), mas entre as próprias idosas envolvidas nestas atividades. Existe, por exemplo, uma divisão clara entre quem cuida do jardim da frente e quem cuida do jardim dos fundos. Também existem plantas específicas que constituem o “território” particular de alguma idosa (normalmente vasos ou mudas de flores trazidas como presente por um parente ou amigo), enquanto outras plantas são de propriedade coletiva e podem ser usufruídas por todas (principalmente ervas medicinais e árvores frutíferas). A transgressão dos “territórios” delimitados pelas plantas (como molhar uma planta cuidada por outra idosa ou retirar uma flor) pode decorrer em conflitos, por isso todas procuram evitá-la. Observou-se, ainda, que a limitação de áreas para o cultivo afasta algumas idosas desta atividade, principalmente aquelas mais tímidas, que não conseguem entrar na disputa por estes “territórios”. É o caso de uma idosa que afirmou que costumava cultivar plantas antes de vir para a instituição, mas agora já “não se envolve mais com isso, porque já tem muita gente que planta”. Os trechos de relatos abaixo transcritos traduzem melhor a delimitação de “territórios” nesta instituição.

“A parte da frente é de uma só. Quem cuida é uma senhora. Ela cuida muito da frente, das roseiras e coisas assim. E nós cuidamos daqui, perto do parreiral” (Senhora D., Instituição B).

“...Então, ela (uma colega residente) tinha plantado uma roseira, e eu fui colher umas rosas para enfeitar o salão. E...eu não sabia, a primeira rosa que deu na roseira dela eu apanhei...Ela ficou tão chateada! Aí nunca mais eu mexi” (Senhora S., Instituição B).

“Elas (as idosas) adoram mexer com as plantas, chegam até a ter ciúmes. Às vezes, se a gente quer colocar ou tirar uma flor aqui ou ali tem que pedir licença para elas, senão Deus o livre...” (Senhora E., Diretora da Instituição B).

Outra questão importante a ser salientada aqui em relação à utilização do pátio para o cultivo de plantas é a limitação física das idosas. Em ambas as instituições, pôde-se

observar relatos de idosas que afirmaram achar importante dispor da oportunidade de cultivar plantas, mas, por outro lado, declararam-se incapazes de fazê-lo devido a limitações físicas como reumatismos, dores nas costas, dores nas pernas e joelhos, além de tonturas e dores de cabeça, conseqüentes da necessidade de ter que se abaixar ou permanecer muito tempo em pé para desenvolver este tipo de atividade.

Estas observações concordam com a pesquisa realizada por Mac Henry (1964 apud HILL, RELF, 1996), sobre o interesse de residentes de instituições para idosos em relação a atividades recreativas. Em seu estudo, a pesquisadora constatou que limitações físicas foram apontadas como a principal causa de dificuldade dos residentes desenvolverem atividades recreativas.

A este respeito, discutir-se-á, na seqüência deste relatório de pesquisa, algumas alternativas que podem auxiliar o desenvolvimento de atividades de cultivo por pessoas que sofrem com algumas limitações físicas associadas à idade avançada.

5.2.4.1 Resumo

- A presença de vegetação e a disponibilidade de infra-estrutura de apoio ao lazer ativo são as características predominantemente associadas pelos entrevistados ao pátio ideal. Acessibilidade e segurança e infra-estrutura de apoio ao lazer passivo são percebidos predominantemente pelos não idosos.
- A vegetação existente nas instituições foi avaliada positivamente pelos entrevistados, de forma geral, principalmente por seu caráter ornamental e produtivo.
- De uma forma geral, os entrevistados, para ambas instituições, atribuíram importância à possibilidade das idosas poderem cultivar plantas na instituição. A possibilidade de cultivo de plantas pelas idosas na instituição, no entanto, demonstrou ser influenciada, sobretudo, pela política administrativa da instituição.

5.2.5 Locais mais utilizados e menos utilizados

Procurou-se também, através das entrevistas e da realização de observações, identificar os locais do pátio mais utilizados e menos utilizados pelas idosas, bem como definir as características que determinam a maior ou menor utilização destes espaços segundo a percepção dos entrevistados. Tendo em vista que os pátios das duas instituições são completamente diferentes, a análise dos resultados desta questão será abordada de uma forma diferente daquela utilizada na análise das questões anteriores. Desta forma, o pátio de cada instituição será, em primeiro lugar, analisado individualmente, a partir das peculiaridades de seus espaços físicos. Apenas posteriormente, serão analisadas e discutidas as similaridades entre as características detectadas para ambas as instituições, que definem a maior ou menor utilização de um determinado local. Esta forma de análise, portanto, não utiliza como apoio a técnica de AFC (Análise Fatorial de Correspondência), empregada até aqui para a análise dos resultados anteriores.

Assim, a apresentação dos resultados, a seguir, será desenvolvida da seguinte maneira: inicialmente, serão apresentadas, para cada instituição, as áreas do pátio mais e menos utilizadas pelas idosas, suas localizações, suas principais características, bem como os motivos pelos quais são mais ou menos utilizadas segundo os entrevistados. Na sequência, serão discutidas as características que determinam a maior ou menor utilização do pátio pelas idosas, identificadas de forma particular ou de forma comum para ambas instituições estudadas. Junto a estas discussões, baseando-se em informações coletadas a partir de revisão bibliográfica, serão feitas algumas sugestões de como considerar estas características no planejamento de espaços abertos em instituições para idosos.

5.2.5.1 Apresentação e descrição dos locais

5.2.5.1.1 *Instituição A*

Na Tabela 16, pode-se observar os locais citados pelos entrevistados da instituição A como os espaços do pátio mais utilizados pelas idosas e junto à Figura 62 as

localizações destas áreas na planta baixa da instituição. Os locais mais citados nas entrevistas pelas idosas foram as áreas 1A, 2A e 4A. Já para os não idosos, com frequência bastante superior às demais áreas, foi citada a área 2A, seguida das áreas 4A e 6A.

Já a Tabela 17 e a Figura 63, mostram, respectivamente, as frequências de respostas dos entrevistados e a localização das áreas menos utilizadas pelas idosas na instituição A. Observa-se que o local mais citado para ambos grupos de entrevistados foi a área 9A. Observa-se ainda que o grupo das idosas citou um maior número de locais menos utilizados no pátio quando comparados ao grupo dos não idosos que apresentou uma maior concentração de respostas em poucas categorias.

Tabela 16: Frequências para áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas em função do grupo de entrevistados na instituição A

| Respostas* | Instituição A | | | |
|------------|---------------|------|----|------|
| | I | | NI | |
| | n | % | n | % |
| Área 1A | 4 | 36,4 | 0 | 0 |
| Área 2A | 3 | 27,3 | 8 | 88,9 |
| Área 3A | 0 | 0 | 1 | 11,1 |
| Área 4A | 3 | 27,3 | 3 | 33,3 |
| Área 5A | 1 | 9,1 | 2 | 22,2 |
| Área 6A | 1 | 9,1 | 3 | 33,3 |
| Não sei | 1 | 9,1 | 0 | 0 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

Tabela 17: Frequências para áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas em função do grupo de entrevistados na instituição A

| Respostas* | Instituição A | | | |
|------------|---------------|------|----|------|
| | I | | NI | |
| | n | % | n | % |
| Área 2A | 1 | 9,1 | 0 | 0 |
| Área 4A | 1 | 9,1 | 0 | 0 |
| Área 7A | 1 | 9,1 | 2 | 22,2 |
| Área 8A | 1 | 9,1 | 2 | 22,2 |
| Área 9A | 3 | 27,3 | 4 | 44,4 |
| Área 10A | 2 | 18,2 | 0 | 0 |
| Não sei | 2 | 18,2 | 2 | 22,2 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

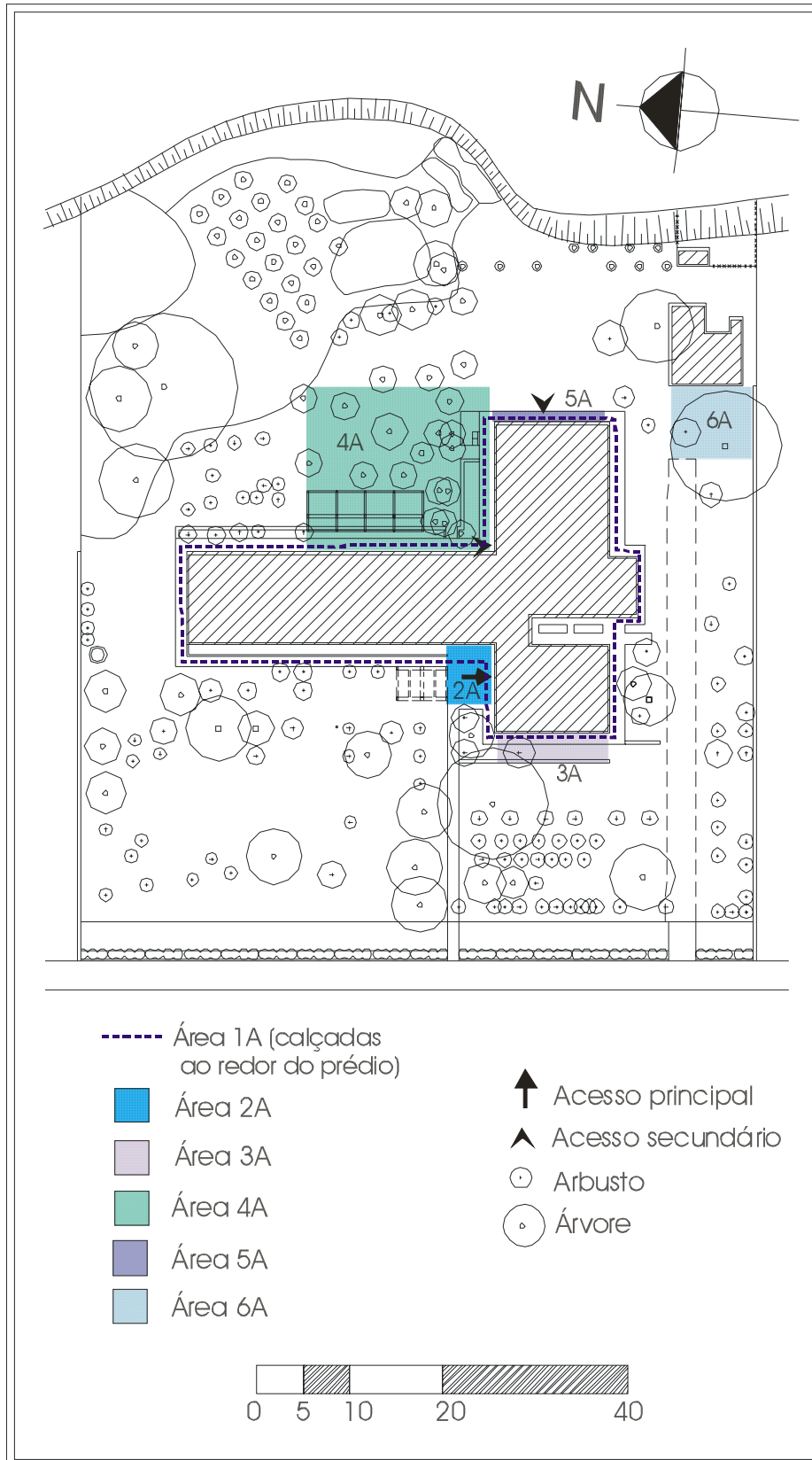


Figura 62: Localização das áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas (instituição A)

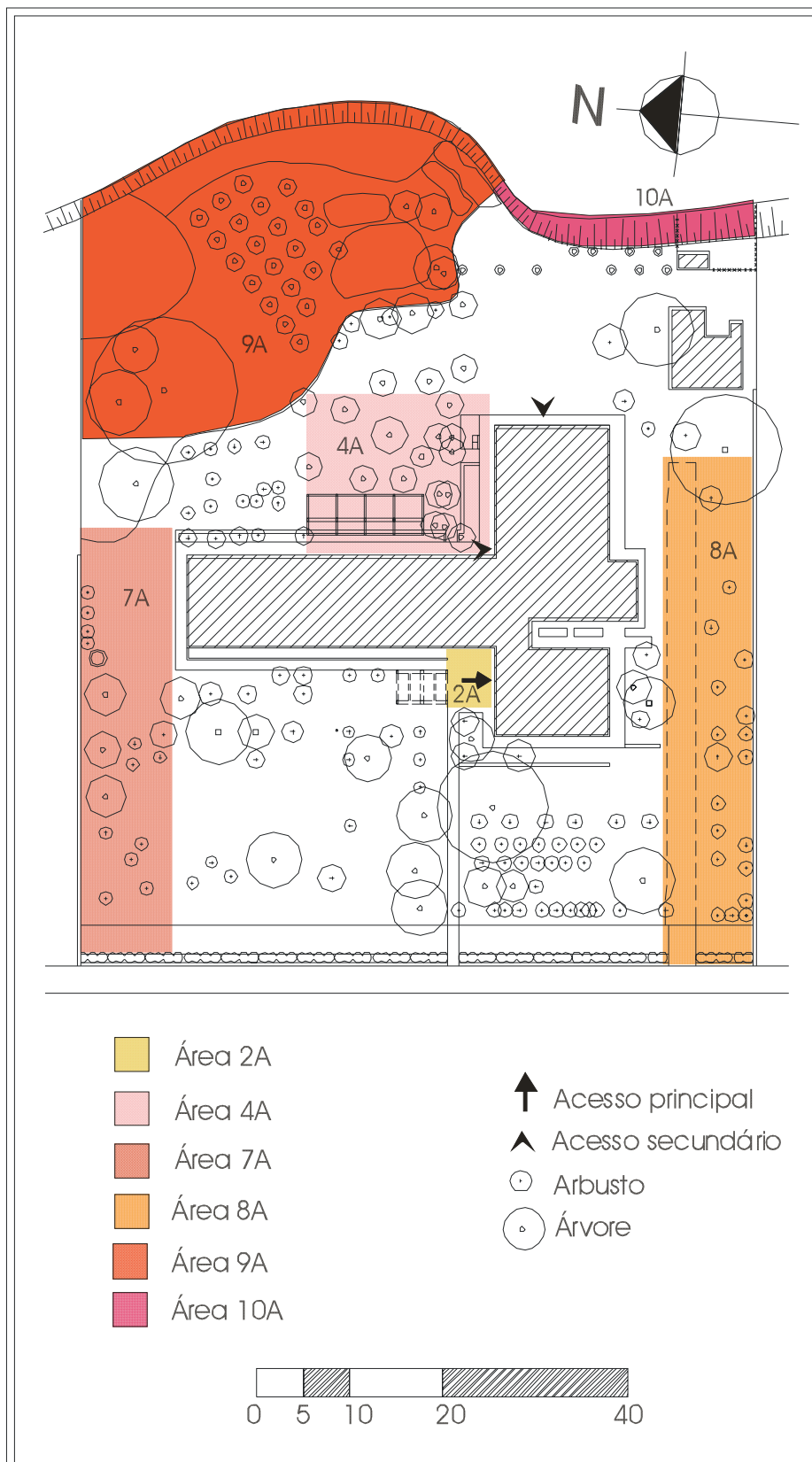


Figura 63: Localização das áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas (instituição A)

A *área 1A* corresponde às calçadas localizadas ao longo do perímetro da edificação principal (Figura 64). Constitui um dos locais mais citados pelos entrevistados do grupo das idosas durante as entrevistas. As observações realizadas durante a pesquisa confirmaram quão comum é o hábito das idosas de caminharem ao redor do prédio. De acordo com os relatos das entrevistas, ainda, mesmo as idosas que gostam de permanecer mais tempo dentro de casa, caminham ao redor da edificação pelo menos uma vez por dia, com objetivo de se exercitarem. Algumas idosas comentaram que realizam estas caminhadas por orientação do médico da instituição (que visita a instituição periodicamente através de trabalho voluntário). Observou-se ainda que as condições físicas deste trajeto também favorecem e estimulam este hábito. As calçadas são planas ao longo de todo o seu percurso, não apresentando nenhum desnível ou degrau. O revestimento do piso é composto por ladrilho hidráulico na parte da frente da edificação e basalto regular nos fundos. As superfícies de revestimento não são, portanto, demasiadamente lisas, não oferecendo riscos maiores de queda. O trajeto oferecido pelas calçadas apresenta uma extensão adequada para as idosas, e é também bastante agradável pelas visões que proporciona, permitindo visualizar as diferentes áreas que compõem os espaços abertos da instituição. A maior utilização das calçadas pelas idosas para caminhadas, no entanto, poderia ocorrer se houvesse presença de corrimãos ao longo do percurso, conforme sugestão de um dos funcionários entrevistados, que observou que algumas senhoras sofrem um pouco para desenvolver esta atividade devido à maior dificuldade de caminhar.



Figura 64: *Área 1A* (calçadas ao redor do prédio)

A *área 2A* consiste de uma área pavimentada de aproximadamente 35m² localizada junto à porta da entrada principal do prédio da instituição. Este local possui

orientação oeste, sendo sombreado durante a manhã e parcialmente ensolarado à tarde, devido ao sombreamento de árvores de grande porte localizadas na frente do lote. O piso desta área é revestido com ladrilho hidráulico, semelhante às calçadas que circundam a edificação. Existem dois bancos permanentes nesta área, cada um para três pessoas e algumas cadeiras de plástico (em todas as ocasiões das visitas, as cadeiras estavam neste local) (Figura 65). De acordo com a grande maioria das entrevistas realizadas, a preferência pela utilização desta área é devida a possibilidade de, a partir deste local, poder observar o movimento da rua e o movimento de entrada e saída da instituição (Figura 66). A presença de bancos para sentar também foi mencionada por alguns respondentes. Observou-se em todas as visitas a utilização desta área pelas idosas. Na maioria das vezes, a utilização desta área se dava por pequenos grupos de senhoras, normalmente de duas a quatro, sentadas nos bancos. Comumente ainda, as senhoras reunidas nesta área eram as mesmas. Estas senhoras ficavam a maior parte do tempo em silêncio e conforme já mencionado, observando a rua e as pessoas que entram na casa. Grupos maiores de senhoras foram vistos em ocasiões que contavam com a presença de um ou mais funcionários, principalmente nos finais de tarde (e também final de expediente), na “hora do chimarrão”. Uma idosa, no entanto, citou esta área como uma das que menos utiliza. A opinião desta idosa chama atenção para a necessidade de serem previstos locais para diferentes necessidades e diferentes tipos de temperamento em pátios de instituições para idosos. De acordo com esta idosa, os motivos pelos quais não gosta deste local são muito semelhantes aos motivos que levam a maioria das idosas a preferir o mesmo. O trecho de seu relato, abaixo transcrito, esclarece melhor esta observação.

A parte que eu uso menos é lá na frente (área 2A), uso mais os fundos. Por causa do movimento, sabe..., me aborrece ver aquele vai e vem de carros, não gosto” (Senhora G., instituição A).



Figura 65: Área 2A (bancos junto à entrada principal da edificação)



Figura 66: Área 2A (vista para a rua)

A *área 3A* consiste de uma parte da calçada que circunda a edificação, ficando próxima à área anteriormente descrita. É uma área pequena e estreita, bastante sombreada pelas árvores e que não dispõe de bancos para sentar. Também desta área se pode enxergar o movimento da rua e o movimento de entrada e saída da instituição sem, no entanto, que se seja visto com facilidade, já que quem fica sentado aí, fica parcialmente encoberto pela vegetação (Figura 67). Esta área não foi mencionada pelas senhoras e sim por alguns funcionários. Pôde-se observar, no entanto, a sua utilização por duas senhoras durante as visitas. Elas estavam sentadas ali em cadeiras de armar, em silêncio, fazendo crochê. Segundo o relato dos entrevistados que mencionaram esta área, sua utilização também está associada à possibilidade de vista para a rua. A observação, por outro lado, revelou que a utilização desta área está também associada ao desejo de privacidade de algumas senhoras, que esperam não ser importunadas por outras senhoras durante seu trabalho (sem, no entanto, se isolar totalmente, já que dali podem “observar sem serem observadas”).

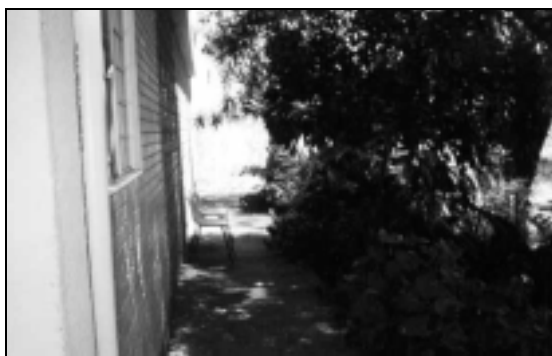


Figura 67: Área 3A (vegetação como barreira visual para promover a privacidade das idosas).

Localizada nos fundos do terreno, a *área 4A* apresenta várias possibilidades de utilização pelas senhoras. Ali existem tanques de lavar roupa e varal, várias árvores frutíferas, um parreiral e uma espécie de área de estar ao ar livre, onde há a presença de alguns bancos construídos a partir de sofás velhos, dispostos em semi-círculo (próximo aos quais, existe também um canteiro com várias espécies herbáceas perenes de floração ornamental). É bastante comum a presença de animais domésticos como gatos e galinhas circulando no local. O acesso a partir da edificação para esta área é bastante fácil (não há desnível, nem a presença de degraus) e se dá através de uma porta que faz comunicação com uma das salas de estar da casa. Ao lado da porta há uma calçada revestida de basalto regular, onde as idosas costumam colocar cadeiras para sentar (nos meses mais quentes, elas sentam aí principalmente à tarde, já que há a projeção de sombra da edificação neste período). A maior

utilização desta área se dá, segundo os relatos dos entrevistados, devido à presença dos tanques e dos varais que permitem às idosas lavarem e secarem suas roupas. Embora bastante freqüente a utilização desta área para este fim (já que as idosas afirmam lavar roupa quase todos os dias), observou-se que a maior permanência das idosas nesta área se dá na calçada junto à edificação. Ou seja, muitas idosas se deslocam até esta área para lavar suas roupas, estendem as mesmas no varal e depois permanecem sentadas em cadeiras dispostas ao longo da calçada, próximo à porta de acesso à edificação (Figura 68). Ali elas permanecem um maior período de tempo, conversando, brincando com os gatos, contemplando a vegetação e, segundo as palavras de uma funcionária, “cuidando seus pertences no varal”. Uma das idosas citou este local como um dos que menos utiliza no pátio da instituição, pois acha o mesmo “muito parado”, alegando preferir o movimento da rua que pode ser visto da área 2A.



Figura 68: Área 4A (cadeiras na calçada próximo ao acesso à edificação)

A *área 5A* também está localizada nos fundos do lote e corresponde ao trecho de calçada junto à porta de acesso à cozinha da casa (Figura 69). Desta área se pode enxergar o córrego que passa no fundo do lote, a casa do funcionário e o galinheiro (Figura 70). O principal motivo apresentado pelos entrevistados para a utilização freqüente desta área pelas idosas foi a presença de animais domésticos.



Figura 69:Área 5A (local onde as idosas costumam sentar ao lado do acesso à cozinha)



Figura 70: Vista para o galinheiro a partir da área 5A.

A *área 6A* (Figura 71) é um pequeno recanto sombreado, coberto pela copa de uma grande figueira e localizado ao lado da casa do funcionário. Este recanto é um local bastante tranquilo e que fica afastado da circulação mais comum das pessoas da casa. Os motivos apresentados pelos entrevistados para a utilização desta área foram justamente a tranquilidade, a privacidade e a presença de animais domésticos. Observou-se, durante a pesquisa, a utilização deste local por duas senhoras que ali se reuniam em silêncio para fazer crochê (cabe salientar, que, as idosas observadas aí, não eram as mesmas observadas em atividade semelhante na *área 3A* em outras oportunidades, o que pode ser um indicativo de divisão de territórios do pátio entre as idosas).



Figura 71: Área 6A

A *área 7A* consiste de uma faixa de território localizada à esquerda da edificação principal, ao longo do muro de divisa do terreno (Figuras 72 e 73). Nesta área só há a presença de algumas árvores e alguns arbustos floríferos. Foi citada pelos entrevistados como uma área pouco utilizada pelas idosas por estar muito afastada da casa, por não ter calçadas de acesso, por não possuir banco e por “não ter nada para olhar” (falta de elementos de interesse).



Figura 72: Área 7A (porção ao lado da edificação)



Figura 73: Área 7A (porção à frente do lote)

Junto ao muro de divisa localizado ao lado esquerdo do lote, está situada a *área 8A*. Esta área corresponde à porção do lote utilizada como estacionamento (na sua porção localizada à frente do terreno) e como área de circulação de veículos (pois dá acesso aos fundos do terreno) (Figura 74). Esta área apresenta uma paisagem bastante monótona, rompida apenas por algumas espécies arbóreas e arbustivas pouco desenvolvidas (o solo parece bastante pobre neste local), dispostas esparsamente. Foi citada pelos entrevistados como um local pouco utilizado pelas idosas, uma vez que estas têm “medo dos carros” que aí circulam e porque “não há nada para se fazer” aí “nem olhar”.



Figura 74: Área 8A (acesso de veículos aos fundos do terreno)

A *área 9A* está localizada nos fundos do terreno e abrange toda a área de produção propriamente dita da instituição. É composta por pomar, horta e áreas de lavoura. O acesso a esta área é difícil para as idosas devido à declividade e as condições da superfície do solo, que é bastante irregular em grande parte da área devido às práticas de preparo do solo para plantio (Figura 75). O acesso mais fácil a esta área, que seria através da horta, foi fechado pelo funcionário que cuida do pátio para as senhoras “não pisarem nos canteiros e estragarem as mudas” (Figura 76). Foi a área mais citada tanto pelas senhoras como pelos não idosos entrevistados como uma área pouco utilizada pelas idosas. Os motivos mais citados nas entrevistas para a pouca utilização desta área foram: a dificuldade de acesso, o “medo de

cair” (devido à superfície irregular do solo), a “sujeira”, o “medo de bichos”, e, principalmente, porque o funcionário “não gosta” ou porque a diretoria “não quer”. Algumas idosas chegaram a afirmar que a diretoria proíbe o acesso a esta área, o que é desmentido pelo relato de outras senhoras. De qualquer forma, a administradora, em seu relato, admite que esta área “não é mesmo para as idosas irem” pois “podem se machucar” ou “estragar o trabalho do jardineiro”.



Figura 75: Área 9A (superfície irregular devido ao preparo do solo)



Figura 76: Área 9A (acesso à horta bloqueado por funcionário)

No final do terreno, está localizada a *área 10A*. Trata-se de uma área de declividade acentuada situada às margens do córrego que delimita o final do lote (Figura 77). É uma área de difícil acesso coberta por vegetação espontânea, onde é comum encontrar lixo trazido pelo córrego que é bastante poluído. Estas características conferem ao local um aspecto de abandono e falta de cuidados, fazendo com que seja percebido de forma bastante negativa pelos entrevistados. É citado nas entrevistas como um local pouco utilizado devido à dificuldade de acesso, à “sujeira” e ao “medo de bichos” (aparecem em alguns relatos, referências a ocorrência freqüente de lagartos nesta área devido ao córrego).



Figura 77: Área 10A

5.2.5.1.2 Instituição B

Na Tabela 18, pode-se observar os locais citados pelos entrevistados da instituição B como os espaços do pátio mais utilizados pelas idosas e junto à Figura 78 as localizações destas áreas na planta baixa da instituição. Os locais mais citados nas entrevistas pelos idosos foram as áreas 2B e 3B. Já para os não idosos, com frequência bastante superior às demais áreas, foi citada a área 3B. Verifica-se ainda, que grande parte dos respondentes deste grupo não souberam responder esta questão.

Tabela 18: Frequências para áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas em função do grupo de entrevistados na instituição B

| Respostas* | Instituição B | | | |
|------------|---------------|------|----|------|
| | I | | NI | |
| | n | % | n | % |
| Área 1B | 4 | 33,3 | 4 | 33,3 |
| Área 2B | 6 | 50 | 3 | 25 |
| Área 3B | 5 | 41,7 | 6 | 50 |
| Área 4B | 2 | 16,7 | 0 | 0 |
| Não sei | 0 | 0 | 4 | 33,3 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

Já a Tabela 19 e a Figura 79, mostram, respectivamente, as frequências de respostas dos entrevistados e a localização das áreas menos utilizadas pelas idosas na instituição B. Observa-se que o local mais citado para ambos grupos de entrevistados foi a área 5B.

Tabela 19: Frequências para áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas em função do grupo de entrevistados na instituição B

| Respostas* | Instituição B | | | |
|------------|---------------|------|----|------|
| | I | | NI | |
| | n | % | n | % |
| Área 1B | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| Área 2B | 2 | 16,7 | 0 | 0 |
| Área 4B | 0 | 0 | 1 | 8,3 |
| Área 5B | 8 | 66,7 | 5 | 41,7 |
| Área 6B | 0 | 0 | 2 | 16,7 |
| Não sei | 2 | 16,7 | 5 | 41,7 |

* a soma das frequências das variáveis-linhas não corresponde ao total de entrevistados, tendo em vista que se trata de uma questão aberta.

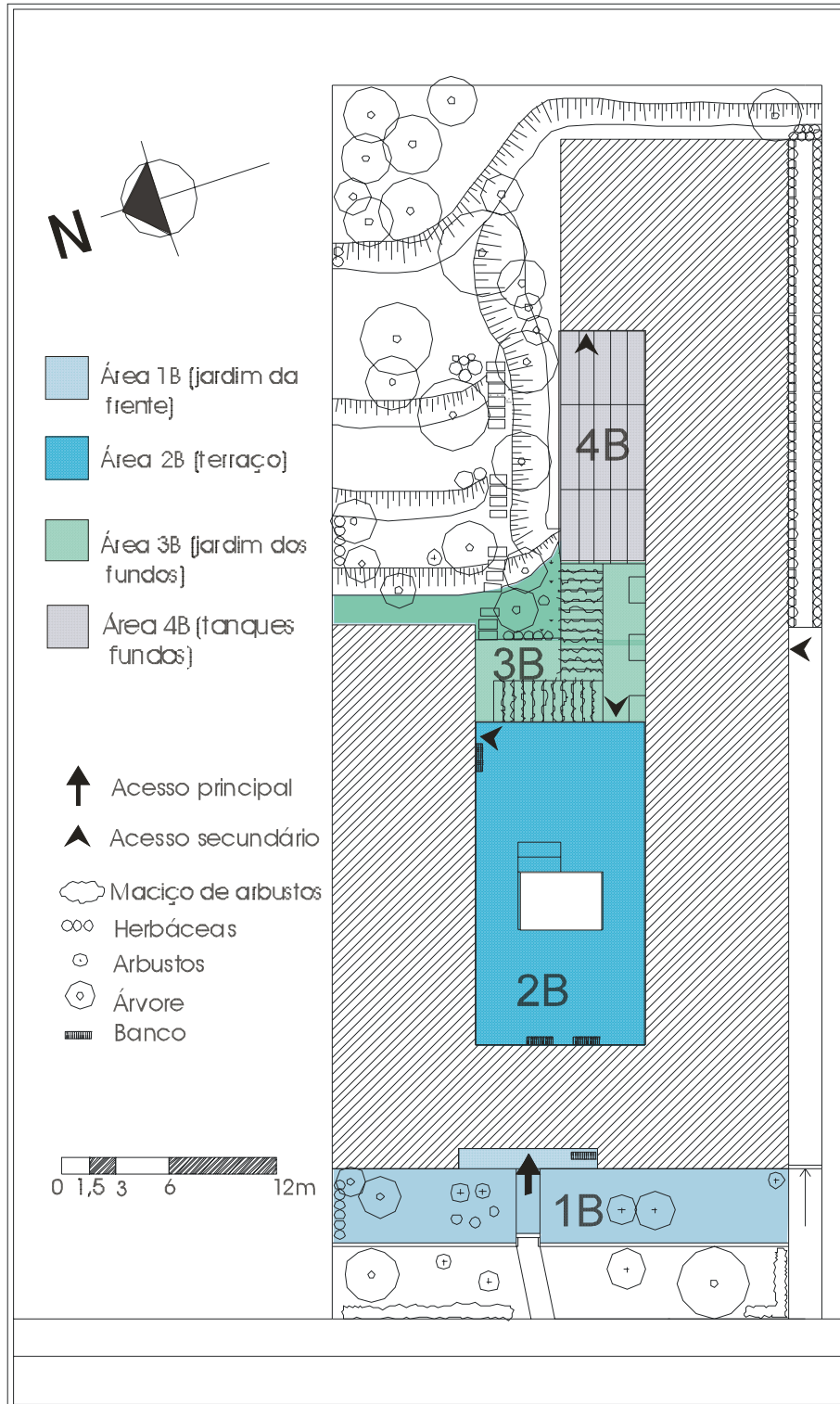


Figura 78: Localização das áreas do pátio mais utilizadas pelas idosas (instituição B)

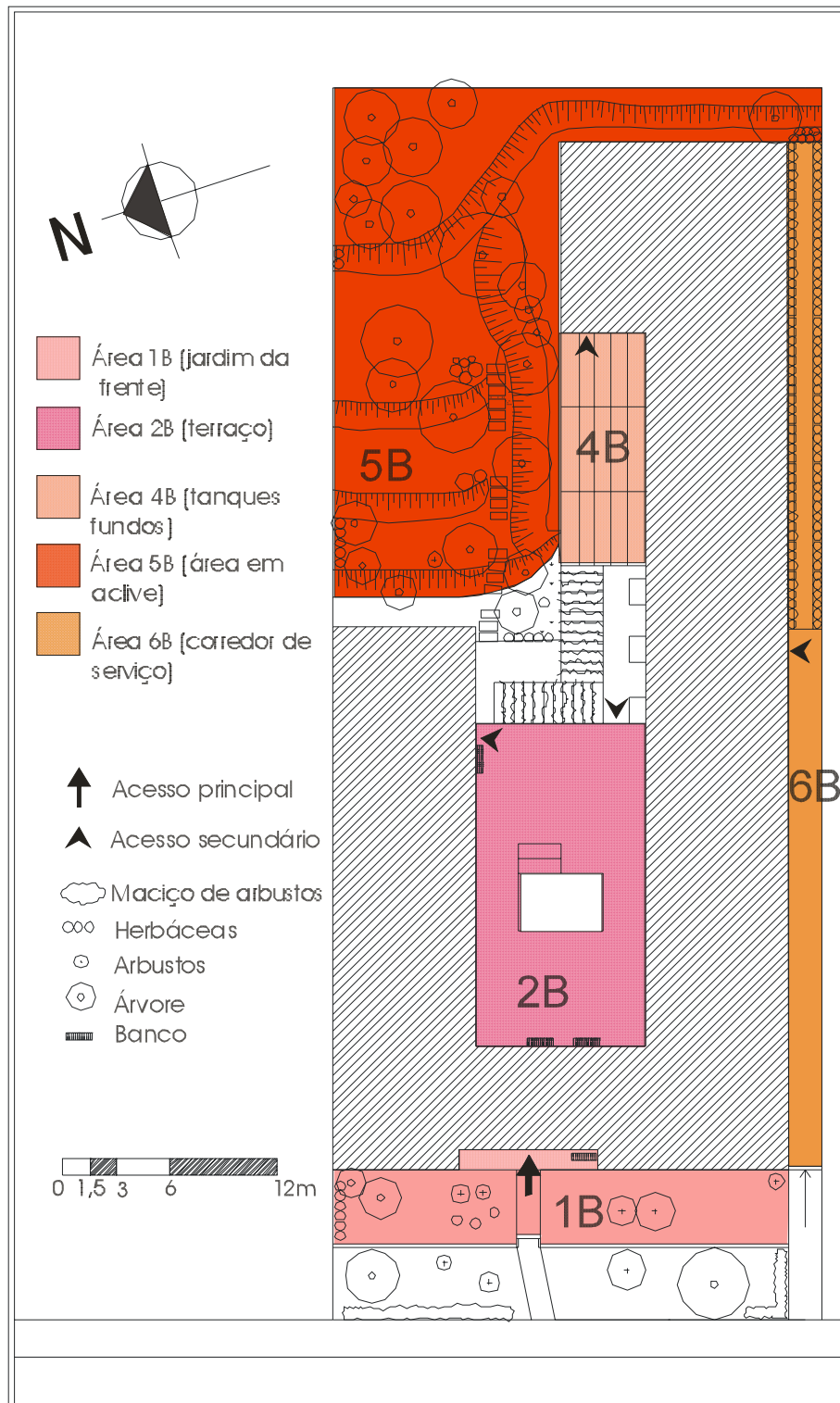


Figura 79: Localização das áreas do pátio menos utilizadas pelas idosas (instituição B)

A *área IB* compreende o jardim da frente da instituição (que fica entre a grade que delimita o início do lote e a edificação) e uma pequena varanda localizada junto à entrada do prédio. O jardim é composto por vegetação arbustiva e herbácea, sendo caracterizado, principalmente, pela presença de roseiras. Na varanda, há a presença de alguns vasos pequenos e apenas um banco para as senhoras sentarem (Figura 80). Esta área foi citada por algumas residentes e por alguns entrevistados do grupo dos não idosos como um dos locais do pátio mais utilizados pelas idosas. De acordo com os entrevistados, a utilização desta área está associada à vista para a rua e à manutenção das plantas existentes no jardim (que é feita pelas senhoras, conforme comentado anteriormente). Durante o desenvolvimento da pesquisa, a utilização desta área pelas idosas foi observada apenas em poucas oportunidades. Nestas ocasiões, verificou-se a utilização do banco por apenas uma mesma senhora. Outras senhoras foram vistas apenas de passagem por esta área, chegando da rua ou, então, colocando água nas plantas e logo se recolhendo. Dois funcionários entrevistados também citaram esta área como uma área pouco utilizada pelas idosas, mas não souberam dizer por quê. Embora estes entrevistados não tenham conseguido apresentar explicações neste sentido, acredita-se que esta área não apresenta maior utilização pelos seguintes motivos: o calor excessivo verificado neste local à tarde, a excessiva limitação da área pavimentada, falta de mais bancos para as idosas sentarem e a demasiada aproximação da rua. Quanto ao primeiro destes motivos, a própria diretora da instituição afirma que, nos períodos mais quentes do ano, esta área só é utilizada pelas senhoras durante a manhã devido à orientação solar oeste (segundo ela, à tarde, o sol aí incidente se torna “insuportável”). A área pavimentada que compõe a varanda é muito estreita, o que dificulta a movimentação neste local. Há a presença de apenas um banco que, normalmente, constitui o “território” de apenas uma senhora (um visitante entrevistado também afirmou observar sempre a mesma idosa sentada neste banco). Embora a vista para a rua tenha se demonstrado um aspecto importante para as idosas, acredita-se que, neste caso, a demasiada proximidade desta área em relação à rua impede sua maior utilização. Isto provavelmente ocorre devido ao trânsito pesado e ao ruído excessivo dos veículos verificados nesta rua (talvez se a instituição estivesse localizada em frente a uma rua tranqüila, apenas com o tráfego local, esta proximidade pudesse até mesmo ser um fator de atratividade para as idosas).



Figura 80: Área 1B (banco junto à entrada da edificação)

A *área 2B* trata-se de um terraço situado no segundo pavimento da edificação. Esta área é totalmente pavimentada com lajota cerâmica e dispõe de alguns tanques de lavar roupa e varal (Figura 81). Há neste local, também, alguns bancos de concreto fixados às paredes da edificação. O terraço (*área 2B*) foi um das áreas externas mais citadas pelas idosas como um dos locais que mais utilizam. De acordo com elas, o principal motivo que as leva a utilizar esta área é a presença de tanques que possibilitam a lavagem e a secagem de roupas. Duas idosas entrevistadas, por outro lado, citaram este local como um dos que menos utilizam. Uma delas atribuiu a pouca utilização desta área à dificuldade de acesso ao local, que se dá através de uma escada. A outra senhora alegou que não gosta de utilizar esta área por causa das pessoas que a freqüentam (segundo ela, o lugar a incomoda, pois “está sempre cheio daquelas velhas lavando roupa”). Observou-se que a maior utilização desta área realmente se dá através da atividade de lavagem de roupas. Outra atividade observada nesta área, embora não citada durante as entrevistas, foi o cultivo de plantas em vasos e floreiras pelas senhoras. Os bancos de concreto existentes, normalmente não são utilizados para sentar e sim como suporte para os vasos. Também existe um antigo tanque de lavar roupa que foi adaptado pelas idosas para servir como floreira (Figura 82).



Figura 81: Área 2B (tanques e varal no terraço)



Figura 82: Área 2B (tanque utilizado como floreira)

Localizada aos fundos do terreno, junto ao acesso ao refeitório, encontra-se a *área 3B*. Parte da área deste local é pavimentada com concreto e parte é revestida com grama. Parte da área ainda é coberta por um pergolado, cultivado metade com uva e na outra metade com chuchu. Sob o pergolado, na área pavimentada, encontram-se dois bancos de concreto fixados à parede da edificação (Figura 83). Na área gramada, encontra-se uma antiga banheira utilizada como floreira pelas idosas (Figura 84). Também neste local, existe uma pequena mureta de contenção construída em alvenaria que é utilizada pelas idosas como bancada para a colocação dos vasos de flores por elas cultivadas (Figura 85). Pode-se encontrar aí ainda, além de espécies ornamentais, vários exemplares de espécies medicinais plantadas tanto nos vasos, como diretamente no solo. Esta área foi uma das áreas mais citadas pelos entrevistados como um dos locais do pátio mais utilizado pelas idosas. De acordo com as entrevistas, sua utilização está associada principalmente ao cultivo de plantas pelas idosas. Também foi citada a utilização desta área para fins de contemplação da vegetação e da avifauna silvestre. Observou-se que o local é pouco utilizado pelas senhoras para sentar-se, embora a diretora da instituição tenha afirmado que, nos períodos muito quentes de verão, elas costumam sentar sob o pergolado nos finais de tarde. Observou-se que os bancos localizados nesta área, além de serem em número reduzido, são ergonomicamente inadequados para as idosas o que talvez desestimule a maior permanência das mesmas nesta área (o mesmo vale para os bancos localizados no terraço descritos anteriormente, que são construídos de forma semelhante). Estes são muito baixos, utilizam a parede como encosto, possuem o assento muito estreito e permanecem úmidos quando estão à sombra. Era comum

durante as visitas ver estes bancos serem utilizados como apoio para a colocação de material de limpeza.



Figura 83: Área 3B (bancos sob pergolado)



Figura 84: Área 3B (banheira utilizada como floreira)



Figura 85: Área 3B (mureta de contenção utilizada como bancada para vasos de plantas)

Também localizada aos fundos da edificação, próxima a área descrita anteriormente, encontra-se a *área 4B*. Esta área constitui a área de serviços propriamente dita do pátio. Uma vez que se encontra junto ao acesso à lavanderia da casa, é utilizada, principalmente, pelos funcionários para estender roupa. Tem o piso pavimentado em concreto, apresenta alguns tanques e é coberta em sua totalidade por um varal (Figura 86). Foi citada por duas idosas entrevistadas como um dos locais que mais utilizam. Estas idosas moram em quartos localizados no pavimento inferior da edificação e como não podem utilizar os tanques localizados no terraço (que são de uso exclusivo das senhoras) devido a dificuldades de locomoção, lavam e estendem suas roupas na área de serviço.



Figura 86: Área 4B (tanques e varal em área de serviço)

A área 5B também está localizada nos fundos do terreno, em continuidade à área 3B. Estando localizada em uma encosta, corresponde à parte mais íngreme do terreno. É marcada pela presença de vegetação arbórea, composta, principalmente, por espécies frutíferas nativas e exóticas (Figura 87). Devido à declividade acentuada, o acesso a esta área é bastante difícil e se dá apenas por uma trilha de degraus construída em placas de basalto assentadas diretamente sobre o solo (Figura 88). Foi citada pela grande maioria dos entrevistados como a área menos utilizada pelas idosas. Os motivos apresentados pelos entrevistados para a não utilização desta área foram: dificuldade de acesso, risco de quedas (“medo de cair”), sujeira, e “medo de bichos”. De acordo com as entrevistas, este local praticamente só é visitado pelo funcionário encarregado de serviços gerais na casa, que faz a limpeza da área, a manutenção das árvores frutíferas e a colheita dos frutos. Algumas idosas afirmam ter muita vontade de conhecer esta área, mas tem muito medo de cair. Uma delas afirmou que até pouco tempo atrás visitava esse lugar com frequência, até sofrer uma queda e quebrar o braço. O caso desta senhora foi citado por diversas outras senhoras que, aparentemente, o tomam como exemplo de que o lugar é muito perigoso para se arriscarem. De acordo com a diretora da instituição, já houve no passado a intenção de se fazer o melhor aproveitamento desta área. Segundo ela, foi desenvolvido até mesmo um anteprojeto, que previa a divisão da área em patamares, a construção de uma horta em um dos patamares e a construção de uma escada com corrimão para facilitar o acesso para as idosas. No entanto, apenas se iniciou a construção dos patamares, sendo os trabalhos posteriormente abandonados, uma vez que o recurso prometido pela administração municipal para este fim não foi liberado.



Figura 87: Área 5B (encosta coberta por vegetação arbórea vista a partir do terraço)



Figura 88: Área 5B (trilha de acesso)

Também citada como um local de pouca utilização, foi a *área 6B*. Esta área se trata de um longo e estreito corredor de acesso à cozinha da instituição a partir da rua. A área é fechada em um dos lados pela edificação e, no outro, pelo muro de divisa. É pavimentada com piso cerâmico e é utilizada principalmente para o abastecimento da cozinha e como entrada dos funcionários. Se encontram depositados neste local alguns móveis velhos e materiais de construção (Figura 89). Na seqüência deste corredor, encontra-se uma trilha bastante estreita escoltada por vegetação arbustiva e herbácea de ambos os lados (Figura 90). Uma idosa comentou utilizar esta área de vez em quando “para plantar algum chá ou alguma flor”. A pouca utilização desta área é atribuída pelos entrevistados à falta de elementos de interesse (“não tem nada para olhar”), por ser um espaço de utilização exclusiva dos funcionários e por “ser muito estreito” (sensação de opressão).



Figura 89: Área 6B (corredor de acesso dos funcionários).



Figura 90: Área 6B (trilha escoltada por vegetação).

5.2.5.2 Características relacionadas à utilização do pátio e sugestões para o planejamento

Tendo em vista o anteriormente relatado, verifica-se que as características físicas das diferentes áreas que compõem os espaços externos das instituições estudadas exercem grande influência sobre sua utilização pelas idosas. Observa-se, ainda, que, apesar das profundas diferenças existentes entre os espaços abertos existentes na Instituição A e na Instituição B, as características que definem a maior ou menor utilização de uma determinada área do pátio, segundo a percepção dos entrevistados, se repetem para ambas instituições. Esta constatação é de alta relevância para a presente pesquisa, pois permite supor que estas características estejam ligadas a necessidades comuns das idosas em relação aos espaços abertos.

As características apontadas em ambas instituições, como determinantes da maior ou menor utilização de áreas específicas do pátio pelas idosas, são apresentadas na Tabela 20. Pode-se observar uma clara relação de oposição entre estas características, ou seja, ao mesmo tempo em que a presença de uma característica determina a maior utilização de uma área do pátio, a falta desta característica ou uma característica antagônica a esta determina a menor utilização de uma outra área do pátio. A constatação desta relação de oposição reforça a importância destas características quanto à influência que exercem sobre a utilização do pátio pelas idosas. Provavelmente, outras características não identificadas pelo presente estudo também exerçam influência sobre a utilização do pátio por este tipo específico de usuário, mas, certamente, as apresentadas por esta tabela desempenham um papel bastante importante neste sentido.

A fim de compreender como estas características podem influenciar a utilização do pátio pelas idosas, serão feitos alguns comentários a seguir sobre como cada uma delas foi identificada no presente estudo. Serão apresentadas, ainda, a partir de dados coletados na bibliografia, sugestões de como planejar os espaços abertos, considerando a influência destas características, a fim de incentivar a maior utilização do pátio pelos residentes.

Tabela 20: Características das áreas do pátio mais e menos utilizadas pelas idosas para Instituições A e B

| Locais mais utilizados | Locais menos utilizados |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • fácil acesso e segurança | <ul style="list-style-type: none"> • difícil acesso e risco de queda |
| <ul style="list-style-type: none"> • próximos aos acessos das edificações | <ul style="list-style-type: none"> • distantes dos acessos das edificações |
| <ul style="list-style-type: none"> • liberdade de acesso | <ul style="list-style-type: none"> • acesso proibido |
| <ul style="list-style-type: none"> • limpeza | <ul style="list-style-type: none"> • sujeira |
| <ul style="list-style-type: none"> • conforto | <ul style="list-style-type: none"> • falta de conforto |
| <ul style="list-style-type: none"> • elementos de interesse | <ul style="list-style-type: none"> • falta de elementos de interesse |
| <ul style="list-style-type: none"> • atividades | <ul style="list-style-type: none"> • falta de atividade |
| <ul style="list-style-type: none"> • privacidade | <ul style="list-style-type: none"> • falta de privacidade |

5.2.5.2.1 Acessibilidade e segurança

Acessibilidade e segurança demonstraram, durante a realização da pesquisa, estar entre os fatores que mais influenciam a maior utilização de determinadas áreas do pátio do que outras pelas idosas. Observou-se que os locais apontados em ambas instituições como os mais utilizados são locais de fácil acesso para as idosas. Estes são em sua maioria planos; os acessos aos mesmos não apresentam obstáculos formados por degraus ou desníveis; e os caminhos de acesso apresentam piso de superfície uniforme e áspera o suficiente para evitar quedas devido a escorregões. A exceção, em termos de acessibilidade, pôde ser verificada na instituição B, onde o terraço, localizado no segundo pavimento (ver área 2B junto à Figura 81, pág. 131), foi apontado nas entrevistas como uma das áreas mais utilizadas pelas idosas. Esta área, no entanto, conforme relatado anteriormente, é utilizada apenas pelas senhoras que ocupam os dormitórios localizados no segundo pavimento e que têm maior facilidade de locomoção (as senhoras que moram no primeiro pavimento relataram não utilizar esta área justamente em função das escadas que dão acesso à mesma). Assim mesmo, não há a presença de desníveis na transição entre o interior da edificação (no segundo pavimento) e o terraço. Por outro lado, áreas localizadas em terrenos íngremes, com pisos de superfícies irregulares ou difíceis de serem acessadas, em função de desníveis ou presença de degraus, são apontadas como locais pouco utilizados. Também é interessante observar que as áreas menos utilizadas pelas idosas, em ambas as instituições, não possuem caminhos de acesso pavimentados. Normalmente a não utilização destes locais está associada ao “medo de cair”, termo bastante utilizado pelas idosas durante as entrevistas. A pouca utilização devido às

dificuldades de acesso e à falta de segurança pode ser observada principalmente nas áreas 9A (Figura 75, pág. 125) e 10A (Figura 77, pág. 125) para a instituição A e na área 5B (Figura 88, pág.134) para a instituição B.

As observações realizadas nas instituições estudadas concordam com Stoneham & Today (1994), para quem a dificuldade de acesso é uma das principais causas da não utilização de áreas externas por idosos. Associado à presença de acessos ruins, os autores referem-se, ainda, às condições de segurança que os idosos encontram junto aos espaços externos. Para eles, a crescente fragilidade e/ou perda de habilidades, comuns à idade avançada, tendem a trazer consigo uma maior sensação de vulnerabilidade e uma maior desconfiança em relação a ambientes com os quais não se está familiarizado. Esta sensação de fragilidade seria responsável por uma espécie de “medo ampliado” em relação a possíveis riscos oferecidos pelo ambiente. Os autores citam, por exemplo, que estatísticas comprovam que o risco de crimes percebido por indivíduos idosos é muito maior do que o risco realmente existente em um determinado local. É essencial, portanto, minimizar qualquer detalhe que possa agir como barreira física ou psicológica para as pessoas saírem da edificação e irem para os espaços externos (STONEHAM;THODAY, 1994).

Para Stoneham & Today (1994), o maior obstáculo que se opõem aos idosos para que estes visitem os espaços externos às edificações é o processo de passagem através da porta que dá acesso ao exterior. Áreas externas destinadas à utilização mais intensiva, como terraços, por exemplo, devem ser facilmente acessadas a partir do interior das edificações. Idealmente, o nível do piso do lado exterior da edificação deve encontrar o nível de seu interior (Figura 91). Mesmo a presença de pequenos desníveis ou degraus é uma barreira para idosos usuários de cadeiras-de-roda e para aqueles com pouca mobilidade; mesmo uma pequena rampa pode ser uma barreira psicológica significativa. Onde é inevitável uma alteração no nível do piso, deve-se preferencialmente oferecer ao usuário a escolha entre rampa e degraus. Portas de acesso para o exterior devem apresentar largura suficiente (mínimo de 85 cm) para a passagem de cadeiras-de-roda e serem fáceis de abrir.

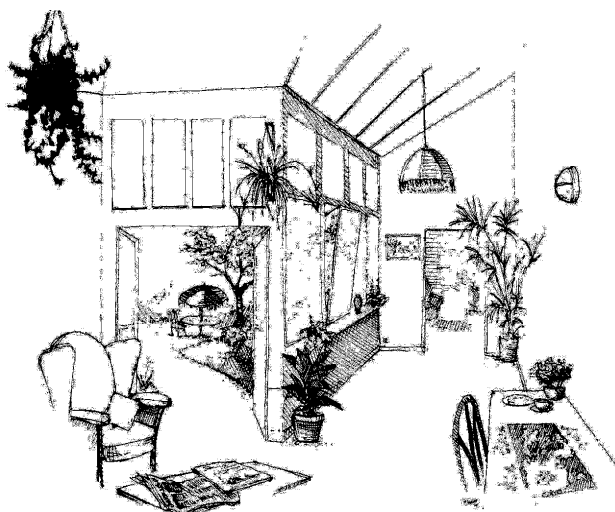


Figura 91: Pisos do interior e do exterior da edificação no mesmo nível
(STONEHAM;THODAY, 1994)

Quando for inevitável a utilização de rampas ou degraus para superar desníveis, em acessos às áreas externas, ou mesmo ao longo do jardim, alguns cuidados devem ser tomados. Rampas devem apresentar idealmente um gradiente de 1:20 e maximamente 1:15. No máximo, para cada 10 m de rampa deve ser prevista uma plataforma de descanso de, no mínimo, 1,5 m de comprimento. Degraus devem ter uma altura máxima de 15 cm e uma profundidade mínima de 28 cm. Para facilitar o acesso a pessoas que utilizam auxílio de andadores para caminhar, o ideal é a utilização de degraus com uma altura máxima de 10 cm e profundidade mínima de 55 cm (Figura 92). Também devem ser previstas plataformas de descanso de, no mínimo 1,5 m de comprimento para cada 1,2 m de altura do desnível vencida por degraus. Tanto a utilização de rampas como degraus exige a presença de corrimãos em ambos os lados (STONEHAM;THODAY, 1994; ROBSON et al, 1997; BEER, 2001). Qualquer desnível presente em caminhos ao longo do jardim, seja ele representado por degraus ou por rampas, deve ser sinalizado previamente para deficientes visuais através de uma superfície com textura contrastante em relação ao material que compõe o piso (STONEHAM;THODAY, 1994; ROBSON et al, 1997).

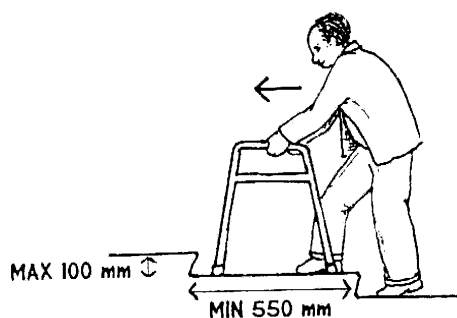


Figura 92: Dimensões adequadas de degraus para usuários de andadores
(STONEHAM;THODAY, 1994)

A disponibilidade de corrimãos proporciona segurança e confiança para os idosos que apresentam maior fragilidade. Eles servem como suporte, bem como servem de guia para que idosos com algum grau de confusão mental possam retornar para o local de onde partiram. Para facilitar sua visualização, devem apresentar cores que proporcionem contrastes marcantes com o fundo de onde estão inseridos (BRAWLEY, 2001).

Áreas de circulação ou caminhos localizados nas partes do jardim usadas pelos residentes que apresentam maior fragilidade (normalmente, próximo à edificação) devem contar com a presença de corrimãos, mesmo estando em nível (ROBSON et al, 1997).

Quanto aos caminhos que percorrem o jardim, estes devem ser largos o suficiente para permitir que duas pessoas utilizando cadeiras-de-rodas ou andadores possam passar ao mesmo tempo (idealmente 1,8 m) (ROBSON et al, 1997; BEER, 2001). Em relação às características das superfícies destes caminhos, Robson et al (1997) observam o seguinte:

- Devem apresentar superfícies firmes, semi-porosas e antiderrapantes.
- Uma superfície adequada é proporcionada por concreto com superfície de agregados exposta a fim de proporcionar textura. Juntas de controle podem ser marcadas por ladrilhos de cores fortes ou por pavimentação de tijolos.
- Materiais betuminosos também são adequados, contanto que a eles sejam dados tratamentos que garantam sua textura.
- Pisos construídos em blocos ou pavimentação de tijolos estão sujeitos à movimentação com o tempo e, portanto, necessitam de uma manutenção cuidadosa.

- Materiais soltos como brita devem ser evitados.
- Bordas e limites devem ser marcados com ladrilhos ou pavimentações de cores fortes.
- Perigos ou alterações no trajeto devem ser indicados com ranhuras na superfície para auxiliar pessoas cegas com bengalas.
- Galerias de drenagem e grades devem ser cuidadosamente protegidas.
- A manutenção regular é necessária para reparar danos nas superfícies dos pisos e prevenir o acúmulo de líquens.

Stoneham & Thoday (1994), chamam a atenção também para a acessibilidade de recantos ou áreas de descanso localizadas no jardim. Para estas áreas, devem sempre ser previstas dimensões adequadas que permitam que usuários de cadeiras-de-roda possam estacionar e aproveitar os benefícios destes locais em condições iguais às demais pessoas (Figura 93).

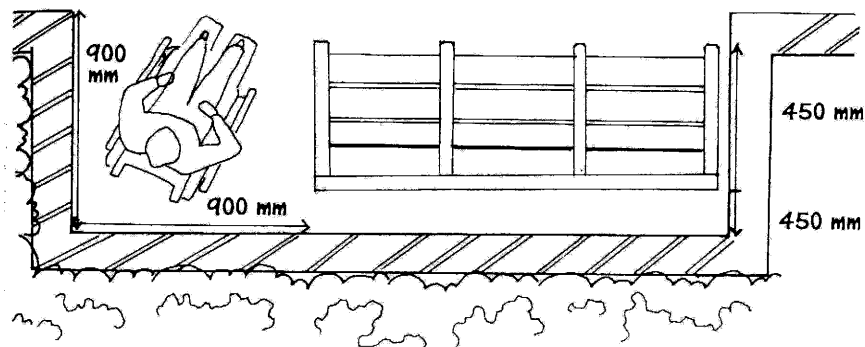


Figura 93: Acessibilidade em recantos e áreas de descanso
(STONEHAM;THODAY, 1994)

5.2.5.2.2 Proximidade das áreas em relação às edificações

Outro aspecto bastante importante para a utilização do pátio, observado através da pesquisa, foi a proximidade das áreas em relação à edificação. Observou-se que, normalmente, as idosas utilizam com maior frequência e por uma maior período de tempo aqueles espaços mais próximos aos acessos da edificação. Esta condição é particularmente visível na instituição A, onde as áreas externas apresentam dimensões bem superiores às

encontradas junto à instituição B. Observando-se a Figura 62 (pág. 118), verifica-se que as áreas apontadas pelos entrevistados como aquelas mais utilizadas pelas idosas são justamente aquelas localizadas no entorno mais imediato da edificação. As observações realizadas na instituição permitiram verificar que, de fato, as idosas costumam “orbitar” ao redor do prédio no desenvolvimento de suas atividades junto ao pátio, raramente se aventurando em áreas mais distantes. Ao contrário, observa-se na Figura 63 (pág. 119) que as áreas menos utilizadas estão localizadas bastante distantes da edificação. Embora a menor utilização destas áreas também esteja relacionada a outros fatores, como acesso ruim e falta de bancos, a distância foi explicitamente mencionada por alguns entrevistados como um fator de inibição ao uso.

Estes resultados também concordam com Stoneham & Thoday (1994), segundo os quais a distância dos locais para sentar a partir da edificação irá inevitavelmente influenciar a sua atratividade e o seu uso pelos idosos. Da mesma forma, cadeiras ou bancos próximos à edificação provavelmente serão utilizados com maior frequência (Figura 94). Quanto maior a distância que necessita ser percorrida e quanto mais barreiras (por exemplo, escadas e acesso ruim) houverem no caminho, maior será a resistência das pessoas em utilizar estes locais.



Figura 94: Áreas para sentar próximas às edificações são utilizadas com maior frequência
(STONEHAM;THODAY, 1994)

Estas observações permitem concluir que o planejamento de espaços abertos em instituições para idosos deve dedicar especial atenção ao tratamento das áreas mais próximas às edificações e seus acessos, pois essas, certamente, serão as mais utilizadas pelos idosos. A qualidade destas áreas é especialmente importante para os idosos que apresentam maior fragilidade, cuja dificuldade de locomoção limita ainda mais a utilização de locais mais

distantes. Devem ser previstas para as mesmas, portanto, fácil acesso, condições de segurança (pisos adequados, corrimãos, etc.), locais adequados para sentar e elementos de interesse que incentivem a utilização do pátio pelos idosos.

5.2.5.2.3 Liberdade de acesso

A liberdade de acesso também foi observada como um fator determinante da utilização dos espaços abertos. Está diretamente relacionada à política da administração em relação ao uso do pátio. Assim como algumas áreas têm seu uso incentivado pela administração, o acesso a outras áreas, ao contrário, é desestimulado a ponto de algumas idosas perceberem estes locais como “proibidos”. Desta forma, nota-se claramente nas instituições estudadas que as áreas cuja utilização é de alguma forma desestimulada pela administração ou pela equipe de funcionários são, de fato, aquelas menos utilizadas pelas idosas. Estas restrições ao uso, normalmente se devem a preocupações da administração com a segurança das idosas, quando as características da área oferecem riscos à integridade física das senhoras, ou ao receio de que a presença das idosas possa prejudicar o desenvolvimento de um determinado serviço nesta área. Pode ainda ser agregado a essas preocupações da administração a defesa de territórios pelos funcionários da instituição, como no caso relatado anteriormente para a instituição A, onde as áreas de cultivo são apropriadas por um dos funcionários (ver discussões na pág. 111).

De acordo com Stoneham & Thoday (1994), o incentivo dos administradores e da equipe de funcionários pode auxiliar os idosos a iniciarem o desenvolvimento de atividades e a se sentirem mais confortáveis na utilização dos espaços abertos. Este suporte e incentivo é especialmente valioso onde as áreas de jardim são comunitárias e os residentes se sentem inseguros sobre sua posse ou direito de acesso. Inversamente, a administração restritiva desses locais pode ser um dos mais efetivos repressores de seu uso pelos idosos.

O potencial de aproveitamento de espaços externos bem planejados pode também ser prejudicado por práticas restritivas da administração da instituição para idosos. Existem exemplos de instituições onde são organizados grupos de excursões para o jardim, prejudicando a escolha individual. Isto remove qualquer decisão espontânea de usar o pátio e afasta qualquer contato pessoal e independente com a natureza. Em outros casos, ainda, o

uso pode ser restringido pela simples presença de uma porta trancada (STONEHAM;THODAY, 1994).

Tendo em vista estas observações, pode-se concluir que, a fim de que as áreas externas disponíveis em instituições para idosos possam ser utilizadas da melhor forma possível, deve haver uma clara política de incentivo da administração à maior apropriação possível do pátio por seus residentes. Para que este incentivo seja possível, no entanto, os espaços abertos devem ser adequadamente planejados e oferecer infra-estrutura física que permita a utilização da máxima área possível pelos idosos com o mínimo de riscos para a sua integridade física e sem que haja conflito com possíveis funções de serviço a serem desenvolvidas nas áreas externas.

5.2.5.2.4 Limpeza da área

Outro aspecto apontado nas entrevistas, relacionado a maior ou menor utilização do pátio, foi a limpeza da área. Desta forma, os locais de maior utilização foram identificados como locais “limpos” e locais pouco utilizados como “sujos”. Locais percebidos como limpos pelos entrevistados são locais de fácil acesso, pavimentados ou revestidos por gramíneas rasteiras, e que recebem manutenção freqüente (corte de grama, varrição, poda e limpeza de folhas secas, etc.). Locais sujos, por outro lado são locais que recebem pouca ou nenhuma manutenção, apresentam vegetação herbácea e arbustiva espontânea (“inços”) e difícil acesso. Estes locais, freqüentemente, apareceram nas entrevistas (principalmente, nos relatos das idosas) associados a “medo de bichos” (cobras, aranhas, sapos e lagartos foram os “bichos” citados pelos entrevistados).

O considerável grau de importância conferido pelas idosas à limpeza do pátio pode estar relacionado em parte a questões culturais. Tendo em vista que a maioria das residentes, considerando-se o perfil das mulheres da geração de que fazem parte, provavelmente, deve ter atuado durante a maior parte de suas vidas como donas de casa, é de se esperar que possuam um senso de organização bastante apurado. Por outro lado, a limpeza dos locais a que se referem às idosas também está relacionada à facilidade de se deslocarem por estes ambientes, com a menor presença de riscos ou obstáculos (como, por exemplo,

buracos escondidos sob a vegetação) o que, em última análise, está associado à acessibilidade e segurança dos mesmos.

O “medo de bichos”, tão enfatizado pelas idosas durante as entrevistas, parece estar relacionado com aquilo que Ulrich (1993) denominou de “biofobia”⁶. Segundo a teoria defendida por este autor, determinados medos fóbicos presentes entre as pessoas e relacionados à natureza estão vinculados a fatores envolvidos no processo evolucionário da humanidade. Desta forma, ao longo de milhares de anos de evolução, a espécie humana teria adquirido certas respostas fóbicas (ou de repulsão) a determinados elementos da natureza que representavam riscos a sua sobrevivência. De acordo com o autor, alguns dos medos fóbicos associados à natureza mais comuns entre as sociedades ocidentais seriam os medos de cobras e aranhas. No caso das idosas, aqui estudado, estes medos ou fobias parecem atingir uma amplitude um pouco maior do que seria normalmente esperado. Este medo das idosas, em certa medida ampliado, talvez possa ser explicado pela maior sensação de vulnerabilidade e fragilidade perante o ambiente experimentado por idosos de uma forma geral, conforme já mencionado anteriormente. A “sujeira” do pátio passa, portanto, a contribuir para uma maior percepção de risco e, conseqüentemente, atua com uma maior barreira a sua utilização do que seria normalmente para indivíduos mais jovens.

Estas considerações permitem concluir, desta forma, que deve-se dedicar especial atenção à adequada manutenção dos espaços abertos em instituições para idosos, tanto em relação à infra-estrutura disponível, como também em relação aos cuidados com a vegetação. O aspecto de abandono das áreas, pode transmitir idéias de desorganização e sujeira, acompanhadas por uma sensação de risco ampliado que desestimulam sua utilização pelos idosos. Deve-se tomar cuidado, no entanto, conforme alertam Stoneham & Thoday (1994), para não conferir aos espaços abertos um aspecto demasiadamente “arrumado”, a ponto de terem sua utilização restrita, desestimulando sua apropriação pelos idosos. Ou seja,

⁶ O termo biofobia é apresentado por Ulrich (1993) em sua “Teoria da Biofilia” que defende a idéia de que respostas positivas ou negativas das pessoas a elementos naturais podem estar relacionadas a uma espécie de aprendizado genético ao qual o ser humano tem sido submetido durante seu processo evolucionário. Desta forma, as recompensas e os perigos associados aos cenários naturais durante a evolução do homem têm sido suficientemente críticos para favorecer os indivíduos que aprendem com maior facilidade várias respostas adaptativas - como respostas de aproximação ou positivas (biofilia) e respostas de afastamento ou negativas (biofobia) a certos elementos ou configurações. Esta perspectiva reconhece que os habitats dos humanos primitivos continham tanto perigos como elementos benéficos, que lhes traziam vantagens.

os idosos devem sentir que os espaços abertos estão disponíveis para que eles possam não só utilizá-los, mas também modificá-los de acordo com as suas necessidades.

5.2.5.2.5 Conforto

Os resultados da pesquisa confirmam que a pouca utilização de determinados espaços também está relacionada à falta de condições que propiciem conforto a seus usuários. Dentre as condições de conforto citadas nas entrevistas, destacam-se o conforto térmico, o conforto acústico e a presença de bancos adequados.

A falta de sombra (ou o excesso de sol), como um dos fatores que impede a maior utilização de determinadas áreas do pátio, foi identificada, sobretudo, na instituição B. Nesta instituição, duas das áreas externas preferidas pelas idosas (áreas 1B e 2B), de acordo com os relatos dos entrevistados, poderiam ser mais utilizadas não fosse a falta de sombra, que torna estes locais bastante desagradáveis em dias quentes de verão. Já, na instituição A, mesmo os locais mais ensolarados possuem árvores próximas, possibilitando às idosas se refugiarem sob sua sombra mediante o sol excessivo. A presença tanto de áreas de sombra como áreas ensolaradas no pátio desta instituição oferece boas condições de conforto térmico às idosas, que podem optar entre ambas as situações de acordo com as condições do clima. Isto, sem dúvida, colabora para o maior tempo de permanência das idosas no pátio desta instituição quando comparadas às idosas da instituição B.

A disponibilidade de sombra é especialmente importante nos locais do pátio onde os idosos irão sentar e permanecer por maiores períodos. De acordo com Stoneham & Thoday (1994), no entanto, os espaços externos de instituições para idosos devem prever a possibilidade de escolha entre locais para sentar à sombra ou ao sol. Pérgolas ou árvores caducifólias são boas alternativas para criar ambientes parcialmente sombreados. Outra possibilidade é a utilização de mesas com guarda-sóis, que apresentam a vantagem de ser móveis, podendo ser dispostos em diferentes locais de acordo com a preferência dos idosos.

Embora não apontada pelos entrevistados durante a pesquisa, outra questão relacionada ao conforto térmico que pode influenciar a utilização do pátio pelos idosos é a presença de correntes de ar ou ventos fortes. Os idosos são mais sensíveis a mudanças bruscas de temperatura, portanto, a exposição a correntes de ar pode ser prejudicial à sua

saúde. Desta forma, os locais destinados à permanência dos idosos (como locais para sentar) devem ser protegidos contra a incidência de ventos. Esta proteção pode se dar tanto através das próprias paredes da edificação (em locais situados em seu entorno), como pela utilização de vegetação (cercas-vivas ou maciços de vegetação), treliças cobertas com trepadeiras, paredes ou muros, sendo que estes últimos podem apresentar o inconveniente de gerar turbulência em outras partes do jardim (Stoneham & Thoday, 1994).

Igualmente importante de ser discutido aqui, embora também não citado durante as entrevistas, é o conforto lumínico. Com o avanço da idade, as pessoas tornam-se mais sensíveis aos efeitos da luz ou do brilho refletido por superfícies. Deve-se, portanto, ter particular cuidado ao selecionar materiais de superfícies de pisos ou mobiliário a serem utilizados em espaços externos a fim de reduzir o desconforto causado aos idosos e evitar eventuais riscos de queda devido ao ofuscamento da visão (BRAWLEY, 2001; ROBSON et al, 1997; STONEHAM;THODAY, 1994). Outra estratégia para reduzir o desconforto causado por superfícies demasiadamente reflexivas é a utilização de árvores, pergolados e toldos a fim de interceptar a luz solar direta ou refletida (Figura 95) (STONEHAM;THODAY, 1994). Condições inadequadas neste sentido foram observadas somente na instituição B, no terraço (área 2B, ver Figura 81, junto à pág. 131) localizado no segundo pavimento da edificação. Esta área é circundada pelas paredes da edificação, todas pintadas em branco, as quais, conforme observou-se durante visita ao local, geram um certo desconforto visual em dias muito ensolarados devido à luz refletida pelas paredes. Estas condições só são amenizadas pelo piso que é construído em material cerâmico, apresentando-se, portanto, menos reflexivo.

Um dos aspectos citados nas entrevistas como justificativa para a pouca utilização de determinadas áreas do pátio foi o “barulho”. O “barulho” citado refere-se ao excesso de ruídos emitidos por veículos em áreas muito próximas à rua. O excesso de ruídos é particularmente incômodo para pessoas de idade avançada, pois prejudica em maior grau a sua capacidade de comunicação com as outras pessoas, bem como a identificação dos sons do ambiente no qual estão inseridas. Devido às perdas de habilidade auditiva, decorrentes do processo de envelhecimento, uma simples conversa de uma pessoa em posição próxima pode ser difícil de ser ouvida quando há a presença de ruídos de fundo (AMERICAN ASSOCIATION OF RETIRED PERSONS, 1997; PROVIDENCE CENTER ON AGING, 2001).

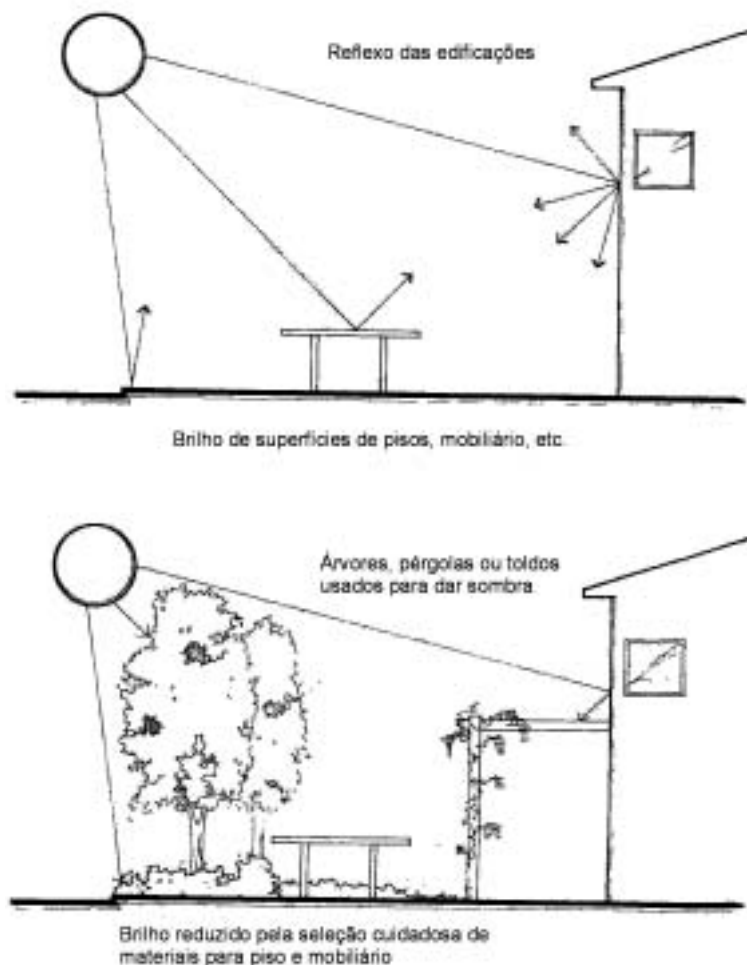


Figura 95: Métodos de redução do brilho de superfícies em espaços externos
(adaptado de STONEHAM; THODAY, 1994)

Por outro lado, algumas idosas apontaram o silêncio como uma das justificativas para suas preferências em relação a determinados locais do pátio. É interessante observar, no entanto que, para algumas idosas, o “excesso de silêncio” também representa um fator de desestímulo a utilização de alguns locais do pátio. Provavelmente, para estas idosas, lugares muito silenciosos transmitem uma certa sensação de isolamento para com o mundo exterior à instituição (que, por sua vez, pode estar relacionada a sentimentos de abandono da família ou da sociedade). O planejamento de espaços abertos em instituições para idosos, portanto, deve contemplar, sempre que possível, tanto locais onde as pessoas possam desfrutar de silêncio como locais onde elas tenham acesso aos sons da vida exterior à instituição (naturalmente, deve-se tomar as devidas precauções para que estes sons não constituam ruídos excessivos a ponto de causar desconforto às pessoas).

A presença de bancos em quantidades adequadas, dispostos em locais de fácil acesso e confortáveis do ponto de vista ergonômico exerce grande influência sobre a utilização do pátio, especialmente sobre o tempo de permanência dos idosos nos espaços externos. Conforme observado pela pesquisa, a pouca utilização e, sobretudo, a pouca permanência em determinadas áreas do pátio, estão relacionadas à ausência de bancos ou de lugares adequados para as idosas sentarem. Na instituição A, a maior parte dos locais apontados pelos entrevistados, como sendo pouco utilizados pelas idosas, não dispõe de nenhum banco. As áreas mais utilizadas, por sua vez, dispõem de bancos ou estão situadas próximo às edificações, em locais onde as idosas podem facilmente instalar cadeiras de armar. Já na instituição B, embora os locais mais utilizados pelas idosas apresentem bancos (áreas 2B e 3B), estes não contribuem para o maior tempo de permanência das idosas nos espaços externos. Conforme comentado anteriormente, isto ocorre porque estes bancos não são apropriados para as necessidades das idosas (não possuem encosto, são mal dimensionados e são construídos com material inadequado).

Stoneham & Thoday (1994) fazem as seguintes recomendações quanto à construção de bancos para usuários idosos:

- Devem ter altura um pouco maior que o usual, entre 400 a 500 mm.
- Devem apresentar profundidade entre 400 a 450 mm.
- Descansos para os braços são essenciais e devem estar firmemente fixados para servir como suporte quando a pessoa senta ou levanta. Devem ainda estar posicionados entre 200 a 250 mm acima da altura do assento. O ideal é que haja um descanso para cada seção do banco, distantes 600 mm entre si.
- Encostos ou descansos para as costas também são essenciais e devem estar integrados ao assento.
- Devem dispor de um mínimo de 75 mm de espaço livre sob o banco para que as pernas das pessoas possam balançar para trás, proporcionando impulso no momento de levantar.

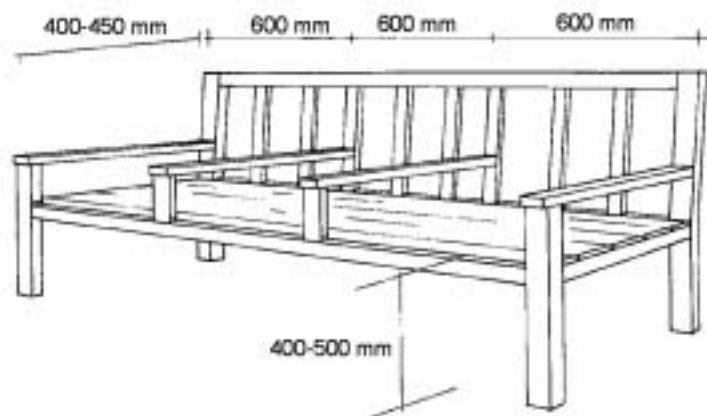


Figura 96: Dimensões adequadas de bancos para idosos
(STONEHAM;THODAY, 1994)

O adequado planejamento de espaços abertos em instituições para idosos deve, portanto, prever bancos em quantidades adequadas, construídos adequadamente para as necessidades dos idosos e colocados em intervalos de espaço adequados ao longo do pátio (de maneira a estimular o idoso a percorrer os espaços disponíveis, ao certificar-lhes de que encontrarão locais de descanso ao longo do percurso). Também é importante, sempre que possível, a presença de locais pavimentados, próximos às edificações até onde os idosos (ou seus cuidadores) possam carregar sem dificuldades o mobiliário móvel necessário (como cadeiras de armar, guarda sóis, etc.) e ali instalá-lo de acordo com sua escolha.

5.2.5.2.6 Elementos de interesse

Algumas das áreas apontadas nas entrevistas como sendo de menor utilização são áreas bastante “áridas” visualmente ou excessivamente monótonas devido à ausência de eventos ou elementos que possam despertar o interesse das idosas. Estas características, explicitamente mencionadas nos relatos dos entrevistados, constituem mais uma barreira à utilização do pátio pelas idosas. Por outro lado, os espaços mais utilizados são caracterizados por uma maior complexidade visual e pela presença de uma série de elementos que captam eficientemente a atenção das idosas. Os elementos de interesse identificados nas entrevistas podem ser agrupados da seguinte forma: plantas, animais e pessoas.

A vegetação, independentemente da possibilidade de ser cultivada pelas idosas, representa uma importante fonte de interesse que estimula a utilização dos espaços abertos. Muitas idosas relacionaram sua preferência por determinadas áreas do pátio à possibilidade de ali observarem as flores ou o “verde das árvores”. Principalmente na instituição B, onde as idosas possuem maior liberdade de interferir sobre os elementos do pátio, certos locais foram mencionados também pela possibilidade de ali serem coletadas plantas, tanto para enfeitar os quartos e as áreas comuns da casa como para serem utilizadas como alimentos ou medicinais. A vegetação ainda constitui um elemento de incentivo à utilização do pátio quando vista como uma forma de atividade, através do cultivo de plantas pelas idosas, como será discutido mais adiante.

Segundo Stoneham & Thoday (1994), o planejamento adequado da vegetação é particularmente importante para instituições para idosos, onde é necessário proporcionar às pessoas paisagens altamente interessantes, que apresentem um estilo doméstico e que contemplem espécies de plantas pelas quais as pessoas manifestam preferências. Os autores salientam, que embora seja importante a participação dos idosos no estabelecimento da vegetação que definirá a estrutura do jardim, a ausência do profissional da área de paisagismo pode levar não só à construção de uma paisagem de baixa qualidade como também a altos custos de manutenção. O design eficiente da paisagem, por outro lado, deve maximizar os elementos de interesse no jardim e proporcionar oportunidades para uma grande gama de atividades.

O planejamento adequado, neste sentido, deve ter presente que a vegetação deve cumprir diversas funções, incluindo: proporcionar estrutura à paisagem; evidenciar as mudanças de estação; fornecer material para o desenvolvimento de hobbies dentro de casa; proporcionar interesse através de cores, texturas, aromas e locais de cultivo; exaltar lembranças; proporcionar habitat e comida para animais silvestres; e economizar em mão-de-obra de manutenção (STONEHAM;THODAY, 1994).

Ao proporcionar estrutura à paisagem, as plantas emolduram o jardim e lhe dão uma sensação de continuidade, definindo diferentes espaços e dando abrigo e proteção. Sem isso, uma paisagem ou um jardim provavelmente será confuso, monótono ou pouco atrativo (STONEHAM;THODAY, 1994).

Além de proporcionar interesse à paisagem, conferindo-lhe uma maior dinâmica visual ao longo do ano, as variações sazonais da vegetação são especialmente importantes para os idosos que gozam de pouca mobilidade, cujo maior aproveitamento do pátio se dá por meio visual, seja a partir de áreas externas mais próximas à edificação, seja a partir do interior da edificação, através da vista de janelas (STONEHAM; THODAY, 1994). Esta dinâmica pode ser obtida, por exemplo, através da utilização de espécies que apresentam variações de cores de folhas ao longo do ano ou através da observação de um calendário de floração, onde se procura utilizar espécies que floresçam em diferentes períodos do ano.

Deve-se prever no planejamento da área, a utilização de plantas que possam ser coletadas pelos idosos, tanto para consumo, como para o desenvolvimento de *hobbies* no interior da edificação. Chama-se atenção aqui, novamente, para o que foi observado na instituição B, onde as idosas têm o costume de coletar flores para a ornamentação da casa e plantas medicinais para a elaboração de chás. Nesta instituição, principalmente a presença de plantas medicinais constitui um importante elemento de interesse para as idosas, sendo que mesmo algumas das residentes entrevistadas que afirmaram não ter o costume de usar o pátio, admitiram visitá-lo “apenas para pegar chás”. Algumas idosas relataram também “pegar chás para as amigas”, secando e armazenando as ervas em seus quartos para fornecer a outras idosas quando estas precisam, demonstrando o desenvolvimento de uma atividade dentro de casa e o incentivo ao estabelecimento de relações sociais a partir de materiais coletados no pátio.

A vegetação deve estimular ao máximo os sentidos dos idosos. Sobre a utilização de cores na vegetação, é importante lembrar que muitos idosos possuem dificuldades de diferenciar a relação entre as cores azul, verde e violeta. Neste sentido, recomenda-se, por exemplo, utilizar plantas com flores que ofereçam fortes contrastes de vermelho e amarelo (ROBSON et al, 1995; KERRIGAN, 1994). Especialmente para idosos cegos é fundamental que o jardim seja uma fonte de estímulo a outras sensações como o olfato e o tato. Para isso é importante utilizar plantas aromáticas pelo jardim, bem como planejar arranjos de vegetação que permitam ao idoso sentir, através do tato, diferentes contrastes de texturas. É importante se ter em mente que estes arranjos devem estar ao alcance das mãos do deficiente visual, devendo ser priorizada, com este objetivo, a utilização de plantas de crescimento predominantemente vertical (KERRIGAN, 1994).

Outra função importante da vegetação ressaltada por Stoneham & Thoday (1994), é a exaltação de lembranças. Muitas espécies de plantas podem estar associadas a períodos significativos e felizes da vida das pessoas. Assim, a presença destas espécies no jardim pode trazer de volta estas lembranças, tanto através da visualização das plantas, como através de seu perfume, que podem ser aproveitados inclusive por aqueles idosos que permanecem mais tempo no interior da edificação (desde que, obviamente, esta esteja integrada adequadamente aos espaços externos para permitir estas interações). Algumas destas espécies são quase unanimidade entre as idosas, como é o caso das roseiras, conforme pode ser observado tanto nas instituições participantes do estudo de casos, como também em várias instituições dentre aquelas visitadas durante o levantamento preliminar. Muitas outras espécies, por outro lado, dependem de experiências particulares de cada pessoa e sua identificação, portanto, depende do contato direto do planejador com os residentes.

Outra observação importante a ser feita em relação ao planejamento da vegetação é sobre os cuidados com sua manutenção. Embora seja importante a participação dos idosos na manutenção do jardim, muitas tarefas podem ser inadequadas a suas condições físicas. Observou-se, ainda, a partir das entrevistas e a partir de conversas informais, tanto com os personagens das instituições A e B, como com aqueles pertencentes às instituições visitadas no levantamento preliminar, que a idéia de obrigação afasta os idosos das atividades de cultivo. Normalmente, nestas instituições, a mão-de-obra de funcionários para a manutenção das áreas disponíveis é insuficiente. Portanto, é importante que se priorize a utilização de espécies perenes e de baixa exigência de manutenção no planejamento destas áreas. Embora o jardim deva apresentar livre acesso para idosos, para que estes o aproveitem da melhor forma possível, conforme já foi discutido anteriormente, acredita-se que o melhor é contar com algumas áreas exclusivas destinadas à prática da jardinagem pelos residentes. Estas áreas seriam utilizadas por aquelas pessoas que manifestam interesse por este tipo de atividade e seriam adaptadas às necessidades dos idosos. Estes locais sim poderiam, por exemplo, contar com espécies que exigem manutenção ou reposição constante.

A presença de animais também demonstrou ser uma importante fonte de estímulo à utilização do pátio pelas idosas nas instituições estudadas. A relação entre lugares mais utilizados com a presença de animais apresentou-se particularmente marcante na instituição A, onde os animais domésticos (gatos e galinhas) estão bastante vinculados à vida da instituição. Mesmo na instituição B, onde não há a presença de animais domésticos, os

relatos das entrevistas freqüentemente mencionavam a observação de pássaros no pátio, atraídos tanto pela vegetação arbórea existente como pelo alimento e pela água oferecidos pelas próprias idosas.

Tendo-se em vista estas considerações, observa-se que, onde não é possível a presença de animais domésticos, deve-se dedicar maior atenção à atração de animais silvestres que venham a visitar o jardim. A atração destes animais pode ser incrementada pelo planejamento paisagístico das áreas externas através da: presença de água (Figura 100), utilização de espécies arbóreas que sirvam de abrigo, utilização de espécies atrativas (frutíferas nativas⁷ ou espécies floríferas que atraem beija-flores e borboletas, por exemplo) ou pela utilização de abrigos ou alimentadores artificiais (Figuras 97 e 98) (PALAZZO; BOTH, 1989).



Figuras 97 e 98: Presença de água e comedouros artificiais como atrativos para pássaros (PALAZZO; BOTH, 1989)

Outro aspecto de extrema importância para as idosas, identificado durante a realização das entrevistas e das observações junto às instituições, foi a possibilidade de observar a movimentação de pessoas, tanto dentro da área da instituição como além de seus limites (que auxilia a manter o “contato com o mundo exterior”, já citado anteriormente). Desta forma, observou-se tanto nas instituições que fazem parte deste estudo de casos (instituições A e B), quanto nas instituições visitadas durante o levantamento preliminar da pesquisa, que as áreas localizadas em frente às edificações, de onde se tem vista para a rua, costumam estar entre as preferidas por grande parte dos idosos. Muitos relatos, conforme já discutido anteriormente, também relacionam a preferência das idosas por determinadas áreas

⁷ Sobre a utilização de espécies frutíferas nativas, recomenda-se a consulta à obra de Sanchotene (1989), na qual consta um interessante estudo sobre espécies nativas do Estado do Rio Grande do Sul úteis à fauna na arborização urbana.

ao fato de nelas poderem observar os movimentos de entrada e saída da casa ou o desenvolvimento de atividades por funcionários ou outras idosas. Na instituição A, a área do pátio que oferece estas condições demonstrou ser a mais utilizada pelas idosas (área 2A, ver pág.119). Na instituição B, embora a área situada em frente à instituição tenha sido citada como uma das mais utilizadas, a falta de bancos e a falta de sombra impedem a maior permanência das idosas na área (área 1B, ver pág.129).

Estas observações permitem concluir que o planejamento de espaços abertos junto a instituições para idosos deve, sempre que possível, dedicar particular atenção a áreas localizadas em frente à instituição e/ou junto às rotas de acesso à casa. Devem ser previstos para essas áreas locais adequados para os idosos sentarem, com boas condições de conforto térmico e fácil acesso.

Em suma, a pesquisa demonstrou que a maior utilização de determinados locais dos pátios nas duas instituições estudadas está relacionada à presença de elementos que despertam o interesse das idosas. Os elementos ou aspectos identificados como fontes de interesse para as idosas foram a vegetação, a presença de animais e a possibilidade de observar a movimentação de pessoas. Estes aspectos são confirmados e recomendados pela bibliografia consultada e devem ser observados no planejamento de espaços abertos junto a instituições para idosos.

5.2.5.2.7 Atividades

De acordo com os resultados desta pesquisa, a utilização ativa do pátio, conforme discutido anteriormente, demonstrou ser muito importante para as idosas. Confirmando-se estes resultados, observou-se que alguns dos locais mais utilizados pelas idosas, em ambas as instituições, são justamente aqueles que oferecem às idosas a oportunidade de desenvolver alguma forma de atividade.

Uma atividade comum às duas instituições, foi o desenvolvimento de tarefas domésticas no pátio, principalmente a lavagem e secagem de roupas. Esta atividade demonstrou-se muito importante para as idosas de forma geral, incentivando a utilização do pátio mesmo por aquelas senhoras que permanecem mais tempo dentro de casa. Conforme

comentado anteriormente, a realização deste tipo de atividade junto ao pátio pelas idosas depende da presença de serviços de lavanderia colocados à disposição pela instituição. Ou seja, mesmo dispondo deste tipo de serviço, parece ser importante para as idosas poderem lavar suas próprias roupas quando desejam. Cabe lembrar que as instituições estudadas somente trabalham com o público feminino, para o qual a possibilidade de desenvolvimento deste tipo de atividade, provavelmente, esteja associada ao sentimento de preservação de sua autonomia e independência. Desta forma, o planejamento adequado de espaços abertos junto a instituições para idosos, pelo menos aquelas que atendem senhoras, deveria prever, além da área de secagem de roupas utilizada pelos funcionários, uma área própria para as residentes poderem desenvolver este tipo de atividade, como os espaços observados nas instituições estudadas para esta pesquisa, que demonstraram ser tão valorizados pelas idosas.

Na instituição A, grande parte das idosas apontou, dentre os locais que mais utilizam no pátio, aquele onde realizam suas caminhadas (área 1A, ver pág.119). A caminhada, ao que se pôde observar através desta pesquisa, parece ser uma forma de atividade física bastante prazerosa para as idosas e freqüentemente associada aos cuidados com a saúde. Na instituição B, esta atividade praticamente não é desenvolvida pelas idosas, devido à excessiva limitação das áreas externas disponíveis. No entanto, em conversas informais com residentes e funcionários da instituição B, as pessoas manifestaram sentir falta de um local para as idosas caminharem. Bastante importante de ser discutido em relação aos espaços disponíveis para caminhadas são as condições de acessibilidade e segurança vigentes nos mesmos. Desta forma, mesmo na instituição A, onde as idosas dispõem de um local para caminhadas, próximo à edificação e com piso adequado, a ausência de corrimãos ao longo do percurso inibe a utilização desta área para este fim pelas idosas que apresentam maior dificuldade de locomoção.

Áreas para a realização de caminhadas, portanto, são muito importantes em instituições para idosos, tanto ao representar uma forma de atividade física como ao constituir um atrativo para que as idosas saiam da edificação e aproveitem outros benefícios do pátio (como apanhar sol, respirar ar fresco e observar a vegetação). Devem ser previstas no planejamento de espaços abertos de instituições desta natureza sempre que possível, observadas as condições de acessibilidade e segurança que permitam sua utilização mesmo pelos idosos que apresentam maior fragilidade.

Na instituição B, a utilização de determinadas áreas do pátio pelas idosas está estreitamente relacionada a atividades de cultivo de plantas. Na instituição A, por outro lado, a utilização do pátio não está associada ao cultivo de plantas. Embora nesta instituição muitas senhoras manifestem interesse em cultivar plantas no pátio, elas deixam de fazê-lo, tanto em função da política administrativa da instituição (que não incentiva este tipo de atividade), como devido à falta de condições físicas (ver discussões pág. 108-114). Mesmo na instituição B, onde o cultivo de plantas é praticado por muitas senhoras, a limitação física também é apontada como um fator que impede a maior utilização do pátio para este fim.

A fim de buscar alternativas adequadas às limitações impostas pela idade avançada, vale a pena examinar os resultados de esforços empreendidos nos Estados Unidos e em muitos países europeus, onde a jardinagem é uma atividade particularmente popular. Nestes países, que vêm experimentando o fenômeno do envelhecimento populacional há bem mais tempo do que o Brasil, muito se tem investido na busca de soluções que visem preservar a independência dos idosos por um maior período de tempo. Dentre os resultados destes esforços pode-se colher importantes contribuições para a prática da jardinagem entre idosos.

Uma das alternativas mais difundidas neste sentido é o cultivo de plantas em canteiros elevados⁸ (ROWSON; THODAY, 1983; LANE, 1992; RELF, 1995; STONEHAM; THODAY, 1994; KERRIGAN, 1994). O princípio dos canteiros elevados consiste em elevar o nível do solo de cultivo a uma altura mais confortável para o jardineiro, o que pode ser conseguido através da construção de caixas ou reservatórios, ou através da construção de terraços ou paredes de contenção (quando se dispõe de terrenos mais íngremes). De acordo com Rowson & Thoday (1983), trazendo-se as plantas e o solo para uma altura de trabalho mais adequada, obtém-se benefícios óbvios para muitas pessoas com dificuldades físicas, especialmente aquelas que encontram dificuldades em se abaixar ou trabalhar no nível do chão.

De acordo com Relf (1995), o cultivo em canteiros elevados pode apresentar uma série de vantagens, dentre elas:

- Os recipientes de plantio podem ter sua localização planejada para áreas de fácil acesso e ainda podem ser utilizados em locais onde, de

⁸ *raised beds*, no original em inglês

outra forma, não seria possível o cultivo de plantas, como em jardins de terraços ou coberturas.

- Contando com dimensões reduzidas, os canteiros elevados podem ser facilmente manejados, proporcionando um sentimento de alcance e reduzindo a frustração e o sentimento de opressão que o jardineiro com maiores limitações físicas teria em uma grande área de cultivo.
- O recipiente de plantio pode ser planejado para estar localizado a uma altura que proporcione um máximo espaço de cultivo dentro do alcance normal do indivíduo que apresenta determinada limitação física.
- Os recipientes de plantio podem ser construídos tanto em estruturas permanentes ou temporárias, dependendo das necessidades e desejos do jardineiro. Recipientes móveis podem ser reajustados em função das necessidades de insolação e ainda podem ser removidos se houver a necessidade do desenvolvimento de outras atividades no local.
- Existe uma grande gama de espécies que podem ser cultivadas em canteiros elevados.
- Problemas com solos pobres ou contaminados por doenças de solo podem ser facilmente resolvidos.
- Canteiros elevados oferecem boa drenagem e aquecem facilmente, podendo produzir colheitas precoces.
- A semeadura dos cultivos pode ser iniciada em pequenos recipientes móveis no interior da edificação, que depois podem ser trazidos para fora quando o clima for adequado. Isto possibilita ampliar as atividades de cultivo para além das estações mais quentes do ano.
- Os canteiros elevados podem oferecer idéias inovadoras no *design* da paisagem.

As dimensões críticas a serem consideradas na construção de canteiros elevados são o alcance e a altura dos cotovelos. O alcance depende da estatura da pessoa, da sua postura e da sua saúde física. Isto determina a largura da área de solo que pode ser cultivada. A altura dos cotovelos determina a altura do canteiro que é confortável para o jardineiro trabalhar. Estas duas dimensões estão intimamente ligadas. Um recipiente de plantio baixo reduz o alcance efetivo ao nível do solo, enquanto um recipiente alto permite o alcance do solo, mas pode tornar inacessível o topo de plantas mais altas. Com exceção da

colheita de frutos, a maioria das operações de jardinagem que exigem habilidade manual e precisão ocorrem em uma faixa situada entre o nível do solo e uma altura de 15 cm acima dele. Portanto, para uma pessoa em pé, em frente a um recipiente de cultivo, o nível ideal do solo é 10 cm abaixo da altura de seus cotovelos (medidos com os braços soltos junto ao corpo). Na construção de canteiros elevados deve-se ter o cuidado em deixar um espaço para os pés junto à base da estrutura, ao longo de todo seu perímetro (Figura 99). Este espaço permite que o jardineiro posicionado de frente para o canteiro possa chegar mais perto do solo sem precisar curvar o corpo. Deve apresentar, no mínimo, 10 cm de profundidade e 20 cm de altura (STONEHAM;THODAY, 1994).

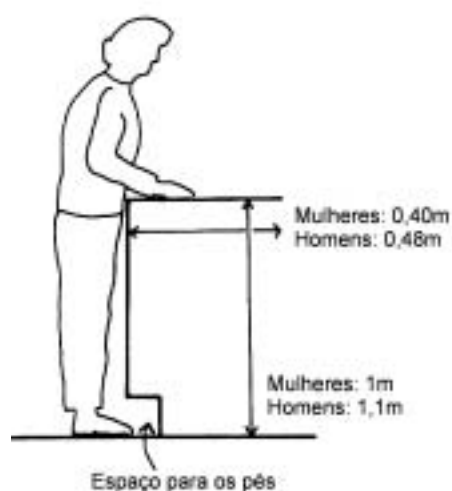


Figura 99: Canteiros elevados⁹ (STONEHAM;THODAY, 1994)

Os canteiros elevados apresentam grande versatilidade e podem ser adaptados às mais diversas situações. Podem, por exemplo, ser planejados para usuários de cadeiras-de-rodas (ajustando-se a altura do nível do solo e o espaço para as pernas sob a estrutura) (Figura 100), ou ser construídos em terraços, quando a declividade natural do terreno dificulta o seu aproveitamento (Figura 101) (STONEHAM;THODAY, 1994; RELF,1995). Podem ainda ser conjugados vários canteiros elevados em um só elemento (Figura 102), o que além de ser esteticamente interessante pode oferecer várias alturas de trabalho, adaptadas a pessoas de diferentes estaturas (ROWSON; THODAY, 1983).

⁹ É importante observar que as dimensões aqui referidas são estabelecidas com base em dados antropométricos adequados aos padrões europeus, uma vez que a figura foi extraída de uma publicação produzida e editada no Reino Unido.

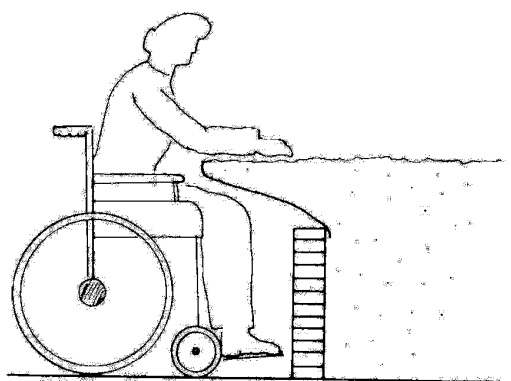


Figura 100: Canteiros elevados para usuários de cadeiras-de-roda (STONEHAM;THODAY, 1994)

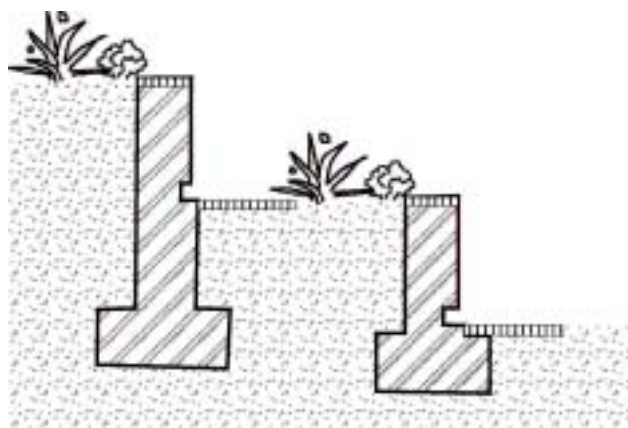


Figura 101: Canteiros elevados a partir de terraços (adaptado de RELF,1995).

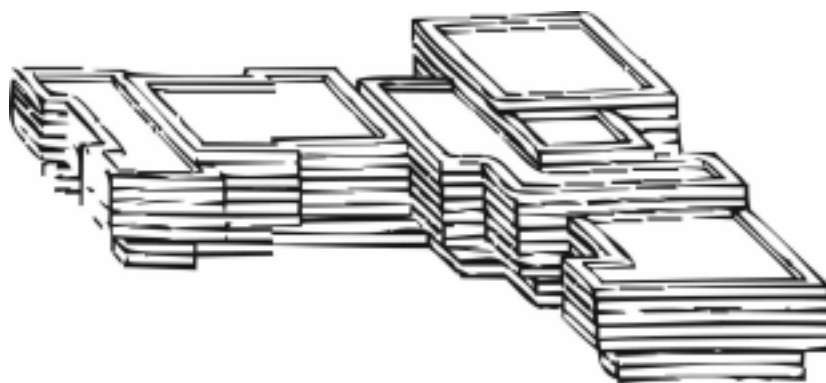


Figura 102: Canteiros elevados em diversas alturas de trabalho (ROWSON; THODAY, 1983)

Um outro aspecto importante de ser ressaltado é que muitos idosos podem apresentar dificuldade em segurar as ferramentas necessárias às práticas de jardinagem. A

este respeito, Flagler (2002) coloca que mesmo ferramentas comuns de jardinagem podem ser adaptadas através da utilização de hastes e presilhas de segurança. Para aquelas pessoas que não conseguem segurar a ferramenta, grampos ou alças de velcro podem ser utilizadas para fixar o equipamento à mão do usuário. Também Geoghegan & Walsh (2002) recomendam a utilização de materiais facilmente disponíveis para a confecção de ferramentas adaptadas a idosos, tais como faixas de lona, tubos e conexões de PVC, luvas e velcros (Figuras 103, 104, 105, 106).



Figura 103: Adaptações em ferramentas de hastes longas a partir da utilização de tubos e conexões de PVC (GEOGHEGAN; WALSH, 2002).

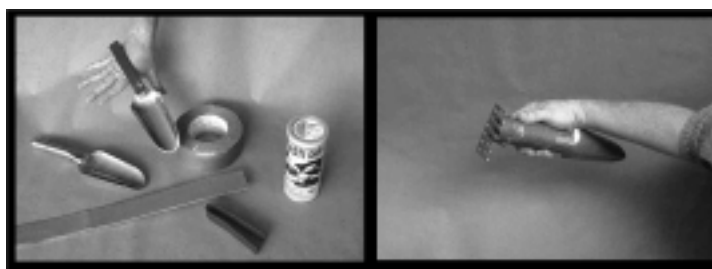


Figura 104: Utilizando-se espuma e fita isolante é possível aumentar o diâmetro do cabo de ferramentas de jardinagem para facilitar seu manejo por idosos com artrite (GEOGHEGAN; WALSH, 2002).

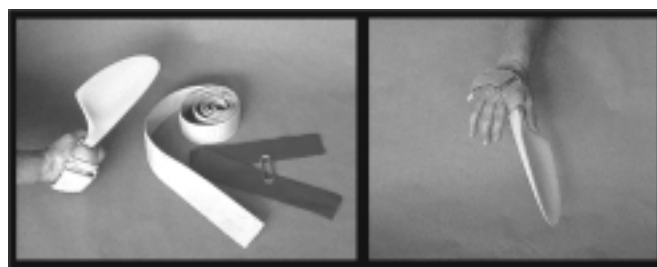


Figura 105: Confecção de uma alça regulável a partir de uma faixa de lona e um anel retangular de metal para fixar a ferramenta à mão do jardineiro (GEOGHEGAN; WALSH, 2002).



Figura 106: Utilização de luvas e velcro para compensar a perda de força na mão e a perda de coordenação motora (GEOGHEGAN; WALSH, 2002).

5.2.5.2.8 Privacidade

Embora citada por poucas pessoas, durante as entrevistas, a privacidade também pode ser considerada um fator importante na utilização dos espaços abertos. Em maior ou menor medida, as pessoas necessitam encontrar a possibilidade de estarem sozinhas ou ter controle sobre um determinado território. Para o planejamento do pátio, ela se torna especialmente importante onde as pessoas não encontram espaços privativos no interior da edificação.

Na pesquisa, algumas idosas, principalmente na instituição A, relacionaram sua preferência por determinadas áreas ao fato de encontrarem nestes locais a possibilidade de “ficar em silêncio” e “poder meditar”. Na instituição B, por outro lado, verificou-se a falta desta condição devido à excessiva limitação física das áreas externas disponíveis. Em função disso, nesta instituição verificou-se uma maior disputa e delimitação de territórios, onde algumas idosas deixam de utilizar certos espaços em função da presença de outras senhoras.

Para Stoneham & Today (1994), o desejo das pessoas por privacidade deveria ser considerado fundamental no planejamento de instituições para idosos. Neste sentido, os autores, embora salientem a maior utilização de bancos localizados próximos às edificações, recomendam que o planejador preveja a colocação de alguns bancos longe das mesmas a fim de oportunizar aos idosos a possibilidade de encontrar privacidade. A disponibilidade de bancos mais afastados também proporciona aos residentes a privacidade necessária quando estes recebem familiares ou amigos na instituição (Figura 107). Recomendam ainda, onde é possível, que cada apartamento ou dormitório tenha uma área própria que permita às pessoas

sentarem do lado de fora, ou que pelo menos dê a impressão de ser seu próprio espaço privativo (Figura 108).

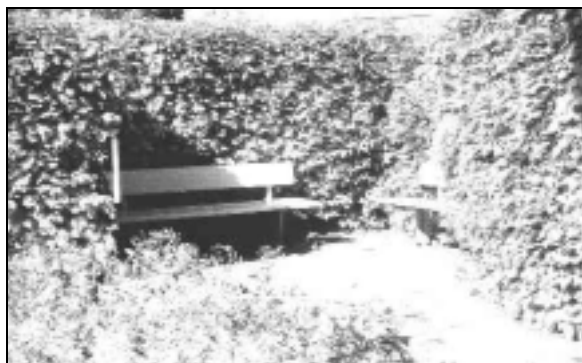


Figura 107: bancos afastados das edificações para proporcionar privacidade nos encontros dos residentes com seus familiares (STONEHAM;THODAY, 1994)



Figura 108: Demarcação de espaço privativo junto a um apartamento (STONEHAM;THODAY, 1994)

5.2.6 O pátio da instituição considerando outros usuários

Embora a pesquisa tenha sido desenvolvida voltada para as necessidades dos idosos em relação ao pátio, teve-se a preocupação de procurar identificar, através da realização de entrevistas e de observações, como administradores, funcionários e visitantes se relacionam com o pátio, na posição de usuários potenciais destes espaços.

Durante as entrevistas, após responderem as perguntas relacionadas a sua percepção sobre o pátio para as idosas, estes personagens foram solicitados a responderem as

seguintes questões: *E você, costuma utilizar o pátio da instituição? Como deveria ser o pátio da instituição para você (tendo em vista suas necessidades)?*

As frequências de respostas para *utilização do pátio pelos não-idosos* podem ser observadas na Tabela 21. Observa-se que, na instituição A, a maior parte dos entrevistados afirmou costumar utilizar o pátio da instituição, enquanto na instituição B a maioria afirmou não utilizá-lo.

Tabela 21: Frequências para utilização do pátio pelos não-idosos em função da instituição

| E você, costuma utilizar o pátio da instituição? | | | | |
|--|---------------|------------|---------------|------------|
| Respostas | Instituição A | | Instituição B | |
| | NI | | NI | |
| | n | % | n | % |
| Sim | 6 | 66,7 | 3 | 25,0 |
| Não | 3 | 33,3 | 9 | 75,0 |
| TOTAL | 9 | 100 | 12 | 100 |

A maior utilização do pátio pelos não-idosos da instituição A certamente se deve às melhores condições dos espaços abertos existentes na mesma quando comparados àqueles disponíveis na instituição B. Analisando-se o conteúdo das entrevistas na íntegra, no entanto, percebe-se que, para ambas instituições, a grande maioria dos não-idosos utiliza o pátio somente em função dos idosos e não para seu próprio proveito. Os funcionários e a administradores da instituição B que responderam positivamente esta questão afirmaram utilizar o pátio somente para a execução de algum serviço relacionado a suas funções. Todos os visitantes entrevistados para esta instituição afirmaram não utilizar o pátio. Para a instituição A, os funcionários e a administradora relataram utilizar o pátio mais comumente para serviços e, apenas raramente, para usufruir momentos de convívio com as idosas. Já os visitantes desta instituição declararam utilizar o pátio para acompanhar as idosas em momentos de convívio durante a realização das visitas (lembrando que o pátio da instituição oferece locais mais apropriados para as idosas receberem os visitantes junto às áreas externas, quando comparado à instituição B).

Quando solicitados a descreverem como deveria ser o pátio que gostariam de encontrar na instituição, tendo em vista suas próprias necessidades, 100% dos entrevistados das duas instituições limitou-se a responder que o ideal seria “o pátio que atendesse as necessidades das idosas”. Este resultado, embora demonstre uma postura que denota grande preocupação com as idosas, por outro lado, demonstra que os entrevistados não identificam o pátio da instituição como algo que possam desfrutar, demonstrando-se indiferentes ao mesmo neste sentido.

A quase totalidade dos entrevistados afirmou não utilizar mais o pátio devido à falta de tempo. Os funcionários alegaram ocupar todo seu tempo dentro da instituição na execução de suas tarefas. Os visitantes, por outro lado, afirmaram permanecer muito pouco tempo na instituição durante os períodos de suas visitas, sendo que este tempo é dedicado ao desenvolvimento de alguma atividade voluntária com as idosas ou à fazer companhia a alguma idosa em específico (no caso de familiares). De qualquer forma, em ambas instituições, os não idosos não parecem dispostos a passar um período de tempo na instituição maior do que aquele necessário ao desenvolvimento de suas tarefas ou cumprimento de suas obrigações familiares. Ao contrário do que se imaginava no início da pesquisa, mesmo na instituição A (cujo pátio é interessante sob uma série de aspectos já mencionados), embora funcionários e visitantes utilizem mais as áreas externas do que na instituição B, estes espaços não parecem atuar como um atrativo para que as pessoas se sintam estimuladas a visitar mais ou permanecer mais tempo na instituição¹⁰.

Este fato certamente está ligado a um contexto social bem mais amplo, que ultrapassa em muito as fronteiras das instituições estudadas. Infelizmente, observa-se que, ainda hoje, apesar dos esforços de muitas instituições no sentido de aproximar os idosos do convívio social, e do valoroso auxílio prestado pela comunidade através do trabalho voluntário, as instituições asilares continuam sendo locais de segregação das gerações de mais idade. De forma geral, parece que as gerações mais novas ainda percebem estes locais de forma bastante negativa, com os quais só mantém contato por necessidade profissional ou por caridade.

¹⁰ A este respeito vale lembrar, que, durante a realização da pesquisa, encontrou-se dificuldade em encontrar visitantes para responder às entrevistas, especialmente familiares das residentes. Segundo, as administradoras das duas instituições, mesmo nos finais de semana, os poucos familiares que vêm até a instituição não permanecem aí, apenas buscando as idosas para momentos de convívio com a família fora da instituição trazendo-as de volta no final do dia.

Para Pastore (2000), o século XXI tem pela frente a monumental tarefa de criar novas instituições e novos mecanismos para articular as gerações. A sociedade moderna é marcada pelos conceitos de beleza, juventude e rapidez, que não fazem parte do mundo do idoso. Está por ser inventado um convívio que atenuie a atual segregação geracional.

Embora não se deseje aqui questionar a validade do atual modelo asilar como alternativa de habitação para idosos, é interessante discutir de que forma as instalações físicas das instituições podem atuar no sentido de atrair as pessoas para o convívio com os idosos institucionalizados. Este aspecto é altamente relevante, tendo em vista que os idosos institucionalizados saem muito pouco da instituição (ver discussões a este respeito na pág.93) e que, para muitos, uma das únicas formas de contato com o mundo exterior é através das pessoas que trabalham ou visitam a instituição.

Neste sentido, é interessante citar a proposta levantada por Duenwald (1999). Analisando formas alternativas de habitação para idosos, o autor defende que um dos aspectos mais importantes a ser considerado é o incentivo a interações positivas entre os idosos e as gerações mais jovens. Assim, ao invés de separar os idosos do resto da comunidade, ao focar apenas formas de se atingir suas necessidades, deveria se ter em mente as exigências da comunidade como um todo. A alternativa de habitação proposta pelo autor prevê a combinação de vários serviços e programas na mesma área, a fim de aumentar as interações entre indivíduos idosos e indivíduos de gerações mais jovens¹¹. Entre as facilidades previstas em sua proposta, o autor dá grande ênfase a presença de espaços abertos que contemplem diversas formas de lazer, como uma forma de atrair a comunidade para esta área, aumentando o convívio entre idosos e outras gerações.

Embora o autor acima citado proponha uma nova alternativa habitacional para a terceira idade, pelo menos um dos princípios que regem sua proposta poderia ser adaptado para a situação atual do modelo asilar brasileiro, procurando-se agregar ao planejamento das

¹¹ A proposta do autor inclui, entre outras coisas, a disponibilidade de diversas modalidades de apartamentos para os idosos de acordo com seu nível de dependência de assistência (desde apartamentos para idosos solteiros ou casais que gozam de boa saúde até instalações para idosos que necessitam de cuidados permanentes), serviços médicos permanentes (dispostos junto às instalações para os idosos mais dependentes, porém sendo de fácil acesso a partir de todas as habitações), um centro de recreação (localizado em posição central em relação às unidades habitacionais e dispondo de facilidades como salas de jogos, salas de leitura, restaurantes ou refeitórios) e espaços abertos (integrados ao centro de recreação e dispondo de elementos como playground, áreas para caminhar e realizar exercícios físicos entre outros).

instituições a preocupação com as necessidades da comunidade como um todo. Ou seja, procurar, de diversas formas, tornar as instituições locais interessantes para as demais gerações. Ressalta-se aqui, neste sentido, a consideração de elementos atrativos para estas gerações no planejamento das instalações físicas das instituições e, mais particularmente, dos espaços abertos junto às mesmas. A identificação destes elementos e a investigação de alternativas adaptáveis às condições vigentes no Brasil, portanto, passa a constituir um importante e necessário tema a ser abordado por pesquisas futuras.

Em suma, a presente pesquisa demonstrou que as melhores condições do pátio encontradas na instituição A influenciam na maior utilização dos espaços externos pelos não idosos quando comparado ao que ocorre na instituição B. Por outro lado, os não idosos de ambas instituições somente percebem os pátios existentes como locais destinados a atenderem as necessidades das idosas. Isto permite supor que os pátios existentes, nas formas como se apresentam atualmente, não estão atuando para despertar o interesse destas pessoas no sentido de estimulá-las a um maior tempo de convívio junto às instituições.

6 CONCLUSÕES

Os resultados obtidos através dos dois estudos de campo que compõem esta pesquisa, associados à revisão bibliográfica que a integra, permitiram levantar uma série de informações que podem auxiliar o planejamento mais adequado de espaços abertos junto a edificações de instituições para idosos.

O primeiro dos dois estudos de campo permitiu esboçar um diagnóstico da situação dos espaços abertos de instituições que atendem a parcela de idosos de poder aquisitivo mais baixo na cidade de Porto Alegre. De maneira geral, este estudo verificou um panorama predominantemente negativo quanto à situação dos espaços disponíveis nas instituições. Para alguns casos, foram observadas áreas externas muito limitadas do ponto de vista do espaço físico disponível e, na maioria dos casos, constatou-se a presença de áreas de baixa qualidade, tanto do ponto de vista estético como funcional.

Embora, até onde se tem conhecimento, este estudo tenha sido pioneiro na investigação específica sobre espaços abertos em instituições para idosos na cidade de Porto Alegre, reconhece-se desde já suas limitações. Em primeiro lugar, este estudo envolveu apenas instituições situadas até um determinado patamar de valor de mensalidade cobrado (3 salários mínimos). Isto significa que seus resultados somente podem ser considerados para este grupo. Existe uma grande variação entre os valores cobrados entre as instituições que atendem idosos na cidade, portanto existe um considerável universo que não foi considerado por esta pesquisa. Sobre este universo ainda não explorado permanecem dúvidas como: Em que medida o valor de mensalidade cobrado pelas instituições está relacionado com a qualidade das instalações físicas e, especificamente, dos espaços abertos disponíveis? Que soluções interessantes estas instituições oferecem (se é que oferecem) para permitir o melhor aproveitamento do pátio pelos idosos? Cabe a pesquisas futuras responder estas questões.

O segundo estudo, o estudo de caso múltiplo, permitiu verificar uma série de questões importantes ao entendimento das relações dos idosos com os espaços abertos das instituições. O melhor entendimento destas relações, por sua vez trouxe uma série de informações pertinentes para o problema proposto por esta pesquisa. Com base em estudos de casos de duas instituições semelhantes sob uma série de aspectos, mas marcadamente

diferentes quanto aos espaços abertos disponíveis, verificou-se em suma, o seguinte: a) a presença de espaços abertos é considerada importante pelos idosos e pelos demais personagens das instituições; b) os idosos raramente visitam outros espaços abertos fora da instituição c) a qualidade dos espaços abertos disponíveis contribui positivamente com a satisfação dos idosos em relação à instituição, com a percepção dos idosos sobre a importância dos espaços abertos e com o tempo de permanência dos mesmos nas áreas externas; d) os idosos tendem a perceber o pátio predominantemente como um local de atividade; e) vegetação e infra-estrutura para lazer ativo são as principais características associadas ao “pátio ideal” pelos idosos; f) a vegetação é avaliada positivamente pelos idosos, sobretudo, por seu caráter ornamental e produtivo; g) idosos consideram importante a possibilidade de cultivarem plantas no pátio da instituição; h) as características que mais influenciam a utilização do pátio pelos idosos são: acessibilidade e segurança, proximidade das edificações, liberdade de acesso, conforto, presença de elementos de interesse, possibilidade de desenvolvimento de atividades, e privacidade. Também se verificou que administradores, funcionários e visitantes não percebem o pátio da instituição como um local para seu próprio proveito.

Tendo-se em vista, no entanto, que este estudo teve um caráter exploratório, seus resultados não podem ser considerados categóricos e definitivos. Por outro lado, ao indicarem aspectos referentes às relações dos idosos com os espaços abertos das instituições em que vivem, a partir do estudo de cenários reais, estes resultados podem ser utilizados como balizadores para estudos posteriores que venham a se aprofundar mais sobre estas relações. É importante ainda lembrar que cada instituição para idosos é um universo em si mesma, cheia de particularidades que, em última análise, definem diferentes relações entre as pessoas e seus ambientes. Portanto, certamente, os resultados observados pela presente pesquisa não se aplicam a todas as situações. Também é importante ressaltar que este estudo somente verificou a utilização de espaços abertos por mulheres idosas, visto que as instituições envolvidas no estudo só atendem o público feminino. A maneira como os idosos do sexo masculino utilizam estes espaços e suas preferências em relação aos mesmos também constituem questões a serem respondidas no desenvolvimento de trabalhos futuros.

Outro tópico importante de ser investigado, e que não pôde ser considerado por esta pesquisa, seria a reação dos idosos à possibilidade real do desenvolvimento de melhorias nos espaços abertos das instituições. Partindo-se de uma pesquisa-ação, por exemplo, poderia

se procurar produzir mudanças nestes espaços com a participação dos idosos e dos demais personagens que fazem parte da vida da instituição e, posteriormente, verificar suas reações a estas alterações.

Enfim, embora esta pesquisa tenha conseguido atingir seu objetivo inicial, ao trazer informações pertinentes para o planejamento de espaços abertos de instituições para idosos, seus resultados constituem apenas uma referência inicial para um tema ainda muito pouco explorado, especialmente no Brasil. Existem muito poucas respostas e um número muito grande de questões a serem pesquisadas em torno deste tema. Espera-se, portanto, que os resultados aqui obtidos possam ser úteis tanto para aqueles que procuram alguma referência para planejar novos espaços ou reformular espaços desta natureza já existentes, quanto àqueles que desejam aprofundar e aperfeiçoar a pesquisa sobre este tema.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN ASSOCIATION OF RETIRED PERSONS. *The Do-Able Renewable Home*. 1997. Disponível em: <[http:// www.homemods.org/library/drhome/](http://www.homemods.org/library/drhome/)>. Acesso em: 23 mai. 2000.

BASTIAN, E.M. *Estudo sobre acreditação de internatos para pessoas idosas na área metropolitana de Porto Alegre –RS*. São Paulo: USP, 1979. Tese de Doutorado.

BEER, A.R. Social aspects of housing in relation to greenspace planning. 2001. Disponível em: <<http://www.map21ltd.com/overvecht/papers/soc-asp/desig-htm>> Acessado em: 16 dez. 2001.

BONNES, M.; SECCHIAROLI, G. *Environmental psychology: a psycho-social introduction*. London: SAGE, 1995.

BRAWLEY, E.C. Raising the bar in designing for older adults: a quality of life issue. Disponível em: <<http://www.merchandisemart/neocon/pros/hcd02.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2001.

CANTUARIA, G.A.C. *Microclimatic impact of vegetation on building surfaces*. London: Architectural Association Graduate School, 1995. Dissertação de Mestrado.

CONSEIL INTERNATIONAL DU BÂTIMENT. *Working with the Performance Approach in Building*. Rotterdam: CIB, (1982), Publication 64.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM. Proposta de dimensionamento de pessoal de enfermagem em instituições gerontológicas e geriátricas. Porto Alegre: 2000. Não publicado.

CUPERTINO, A.P. *Avaliação pós-ocupação de instituições para idosos no Distrito Federal*. Brasília: UNB, 1996. Dissertação de Mestrado.

DUARTE, L.R.S. Idade cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento. *Cadernos de Envelhecimento*, v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 35-47.

DUENWALD, S. Bridges across the generation gap. *Applied Sociology*. April 15, 1999. Disponível em: <<http://learn.sdstate.edu/prevention/sduenwald.html>>. Acessado em: 07 jan. 2001.

EPSTIEN, M. The garden as healer. *The Seattle Daily Journal of Commerce*, 31 mar., 1998. Disponível em: <<http://dcj.com/special/landscape98/10037844.thm>> Acessado em: 16 dez. 2001.

FEDRIZZI, B. Psicologia Ambiental: vegetação e diminuição do estresse. In: PETRY, C. & QUADROS, C., org. *Seminário Regional sobre Paisagismo Urbano*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 31-35.

FERREIRA, M.L.M. *Folheando o passado: estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Dissertação de Mestrado.

FLAGLER, J. Horticultural therapy. Disponível em: <<http://www.princetonol.com/groups/mg/hortherinfo.html>> Acessado em: 21 fev. 2002.

FORETTE, F. *A revolução da longevidade*. São Paulo: Globo, 1998.

GEOGHEGAN, L.L.; WALSH, J.A. Adaptations to Horticultural Tools. Disponível em: <<http://www.hort.vt.edu/human/adapt.html>> Acessado em: 21 fev. 2002.

GIFFORD, R. *Environmental Psychology: principles and practices*. 2nd ed. Allyn and Bacon, 1997. 506p.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GOLANT, S.M. The effects of residential and activity behaviors on old people's environmental experiences. In: ALTMAN, I.; LAWTON, M.P.; WOHLWILL, J.F. *Elderly people and the environment*. New York: Plenum Press, 1984. p.239-278.

GRAHN, P. The importance of green urban areas for people's well-being. *European Regional Planning*, n.56, p. 89-112. 1994.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. *Cadernos de Envelhecimento*, v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 67- 87.

GÜNTHER, H. & ROZENSTRATEN, R.J. Conceito, origem e desenvolvimento da psicologia ambiental. Manuscrito não publicado. 1992.

HART, L.A. The Role of Pets in Enhancing Human Well-being: Effects for Older People. Disponível em: <<http://www.deltasociety.org/dsx300.htm>> Acessado em: 21/05/2002.

HEREDIA, O.C. Características demográficas da terceira idade na América Latina e no Brasil. *Cadernos de Envelhecimento* , v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 7-21.

HILL, C.O.; RELF, D. Gardening as an outdoor activity in geriatric institutions. *Activities, adaptations and aging*. (1996) 3(1):47-54. Disponível em: <<http://www.hort.vt.edu/human/ht2.html>> Acessado em:07 jan. 2001.

IMAMOGLU, E.O.; KILIÇ, N. A social psychological comparison of the turkish elderly residing at high or low quality institutions. *Journal of Environmental Psychology*. (1999) 19, p.231-242.

JACQUES, S.M.C. Análise de correspondência: aplicações em genética. In: *Cadernos de Matemática*. Série F: trabalho de divulgação. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

KAPLAN, M.J. Use of sensory stimulation with Alzheimer patients in a garden setting. In: FLAGGER, J.; POINCELOT, R.P. (editors.). *People-plant relationships: setting research priorities*. New York: Food Products Press, 1994. p.291-299.

KERRIGAN, J. Gardening with the elderly. *Ohio State University Extension Fact Sheet*. HYG-1642-94. Disponível em <<http://www.ag.ohio-state.edu/~ohioline/hyg-fact/1000/1642.html>> Acessado em: 02 jan. 2001.

KÜLLER, M.; KÜLLER, R.; IMAMOGLU, E.O. & IMAMOGLU, V. Health and outdoor environment for the elderly. In: PAMIR, H., IMAMOGLU, V. & TEYMUR, N. (Eds.) *Culture Space History*. Proceedings of IAPS 11, JULY 8-12, 1990 (vol.3). Ankara.: METU Faculty of Architecture Press, 1990 p. 236-245.

LANE, P. Raised bed gardening. *Ohio State University Extension Fact Sheet*. HYG-1641-92. Disponível em <<http://www.ag.ohio-state.edu/~ohioline/hyg-fact/1000/1641.html>> Acessado em: 02 jan. 2001.

LEAL, O.F.; FACHEL, J.M.G. Dados qualitativos e tratamento estatístico: uma proposta metodológica. In: VÍCTORA, C.G.; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. p. 103-122.

LEAL, O.F.; FACHEL, J.M.G.; GUIMARÃES, M. O corpo como dado: material etnográfico e aplicação de análise fatorial de correspondência. In: LEAL, O.F.(org.) *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p.37-55.

LEHR, U. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. *Cadernos de Envelhecimento*, v.1. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 7-35.

MACHADO, L.M.C.P. Paisagem, Ação, Percepção e Cognição. In: OLIVEIRA, L. & MACHADO, L.M.C.P., org. *Cadernos Paisagem Paisagens 3*. Rio Claro:UNESP, 1998, p.1-4.

MELLO, A.L.S.F.; PADILHA, D.M.P.; ROSA, M.A.C. *Casas geriátricas de Porto Alegre: manual de orientação aos usuários*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MELO, R.G.C. Psicologia Ambiental: uma nova abordagem da psicologia. *Psicologia- USP*. São Paulo: USP, 1991, 2 (1/2): 85-103.

MILANO, M. S. Arborização Urbana. In: Curso sobre Arborização Urbana. Curitiba: Universidade Livre do Meio Ambiente, 1994. p. 01-52.

NEWMAN, S.J.; ZAIS, J.; STRUYK, R. Housing older America. In:ALTMAN, I.; LAWTON, M.P.; WOHLWILL, J.F. *Elderly people and the environment*. New York: Plenum Press, 1984. p.17-55.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Planificación y organizacion de los servicios geriatricos*. Informe tecnico nº 48. Genebra: OMS, 1974.

PALAZZO, J.T.; BOTH, M.C. *A natureza no jardim: um estudo prático de jardinagem ecológica e recuperação de áreas degradadas*. Porto Alegre: Sagra, 1989.

PASTORE, J. O século dos idosos. Publicado no *Jornal da Tarde*, 27/12/00.

PROVIDENCE CENTER ON AGING. Designig facilities for the elderly. 2001 Disponível em: <<http://www.providence.org/resources/oregon/images/facilities.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2001.

REIS, A.T.; LAY, M.C. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. In: III Encontro Nacional e I Encontro Latino-Americano de Conforto do Ambiente Construído (apostila de curso). Gramado: ANTAC, 1995.

RELF, D. Gardening in raised beds e containers for older gardeners and individuals with physical disabilities. Virginia Polytechnic Institute, 1995. Publication 426-020. Disponível em: <<http://www.hort.vt.edu/human/pub426020d.html>> Acessado em:07 jan. 2001.

RITZEL, D.O.; BEASLEY,D.; FLYNN, J.; LIEFER, M. Injuries to elderly women in the home environment: a research review. *The International Eletronic Journal of Health Education*, 2001; 4:64-66. Disponível em: <www.iejhe.org/paid/2001/pdf/ritzel2.pdf> Acessado em:16 dez. 2001.

RIVERO, R. *Arquitetura e clima: acondicionamento térmico natural*. Porto Alegre: D.C. Luzzato, 1986.

ROBSON, D.; NICHOLSON, A.; BARKER, N. *Homes for the third age: a design guide for extra care sheltered housing*. London: E & FN spon, 1997.

ROWSON, N; THODAY, P. Accessible gardening: a guide to raised planters and modified growing techniques. 1983. Disponível em:

<http://ourworld.compuserve.com/homepages/Jane_Stoneham/raised.htm> Acessado em: 12/02/2001

SANCHOTENE, M.C.C. *Fruteiras nativas úteis à fauna na arborização urbana*. Porto Alegre: FEPLAM, 1989.

SATTLER, M.A. *Computer-based design techniques for the thermal analysis of low cost housing in Brazil, incorporating the use of shading by trees*. Sheffield: Department of Building Science/University of Sheffield, 1987. Doctoral thesis.

SIEGEL, J.M. Stressful life events and use of physician services among the elderly: the moderating role of pet ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 1081-1086 (1990). Disponível em: <http://www.deltasociety.org/dsx300.htm> Acessado em: 21/05/2002.

SOMMER, R. *Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos*. São Paulo: EPU, 1973.

SOUZA, C.L. Cognição ambiental e leitura da paisagem urbana: teoria e prática. In: OLIVEIRA, L. & MACHADO, L.M.C.P., org. *Cadernos Paisagem Paisagens 3*. Rio Claro: UNESP, 1998, p.15-26.

STONEHAM, J. & THODAY, P. *Landscape design for elderly and disabled people*. Suffolk: Garden Art Press, 1994.

ULRICH, R.S. Biophilia, biophobia and natural landscapes. In: KELLERT, S.R. and WILSON, E.D. (Eds.). *The Biophilia Hypothesis*. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.

ULRICH, R.S. Effects of Healthcare interior design on wellness: theory and recent scientific research. In: MARBERY, S.O. (Ed.) *Inovations in healthcare design: establishing a new paradigm*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1995.

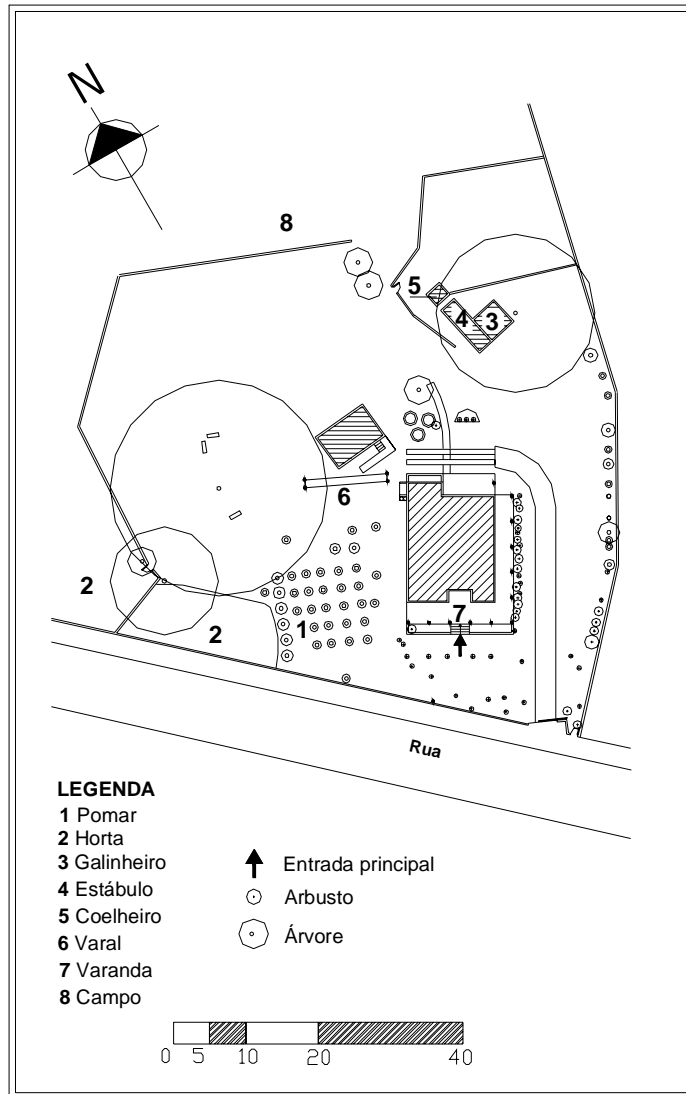
VASCONCELLOS, M.C.G. *A velhice na sociedade moderna: imagens e práticas ideológicas*. Estudo antropológico do movimento social em prol da terceira idade em Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Dissertação de Mestrado.

VÍCTORA, C.G; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.N.A. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

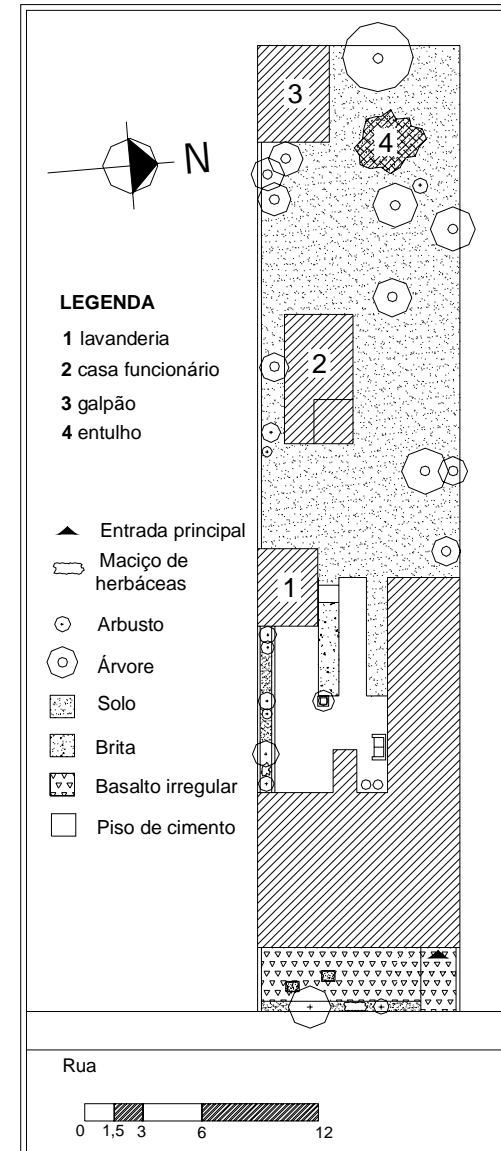
YIN, R.K. *Case study research-design and methods*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

APÊNDICES

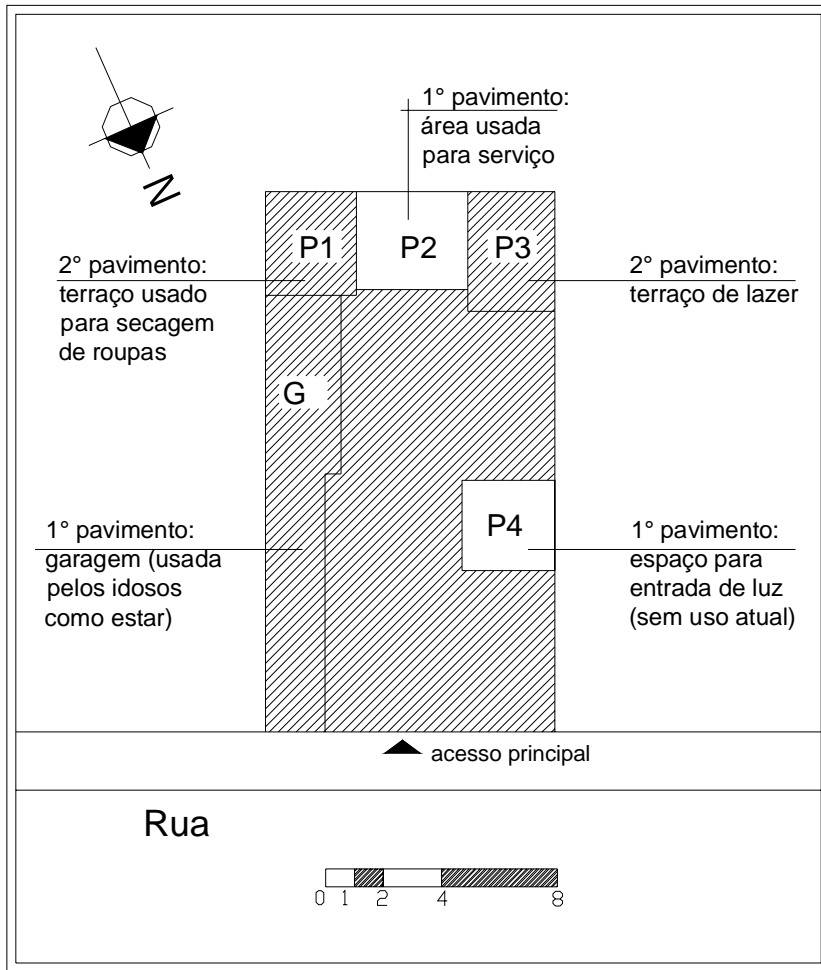
Apêndice 1 - Plantas baixas das instituições



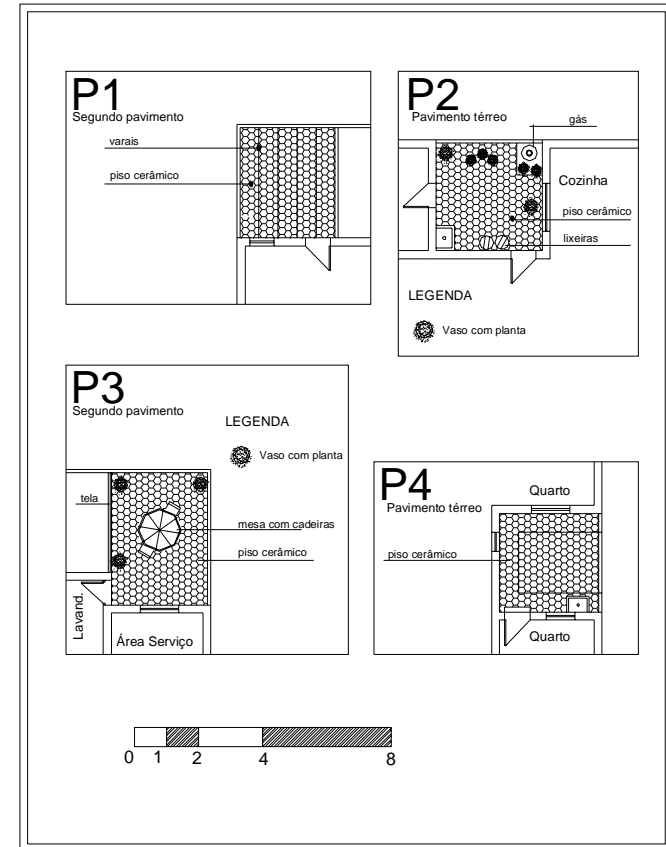
Instituição P1



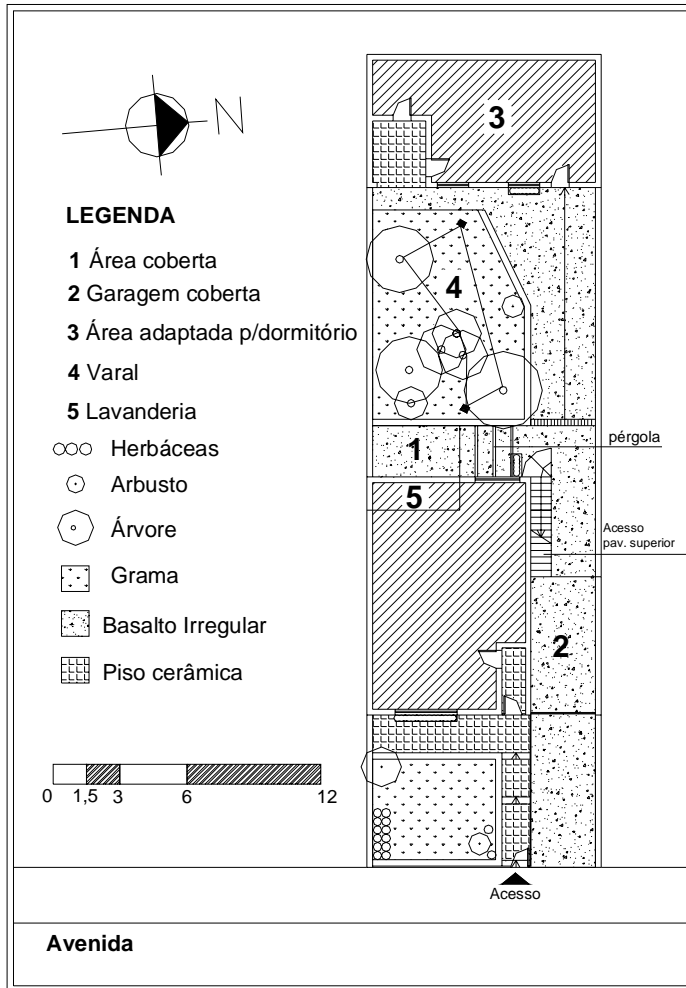
Instituição P2



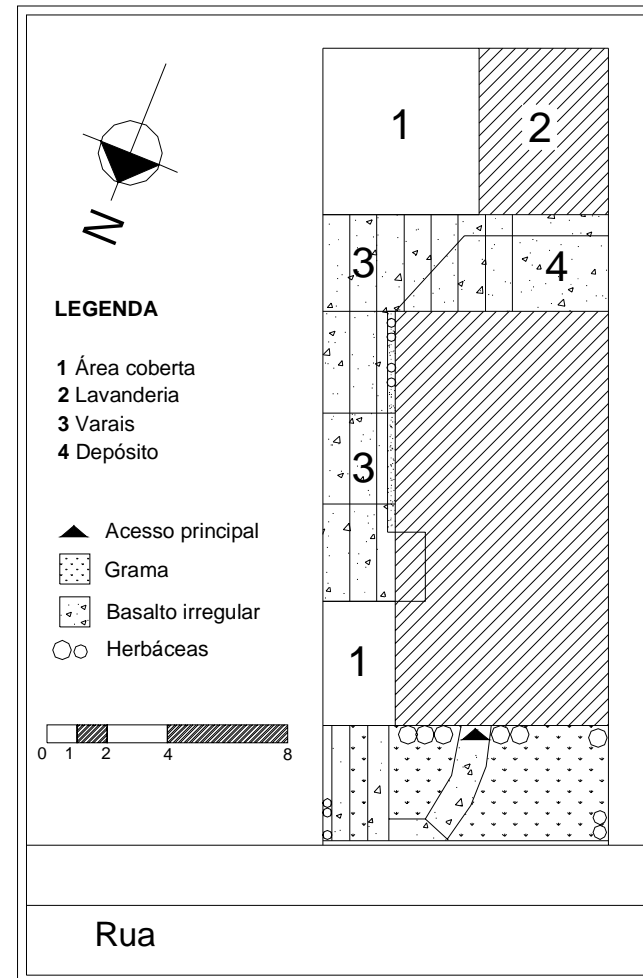
Instituição P3



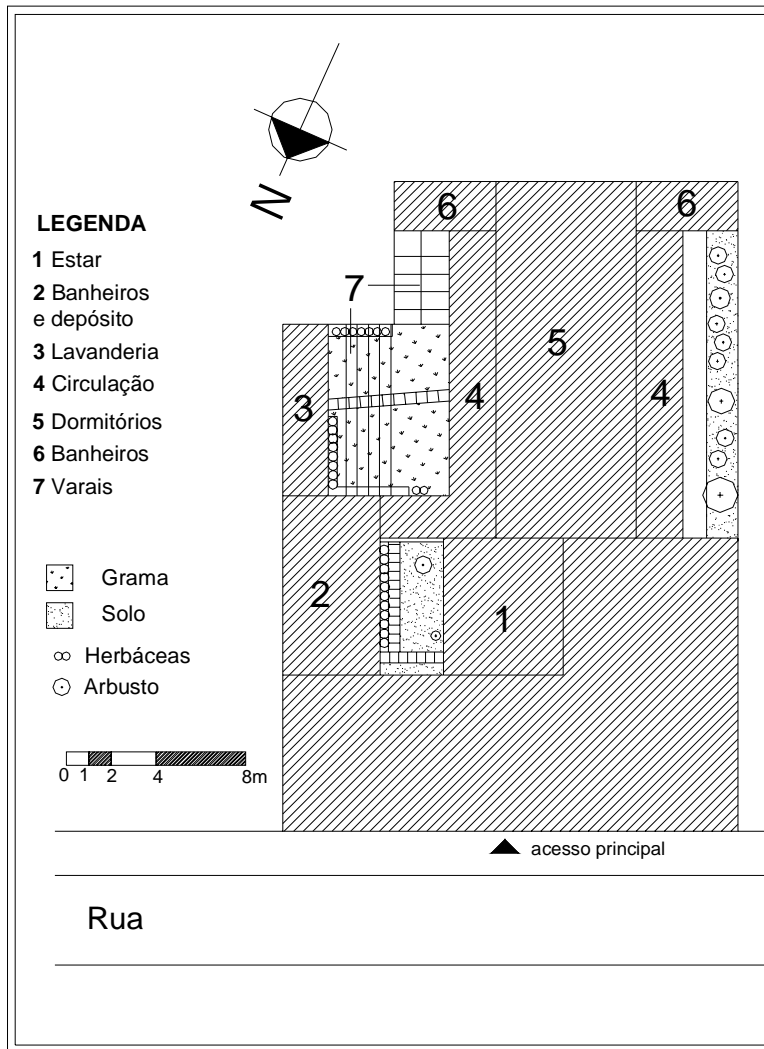
Instituição P3 (detalhamento)



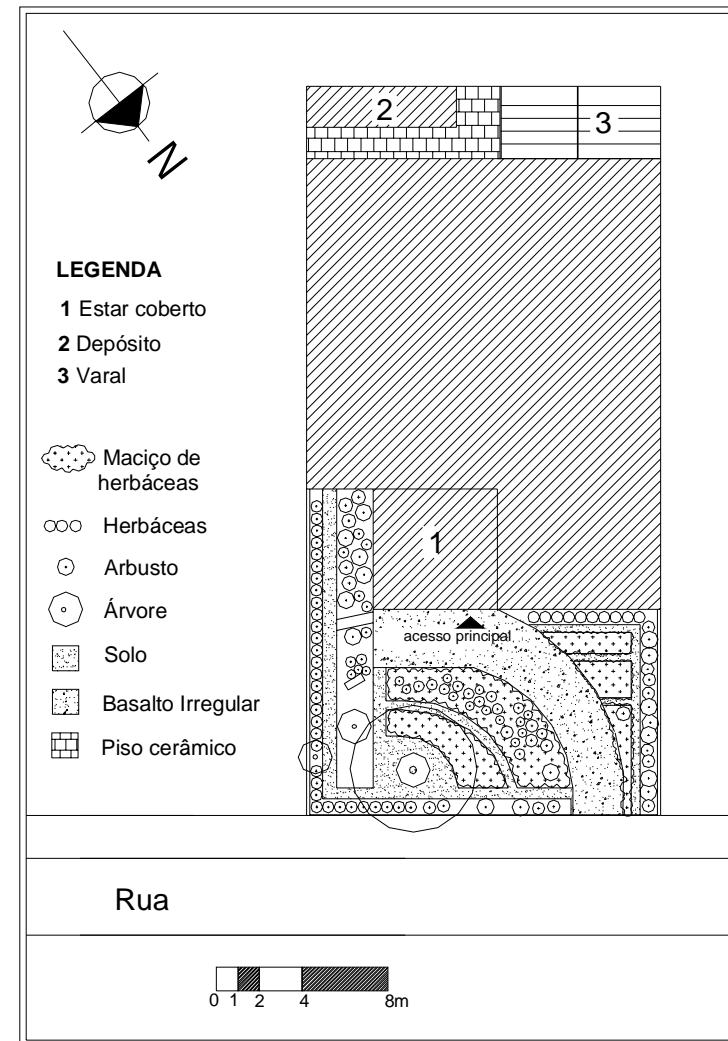
Instituição P4



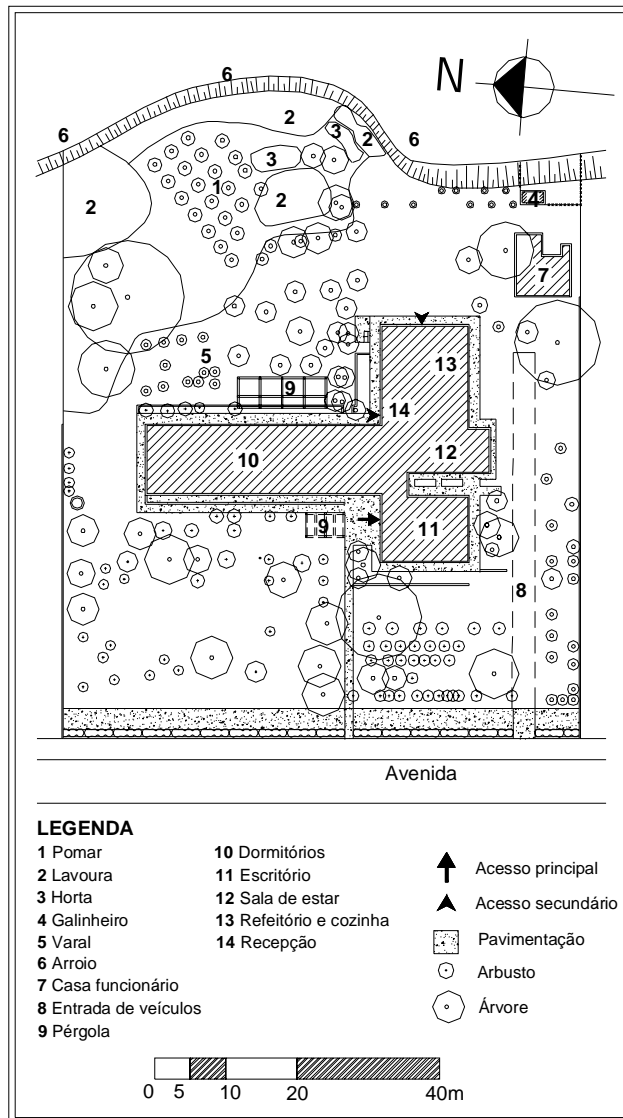
Instituição P5



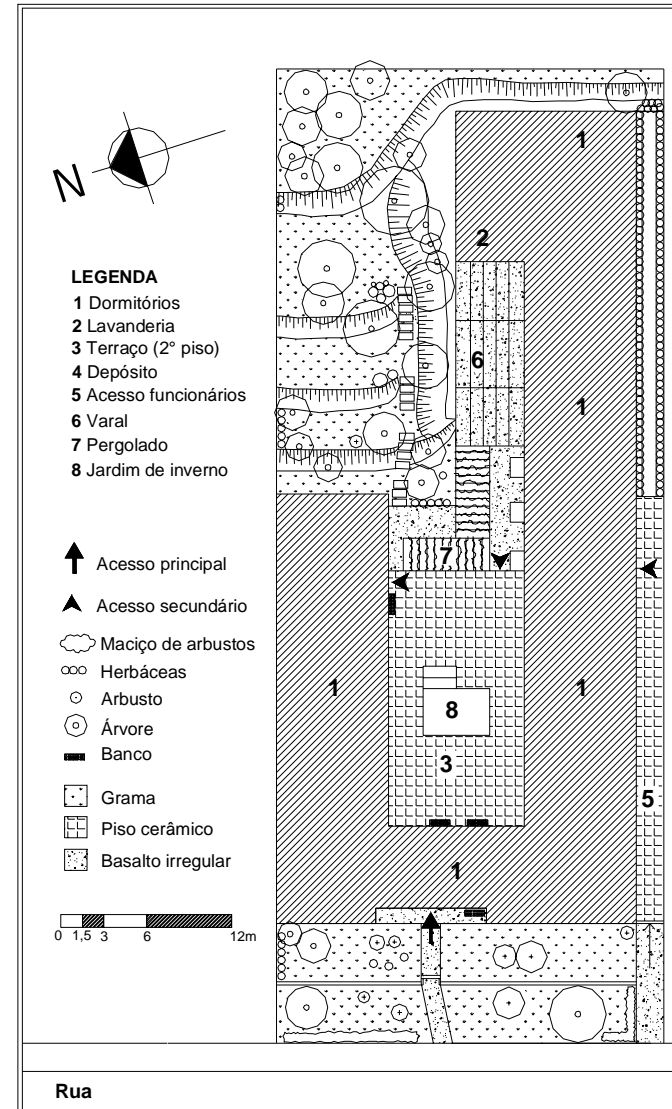
Instituição M1



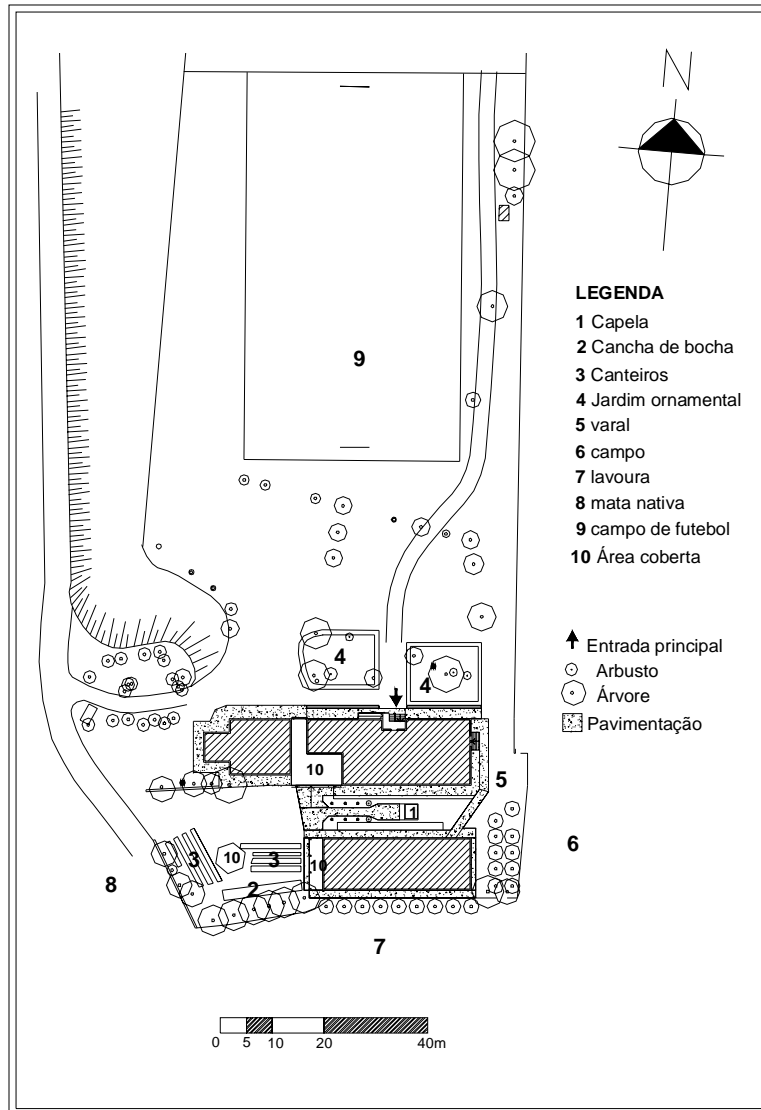
Instituição M2



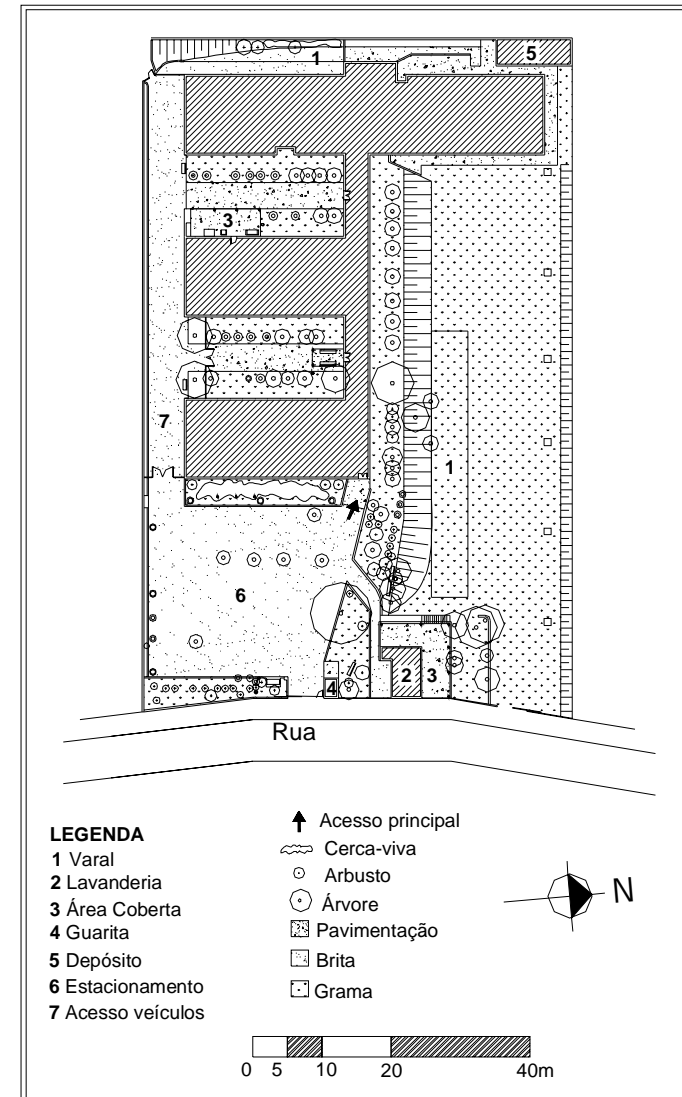
Instituição M3



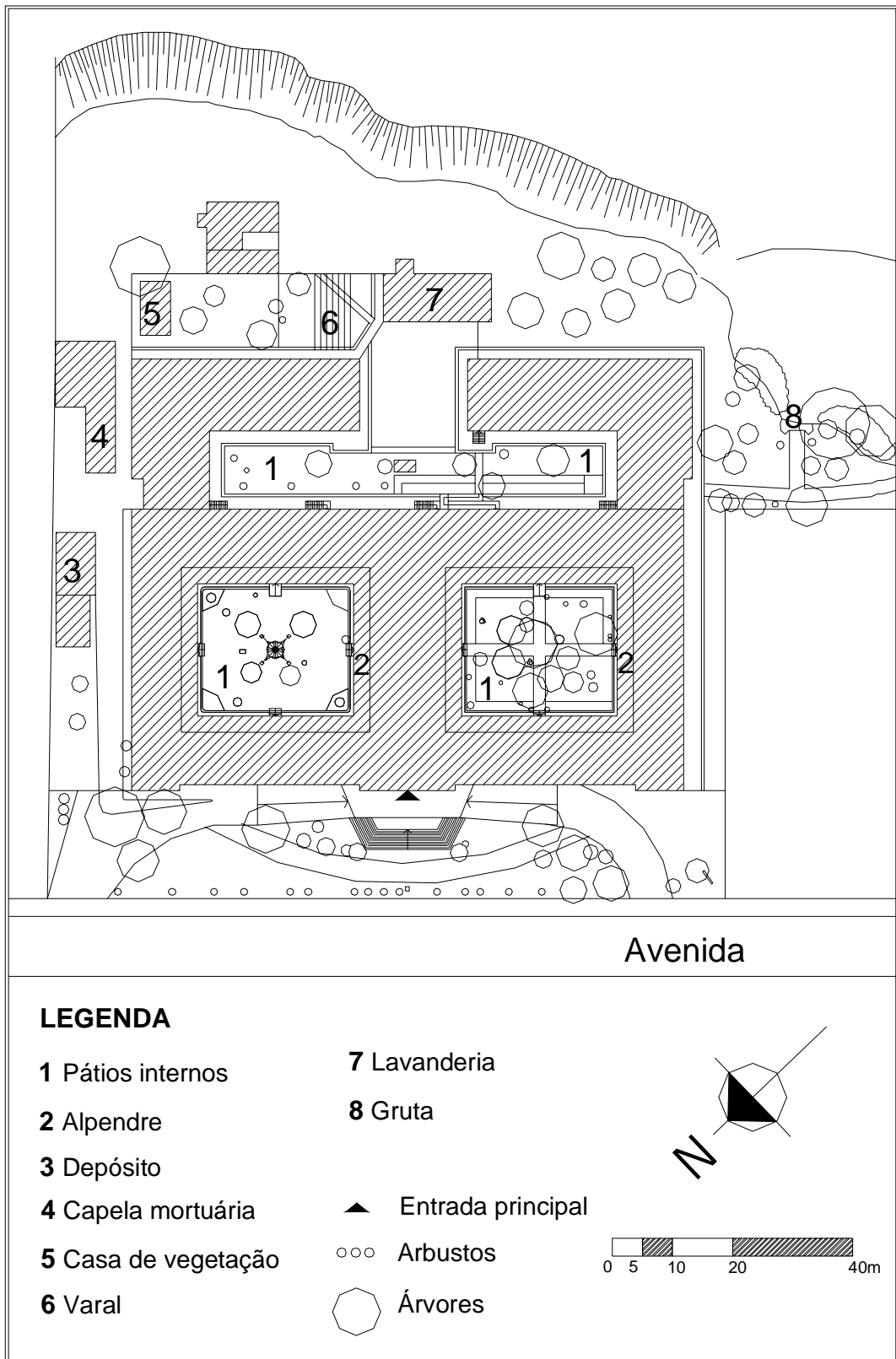
Instituição G1



Instituição G2



Instituição E2



Instituição E1

Apêndice 2 – Modelos de entrevista

Modelo para entrevista com os residentes

Entrevista Nº: _____ Código da Instituição _____

Data da entrevista: ____/____/2001

Sexo: () M () F

Idade: _____

Há quanto tempo mora aqui? _____

Onde morava antes de vir morar aqui (qual a cidade; casa ou apartamento)? _____

- 1) **Você gosta de morar aqui? Por que?**
- 2) **Como deveria ser este lugar para que você gostasse (ainda) mais de morar aqui?**
- 3) **Quais os locais aqui na instituição que você costuma utilizar mais durante o dia (dentro ou fora de casa)?**
- 4) **Para você é importante ter pátio (ou áreas externas) aqui na instituição? Por que?**
- 5) **Qual é a parte do pátio que você costuma utilizar mais? Por que você utiliza mais este lugar?**
- 6) **E a parte do pátio que você costuma utilizar menos, qual é? Por que?**
- 7) **Quando foi a última vez que você usou o pátio? O que você fez lá nesta ocasião?**
- 8) **Como seria o pátio ideal para você?**
- 9) **O que você acha das plantas que tem aqui no pátio?**
- 10) **Para você é importante poder cultivar ou cuidar de plantas? Você tem oportunidade de fazer isso aqui?**
- 11) **Você costuma visitar outros espaços abertos fora daqui, como praças ou parques?**

Modelo para entrevista com os funcionários, administradores e visitantes

Entrevista Nº: _____ Código da Instituição _____

Data da entrevista: ____/____/2001 Sexo: () M () F Idade: _____

Há quanto tempo trabalha aqui (ou frequenta este lugar)? _____

Setor (para funcionários): _____

Onde você mora (qual a cidade, casa ou apartamento)? _____

Você tem familiares aqui (para visitantes)? _____

- 1) **Você acha que os idosos gostam de morar aqui? Por que?**
- 2) **Como você acha que deveria ser este lugar para que os idosos gostassem (ainda) mais de morar aqui?**
- 3) **Quais os locais aqui na instituição que os idosos costumam utilizar mais durante o dia (dentro ou fora de casa)?**
- 4) **Você acha que é importante ter pátio (ou áreas externas) na instituição para os idosos que moram aqui? Por que?**
- 5) **Qual é a(s) parte(s) do pátio que os idosos costumam utilizar mais? Por que você acha que eles usam mais este(s) lugar(es)?**
- 6) **E a(s) parte(s) do pátio que eles costumam utilizar menos, qual é? Por que você acha que eles não usam este(s) lugar(es)?**
- 7) **Quando foi a última vez que você observou os idosos utilizando o pátio? O que eles estavam fazendo lá nesta ocasião?**
- 8) **Como você acha que deveria ser o pátio ideal para os idosos?**
- 9) **Qual sua opinião sobre as plantas que tem no pátio da instituição em relação aos idosos?**
- 10) **Você acha que para os idosos é importante poder cultivar ou cuidar de plantas? Eles têm oportunidade de fazer isso aqui?**
- 11) **Os idosos costumam visitar outros espaços abertos fora daqui, como praças ou parques?**
- 12) **E você, costuma utilizar o pátio da instituição?**
- 13) **Como deveria ser o pátio da instituição para você (tendo em vista suas necessidades)?**

Apêndice 3 - Determinação das categorias de respostas a partir de palavras-chave

| PERGUNTA | RESPOSTAS (PALAVRAS-CHAVE) | CATEGORIA DE RESPOSTAS |
|--|--|--|
| PERGUNTA 1A : Você gosta de morar aqui? (Você acha que os idosos gostam de morar aqui?) | - | GOSTA |
| | - | UNS GOSTAM, OUTROS NÃO |
| | - | NÃO GOSTA |
| PERGUNTA 1B: Por que? | tem pomar/ tem horta/ tem animais/ tem flores/ o pátio é bom/ pátio grande/ pátio bem cuidado/ quarto individual/ elas têm o quarto delas/ planto flores/ contato com a natureza/ pelo ambiente/ o lugar é bonito/ a casa é boa/ o lugar é aconchegante/ o lugar é amplo/ é limpo/ é tudo muito simples/ conforto/ tem tranquilidade/ silêncio | AMBIENTE FÍSICO |
| | Independência/ liberdade/ médico/ liberdade de sair/ liberdade de horários/ aqui não falta nada/ ficou em conta para mim/ sou bem tratada/ a comida é boa/ tem todas as condições para se sentirem bem/ não precisa dar satisfação para os filhos/ os filhos não precisam se preocupar | FACILIDADES E SERVIÇOS |
| | atividades/ distração/ recebem visitas/ cuidamos da nossa roupa/ planto flores/ a gente passeia | ATIVIDADES |
| | ambiente descontraído/ funcionários são bons/ o atendimento é bom/ a diretora é boa/ todos são muito bons/ me dou bem com todos/ me sinto bem aqui/ me sinto como se estivesse em casa/ tem companhia | PESSOAS |
| | sinto falta da minha casa | FALTA DE CASA/FAMÍLIA |
| | tem que enfrentar um novo desafio/ tem muita coisa que incomoda/ as pessoas não são amigas | DIFICULDADE DE ADAPTAÇÃO À INSTITUIÇÃO/ RELACIONAMENTO |
| PERGUNTA 2: Como este lugar deveria ser para que você gostasse mais de morar aqui? (...para que os idosos gostassem mais de morar aqui?) | banheiros independentes/ que tivessem quartos individuais/ canteiros para plantar verduras/ uma área de lazer para se reunir com a família e os amigos/ morar em casa seria melhor | AMBIENTE FÍSICO |
| | maior duração para o horário de almoço | FACILIDADES E SERVIÇOS |
| | mais passeios/ mais saúde para poder passear/ maior participação das idosas nas atividades/ mais atividades | ATIVIDADES |
| | as colegas deveriam ser mais amigas/ mais visitas/ maior participação da família | PESSOAS |
| | está bom assim/ não falta nada/ não tem o que mudar | ESTÁ BOM ASSIM |
| - | NÃO SEI | |

| PERGUNTA | RESPOSTAS (PALAVRAS-CHAVE) | CATEGORIA DE RESPOSTAS |
|---|--|-------------------------------|
| PERGUNTA 3: Quais os locais aqui na instituição que você costuma utilizar mais durante o dia? (...que os idosos costumam utilizar mais durante o dia?) | o quarto/ recepção/ sala de estar/ sala de costura/ sala de leitura/ cozinha/ refeitório | AMBIENTES INTERNOS |
| | lá fora/ no pátio/ no jardim/ terraço | AMBIENTES EXTERNOS |
| | - | NÃO SEI |
| PERGUNTA 4A: Para você é importante ter pátio (ou áreas externas) aqui na instituição? (Você acha que para os idosos é importante...) | - | SIM, É IMPORTANTE |
| | - | NÃO É TÃO IMPORTANTE |
| PERGUNTA 4B: Por que? | para caminhar/ se exercitar/ para tomar ar/ tomar sol/ é saudável/ as árvores fazem bem à saúde/ aumenta o interesse dos idosos em se movimentarem/ ar não é poluído | SAÚDE, EXERCÍCIOS FÍSICOS |
| | podem lavar roupa no tanque/ para conviver com outras pessoas/ poder lidar com as plantas/ mexer na terra/ preencher o “vazio”/ fazer crochê/ passear com as amigas/ ler/ tomar chimarrão/ conversar | ATIVIDADE, CONVÍVIO |
| | tenho amor pela natureza/ porque tem árvores “arvoredo”/ contato com a natureza/ tem animais/ tem o canto dos passarinhos/ tem verde | CONTATO COM A NATUREZA |
| | porque dá alimentos | ALIMENTAÇÃO |
| | ambiente mais fresco | CLIMA, CONFORTO |
| | para sentar/ tem flores/ o pátio tem coisas para olhar/ olhar o movimento da rua/ o pátio atrai as pessoas para virem morar aqui/ é bonito/ lembrar o passado/ as plantas alegram | CONTEMPLAÇÃO, BELEZA |
| | se pode sair para fora/ não precisa ficar fechado em casa/ tem espaço/ sensação de liberdade | SENSAÇÃO DE LIBERDADE, ESPAÇO |
| | é perigoso sair na rua/ poder sair de casa/ passear com segurança | SEGURANÇA |
| - | NÃO SEI | |

| PERGUNTA | RESPOSTAS (PALAVRAS-CHAVE) | CATEGORIA DE RESPOSTAS |
|---|---|------------------------------------|
| PERGUNTA 7 A: Qual foi a última vez que você usou o pátio? (...que você viu os idosos utilizando o pátio) | - | HOJE |
| | - | ONTEM, ANTE ONTEM |
| | - | SEMANA PASSADA |
| | - | NÃO SEI |
| PERGUNTA 7 B: O que você fez lá nessa ocasião? (O que eles estavam fazendo nessa ocasião) | caminhou | EXERCÍCIOS FÍSICOS |
| | cuidou dos animais/ brincou com os animais/ colhi chá/ cuidando, mexendo com as plantas/ dando comida/água para os passarinhos/ ajudaram a juntar pinhas do jardim | ATIVIDADES RELACIONADAS À NATUREZA |
| | lavou e/ou estendeu roupa | AFAZERES DOMÉSTICOS |
| | conversou | SOCIALIZAÇÃO, CONVÍVIO |
| | olhou as plantas | CONTEMPLAÇÃO DE ELEMENTOS NATURAIS |
| | olharam o jardineiro trabalhar/ olhando o movimento da rua | OBSERVAÇÃO DE PESSOAS EM ATIVIDADE |
| | tomou sol/ tomou ar | TOMAR SOL, TOMAR AR |
| | Sentou não sei/ não lembro | SENTAR NÃO SEI |
| PERGUNTA 8: Como seria o pátio ideal para você? (...para os idosos?) | Sem escadas/ sem degraus/ que fosse plano/ piso antiderrapante/ piso uniforme/ corrimão junto à calçada | ACESSIBILIDADE E SEGURANÇA |
| | Onde possa caminhar/ com calçada para caminhar/ onde possa plantar/ onde as idosas pudessem plantar/ mexer nas plantas/ grande para plantar bastante coisa/ uma horta/ piscina/ varal para estender roupa | Infra-estrutura para LAZER ATIVO |
| | com bancos/ cadeiras para sentar/ com um caramanchão/ laguinho com peixinho/ fonte/ chafariz/ queda d' água/ balanços/ uma área coberta/ área com mesas e cadeiras/ aparência de pátio de casa | Infra-estrutura para LAZER PASSIVO |
| | Amplo/ espaçoso | ESPAÇO |
| | bastante sombra/ arejado/ ensolarado | CONFORTO TÉRMICO |
| | bastante verde/ bastante árvore/ grama/ com bastante grama/ grama bem cuidada/ bastante fruta/ muita verdura/ muitas flores/ folhagens/ bem natura/, bastante sombra | VEGETAÇÃO |
| | Limpo/ bem organizado/ bem cuidado/ sem "bichos" | LIMPEZA/ ORGANIZAÇÃO |
| | onde possa pensar, refletir, meditar rezar/ onde possa ficar sozinho | PRIVACIDADE |

| PERGUNTA | RESPOSTAS (PALAVRAS-CHAVE) | CATEGORIA DE RESPOSTAS |
|---|--|--------------------------------|
| PERGUNTA 9: O que você acha das plantas que tem aqui no pátio? (...para os idosos?) | bem cuidadas/ grama baixinha permite a circulação | BOA MANUTENÇÃO |
| | tem verduras para comermos/ tem fruta para comermos/ tem frutíferas/ a horta tem variedade | FONTE DE ALIMENTO |
| | tem bastante chá | FONTE DE PLANTAS MEDICINAIS |
| | tem flores/ as flores são bonitas | ORNAMENTO/ BELEZA |
| | As flores são plantadas pelas idosas/ são boas porque distraem as idosas | ATIVIDADE |
| | tem árvores de sombra | SOMBRA |
| | tem variedade | VARIEDADE |
| | As frutíferas estão muito velhas/ frutíferas precisam ser renovadas, | FALTA DE MANUTENÇÃO |
| | Deveria ter um planejamento | FALTA DE PLANEJAMENTO |
| Deveria ter mais flores | FALTA DE ORNAMENTAÇÃO | |
| PERGUNTA 10A: Para você é importante poder cultivar ou cuidar de plantas? (Você acha que para os idosos ...) | - | SIM |
| | - | DEPENDE DA PESSOA |
| | - | NÃO |
| PERGUNTA 10B: Você tem a oportunidade de fazer isso aqui? (Os idosos têm a oportunidade de fazer isso aqui?) | - | SIM |
| | - | NÃO |
| | - | NÃO SEI |
| PERGUNTA 11: Você costuma visitar outros espaços abertos fora daqui? (Os idosos costumam....) | - | SIM |
| | - | DE VEZ EM QUANDO |
| | - | NÃO |
| | - | NÃO SEI |

Apêndice 4 – Orientações para interpretação dos gráficos de Análise Fatorial de Correspondência (AFC)

Orientações para interpretação dos gráficos de Análise Fatorial de Correspondência (AFC)

Quando a aplicação do método estatístico de Análise Fatorial de Correspondência (AFC) revela associações e/ou tendências de associações entre as variáveis analisadas, normalmente, gera-se, a partir desta análise, um gráfico onde essas associações e/ou tendências de associações podem ser facilmente visualizadas.

O gráfico gerado pela AFC trata-se de um gráfico de dispersão, onde as variáveis analisadas (no caso, categorias de respostas e grupos de entrevistados) são apresentadas na forma de pontos distribuídos em um plano representado pelos eixos “x” e “y”. Através de um extenso procedimento matemático que relaciona todas as linhas e colunas de uma tabela entre si, as categorias linha (categorias de respostas) e categorias coluna (grupos de respondentes) são transformadas em coordenadas geométricas, representadas por pontos que podem ser visualizados num gráfico de AFC.

Para que o leitor compreenda a forma correta de analisar um gráfico de AFC, deve-se saber que:

- Cada ponto encontrado no gráfico representa uma categoria linha (categoria de resposta) ou uma categoria coluna (grupo de respondente).
- A origem deste gráfico (ou seja, a coordenada $x = 0$, $y = 0$) representa a população “média” e o tipo médio para os dados de uma dada tabela.
- Quanto mais um ponto se afasta desta origem, portanto, mais ele se afasta da população média.
- Ao interpretar os gráficos produzidos pela AFC, é importante ter em mente que esta técnica mostra as relações entre as variáveis através da proximidade das categorias linhas (categorias de respostas) com as categorias colunas (grupos de respondentes). Desta forma, vale dizer que quanto mais próxima estiver uma categoria linha de uma categoria coluna maior é a correspondência entre elas¹².
- Tendo em vista que a origem ou centro do gráfico representa a população “média” para os dados de uma tabela, quanto mais próximos dois pontos estiverem entre si e quanto mais distantes da origem dos eixos eles estiverem, mais forte será a associação entre eles.
- Se dois pontos-linhas (no caso, duas categorias de respostas) estão próximos, são semelhantes quanto à variável representada nas colunas (no caso, grupo de respondente). O mesmo comentário vale para os pontos-colunas.
- Um ponto (categoria de respostas ou grupo de respondentes) que está próximo à origem é muito semelhante à população “média”, portanto apresentará correspondência muito fraca com os demais pontos que estiverem próximos a ele.

¹² Para facilitar o entendimento da interpretação dos gráficos de AFC, é interessante imaginar os pontos como ímãs, onde os pontos referentes às categorias coluna teriam uma polaridade oposta aos pontos que representam as categorias linha. Desta forma, no espaço do gráfico, todos os pontos de polaridades opostas estariam exercendo uma atração entre si. Porém, quanto mais próximos estiverem dois pontos de polaridades opostas, mais forte seria a atração entre eles e, portanto, maior a correspondência entre os mesmos. Esta associação ou “atração” entre os pontos de “polaridades opostas” é reforçada pela distância destes pontos em relação ao centro do gráfico e pelo afastamento destes pontos em relação aos outros pontos do gráfico. Ou seja, quanto mais distantes do centro e quanto mais isolados dois pontos estiverem em relação aos demais pontos do gráfico, maior será a atração entre eles.

- É legítimo interpretar a posição relativa de um ponto de uma nuvem em relação a todos os pontos da outra nuvem, isto é, interpretar a posição relativa de um ponto-linha (categoria de resposta) em relação a todos os pontos-colunas (grupos de respondentes) considerados juntos.

Para facilitar a compreensão das considerações acima, pode-se tomar como exemplo o gráfico abaixo (Figura 1), que se refere aos resultados encontrados para uma das questões da entrevista que faz parte desta pesquisa. Pediu-se aos residentes (idosas) e aos demais personagens (não idosos) que atuam nas instituições para idosos pesquisadas que respondessem a seguinte questão: “*Você gosta de morar aqui?*” - ou “*Você acha que as idosas gostam de morar aqui* (para o caso dos não idosos entrevistados)?”.

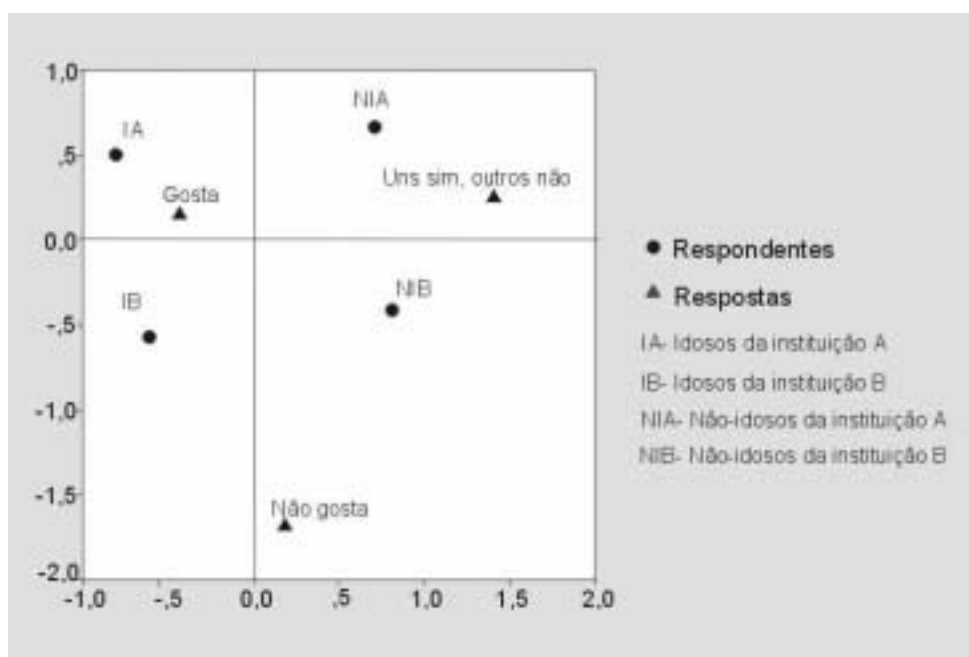


Figura 1: Correspondências para *satisfação das idosas em relação à instituição em função da instituição e do grupo de entrevistados*

Na forma de círculo, pode-se observar os pontos que se referem aos grupos de entrevistados (onde, IA=idosas da instituição A; IB= idosas da instituição B; NIA=não idosos da instituição A; e NIB=não idosos da instituição B), e, em forma de triângulo, os pontos que se referem às categorias de respostas (gosta; não gosta; uns sim, outros não).

Observa-se que os pontos referentes a IA e IB estão mais próximos do ponto referente à categoria “gosta” quando comparados aos pontos NIA e NIB, que, por sua vez, estão mais próximos do ponto “um sim, outros não”. Isto significa que os grupos de respondentes IA e IB tendem a se associar mais com a categoria de resposta “gosta”, enquanto os respondentes dos grupos NIA e NIB tendem a se associar mais com a categoria “uns sim, outros não”. Pode-se observar ainda que, embora todos os pontos em forma de círculo (grupos de respondentes) se encontrem distantes do ponto em forma de triângulo “não gosta”, os pontos IB e NIB se encontram mais perto do mesmo quando comparados aos demais. Isto significa que existe uma leve tendência a IB e NIB se associarem mais a “não gosta” do que IA e NIA, que, por sua vez, encontram-se em posição completamente oposta do gráfico.

Embora em todos os gráficos de AFC apresentados por esta pesquisa sejam exploradas associações e/ou tendências de associações que podem ser facilmente percebidas de forma visual, é interessante ressaltar que quando estas relações não podem ser claramente visualizadas na forma gráfica¹³, pode-se recorrer a um método auxiliar para facilitar a interpretação dos resultados da análise. Este método consiste em consultar as chamadas “tabelas de resíduos” produzidas pelo *software* utilizado neste tipo de análise¹⁴ (no caso o *software* SPSS, versão 8.0).

Tomando o exemplo da mesma questão da entrevista que compõe a pesquisa (*Você gosta de morar aqui?*), observa-se abaixo a tabela de resíduos (Tabela 1), na forma como ela é apresentada pelo *software* SPSS.

Tabela 1: Resultados do cálculo de resíduos para os dados da questão *Você gosta de morar aqui?**

MORAR * TIPO Crosstabulation

| | | TIPO | | | | Total |
|-------|---------------------|------|------|------|------|-------|
| | | IA | NIA | IB | NIB | |
| MORAR | gosta | 11 | 5 | 10 | 5 | 31 |
| | | 2,5 | -1,1 | 1,7 | -2,6 | |
| | uns sim, outros não | 0 | 4 | 0 | 5 | 9 |
| | | -1,9 | 2,0 | -2,1 | 2,1 | |
| | não gosta | 0 | 0 | 2 | 2 | 4 |
| | | -1,2 | -1,1 | 1,1 | 1,1 | |
| Total | | 11 | 9 | 12 | 12 | 44 |

* tabela gerada pelo *software* SPSS, versão 8.0.

Na primeira linha de cada categoria de respostas, constam valores referentes às frequências brutas observadas para cada grupo de respondentes e, na segunda linha, os valores calculados para os resíduos. Para interpretar a tabela de resíduos, deve-se saber que: resíduos acima do valor positivo de 1,9 indicam associações altamente significativas entre duas variáveis (no caso, entre um grupo de respondente e uma categoria de respostas); números logo abaixo deste valor indicam fortes tendências a associações; e valores acima de 1,0 podem ser lidos como uma leve tendência à associação¹⁵. Aplicando-se estes critérios à tabela acima, poderia-se dizer que: IA e IB apresentam, respectivamente, associação e forte tendência a associação com “gosta”; NIA e NIB apresentam forte associação com “uns sim, outros não”; e IB e NIB apresentam leve tendência a associação com “não gosta”.

¹³ Isto pode ocorrer, por exemplo, quando houverem muitos pontos aglutinados em determinadas áreas do gráfico.

¹⁴ Estas tabelas consistem em um dos tipos de tabelas produzidas como resultados da aplicação da AFC aos dados e precedem a etapa de produção dos gráficos.

¹⁵ Também poderiam ser lidas associações negativas, de forma similar à leitura das associações positivas, ou seja, valores negativos abaixo de -1,9 indicariam associações negativas significativas e assim por diante.